

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU**  
**INSTITUTO DE HISTÓRIA – INHIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGHI**

**PABLO HENRIQUE COSTA SANTOS**

**A IGREJA APOSTÓLICA (DA SANTA VÓ ROSA): ENTRE  
RUPTURAS E CONTINUIDADES, A CRIAÇÃO DE UM NOVO  
ASCETISMO**

**São Paulo, 1954-1970**

**UBERLÂNDIA**

**2018**

**PABLO HENRIQUE COSTA SANTOS**

**A IGREJA APOSTÓLICA (DA SANTA VÓ ROSA): ENTRE  
RUPTURAS E CONTINUIDADES, A CRIAÇÃO DE UM NOVO  
ASCETISMO**

**São Paulo, 1954-1970**

Dissertação de mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em História, da  
Universidade Federal de Uberlândia, como  
parte dos requisitos necessários à obtenção do  
Título de Mestre em História.

Área de concentração: História Social

Linha de Pesquisa: Política e Imaginário

Orientadora: Profa. Dra. Mara Regina do  
Nascimento

Uberlândia – MG

UFU

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

S237i Santos, Pablo Henrique Costa, 1990-  
2018 A Igreja Apostólica (da santa vó Rosa) : entre rupturas e  
continuidades, a criação de um novo ascetismo : São Paulo, 1954-1970 /  
Pablo Henrique Costa Santos. - 2018.  
190 f. : il.

Orientadora: Mara Regina do Nascimento.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em História.  
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.914>  
Inclui bibliografia.

1. História - Teses. 2. História social - Teses. 3. Igrejas pentecostais -  
São Paulo (Estado) - História - Teses. 4. Igreja - Questões morais -  
Teses. I. Nascimento, Mara Regina do. II. Universidade Federal de  
Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

---

CDU: 930



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO ACADÊMICO, nº. 356, PPGHI.

Junto ao Programa de Pós-graduação em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia.

DATA: 05 de março de 2018. Horário: início: 14h30 encerramento: 17h

LOCAL: Sala 5M - web01, Campus Santa Mônica, Universidade Federal de Uberlândia.

DISCENTE: **Pablo Henrique Costa Santos** – matrícula n. **11612HIS010**

TÍTULO DO TRABALHO: A Igreja Apostólica (da Santa Rosa): entre rupturas e continuidades, a criação de um novo ascetismo. São Paulo, 1954-1970.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: História Social.

LINHA DE PESQUISA: Política e Imaginário.

PROJETO DE PESQUISA DE VINCULAÇÃO: Sociedades e religiosidades: gestos, saberes e discursos (América portuguesa e Brasil).

Reuniu-se a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em História, assim composta: Professores Doutores:

Mariana Magalhães Pinto Côrtes – Docente – UFU

Eliane Moura Silva – Docente – UNICAMP

Mara Regina do Nascimento – UFU – orientadora e presidente da Banca.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa apresentou à Banca Examinadora o candidato e agradeceu a presença do público, concedendo ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir o candidato. Concluída a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, emitiu parecer final.

Em face do resultado obtido, a Banca Examinadora considerou o candidato A PROVADO.

Esta defesa de Dissertação de Mestrado Acadêmico é parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre. O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, legislação e regulamentação internas da UFU.

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.

Mariana M.P. Côrtes

Profa. Dra. Mariana Magalhães Pinto Côrtes

(Participou por web conferência)

Eliane Moura Silva  
Profa. Dra. Eliane Moura Silva

Mara Regina do Nascimento

Profa. Dra. Mara Regina do Nascimento  
Orientadora

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em História da UFU, por me conceder a oportunidade de realizar meu mestrado. E à CAPES, que, através da bolsa, forneceu apoio financeiro para o desenvolvimento desta pesquisa.

Com imensa admiração pela sua inteligência, paciência, pontualidade, compromisso e seriedade, agradeço à Profa. Dra. Mara Regina do Nascimento que, com tanto zelo, compartilhou seus conhecimentos na condução deste trabalho.

Agradeço imensamente às professoras Dra. Eliane Moura Silva, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da UNICAMP, e Dra. Mariana Magalhães Pinto Côrtes, do Instituto de Ciências Sociais, da UFU, por aceitarem participar da banca de defesa desta dissertação, oferecendo sua contribuição no tão almejado momento final da pesquisa.

Agradeço aos professores Dr. Guilherme Amaral Luz, professor do Instituto de História da UFU, e à Profa. Dra. Mariana Magalhães Pinto Côrtes, que compuseram a banca de qualificação, dando direcionamentos para o desenvolvimento deste estudo. As críticas foram pontuais e muito pertinentes.

Agradeço à minha mãe, Mary Costa Santos, ao meu irmão, Lucas Rafael Costa Santos, por me darem força nos momentos mais difíceis. E especialmente à minha avó Judite Oliveira Costa (*in memoriam*), minha maior estimuladora nos estudos.

À Rosana de Jesus dos Santos, conterrânea de Montes Claros, grande amiga e ex fiel da Igreja Apostólica, que acabou também direcionando seus estudos à História. Rosana, quando estava no doutorado da UFU, me indicou a universidade para fazer o mestrado e foi a primeira pessoa a me receber e a me apresentar Uberlândia e o *campus*. Tenho certeza que essa pesquisa ajudará a entender melhor minha história e a dela.

Ao tão querido Tadeu Pereira dos Santos, almenarense que abriu as portas de sua casa para me receber em Uberlândia. As nossas conversas e risadas na madrugada foram muito proveitosas para a pesquisa, mas também para um conforto diante de situações difíceis. Agradeço a ele, também, pelos momentos que precisei de favores. Desde o processo seletivo, ele sempre se dispôs humildemente a resolvê-los para mim ou mesmo dando opiniões maduras e sinceras.

Agradeço a todos aqueles a quem Tadeu também abriu as portas de sua casa e que compartilharam comigo momentos de produção desta pesquisa e de alegrias. Além

de Tadeu e Rosana, também foram moradores da casa: Iraneide Soares da Silva, que veio do Piauí e foi minha companheira de quarto, das caminhadas no Parque do Sabiá, das compras no *Shopping*, dos mimos, das enormes filas do RU e das inúmeras conversas e risadas. A Auricharme Cardoso de Moura e Johnisson Xavier Silva, ambos da minha região, Norte de Minas Gerais, e que compartilhavam longas viagens rumo a Uberlândia, além da convivência na casa e nas saídas. Agradeço a Artur Nogueira Santos e Costa, que morava de frente conosco e que compartilhava dos momentos e conversas, e também pelos inúmeros favores feitos para mim. Todas essas pessoas foram essenciais para minimizar o sofrimento de estar distante de Montes Claros e tenho certeza que minha passagem na casa foi primordial para a mudança de alguns.

Agradeço também aos colegas da linha de pesquisa Política e Imaginário do mestrado e doutorado: Maria Angélica da Costa Silva, Driele Silva Honorato, Kleber Sienna, Beatriz Maia e Robert Mori que, incrivelmente, se mantiveram unidos, seja durante as disciplinas ou no momento da escrita. Agradeço especialmente a Maria Angélica, pois se tornou grande amiga, companheira de viagens a eventos, de discussões e até de conversas mais pessoais.

E a Wesley Thales, que me acompanha nos sofrimentos e alegrias desde a graduação e me incentiva sempre a seguir em frente. Agradeço a ele pelo companheirismo nos momentos mais sofridos e pelos inúmeros pedidos de correção da escrita da pesquisa. Por fim, à minha gata Tulipa pela beleza que é o seu modo de vida e o carinho sincero que compartilhamos.

## RESUMO

Este trabalho desenvolve uma análise da disciplina moral da Igreja Apostólica (da santa vó Rosa), instituição organizada a partir de 1954, em São Paulo, a partir do movimento pentecostal e pela liderança religiosa da senhora Rosa, tornada santa pela Igreja após a sua morte. Os códigos morais dessa igreja são considerados leis sagradas, mas demonstram em sua organização estratégias que dão sustentação ao exercício de um poder social e cultural. O conjunto de códigos de conduta sugere um modo de vida específico para a salvação. As leis promovem o gerenciamento dos corpos e comportamentos no tempo em que houvesse sinais de degeneração, o tempo do fim. As regras seriam, então, uma opção de regeneração. A sociabilidade, a subjetividade e a própria maneira como os membros interagem com o “mundo” são constituídas, embora haja resistências, conforme o que a igreja prega. Junto a essa problemática, pretende-se percorrer por discussões que circulam em torno dos movimentos religiosos próprios do século XX e mesmo recorrer à tradição cristã de longa data. As temáticas sobre o fim dos tempos, sobre a santidade, profetismo, carisma e magia também serão evocadas. As fontes utilizadas, nesta pesquisa, foram os três livros da instituição: *O Evangelho do Reino dos Céus*, *O Espírito Santo de Deus e o Consolador*, *O Consolador nos Tempos do Fim*. Também foram averiguados alguns *Boletins Internos Oficiais*, além dos textos de resumo de doutrina disponibilizados no site da instituição e a transcrição de pregações dos principais pastores da igreja. A metodologia consistiu na análise dos discursos a partir da perspectiva histórico-crítica, mas em consonância com a fenomenológica. Ainda foi usado o método comparativo e observação participante das religiões. A intenção é cercar esses discursos, pontuar permanências e rupturas com outras tradições religiosas e identificar suas estratégias de sustentação do poder.

Palavras-chave: Igreja Apostólica – santa vó Rosa – disciplina – moral.

## ABSTRACT

This work develops an analysis of moral discipline of the Apostolic Church (of saint vó Rosa), an institution organized from 1954, in Sao Paulo, from the Pentecostal movement and by the religious leadership of Mrs. Rosa who became recognized as a saint by the church after her death. The moral codes of this church are considered sacred laws, but demonstrates in its organization strategies that support a social and cultural power. The set of codes of conduct suggests a specific way of life for salvation. The laws promote the management of bodies and behaviors in the time when there were signs of degeneration, the time of the end. The rules would then be an option of regeneration. Sociability, subjectivity and the way members interact with the "world" are constituted according to what the church preaches. Along with this issue, it is intended to go through discussions that circulate around religious movements of the twentieth century and even resort to the long-standing Christian tradition. Thematics such the end times, Holiness, prophecy, Charisma and magic will also be evoked. The sources used in this research were the three books of the institution: *O Evangelho do Reino dos Céus*, *o Espírito Santo de Deus e o Consolador*, *O Consolador nos Tempos do Fim*. A number of *official internal bulletins* were also verified, in addition to the doctrine summary texts available on the institution's website and the transcription of

preaching from the main pastors of the church. The methodology consisted in the analysis of the discourses from the historical-critical perspective, but in line with the phenomenological. In addition it was used the comparative method and participant observation of religions. The intention is to surround these discourses, punctuate permanences and ruptures with other religious traditions and identify their strategies of power support.

Key words: Apostolic Church – saint vó Rosa – discipline – moral.



## Índice de ilustrações

Figura 1 - O casal Eurico e Odete, em frente à <i>Tenda de Deus para salvação e cura divina</i> .....	31
Figura 2- Pregação de Eurico realizada na tenda.....	32
Figura 3 - Rosa (com chapéu na mão) em meio aos fiéis ainda na tenda .....	43
Figura 4 - <i>Tenda Apostólica de Deus – cura divina e salvação</i> . O bispo Eurico se encontra a direita, junto aos fiéis .....	47
Figura 5 - <i>Tenda Apostólica de Deus – cura divina e salvação</i> .....	48
Figura 6 - Bispo Eurico em pregação.....	49
Figura 7 - Bispo Eurico em pregação.....	50
Figura 8 - Bispo Eurico sendo ungido .....	51
Figura 9 - Eurico fazendo pregação .....	52
Figura 10 - Santa Comunhão realizada por Odete .....	54
Figura 11 - Santa Comunhão realizada por Odete .....	55
Figura 12 - A missionária Odete e o bispo Eurico fazendo oração com uso do óleo ungido .....	56
Figura 13 - Crescimento da igreja.....	77
Figura 14 - Coro da Igreja Apostólica .....	78
Figura 15 - Dia de batismo.....	80
Figura 16 - Dia de batismo.....	81
Figura 17 - Dia de batismo.....	82
Figura 18 - Dia de batismo.....	83
Figura 19 - Dia de batismo.....	84
Figura 20 - Dia de batismo.....	85
Figura 21 - Dia de batismo.....	86
Figura 22 - No centro, a missionária Odete e o santo irmão Aldo junto aos fiéis .....	108
Figura 23 - O contato de Rosa (em espírito) e Aldo no sítio da Igreja Apostólica .....	113
Figura 24 - Rosa com, provavelmente, vinte e um anos de idade.....	127
Figura 25 - Rosa.....	133

## Sumário

AGRADECIMENTOS.....	4
RESUMO .....	6
ABSTRACT .....	6
Índice de ilustrações.....	8
INTRODUÇÃO .....	11
1. A IGREJA APOSTÓLICA E A SANTA VÓ ROSA .....	19
1.1. A Igreja Apostólica, hoje.....	20
1.2. Tendas de lona e cura divina.....	28
1.3. O sonho, a nova doutrina e a separação da tenda .....	58
1.4. Os arrebatamentos da santa vó Rosa .....	69
1.5. O crescimento da Igreja Apostólica.....	74
1.6. A missão da Igreja Apostólica e de seus santos: anunciar o fim dos tempos .....	86
2. UMA SANTA DISCIPLINADORA: A SANTA VÓ ROSA .....	95
2.1. A santidade.....	96
2.2. O outro consolador .....	111
2.3. Uma vida santa.....	121
2.4. A disciplina moral .....	134
2.5. O poder.....	140
2.6. Códigos de ação .....	162
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	177
ANEXOS .....	182
Anexo I.....	182
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	185
Fontes.....	185
Fontes impressas.....	185
Fontes digitais .....	185
Videos.....	188

Bibliografia .....	189
Obras de referência.....	190

## INTRODUÇÃO

A Igreja Apostólica (da santa vó Rosa) é uma instituição religiosa formada a partir dos movimentos pentecostais em São Paulo, entre os anos de 1953 e 1955. Foi do choque entre essas práticas, organizadas em tendas, e o entendimento de uma convertida, Rosa, que se deu o início de tal denominação. A sugestão de Rosa de separar seu grupo de tal movimento, por considerar as práticas deste exageradas e fanáticas, vem acompanhada da exposição de um sonho que ela teria tido no qual Jesus pede a ela para delimitar seu espaço religioso por contínuos relatos de arrebatamentos e meditações. O contato de Rosa com o Céu e divindades importantes produziu inúmeras revelações delimitadoras da doutrina apostólica e de seu espaço religioso, separado da tenda. Tais revelações deram fundamento aos ensinamentos dessa igreja, afirmados advindos do Céu. Informa-se que era uma doutrina pregada por Jesus no tempo dos apóstolos, que foi atualizada para a metade do século XX e revelada através de sua santa Rosa. Os apostólicos consideram que a formação da instituição não foi influenciada por movimentos religiosos ou qualquer criação humana, tratar-se-ia, sim, de uma igreja primitiva restaurada no tempo determinado por Deus: o tempo do fim.

Então, Deus, nessa doutrina, esperou o momento certo, o tempo em que a humanidade estaria passando por dores, para escolher o espírito consolador, que seria Rosa. Ela, como Maria (mãe de Jesus), é considerada santa de grande poder, pois intercede, auxilia e faz milagres no momento do sofrimento. A santidade de Rosa foi algo novo nos anos 50, porque se tratava de uma santa fora da tradição católica. A missão da santa vó Rosa seria de dar continuidade à obra inconclusa de Cristo (o primeiro consolador) e, assim, salvar almas e consolar os sofredores no tempo que precede o fim. Ela é tanto uma figura central na doutrina dessa igreja que chega a ocupar lugar de destaque em seu imaginário escatológico, participando, junto a Cristo, do juízo de Deus, no momento do fim.

Os principais personagens na construção discursiva dessa igreja são o casal de pregadores Eurico e Odete, juntamente com a figura central, Rosa, e logo depois Aldo Bertoni (sobrinho de Rosa). O casal Eurico e Odete eram pastores da tenda onde Rosa se converteu em São Paulo. Rosa conheceu o casal na década de 1950 e a partir deles foi possível fundar a Igreja Apostólica. Rosa nasceu em São Paulo, filha de uma família imigrante italiana, os Bertoni, seu pai era produtor rural e ela estudou em um colégio católico quando jovem. Rosa já era reconhecida no seu meio, desde criança, como muito

caridosa e santa. Seus pais e o companheiro morreram ainda quando ela era muito jovem, ficando aos seus cuidados os irmãos e seus filhos. Depois de muitos anos trabalhando para cuidar dos que estavam aos seus cuidados, ela, já senhora, conheceu o casal de pregadores já citados na tenda de evangelização. A partir de então, Rosa se converteu ao movimento pentecostal e diante daquela tradição, ela propôs a separação da tenda, fundando uma nova igreja. Ao fundar a Igreja Apostólica junto a Eurico e Odete, Rosa sugeriu através de suas revelações uma doutrina híbrida que aos poucos foi sendo delineada. Depois de dezesseis anos sendo arrebatada em espírito ao Céu e revelando a doutrina apostólica através de Jesus, Rosa faleceu em 1970. Ela, então, ainda em seu velório, apareceu em espírito ao seu sobrinho, Aldo Bertoni (até então motorista da igreja e não membro), e afirmou a ele que ela era uma santa e o espírito consolador da promessa de Jesus. Afirmou ainda que Aldo seria o sucessor dela, pois daria continuidade ao ministério de sua tia. Ele anunciou Rosa como santa à igreja e a partir daí houve uma centralização doutrinária à santa vó Rosa. Aldo governou e profetizou na igreja até sua morte em 2014. Assim como Rosa, ele foi considerado santo.

As mensagens ou ordens, informadas por Rosa que eram vindas diretas do Céu, deram origem a escritos que, desenvolvidos em cooperação com outros membros fundadores da instituição, estabelecem a doutrina e a disciplina moral dessa igreja. Tais escritos, principalmente, são os livros: *O Evangelho do Reino dos Céus*, *O Espírito Santo de Deus e o Consolador* e *O Consolador nos Tempos do Fim*, que tomamos como *corpus* primordial desta pesquisa. A partir deles, podemos conhecer a história dessa denominação, seus princípios dogmáticos, sua interpretação própria do Cristianismo, suas normas de conduta e pensamento, bem como o imaginário que lhes dá sustentação, pautado na ideia de que logo se dará a consumação dos séculos, sucedida por um futuro glorioso, não terreno (para os que aceitarem suas palavras como *verdade* e as fizerem *norma de vida*). Seguindo as sendas dessas várias problemáticas, tentaremos, especialmente, compreender o jogo político que se engendra por meio das regras morais que compõem os discursos doutrinários e disciplinares dessa igreja.

O momento de colocação dos códigos morais da Igreja Apostólica seria, de acordo com o entendimento de sua doutrina, um dos sinais que indicariam o fim dos tempos. Dessa maneira, foi através de sua compreensão escatológica e de salvação que se organizou a disciplina moral apostólica, cujo ponto de partida serão as revelações de sua profetisa/santa Rosa, mas também da interseção do sucessor dela, o profeta/santo

Aldo. Essas regras foram adaptadas ou se mantiveram em discordância com os princípios em voga nos meados do século XX. Além da disciplina que sugere uma organização específica dos corpos e da conduta, essa igreja possui discursos doutrinários e personagens proféticos próprios, que, até onde pudemos constatar, não se fazem presentes no imaginário de outras igrejas cristãs. A modulação da concepção de tempo, ou seja, um tempo teleológico anunciado como próximo do fim e sustentado pela dimensão divina, implica em uma forte intervenção dessa dimensão nas esferas de organização da vida individual e coletiva e na relação com os acontecimentos terrenos.

A “existência”, na doutrina dessa igreja, é justificada como sendo dada por Deus e, portanto, dele dependente. Isso traz implicações para a vida cotidiana, já que fica o plano terreno regido pela dimensão divina, que é, por sua vez, circunscrita aos domínios da doutrina da igreja. Mas também, a existência pode ser conduzida pelo jogo agônico, pois ao haver a vontade de realizar o desejo proibido irrompe o conflito do fiel consigo mesmo e com os códigos. E quando o desejo proibido é realizado percebe-se que a relação com o “mundo” também é possível, sendo então uma existência marcada pelas concepções divinas e mundanas. Tais aspectos nos levam à questão de como dentro do discurso escatológico organiza-se um regime de valores e regras que têm implicações na vida social. Por exemplo, o modo como os fiéis devem se comportar em relação às outras pessoas que não pertencem a essa denominação religiosa; e, mais ainda, como elas devem “diferenciar” o lugar delas no mundo em relação a essas outras pessoas.

As estratégias de funcionamento do poder apostólico se exerceriam através dos seus discursos organizados e mantidos pela atuação tanto dos membros quanto dos líderes. Esses obrariam numa relação recíproca de mútua vigilância e condenação. Nesse sentido, uma problemática que esses discursos nos colocam refere-se ao modo como a orientação da conduta moral organiza-se num poderio que se alicerça em conjunto e não apenas numa verticalidade hierárquica.

Seguindo os desdobramentos dessa discussão, também nos interessa o modo como a noção de pecado coloca-se como uma estratégia de poder, principalmente quando suscita o medo e a autocondenação. As noções de pecado, castigo divino e de culpa ajudam a compor um ambiente moralizador, permeado de proibições de todo tipo e de alto peso. A partir dos pontos delimitados pela instituição como pecaminosos, as pessoas passariam a interpretar suas ações, seus pensamentos e seus sentimentos como subsídios para a salvação ou condenação, quando de sua morte ou no momento da vinda de Cristo. E a relação com o meio social e os acontecimentos exteriores à igreja também

se dariam a partir desse entendimento. Os acontecimentos históricos (guerras, catástrofes ambientais, fomes e epidemias), tendo em vista o senso escatológico dominante nessa doutrina, tendem a ser interpretados como sinais da consumação dos tempos e ação divina contra o mundo pecador e errante. Também, quanto a esse ponto, vale ressaltar outra questão presente no âmbito de estudos sobre Escatologia e História, conforme situado por Jacques Le Goff <sup>1</sup>: a projeção do futuro e a organização do passado coletivo como respondendo a um “desígnio maior”, isto é, ao desígnio divino, por sua vez situado numa dimensão fora do tempo.

Os discursos que reportam ao invisível e às sensibilidades extras podem dar luz a um imaginário coletivo e a uma forma de sociabilidade específica. Pretendemos, aqui, a partir dos discursos que demonstram experiências com o sagrado e, ao mesmo tempo, com o “mundo”, delinear um imaginário que dá sentido à vida dessas pessoas. Para isso, entendemos o imaginário social na esteira de Cornelius Castoriadis: como a criação de figuras sociais para se falar de algo e, a partir dessas figuras, o simbólico e os aspectos econômico-funcionais forjados a partir delas, a produção de uma determinada realidade e racionalidade para o meio. Sendo assim, a função da instituição faz com que o simbólico e o econômico funcional se apoiem um ao outro para dar lugar ao imaginário.<sup>2</sup>

As características que dão proximidade tanto ao significado simbólico católico e ao pentecostalismo serão pontuadas. Não pretendemos encaixar essa denominação religiosa no que autores, como Ricardo Mariano, a partir de Paul Freston, denominam como segunda onda pentecostal.<sup>3</sup> Como a instituição possui uma multiplicidade discursiva, tentamos perpassar pelos movimentos pentecostais e neopentecostais sem enquadrá-la neles, mas pontuando características semelhantes ou diferentes das igrejas advindas desses movimentos. As mesmas comparações foram feitas com a Igreja Católica.

Para verificar esse imaginário forjado a partir de discursos afirmados proféticos, transitaremos pelo entendimento que a instituição oferece do texto bíblico. Apesar de a igreja em estudo aproximar-se de princípios de outros movimentos religiosos, ela exhibe significados próprios, merecedores de uma análise encarada com seriedade, que busque

---

<sup>1</sup> LE GOFF. *História e memória*. Campinas, Editora da Unicamp, 2013.

<sup>2</sup> CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

<sup>3</sup> MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, Edições Loyola, 2014.

se abster de terminologias taxativas, organizadas por teólogos empenhados em separar o verdadeiro do falso. Essas análises categóricas, carregadas, muitas vezes, de um interesse de defesa ou do que seria a verdade do autor, coloca a Igreja Apostólica (da santa vó Rosa) em escanteio ou a torna motivo de riso, devido às suas concepções mágicas.

Consideramos importante que o leitor saiba que a análise da doutrina e do imaginário apostólico, proposta aqui, dar-se-á a partir de um duplo movimento: de dentro para fora, mas, ao mesmo tempo, de fora para dentro. Esclareço que fui educado sob os princípios dessa doutrina, fui influenciado (ou pelo menos tentado) pela moral apostólica. Junto a isso, tive todo um aparato familiar materno e paterno solidificado sobre tal dogma religioso. Inclusive, meus avós maternos, convertidos da tradição católica para a Igreja Apostólica nos anos em que esta ainda estava em formação, estiveram entre os iniciadores dessa prática em uma pequena cidade no interior do norte de Minas Gerais, tendo sido o avô pastor e a avó diaconisa da Igreja Apostólica. Quanto aos avós paternos, eles também se inserem nesse meio. Contudo, mesmo com o forte apelo doutrinário que sofri, sempre exposto ao discurso religioso em casa e em outros espaços, houve o conflito com tal formação e a partir daí os questionamentos da “verdade” que ela trazia, ao ponto de mais tarde vir a ruptura com a instituição. É por isso que afirmamos aqui lançarem-se dois olhares, de dentro e de fora, sobre o objeto de nossa discussão: o olhar do antigo fiel, que “rompeu” com a igreja e que, agora, olha-a de fora e com um instrumental crítico e teórico.

Ao nosso sentir, e em função dessa experiência, quando se faz resistência à igreja, o seu discurso mostra-se violento, potente de opressividades camufladas. O dogma apostólico impõe-se como o único modelo, com foco em um Deus único e soberano e em um modo de vida padronizado conforme “querer” desse Deus e de seus ajudantes. Essa sugestão salvífica da instituição pode não condizer com as multiplicidades sociais e daí insurgir conflitos ao ponto de um rompimento ou resistências. A violência é visível quando demarca lugares e identidades, sugere exemplos de vida, organiza uma verdade única, constrange, define comportamentos, gostos, gestos, sentimentos e desejos. Ao mesmo tempo, entendemos que o anseio pelo discurso religioso também é notável e toda essa violência é naturalizada como algo bom e necessário. Portanto, para alguns, essa doutrina soa como benéfica e necessária para dar sentido às suas vidas.



Toda essa composição discursiva, experimentada de perto, compõe o *corpus* documental desta pesquisa. Foram feitas transcrições de pregações dos membros da direção fundadora ou dos pastores. Também foram analisados os livros deixados pelo avô materno e que eram utilizados por ele para evangelização. Eles se intitulam: 1) *O Evangelho do Reino dos Céus*, assinado pelo bispo Eurico Mattos Coutinho e a missionária Odete Mattos Coutinho – a base doutrinal da igreja está contida nesse texto particular, inclusive as regras e os tratados de fé que sustentam o projeto de salvação defendido por ela; 2) *O Espírito Santo de Deus e o Consolador*, dos mesmos autores – esse livro explica o poder do espírito santo e do consolador (a santa vó Rosa) e mostra os arrebatamentos experimentados por Rosa e as revelações deixadas por ela; 3) *O Consolador nos Tempos do Fim*, escrito por Aldo Bertoni e Odete Corrêa Coutinho – livro mais recente, que instrui os fiéis sobre como será o fim dos tempos e sobre como conseguir a salvação através da fé na santa vó Rosa e no santo irmão Aldo (seu sucessor). Lembramos que o livro *O Evangelho do Reino dos Céus* foi modificado com o passar dos anos, pois no primeiro volume desse livro ainda não havia a presença da santa vó Rosa e todo o significado que gira em torno dela. Os livros foram feitos sob a inspiração da santa vó Rosa junto aos que assinaram as obras. Além desses livros, serão analisados a vasta documentação que mostra a doutrina/disciplina, disponibilizados no site da igreja.<sup>4</sup> Foram selecionados alguns dos mais de três mil *Boletins Internos Oficiais* que são usados pelos pastores como apoio evangelístico nas reuniões. Ressaltamos que não tivemos acesso a todos os boletins, mas a uma pequeníssima parcela deles.

Esta pesquisa, embora apresente pontos que evidenciam experiências extrassensíveis (muitas vezes, inexplicáveis), dentro da igreja, ou mostre a importância social e simbólica religiosa, privilegiou a análise histórico-crítica. Diante das ressignificações, dos símbolos e dos sentidos organizados nessa igreja, não se procurou desenvolver análise do que não está exposto na linguagem, do que extrapola a linguagem, do que não tem resposta; ou seja, tomando como exemplo, seria as experiências individuais dos sonhos, das meditações e dos arrebatamentos experimentados por Rosa.

Para averiguar a circulação de um poderio identificado na Igreja Apostólica, ou seja, um poder organizado entre o elo mútuo entre discurso e interesse do fiel, optamos

---

<sup>4</sup> Igreja Apostólica, endereço eletrônico: [www.apostolica.com.br](http://www.apostolica.com.br)

por encarar o discurso apostólico enquanto uma forma de poder, visto que, como em outras instituições religiosas, seus escritos demonstram a organização de estratégias de poder. Adota-se, nesse ponto, uma perspectiva histórico-crítica de análise, partindo de Michel Foucault, especialmente do que o autor entende como *discurso* (em sua materialidade de coisa pronunciada e escrita), *poder* (multiplicidade de correlações de forças), *poder disciplinar* (adestra para se apropriar) e *moral* (os códigos de conduta e o comportamento diante dessas regras). A doutrina apostólica, a partir de então, limitar-se-ia a uma forma de poder, dentre vários outros, dotado de negatividades e positivities.

O método comparativo das religiões também foi utilizado para ampliar os estudos da religião e da história. Através da análise comparativa das religiões selecionadas foi possível identificar movimentações. Esses aspectos são muito importantes ao estudo das religiões na História. Fez-se, assim, um estudo um tanto cauteloso utilizando um pouco de cada perspectiva. A Igreja Apostólica é pouco analisada em estudos acadêmicos, por isso houve a necessidade de mostrar ao leitor a história da instituição e de seus personagens para seu melhor conhecimento. Quanto à historiografia das religiões, optou-se em recorrer aos pensadores desse campo à medida que as problemáticas suscitadas, e relativas ao nosso objeto, foram surgindo.

Quanto à organização deste texto, temos que: no primeiro capítulo, o principal intuito é mostrar como se formou a Igreja Apostólica (da santa vó Rosa) e sua doutrina/disciplina, sempre atrelada à história de sua santa. Partiremos do fim para o início, isto é: primeiro, mostraremos o que se tornou a Igreja Apostólica nos anos mais recentes; depois, voltaremos ao meio, que é o momento em que Rosa se converte ao movimento de tendas em São Paulo e começou a formar uma nova doutrina; em seguida, mostraremos as experiências em sonho e arrebatamentos de Rosa que influenciaram na delimitação do território religioso em questão; e, por último, mostraremos o avanço da igreja e o significado de sua missão. Tudo isso se desenvolverá problematizando o hibridismo e mutações ocorridas no surgimento dessa religião, não se prendendo a teoria existe sobre ondas pentecostais. A análise será embasada por autores que se dedicaram a estudar os movimentos religiosos circunscritos, como Ricardo Mariano, Ricardo Bitun, Leonildo Campos, dentre outros autores.

No segundo capítulo, continuaremos a mostrar a formação da igreja, mas dando ênfase ao aspecto central do nosso estudo, que é a disciplina moral pregada pela

doutrina apostólica. Serão analisadas as estratégias de organização do poder, do poder disciplinar em específico, e da organização da moral. O objetivo de analisar tal moral é importante para a história, porque identifica uma forma de sociabilidade e um imaginário específico desse grupo religioso, diferenciando-os com a sociedade em geral. Além disso, ao problematizar a organização do poder nessa igreja, será possível pensar a funcionalidade do poder em instituições religiosas, muitas vezes analisada de forma prematura. Depois, averiguaremos a santidade de Rosa comparando-a com a tradição católica e até pentecostal; por conseguinte, delinearemos o significado da noção de espírito consolador nessa igreja; e, por fim, mostraremos como a figura carismática de Rosa já era verificada desde sempre na sua história de vida. Aqui serão verificadas as apropriações e transformações discursivas, bem como as representações em torno de um personagem para formar um imaginário e sociabilidade específica. Serão analisados os mesmos autores do primeiro capítulo, acompanhados dos estudiosos que se debruçaram sobre a doutrina católica (mais especificamente sobre a construção dos santos), como Igor Salomão Teixeira, André Vauchez e o próprio discurso católico. Sobre as questões referentes à religião e história, optou-se em averiguar Max Weber, Jacques Le Goff, Mircea Eliade, dentre outros.

## **1. A IGREJA APOSTÓLICA E A SANTA VÓ ROSA**

Neste capítulo, pretende-se fazer uma reflexão sobre a Igreja Apostólica (da santa vó Rosa), observando suas características fundacionais, isto é, a restauração da doutrina apostólica na metade do século XX, em São Paulo. A missão da igreja e de sua principal santa, a santa vó Rosa, seria a de anunciar a consumação dos tempos e dar a oportunidade de salvação no tempo que precede o fim, tendo Deus dado essa oportunidade aos justos para que, quando se der seu Juízo, não haja uma condenação total. A salvação nessa igreja seria conduzida por sua principal figura escatológica, a santa vó Rosa, considerada o espírito consolador da promessa de Jesus. Ela foi a profetisa que através de Jesus, o primeiro consolador, revelou a doutrina apostólica e instituiu regras morais para a igreja. A salvação, então, passaria pelo crivo dela e, no momento do fim, ela estaria unida a Jesus para lhe ajudar no trabalho de julgar, salvar e condenar.

O preparo da santa vó rosa é entendido como um sinal de um fim próximo, pois Deus preparou Rosa para divulgar a doutrina salvadora. Esse preparo refere-se ao período de dezesseis anos em que ela manteve frequentes arrebatamentos ao Céu com o fim de aprender a doutrina que se diz perfeita e instituí-la na Terra através da Igreja Apostólica. Com a morte de Rosa, após esses dezesseis anos de “preparo”, e sua colocação como santa, houve a sucessão de seu lugar profético para o santo irmão Aldo. É divulgado que a santa vó Rosa, então, continuou seu ministério em espírito, no Céu, através da mediação do profeta dos tempos do fim, Aldo Bertoni.

Os discursos que compõem a doutrina, revelados pela santa vó Rosa, prometem um futuro glorioso àqueles que obedecerem às regras divinas da instituição. Desse modo, tratam-se de discursos que se regem, também, pela ameaça de um fim próximo e que regem o modo de vida dos membros. Tem-se, assim, uma temporalidade organizada e a partir dela forjam-se estratégias específicas para a organização do seu poder.

## 1.1. A Igreja Apostólica, hoje

A Igreja Apostólica foi institucionalizada em 1954, em São Paulo<sup>5</sup>. Sua matriz está situada no bairro Tatuapé, na capital daquele Estado.<sup>6</sup> Inicialmente, foi a partir da pessoa de Rosa – que já era vista discretamente como santa em vida e depois foi santificada pela igreja –, juntamente com a ajuda do casal de pregadores Eurico Mattos Coutinho e Odete Correia Coutinho<sup>7</sup>, que foi possível idealizar e fundar tal denominação religiosa. Rosa esteve na igreja por aproximadamente dezesseis anos, tempo esse que foi exatamente o que dizem ser o de seu preparo para realizar sua futura missão de santa e espírito consolador. Essa etapa é determinante para a formulação da doutrina apostólica e também para o que, dentro da igreja, se considera ser o início do fim dos tempos. Durante o preparo, eram constantes os arrebatamentos de Rosa ao Céu para receber as revelações divinas e, a partir delas, restaurar a doutrina dita já pregada por Cristo, a doutrina apostólica. Quando Rosa faleceu, em 1970, diz-se ter sido apenas o corpo dela que morreu, tendo continuado em espírito seu ministério. E isso através da mediação de seu sobrinho Aldo Bertoni, que foi escolhido por ela para ser seu sucessor, pois tinha as mesmas virtudes e dons dela. Aldo esteve a frente da instituição durante quarenta e quatro anos, indo até sua morte, em 05 de maio de 2014. Em seu domínio, houve um crescimento significativo da igreja. Sem ele, a instituição deixou de possuir representantes proféticos, passando-se a organizar em torno de cargos com suas devidas responsabilidades.<sup>8</sup>

Em 2014, para manter o funcionamento da igreja, elaborou-se um novo estatuto, composto por cargos e funções de cada membro representante. No dia 29 de agosto de

---

<sup>5</sup> Estatuto organizacional da Igreja Apostólica. In: *Estatuto* [on-line]. Igreja Apostólica, 02 de setembro, 2016. São Paulo. [citado em 18 abr. 2017; 15h:50m]. (p. 2). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/boletins/mostra\\_boletim\\_membro.asp](http://www.apostolica.com.br/sistema/boletins/mostra_boletim_membro.asp)

<sup>6</sup> A Sede da Igreja Apostólica está localizada na Rua Baguari, nº 158 – Tatuapé/São Paulo – SP. CEP: 03084-900. (p. 3). Estatuto organizacional da Igreja Apostólica. In: *Estatuto* [on-line]. Igreja Apostólica, 02 de Setembro, 2016. São Paulo. [citado em 18 abr. 2017; 15h:50m]. Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/boletins/mostra\\_boletim\\_membro.asp](http://www.apostolica.com.br/sistema/boletins/mostra_boletim_membro.asp)

<sup>7</sup> Eurico (bispo) e Odete (missionária) eram casados. Tratam-se de dois pregadores que Rosa conheceu ainda na tenda. O casal junto a Rosa foram os fundadores da Igreja Apostólica. Eurico e Odete realizavam pregações na tenda e futuramente na instituição.

<sup>8</sup> “A origem da Igreja Apostólica, o início das suas atividades na Terra e seus fundamentos”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica (data não citada). [citado em 26 out. 2016; 14h:00m]. (Autor não citado, p. 8). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20ORIGEM%20DA%20IGREJA%20APOSTOLICA,%20O%20INICIO%20DAS%20SUAS%20ATIVIDADES%20NA%20TERRA%20.pdf>

2014, a Assembleia Geral da Igreja Apostólica reuniu-se na sede para a aprovação de um novo estatuto e a convocação de um Conselho Deliberativo. Na reunião, contaram “com a presença de 455 (35,6%) membros do Ministério com direito a voto.” O presidente, Pastor José Solyom Filho, “depois de haver orado invocando a benção de Deus Pai e da Santa Vó Rosa, o Santo Consolador”, convocou o Pastor Nilson Bittencourt Cairolli para compor o cargo de secretário. Depois, o Pastor Wagner Ormangi leu as propostas dos novos estatutos da igreja e, ao terminar a leitura, o presidente deu início à votação de aprovação do Estatuto. O voto foi feito através de cédulas com a opção de “sim” ou “não”. O resultado da escolha do novo estatuto foi: “95,2% votaram pela aprovação, 2,3% pela não aprovação, 0,9% votos em branco e 1,6% de votos nulos”. Por fim, deu-se a votação para a ocupação dos cargos do Conselho Deliberativo. O resultado foi: “91,3% votaram pela aprovação; 3,7% pela não aprovação; 3,7% votaram em branco e 1,3% foram votos nulos”.<sup>9</sup> E assim configurou-se o Novo Estatuto e o Conselho Deliberativo da igreja.<sup>10</sup>

Com a mudança de governo da instituição, informa-se que não houve modificação doutrinária, disciplinar ou mesmo das organizações das reuniões da igreja. Entretanto, houve modificações disciplinares no governo de Aldo na medida em que surgiam novas desobediências. Há mudanças também entre a primeira edição do *Evangelho do Reino dos Céus* para com as edições posteriores. Na primeira edição não há a figura de Rosa, ela é inserida depois de sua morte. Outros ensinamentos também foram modificados de acordo com as edições. A instituição apresenta-se como una, ou seja, o que é decidido por seus organizadores na sede da igreja, em São Paulo, se prega nas demais filiais. Há uma só doutrina e um só estilo das reuniões para todas as igrejas.

---

<sup>9</sup> Ata da Assembleia Geral da Igreja Apostólica realizada em 29 de agosto de 2014, para apresentação e aprovação do novo estatuto e apresentação e aprovação do Conselho Deliberativo da Igreja Apostólica. Disponível em: <http://www.acordapovoapostolico.com/Ata-Assembleia.pdf> Acesso em: 07/05/2017 às 00h:55m.

<sup>10</sup> “José Solyom Filho – Presidente; Wagner Ormangi – Vice-Presidente; Nilson Bittencourt Cairolli – 1º Secretário; Efigenia Joventino – 2º Secretário; Orlando Arantes Marques – Conselheiro Financeiro; João Stancey – Conselheiro Administrativo; José Francisco de Paula – Conselheiro Ministerial; Luiz Carlos dos Santos – Conselheiro Patrimonial; Carlos Alberto Trevisan – Conselheiro Contábil”. (Ata da Assembleia Geral da Igreja Apostólica realizada em 29 de Agosto de 2014, para apresentação e aprovação do novo estatuto e apresentação e aprovação do Conselho deliberativo da Igreja Apostólica). Disponível em: <http://www.acordapovoapostolico.com/Ata-Assembleia.pdf> Acesso em: 07/05/2017 às 00h:55m.

Não há autorização para mudar as regras instituídas. Portanto, conserva-se o que dizem ter sido instituído por Jesus através de Rosa.<sup>11</sup>

As mutações doutrinárias e disciplinares são visíveis e os níveis de implantação/aceitação são diferentes. A memória dos fiéis que presenciaram a formação inicial da Igreja Apostólica sugere uma disciplina mais rigorosa e mais aceita especialmente entre 1954 a 1970. Nesse tempo, havia mais proximidade entre fundadores e fiéis no que diz respeito à vigília e ao controle, mas devemos lembrar que os próprios grupos religiosos e seu rigor legalista os deixavam mais tradicionalistas. Os fiéis eram mais expostos a coerções e lições de moral pela direção: Rosa, Odete e Eurico.

Como será visto adiante, Rosa dava inúmeras ordens aos membros com uma varinha na mão – varinha esta que diziam ser simbólica e que não causava agressão –, delimitando o que devia ou não ser feito. Como construíram uma estima, por parte dos fiéis, em torno da capacidade de Rosa de discernir o que era bom do que era mal – discernimento entendido como dom de Deus –, então, Rosa mantinha-se perto. Contudo, a presença física dela não justifica a rigidez da instituição e maior aceitação das regras. Acreditamos que isso foi próprio da dualidade social da época: rigor legalista ou tradicionalismo *versus* comportamentos e estilos libertários da época, conforme será visto. Na verdade, depois de sua morte, Rosa permaneceu ainda mais viva no imaginário, porque passou a ser uma figura importante que sabia de tudo e estava em tudo, ela vigia a vida dos fiéis em espírito para salvar ou condenar no juízo de Deus. Acreditamos que sua vigília espiritual (imaginária) seja mais eficaz do que a presença física de Rosa, porque na vigília espiritual Rosa está interiorizada nas casas, nos comportamentos e no interior dos membros. Há, assim, um constante autopolicimento para não sair das regras. Esse foi, então, o tempo caracterizado pelos apostólicos como o período feliz ou de ouro e seu retorno é sempre sugerido nas pregações.

Quanto a resistência da Igreja Apostólica à cultura da época, podemos percebê-la por Ricardo Mariano. A partir da análise que Danièle Hervieu-Léger faz da modernidade religiosa ocidental, o pesquisador afirma que a perda da legitimidade e dominância de uma religião (nesse caso, o catolicismo), a tendência à individualização e

---

<sup>11</sup> “A fé e a confiança no Santo Irmão Aldo e na Santa Vó Rosa”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica (data não citada). [citado em 26 out. 2016; 13h:22m]. (Autor não citado, p. 1). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20F%C3%89%20E%20A%20COMFIAN%C3%87A%20NO%20SANTO%20IRM%C3%83O%20ALDO%20E%20NA%20SANTA%20V%C3%93%20ROS A.pdf>

subjetivação das crenças, a mobilidade religiosa e a bricolagem idiossincrática e privatizante de crenças fizeram prosperar religiosos fundamentalistas. Esses movimentos, segundo o autor, “enfrentam resistências e barreiras culturais em contextos democráticos, pluralistas e cosmopolitas e que demandam, portanto, elevado investimento e isolamento sectário para manter ‘minorias cognitivas’”.<sup>12</sup> A Igreja Apostólica, nesse contexto que é de governo ditatorial no Brasil, enfrentou inúmeras rejeições dos novos princípios pluralistas. Apesar da figura de Rosa apresentar uma duplicidade, por um lado ela era rebelde por não se encaixar em uma hierarquia religiosa masculina, a manter uma teologia que resiste ao individualismo de um capitalismo crescente em São Paulo, mantendo os membros em comunidade, unidos, não obedecendo às leis de expansão e à lógica do capital numa cidade que se urbanizara e se industrializara. Por outro lado, ela funda regras moralizadoras que constituem também um outro poder.

Mariano ressalta, a partir do sociólogo Procópio Camargo, a proximidade dos pentecostais, assim como será da Igreja Apostólica, com o conservadorismo reemergente na época:

Contudo, em 1973, com o recrudescimento da repressão militar, Camargo reavalia sua posição, declarando que o pentecostalismo desempenha “funções eminentemente conservadoras” e que sua “alienação política” não dá “ensejo para o aparecimento de modalidades contestatórias ao *status quo*”. À alienação e ao conservadorismo, acresce o caráter sectário do moralismo pentecostal, que “dirige sua crítica ao que entende por ‘mundanismo’ e vê no progresso, que necessariamente traz mudanças de papéis e de comportamento, um obstáculo à realização de seus padrões éticos”. Como até então predominavam no pentecostalismo a passividade política, de um lado, e a inclinação a favor do regime militar, de outro, Camargo define, de forma taxativa, como conservadora a função social dessa religião. Em contraste com o ativismo político da vertente católica progressista da época, o pentecostalismo não colaborava para restabelecer a democracia.<sup>13</sup>

Nas décadas que sucederam ao ano de 1970, o rigor manteve-se firme, mas corria o risco de ser diluído frente a uma nova geração. Os ideais de rebeldia da época e os novos estilos colocavam em cheque as ideias moralizadoras instituídas por Rosa.

---

<sup>12</sup> MARIANO, Ricardo. *Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010*. Porto Alegre, Debates do NER, Porto Alegre, 2013, p. 128.

<sup>13</sup> MARIANO, Ricardo. *Sociologia do crescimento pentecostal no Brasil: um balanço*. Belo Horizonte, Perspectiva Teológica, 2011, p. 17.



Contudo, a doutrina permaneceu apegada ao seu ideal moralizador e continuou estabelecendo regras de conduta. Foram frequentes, no governo de Aldo, através dos *Boletins Internos Oficiais*<sup>14</sup>, os pedidos dele por mais “obediência”; e podemos dizer que, se há esse anseio por ela, é que há, também, sinais de desobediência (o que implica pensar em focos de resistência à doutrina dentro do próprio grupo). Nesse tempo também, a missionária Odete, como pastora, pregava inúmeros sermões com tom de jurista, delimitando o “bom proceder” dos membros, o que despertava admiração e rancor da parte destes, conforme será visto ainda. A igreja havia crescido e os pedidos de mais respeito às reuniões, do controle do corpo e de várias determinações eram feitos diretamente por Aldo Bertoni através dos boletins lidos por pregadores nas reuniões.

Apesar de Rosa já haver delimitado seu espaço santíssimo em seu tempo, foi Aldo quem anunciou a santidade da tia e disse ter sido escolhido por ela para ser seu sucessor, pois ela havia lhe aparecido ainda durante o seu velório e o afirmado. Esse contato entre Aldo e Rosa, muito especulado pelos que estão fora e afirmado como uma proximidade dos aspectos da mediunidade espírita, deixa Aldo, assim como Rosa, muito próximos dos fiéis, pois sua presença física é importante para reforçar o poder dela. Como Aldo tinha os mesmos dons de sua tia, ele passou a ser a ligação entre o Céu e a Terra, porque recebia as ordens de Rosa através dos momentos de meditação. Ele vivia entre os fiéis e promovia a cura através do toque das mãos. Contudo, Aldo ocupa um lugar de exterioridade, pois foi quase mantido em segredo, seguindo a premissa de que um profeta exposto demais pode causar rebuliço. Não há muitas aparições dele em reuniões, vídeos ou gravações. Aldo não fazia pregações, apenas dava ordens (afirmadas divinas) para a organização da igreja. Nesse sentido, foi cada vez mais distante o contato do sujeito que dita as regras morais com aqueles a quem elas se destinam. Por outro lado, a presença de Aldo é muito forte nos discursos, pois são muito eficazes devido à sua forma direta e em tom de ordem e ameaça, sobretudo em torno da promessa de uma vaga garantida no Céu ou exclusão.

---

<sup>14</sup> Os Boletins Internos Oficiais são textos curtos impressos (a partir de 2014 digitalizados) que contêm a doutrina/disciplina apostólica, as regras morais, a organização das reuniões, testemunhos de milagres, pedidos de dízimos, anúncios de casamentos, abertura de novas congregações ou novos programas de rádio, etc. Nos boletins mais antigos eram anunciados, também, os membros excluídos, os perdoados e os proibidos de entrar na igreja. Os boletins são lidos e/ou explicados por pastores durante as reuniões. Aldo Bertoni instituiu regras que eram expostas nesses boletins, ele sempre os assinava ao final do texto. A emissão dos boletins pela igreja pode variar de semanal, quinzenal ou mensal, dependendo do número de reuniões das filiais. São aproximadamente mais de três mil boletins.

Já ao final da vida de Aldo, a igreja era composta por cargos organizacionais. Mas, foi a partir de sua morte, em 2014, que houve a formação de um conselho com seus devidos cargos. A rigidez da disciplina apostólica é notável em todos os tempos, mas apresenta-se em níveis diferentes devido à movimentação da instituição e da própria época. Nos dias atuais, o rigor, presente nos dois primeiros momentos, encontra-se atrelado a outras problemáticas que ultrapassam o dualismo social das décadas anteriores. Agora, trata-se de um espaço complexo, marcado por uma doutrina/disciplina ainda inflexível, mas em consonância com a capacidade reflexiva sobre os tabus comportamentais, a presença das novas ideias mais maleáveis, como por exemplo, a desconstrução dos lugares determinados ao homem e à mulher, a aceitação de uma identidade (uso de cabelos cacheados em contraposição ao cabelo alisado que é muito comum na igreja), a resistência dos jovens aos tabus comportamentais, a maior acessibilidade à universidade, etc. Contudo, ao mesmo tempo, há a aceitação doutrinária e disciplinar, uma vez que, mesmo com todos esses novos discursos sociais que induzem à racionalização, há também espaço para o sagrado, que determina um modo de vida mais apegado às leis bíblicas.

Ricardo Mariano, analisando o perfil evangélico entre 2000 e 2010, afirma que os evangélicos se tornaram um grupo religioso maior, colocando-se como menos sectários, mais dotados de legitimação social/religiosa e mais acomodados ao “mundo”. O autor acrescenta:

Como tal acomodação que só cresce nas últimas décadas, o controle mútuo e comunitário dos adeptos perde força, ao passo que estes ampliam sua autonomia diante de autoridades e grupos religiosos. Fenômenos que vêm sendo reforçados pelo avanço da afirmação da liberdade individual como valor e como prática legítima, e pelo fato de que a liberdade e o pluralismo religiosos – conforme sustenta a tese principal de Peter Berger (1985) em *O dossel sagrado* – tendem a fazer com que a religião seja encarada mais e mais como uma questão de livre escolha ou preferência pessoal, algo que, na prática, tem sido evidenciado sobejamente pelo intenso e crescente trânsito religioso no país. Fato que vem ocorrendo independentemente da formação de novas seitas pentecostais dispostas a proteger e a controlar em intramuros subculturais os seus adeptos e a resgatar os verdadeiros ensinamentos do cristianismo primitivo e do ministério terreno de Cristo contra o insidioso mundanismo que, de seu ponto de vista, volta e meia acomete as instituições e autoridades cristãs concorrentes.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> MARIANO, Op. Cit., 2013, p. 127-128.

Apesar dos evangélicos estarem mais acomodados ao “mundo” no século XXI, conforme afirmado por Mariano, acreditamos que muitos religiosos mantiveram, atreladas a essa liberdade individual, a tradição e as práticas mágicas de um outro tempo mais remoto. Sérgio da Mata lembra que “as práticas mágicas continuam demonstrando, ao contrário do que se supunha, a mesma vitalidade desfrutada em épocas passadas”.<sup>16</sup> Essa “vitalidade” é, para nós, bastante evidente na Igreja Apostólica, em que a doutrina, as regras morais, os momentos de contato com o sagrado e a tentativa de volta ao cristianismo primitivo continuam sendo anunciados e reforçados, seja pela tradição familiar ou pelas reuniões da igreja.

A Igreja Apostólica (da santa vó Rosa) completou 63 anos no ano de 2017. Conforme o relato citado mais adiante do pastor Antônio Martins, o aniversário da igreja não é comemorado no dia da primeira reunião de Rosa, 31 de julho de 1954, mas no dia 10 de junho, em homenagem ao nascimento dessa sua santa. É que, conforme se acredita, a “igreja nasceu da Santa Vó Rosa e existe nesta Terra pela Sua graça, virtude e poder”.<sup>17</sup> Hoje, de acordo com o documento “*Endereço das filiais – Igreja Apostólica*”, disponibilizado no site da igreja, a instituição possui aproximadamente duzentas e noventa e nove filiais, sendo duzentas e noventa e sete no Brasil e duas no exterior: uma em Paradero-Bolívia e outra em El Soberbio-Argentina. Há também inícios de evangelização em Moçambique – África. Foi através da conversão do moçambicano José, batizado em São Paulo no dia 29 de dezembro de 2017 e colocado na posição de pastor, que ocorreu o início da expansão apostólica fora do continente americano. A Igreja Apostólica tem maior número de filiais em São Paulo, seguido pelo Paraná e Mato Grosso do Sul. Na região Sudeste, há uma maior concentração de igrejas, seguido pelo Centro Oeste e o Sul do Brasil. Os Estados em que a instituição ainda não penetrou são: Amapá (Norte), Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe (Nordeste).

Para divulgar sua doutrina, a igreja se utiliza de mais de cinquenta emissoras de rádio que transmitem o programa “*Hora Milagrosa*”, que também pode ser ouvido pelo site<sup>18</sup> do programa.<sup>19</sup> A igreja também tem um site<sup>20</sup>, modificado no decorrer da

---

<sup>16</sup> MATA, Sérgio da. *História & Religião*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 15.

<sup>17</sup> “A missão da Santa Vó Rosa e de sua igreja na Terra”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica (data não citada). [citado em 26 out. 2016; 13h:51m]. (Autor não citado, p. 1). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20MISS%C3%83%C6%92O%20DA%20SANTA%20V%C3%83%E2%80%9C%20ROSA%20E%20DE%20SUA%20IGREJA%20NA%20TERRA.pdf>

<sup>18</sup> Programa Hora Milagrosa. Endereço eletrônico: [www.horamilagrosa.org](http://www.horamilagrosa.org)

pesquisa, onde disponibiliza sua doutrina e informa sobre os horários das reuniões, localidades das igrejas, possíveis comemorações, boletins, fotografias, regras internas, dentre outros.

Não foi possível identificar quantos fiéis compõem a Igreja Apostólica atualmente, primeiro, porque o IBGE<sup>21</sup> não abrange os fiéis dessa igreja separadamente e, segundo, como o foco da pesquisa são os discursos doutrinários e disciplinares, não se fez ainda uma pesquisa a esse respeito. Nos boletins mais recentes, o de número 2.123 (ano 1999) e o de número 2.160 (ano 2000) é possível verificar, também, a cobrança de frequência e da oferta, a fidelidade pelo batismo e a união entre os membros (o que sugere agregação ou dispersão do grupo).

As reuniões atuais dessa igreja apresentam semelhanças e diferenças com a outras formas de religiosidade, especialmente as situadas entre o catolicismo e o pentecostalismo, como foi recortado aqui. No caso da Igreja Apostólica, há a adoração de seus santos que são Maria (mãe de Jesus), a santa vó Rosa e o santo irmão Aldo, através de orações e hinos próprios, uns a serem cantados pelo coro (dividido em vozes específicas) e outros em conjunto com outros membros. Não há manifestação de orações dos membros com elevação da voz ou qualquer movimentação corporal, mas apenas há as explicações dos *Boletins Internos Oficiais* através do pastor encarregado das reuniões. Os fiéis apenas ouvem passivamente a pregação, sem direito a qualquer manifestação. No tempo em que Aldo governava a igreja, suas ordens, afirmadas que eram vindas da santa vó Rosa, eram informadas nesses boletins. Os apostólicos não utilizam diretamente a Bíblia, também não há o apego ao Antigo Testamento. Há, aliás, bem fortemente a aproximação do modo de vida apostólico ao que se prediz no Novo Testamento. Os apostólicos fazem suas próprias interpretações de alguns trechos bíblicos, seguindo, como sempre, as orientações de seus profetas, Rosa e Aldo.

---

<sup>19</sup> “Endereço das congregações atualizado em 17/03/2017”. In: *Circulares* [on line]. Igreja Apostólica, 17 de Março, 2017. [citado em 18 abr. 2017; 16h:41m]. Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/sistema/pdf/CADERNO%20DE%20ENDERE%C3%83%E2%80%A1O%20ATUALIZADO%20EM%2017-03-2017.pdf>

<sup>20</sup> Endereço eletrônico: [www.igrejaapostolica.org](http://www.igrejaapostolica.org)

<sup>21</sup> Num tom de reivindicação, Ricardo Mariano diz que o IBGE se mantém limitado sobre as informações religiosas, também devido à recente diversificação e complexidade do meio religioso no Brasil. Para Mariano, os dados sobre os *evangélicos não determinados* afetam as comunidades dos evangélicos de missão e dos pentecostais, dentre outras. Assim, “no Censo 2010, os *não determinados* totalizaram – surpreendentes – 21,8% dos evangélicos, multidão superior até aos 18% dos *evangélicos de missão*, categoria esta também problemática por englobar a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, denominação de feitiço tradicional e sem vocação missionária”. (MARIANO, Op. Cit., 2013, p. 130-131)

Outro aspecto importante é que a Igreja Apostólica não apresenta clientela flutuante, como se verifica na Universal do Reino de Deus, e nem a estratificação de fiéis, como é o caso da Igreja Católica (que varia do compromisso radical ao total descompromisso). Os membros apostólicos formam uma clientela fidelizada, inclusive porque motivados por uma tradição familiar bastante arraigada. Para repisar melhor essa diferença e suas determinantes, evocamos Ricardo Mariano, que afirma que as denominações pentecostais “recebem frequentadores esporádicos e contam com *congregados* – adeptos que frequentam, mais ou menos assiduamente, os cultos, mas que não participam nem podem participar da Ceia do Senhor por não obedecerem integralmente aos preceitos da organização”<sup>22</sup>. O autor ainda completa que nessas “o controle recíproco e os laços de sociabilidade tendem a ser mais fortes do que os que vicejam nos megatemplos”.<sup>23</sup> Assim como as denominações pentecostais, a Igreja Apostólica criou laços que não são frágeis, são mais difíceis de serem desfeitos. Basta observar sua doutrina que propõe fidelidade, ao ponto de não permitir conhecer outras organizações religiosas. Contudo, ao mesmo tempo que a oferta de soluções mágicas atrai muitas pessoas com problemas, também apresenta dificuldades devido ao não uso da bíblia, mas apenas da interpretação que fazem dela a partir de seu evangelho próprio. Como a igreja se inicia junto ao movimento de Tendas de que se originarão várias denominações pentecostais, essas semelhanças e diferenças possuem uma história, bastante possível de ser desdobrada. No próximo tópico, seguindo essas marcações e agregando novos problemas, acompanharemos o processo de formação da igreja, nos passos que vai tomando até constituir esse seu estatuto próprio.

## 1.2. Tendas de lona e cura divina

A relevância de Rosa determina os aspectos do desenvolvimento inicial da Igreja Apostólica. Os marcadores reiterados nas fontes analisadas dividem a formação dessa denominação religiosa em dois momentos ligados à trajetória de Rosa e sua experiência espiritual. O primeiro refere-se aos dezesseis anos de preparo de Rosa, entre 1954 a 1970, quando Jesus revelou a ela a doutrina e disciplina da igreja. O segundo momento foi quando Rosa morreu, em 1970. É informado pela igreja que ela teria sido coroada

---

<sup>22</sup> Idem, p. 134.

<sup>23</sup> Idem, ibidem.

como espírito Consolador e, então, anunciada como santa por seu sucessor. Sua santidade já era reconhecida, primeiro pelo meio onde Rosa vivia desde criança, quando ainda era católica, devido a suas obras de caridade. Segundo, mesmo que discretamente, ainda em vida ela já era reconhecida pelos fiéis da tenda como uma mulher milagrosa. E terceiro, depois da morte de Rosa, a anunciação de Aldo Bertoni de que ela era santa dá início às orações direcionadas a ela e o relato de inúmeros milagres recebidos pelas pessoas e divulgados pela instituição. A partir de então, o sobrinho de Rosa, Aldo Bertoni (muitos dizem após a morte do bispo) passou a ser o profeta e representou sua tia, pois ele, através dela, passou a receber as ordens da corte celestial. No trecho a seguir, o profeta Aldo Bertoni esclarece sobre os dois períodos da formação da igreja, ou seja, o momento de preparo e morte de Rosa:

A História desta Igreja Apostólica se resume em dois importantes períodos. O primeiro período o foi dedicado ao preparo da Vó Rosa, como era conhecida entre nós, e da Igreja Apostólica, atividade trabalhosa realizada por Nosso Senhor Jesus, durante os dezesseis anos iniciais dessa obra de caridade e fé. Ele, Jesus, se manifestou a Ela; constituiu a Direção da Igreja, e através de Sua Serva, transmitiu os Princípios Doutrinários e a disciplina constituída do conjunto de regras morais e de costumes justos e honrados, os quais seriam a base fundamental da vitória de nossa Igreja e do Consolador.

O segundo período da História da Igreja teve início em 26 de outubro de 1970, dia em que a vida da Santa Vó Rosa na Terra terminou, para que Ela pudesse ser galardoada nos Céus como Espírito Consolador. Ela passou, então, a dirigir a Igreja em Espírito e Verdade, através do Profeta Irmão Aldo, o Sucessor por Ela escolhido e preparado. A partir daí a Santa Vó Rosa passou a ser anunciada como Santa Nova e Poderosa e se deu o extraordinário crescimento da Igreja. Os ouvintes da Hora a Milagrosa a passaram a compreender a missão da Igreja; aceitaram a Santa Vó Rosa como Santa de grande poder; a quantidade de conversões foi surpreendente, bem como, a realização de milagres extraordinários, fatos que comprovaram que esta Igreja anunciava as boas novas de salvação e a verdade dos Céus!<sup>24</sup>

Como a própria igreja divide sua formação inicial nos dois momentos já citados – o preparo e morte de Rosa –, pretende-se contornar a fundação da igreja através desses períodos, problematizando-a conforme cada momento.

A formação da Igreja Apostólica (da santa vó Rosa) iniciou-se a partir do momento em que Rosa, já com sessenta anos de idade, interessou-se por conhecer as

---

<sup>24</sup> “Comemoração do dia do Consolador”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 23 de outubro, 2014. [citado em 25 Out. 2016; 19h:45m]. (BERTONI, Aldo, p. 2). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20COMEMORA%C3%87%C3%83O%20DO%20DI%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

pregações do movimento religioso que surgiu próximo de sua casa. Foi por volta de 1954,<sup>25</sup> quando o grupo se reunia numa tenda localizada no bairro Tatuapé, em São Paulo, que Rosa conheceu o casal de pregadores Eurico Mattos Coutinho e Odete Correia Coutinho. Na tenda, frequentavam outros membros, também pastores, que mais tarde ocupariam outras denominações religiosas.

Rosa, então, passou a frequentar a tenda e pode-se perceber, já nesse primeiro contato dela com o movimento e seus pastores, o interesse que tinha em unir-se com aquele grupo para ajudar nos trabalhos de salvação, como se pode depreender deste trecho:

Quando Ela já estava com 60 anos, surgiu em meados de 1954, no Bairro do Tatuapé em São Paulo, Capital, um movimento religioso que se reuniam em tendas e se denominava “Tenda de Deus pró-cura divina”. Faziam parte deste movimento, como pregador, o pastor Eurico Matos Coutinho e sua esposa a Missionária Odete Correia Coutinho.

Aquele movimento, já por vontade de Deus, surgiu próximo a casa da Santa Vó Rosa e Ela resolveu ir, para ver o que se tratava e logo sentiu no seu coração de ajudar naquela obra, pois queria ajudar a Jesus, salvar almas.<sup>26</sup>

Na citação anterior, divulga-se o nome da tenda como “*Tenda de Deus pró-cura divina*”, contudo na fotografia a seguir (figura 1) é possível ver o casal Eurico e Odete em frente ao que é nominado de “*Tenda de Deus para salvação e cura divina*”. Em outros documentos, informa-se “*Tenda de Deus Pró Salvação e Cura Divina*”.<sup>27</sup> Dessa maneira, as nominações da tenda são mostradas de formas diferentes nos documentos. Tal variação não interfere na análise, uma vez que se trata do movimento religioso organizado em tendas. Essa estrutura baseada na montagem em lona foi uma prática

---

<sup>25</sup> O documento *26 de outubro dia do Consolador* informa que Rosa entrou na tenda no ano de 1953. Como a maioria dos escritos indicava o momento da entrada de Rosa na tenda em outro ano, 1954, dá-se preferência a esse ano. Ver como os escritos remontam esse período como sendo em 1953: 26 de outubro dia do Consolador. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 Out. 2016; 16h:13m]. (BERTONI, Aldo, p. 3). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

<sup>26</sup> “A origem da Igreja Apostólica, o início das suas atividades na Terra e seus fundamentos”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica (data não citada). [citado em 26 Out. 2016; 14h:00m]. (Autor não citado, p. 1). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20ORIGEM%20DA%20IGREJA%20APOSTOLICA,%20O%20INICIO%20DAS%20SUAS%20ATIVIDADES%20NA%20TERRA%20.pdf>

<sup>27</sup> “Uma história de amor – 1ª parte”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 14 de outubro, 2009. [citado em 25 Out. 2016; 18h:44m]. (BERTONI, Aldo, p. 1). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=202](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=202)

utilizada pelos movimentos de evangelização, principalmente em São Paulo, na década de 1950.

**Figura 1 - O casal Eurico e Odete, em frente à *Tenda de Deus para salvação e cura divina***



Fonte: *Facebook* <sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/igrejaapostolicadasantavorosa/photos/a.891129474265405.1073741829.851340188244334/1302533553124993/?type=3&theater> Acesso em: 24/07/2017 às 17h:30m.



**Figura 2- Pregação de Eurico realizada na tenda**



Fonte Facebook <sup>29</sup>

Ricardo Mariano, ao averiguar as tipologias das formações pentecostais no Brasil (tendo por base classificações de Paul Freston), identifica esses movimentos de evangelização em tendas, na década de 1950 em São Paulo, como pertencentes à segunda onda pentecostal no Brasil. Nesses movimentos, “ampliaram sua diversidade teológica, eclesiológica, institucional, social, estética e política, o trabalho de classificação tornou-se mais difícil, mais intrincado e mais sujeito a controvérsias”.<sup>30</sup> Leonildo Campos afirma que essas tendas de lona foram influência norte-americana e esses grupos eram apelidados de “tendeiros” devido às “tendas divinas”.<sup>31</sup> Tendo em vista o efeito pluralista do movimento pentecostal no que diz respeito ao surgimento de novas igrejas, não se pretende classificar a Igreja Apostólica a partir de uma determinada tipologia pentecostal, devido à complexidade de sua composição discursiva e pelo que afirmam ser seu ressurgimento. Aliás, seguindo o que afirma Bitun, não é possível definir uma teologia única, porque “apresenta-se como um leque indefinido de

<sup>29</sup>Disponível em:

<https://www.facebook.com/igrejaapostolicadasantavorosa/photos/a.891129474265405.1073741829.851340188244334/1302533589791656/?type=3&theater>. Acesso em: 11/07/2017 às 00h22m.

<sup>30</sup> MARIANO, Op. Cit., 2014, p. 23.

<sup>31</sup> CAMPOS, Leonildo. *Pentecostalismo e Protestantismo “Histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças*. Belo Horizonte, Horizonte, 2011, p. 511.

posições, mudada todas as vezes que convier ao líder ou às necessidades de crescimento e atração dos fiéis”.<sup>32</sup> Nesse sentido, a igreja em estudo não se encaixa em movimentos, mas sua doutrina apresenta-se como um leque indefinido de entendimentos. Por isso, optou-se em demarcar as semelhanças e diferenças da segunda onda pentecostal e outros movimentos, em relação ao que veio a ser a Igreja Apostólica posteriormente.

Seguindo o que afirmam Mariano, Bitun e Campos, a evangelização da massa, as mensagens centradas na cura divina, o batismo com o Espírito Santo são características que compõem as ênfases da prática religiosa nas tendas. A ênfase na cura divina “constitui um de seus mais poderosos recursos proselitistas”.<sup>33</sup> Também o rádio foi o principal meio de comunicação de massa usado pelo movimento. Sabe-se que a prática da cura divina está presente no texto bíblico e foi apropriada por inúmeras instituições religiosas e suas personalidades carismáticas. Essas práticas inicialmente foram criticadas por Rosa, mas, também, foram conservadas ou modificadas para a doutrina apostólica. A cura através dos seus profetas, a santa vó Rosa e o santo irmão Aldo, a evangelização por meio do rádio, a oração com a imposição das mãos, a busca por santidade, o rigor legalista, dentre outras práticas, foram preservadas pela Igreja Apostólica, mas com suas particularidades.

Conforme afirma Mariano, o movimento chamado de Cruzada Nacional de Evangelização (CNE), da década de 1950, fragmentou o espaço pentecostal no Brasil, que, até então, era composto pela Congregação Cristã e Assembleia de Deus, dando forma a inúmeras igrejas em suas mais variadas dimensões, entre elas a Igreja do Evangelho Quadrangular (São Paulo, 1953), a Brasil para Cristo (São Paulo, 1955), a Deus é Amor (São Paulo, 1962), a Casa da Benção (Belo Horizonte, 1964), dentre várias outras instituições. A Igreja Apostólica, apesar de não se autodenominar pentecostal, também se insere nesse grupo de novas instituições que começaram a se formar através das tendas na década de 1950, em São Paulo. A capital paulista foi o principal espaço de pulverização para o desenvolvimento dessas organizações religiosas. Assim explica Mariano:

A segunda onda teve início nos anos 50 na cidade de São Paulo com o trabalho missionário de dois ex-atores de filmes de faroeste do cinema *Church of The Foursquare Gospel*. À frente da Cruzada Nacional de

---

<sup>32</sup> BITUN, Ricardo. *A “remasterização” do movimento pentecostal Igreja Mundial do Poder de Deus*. São Paulo, Revista de Teologia & Cultura, 2009, p. 23.

<sup>33</sup> MARIANO, Op. Cit., 2014, p. 31.

Evangelização, braço evangelístico da Evangelho Quadrangular (São Paulo, 1953), eles trouxeram para o Brasil o evangelismo de massa centrado na mensagem da cura divina. Difundiram-na por meio do rádio (que, por sectarismo ou por considerá-lo mundano e diabólico, até a década de 50 não era usado pela Assembléia de Deus; a Congregação Cristã ainda hoje continua a não fazer uso de qualquer meio de comunicação de massa, nem mesmo de revistas, jornais, folhetos e literatura), do evangelismo itinerante em tendas de lona, de concentrações em praças públicas, ginásios de esporte, estádios de futebol, teatros e cinemas. Com mensagem sedutora e métodos inovadores e eficientes, atraíram, além de fiéis e pastores de outras confissões evangélicas, milhares de indivíduos dos estratos mais pobres da população, muitos dos quais migrantes nordestinos. Causaram escândalo e reações adversas por toda parte. Mas, ao chamarem a atenção da imprensa, que os ridicularizava e os acusava de charlatanismo e curandeirismo, conseguiram pela primeira vez dar visibilidade a este movimento religioso no país. Com o êxito de sua missão, provocaram a fragmentação denominacional do pentecostalismo brasileiro, que, até então, praticamente contava só com Assembléia de Deus e Congregação Cristã. No rastro das campanhas de cura divina da Cruzada surgiram as igrejas Brasil Para Cristo (São Paulo, 1955), Deus é Amor (São Paulo, 1962), Casa da Benção (Belo Horizonte, 1964) e várias outras de menor porte.<sup>34</sup>

São Paulo foi o principal berço das igrejas provenientes do movimento de tendas, na década de 1950. Segundo Bitun, a urbanização e formação das massas possibilitou o crescimento pentecostal. Partindo de Ricardo Mariano, Bitun acrescenta que as pregações reuniam grandes concentrações de pessoas em grandes espaços que, até então, eram considerados profanos, e “milhares de indivíduos dos estratos pobres da população” frequentavam o movimento.<sup>35</sup> Mariano afirma que “o pentecostalismo aparece, acima de tudo, como uma “resposta” a problemas macroestruturais derivados das transições rural-urbano, tradicional-moderno”.<sup>36</sup> O momento de transição serviu de inspiração para inúmeras pesquisas sobre os pentecostais no Brasil. Entre essas, Ricardo Mariano sugere os trabalhos de Candido Procópio Ferreira de Camargo, Beatriz Muniz de Souza e do sociólogo alemão Emilio Willems. Tais autores também afirmam que a migração rural para o espaço urbano em processo de industrialização, fez os estratos mais pobres construir um sistema de relações primárias da sociedade tradicional:

Ambos inspiraram os trabalhos de Candido Procópio Ferreira de Camargo e de Beatriz Muniz de Souza a respeito das características e do crescimento do pentecostalismo no Brasil. Esses pesquisadores

---

<sup>34</sup> MARIANO, Op. Cit., 2014, p. 30.

<sup>35</sup> BITUN, Op. Cit., 2009.

<sup>36</sup> MARIANO, Op. Cit., 2011, p. 12.

partilhavam a tese de que os intensos processos de mudanças sociais, culturais e econômicas ocorridos a partir da década de 1930, representados pela rápida industrialização, urbanização e migração de grandes contingentes rurais para as cidades, provocaram uma situação de anomia em parte dos migrantes e dos estratos pobres, tidos como ineptos culturalmente diante dos desafios da vida numa sociedade urbana em vertiginosa transformação sociocultural. Por isso, migrantes e parte dos pobres tinham necessidade de reconstruir um sistema significativo de relações primárias para ajustar-se à vida urbana. O pentecostalismo aparece, nessas análises, como resposta à anomia, por recriar modalidades de contato primário preexistentes na sociedade tradicional, firmar laços de solidariedade entre os irmãos de fé, incentivar o auxílio mútuo nos planos material e espiritual, promover a participação do fiel nos cultos, reorientar sua conduta, seus valores e sua visão do mundo conforme os estritos preceitos bíblicos pregados por sua comunidade sectária, que são, segundo Willems, Camargo e Souza, funcionais em relação às normas de ação da sociedade capitalista emergente.<sup>37</sup>

O reavivamento religioso ocorreu num contexto após a Segunda Guerra, de redemocratização, de modernização, de urbanização, industrialização e migração de nordestinos. Nas cidades aumentavam o número de pobres que viam nos milagres uma esperança. Em São Paulo, os bolsões operários da Zona Leste (região de migrantes nordestinos) tinham esperança mágica e a utopia de uma nova condição. As rupturas sociais da década de 1950 geraram desgastes no catolicismo e nos movimentos protestantes anteriores aos pentecostais, que alguns autores chamam de protestantismo histórico (nominação sendo repensada). Nesse período se operou uma mistura ou mutações do universo simbólico já organizado, promovendo novos grupos.<sup>38</sup>

Conforme afirma Bitun, as tendas que compunham a segunda onda pentecostal no Brasil absorviam pessoas mais pobres. Campos ressalta que a invasão pentecostal nos anos 50 e 60 foi facilitada por uma atitude acolhedora.<sup>39</sup> Pode-se perceber isso no motivo que é associado à conversão de Rosa. Tendo por base a palavra do pastor Antônio Martins de Almeida, em uma de suas pregações, a situação dela, ao adentrar na tenda, era muito complicada. Nesse período, segundo o pastor, ela estava vivendo um momento financeiro muito difícil, pois fabricava sabão, através dos restos de uma fábrica de óleo, para vender de casa em casa. Foi aí que um dos pastores da tenda, Eurico, viu Rosa com as sacolas de sabão nas mãos e se ofereceu para ajudar a carregar

---

<sup>37</sup> MARIANO, Op. Cit., 2011, p. 12-13.

<sup>38</sup> CAMPOS, Op. Cit., 2011.

<sup>39</sup> CAMPOS, Op. Cit., 2011, p. 513.

o peso. Ela concordou e os dois seguiram conversando. Então, Eurico a convidou para conhecer a tenda. O pastor Antônio, que conheceu a pessoa de Rosa, lembra que a primeira reunião dela na tenda foi em 31 de julho de 1954:

O trabalho aqui, na tenda, começou em 1953 como sabe. O bispo que já nasceu também com o dom de doutrinar e a irmã Odete, começaram a frequentar. Em 1954, a Santa Vó Rosa estava enfrentando uma situação muito difícil financeiramente falando, porque saía de madrugada – os irmãos sabem disso e já foi falado –, pegava aquela borra de uma fábrica lá que fazia óleos e soltava aquela borra lá. Ela ia muito de madrugada e pegava aquilo pra fazer sabão e saía vendendo na casa, entregando com aquelas sacolas pesadas. E o Bispo viu, era o pastor Eurico... viu... Mas o Bispo era uma pessoa – quem conheceu ele se lembra, aqui tem muitos irmãos que conheceram o Bispo –, uma pessoa do coração muito bom, servidor também. Se ofereceu pra ajudar ela carregar aquele peso, aquelas sacolas. Ela aceitou. Ele pegou duas sacolas e saiu conversando com ela. Foi quando fez o convite para ir participar de uma reunião na tenda e ela aceitou e foi. O dia 31 de julho de 1954, a primeira reunião da Vó que assistiu nessa igreja e ela percebeu em uma mensagem do Bispo, pastor Eurico, que essa igreja tinha fundamento e que ele era sincero e a irmã Odete sincera também. E o desejo deles era uma forma, porque a ideia do Bispo era formar uma igreja com os ensinamentos dos santos apóstolos. Então ela percebeu, como sabe, chegou em casa, ajoelhou e prometeu a Jesus. Foi fácil pra ela? Não foi! Porque Jesus logo apareceu em sonho e logo orientou pra falar com os dois, com o pastor Eurico Matos Coutinho e com a Missionária Odete, pra eles então passar pra igreja como que é formada a igreja. E a Vó estava lá. Não era nem diaconisa ainda.<sup>40</sup>

As palavras do pastor Antônio evidenciam sobre como a tenda acolhia pessoas em situações de fragilidade social. Rosa se encontrava numa ocasião que foi entendida como “difícil” e foi convidada a participar da tenda. Além disso, como seus pais faleceram e ela ficou viúva aos vinte anos de idade, tinha que trabalhar para criar sozinha aqueles que estavam em sua tutela. A busca da cura e da solução de problemas da vida cotidiana também é notável nessa tenda, especialmente quando se observa a entrada de Rosa nela. No final do segundo capítulo, ver-se-á como Rosa vivia enferma, pois sofria muito do coração.

Alguns estudiosos afirmam que, assim como Rosa, muitas outras pessoas recebiam o convite para conhecer o movimento de cura divina, para resolver ou aliviar seus problemas diversos. Como se verá a seguir, lá elas tinham a experiência sagrada e,

---

<sup>40</sup> Mensagem “*Histórias da Santa Vó Rosa*” pregada pelo pastor Antônio Martins de Almeida. A pregação foi publicada no *youtube* em 30 de outubro de 2015. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=cSDCyjsSs\\_E](https://www.youtube.com/watch?v=cSDCyjsSs_E) Acesso em: 14/05/2017 às 14h:37m.

ao sentir o Espírito Santo e Jesus entrando nas suas vidas, logo se convertiam. Muitos idealizadores de denominações religiosas passaram por esse tipo de conversão.

Num estudo sobre a implantação da Igreja do Evangelho Quadrangular em Curitiba, foi identificado o momento de conversão de Julio Rosa – idealizador dessa igreja em Curitiba –, com a experiência sagrada nas tendas ainda em São Paulo. Ele, com o apoio de Mariano de Castro, levou a primeira tenda de lona de São Paulo para Curitiba, sendo inaugurada em 1955; e, assim, a Igreja Quadrangular se formou nesse espaço, mantendo características do movimento em tendas de lona, especialmente a cura divina. A formação da tenda em Curitiba, em um bairro de elevado poder aquisitivo, fez a tenda ter pouca frequência, tendo que mudar para outro bairro mais popular para fortalecer a evangelização.<sup>41</sup> Percebe-se como o movimento de tendas absorveu pessoas das classes mais pobres da sociedade na formação da Cruzada do Sul.

João Augusto Gonçalves dos Santos, quando estudou a interiorização das instituições pentecostais num momento tardio, em 1970, em Montes Claros (norte de Minas Gerais), também afirma que os fiéis das igrejas da segunda onda pentecostal são advindos de setores mais carentes da sociedade e buscaram as instituições com o intuito de dar sentido de pertencimento entre os excluídos e marginalizados: “o pentecostalismo contribuiu, com suas representações simbólicas, para que as camadas de baixa renda tivessem integração social, preenchendo, dessa maneira, lacunas deixadas pelo poder público”.<sup>42</sup>

Para Campos, com a transição de uma sociedade rural para as cidades e, logo, a aparição do dilema do desemprego e a falta de perspectiva de vida, houve a necessidade de suprir carências através de uma vida comunitária e um sentido de irmandade. O grupo religioso seria, então, um centro integrador da existência. Para o autor, “a crença na segunda vinda de Cristo e no ‘fim do mundo’ foi muito bem aceita por uma população em situação de anomia e desorganização social. O rompimento do mundo real comprovava que ‘um’ mundo realmente estava no fim”.<sup>43</sup> Campos acrescenta que a crença na segunda vinda de Cristo, num messianismo ou milenarismo, já era operante

---

<sup>41</sup> DIAS, Agemir de Carvalho Dias; BANDT, Daniel Langemann. *A implantação da Igreja do Evangelho Quadrangular em Curitiba: a evangelização através de tendas. Anais eletrônicos do Congresso de Teologia da PUCPR*. 2009, p. 81.

<sup>42</sup> SANTOS, João Augusto Gonçalves dos. *Rebeldia, dissidência e cura nos relatos femininos de fundação de igrejas pentecostais em Montes Claros*. Florianópolis, Ed. Mulheres. 2015, p. 358.

<sup>43</sup> CAMPOS, Op. Cit., 2011, p. 517.

no Século XIX.<sup>44</sup> Com as mudanças sociais, os pentecostais também absorveram um forte teor escatológico. Entre os neopentecostais as preocupações escatológicas foram sendo deixadas de lado devido à ênfase na saúde do corpo, na prosperidade e nas soluções imediatas dos problemas da vida.<sup>45</sup>

Não encontramos documentos específicos que comprovam o extrato social dos fiéis que frequentaram a tenda em que Rosa se converteu. Mas, quando se formou a Igreja Apostólica, a instituição era frequentada por trabalhadores das fábricas paulistas, pois o próprio pastor Antônio, em uma de suas pregações, fala dos trabalhadores das fábricas, especialmente quando Rosa os cedia algo para comer na igreja para não precisarem voltar em casa.<sup>46</sup> Porém, ainda assim não é possível identificar com precisão tal situação social e econômica, devido à falta de fontes.

Como se poderá notar em citação que se segue, Rosa entendeu, ainda na tenda, que o trabalho de evangelização do casal Eurico e Odete tinha boa intenção e, logo, ela passou a frequentar as reuniões realizadas na tenda. Naquele movimento se pregava o evangelho e se fazia orações com a imposição das mãos. Nesse momento, Jesus ainda não havia revelado a doutrina apostólica a Rosa, pois foi só após a separação da tenda, que houve a primeira manifestação dele em sonho e, posteriormente, pessoalmente. Quando Rosa estava frequentando as reuniões na tenda, ela teria sentido que Jesus a chamava para realizar uma missão, o que a fez, ao chegar em sua casa, num momento de oração, prometer viver para a obra de Deus. Esse momento de oração e conversão íntima de Rosa foi posteriormente utilizado para dar o exemplo ideal de conversão. A adesão dela àquela fé foi entendida pela futura doutrina apostólica como a conversão em seu estado mais puro, pois se diz que Rosa converteu-se de coração. Os fiéis, assim, são sugeridos a converterem-se sinceramente de corpo e alma, como Rosa fez. Deste modo é divulgado o momento de conversão dela:

---

<sup>44</sup> “Os grupos Adventistas do Sétimo Dia e Testemunhas de Jeová fizeram desse ponto um de seus pilares doutrinários. O pentecostalismo de Los Angeles se manifestou publicamente nos mesmos dias em que um grande terremoto quase destruiu São Francisco, na Califórnia (18/4/1906). Esse desastre estimulou a imaginação popular. Em Azusa Street surgiram “profecias” e “mensagens”, por meio de glossolalia, anunciando a eminente volta de Jesus à Terra. A *Parousia*, que já era um importante ponto da pregação pentecostal encontrou naqueles dias uma moldura histórica apropriada para a sua ancoragem”. (CAMPOS, Op. Cit., 2011, p. 517)

<sup>45</sup> CAMPOS, Op. Cit., 2011, p. 518.

<sup>46</sup> Mensagem “*Histórias da Santa Vó Rosa*” pregada pelo pastor Antonio Martins de Almeida. A pregação foi publicada no *youtube* em 18 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QjFT4KMhTBA> Acesso em: 15/08/2017 às 22h:40m.

Mas ainda Ele não havia se revelado à Santa Vó Rosa. Como Ela viu que havia boa vontade e boa intenção no pastor Eurico, na sua esposa e em algumas pessoas em relação àquele movimento, resolveu frequentar as reuniões que ali eram realizadas, cujo objetivo além de pregar o Evangelho, era orar pelo povo com a imposição das mãos.

A Irmã Rosa, como Ela era conhecida na época, sentiu um grande desejo de servir a Jesus e que Ele a chamava para uma missão importante, mas que ainda não sabia qual era essa missão. Chegando a Sua casa, prostrou-se de joelhos; e, fez a seguinte oração a Jesus: “Jesus Bendito, de hoje em diante morro para o mundo para viver só para o senhor”.<sup>47</sup>

Rosa vivia numa situação difícil, converteu-se ao movimento de tendas e fundou uma nova religião. Para Leonildo Campos, uma nova religião surge quando o ser humano fica perplexo diante da precariedade da vida e das explicações fornecidas por agências sociais doadoras ou monopolizadoras de sentido. Partindo de Gouvêa Mendonça, Campos afirma que havia brechas na cultura brasileira que facilitaram a inserção por pobres e livres de uma nova forma de religiosidade, especialmente a protestante; estas contrariam a tradição católica e dão novas possibilidades de sentidos para suas vidas. O mesmo autor ainda aponta que a diversidade de culturas, religiões, sistemas simbólicos e deuses, muitas vezes antagônicos, convivem juntos produzindo um pluralismo e concorrências.<sup>48</sup>

Campos assinala que a chegada de um novo movimento no campo religioso existente induz o deslocamento de pessoas, instituições e organizações já estabelecidas. Uma das estratégias foi, então, buscar alianças. Às vezes, caso não consigam um laço, então contestam e banalizam o outro grupo. Campos afirma que os novos religiosos vestem “a roupagem dos ‘profetas’, encarnando a retórica da novidade e da transformação, denunciando os estabelecidos como ‘hereges’, ‘sacerdotes’ ou ‘feiticeiros’, considerando-os representantes de uma religião ‘traída’ ou ‘corrompida’ em sua ‘pureza’”.<sup>49</sup> Segundo Sérgio da Mata, a conversão pode ser “de natureza externa ao indivíduo (via persuasão ou coação pura e simples)” ou até “de natureza interna, quando as questões existenciais últimas deixam de ser adequadamente equacionadas

---

<sup>47</sup> “A origem da Igreja Apostólica, o início das suas atividades na Terra e seus fundamentos”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica (data não citada). [citado em 26 out. 2016; 14h:00m]. (Autor não citado, p. 1). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20ORIGEM%20DA%20IGREJA%20APOSTOLICA,%20O%20INICIO%20DAS%20SUAS%20ATIVIDADES%20NA%20TERRA%20.pdf>

<sup>48</sup> CAMPOS, Leonildo. *A inserção do protestantismo de missão no Brasil na perspectiva das teorias do imaginário e da matriz religiosa*. São Leopoldo, Estudos teológicos. 2012.

<sup>49</sup> CAMPOS, Op. Cit., 2011, p. 507.



pela religião de origem”. Existe também para o autor a conversão integral, quando “não é uma mera adesão a uma divindade mais eficaz, mas envolve uma experiência de renovação integral do ser”. Trata-se de um momento de caráter muito individual.<sup>50</sup>

Seguindo ainda na perspectiva de da Mata, temos que o sucesso evangélico e pentecostal na América Latina não se deu só pela busca de satisfação imediata, mágica, de resolução dos problemas materiais ou de saúde, mas foi devido ao “fracasso da Igreja Católica em infundir nas massas uma “ética”, uma conduta de vida metódica”.<sup>51</sup> E, ao contrário do que da Mata pensa quando afirma que o pentecostalismo não é um retorno do religioso ao mágico e que “nenhuma magia é capaz de produzir uma *Lebensführung*, uma ‘conduta de vida’”,<sup>52</sup> vê-se na Igreja Apostólica a presença de experiências mágicas por Rosa e a partir delas a criação da conduta de vida. E é importante perceber como ao se converter, Rosa já mantinha a intenção de organizar seu espaço religioso criando regras de conduta.

Depois de Rosa frequentar as reuniões da tenda, se converter e tomar conhecimento dos princípios que eram pregados e praticados ali – que não são muito definidos nos discursos ou diluídos em críticas por todo o discurso–, logo se manifestou seu juízo quanto àquelas ideias e práticas. Surgiu dela uma série de críticas para, depois, propor uma tentativa de mudança em torno das práticas daquele grupo religioso. Com o fim de construir uma doutrina informada perfeita, as críticas de Rosa se manifestaram tanto com teor antiprotestantes como anticatólicas, mesmo que ainda mantendo características desses movimentos.

Sobre as práticas da tenda, prega-se que este “era um movimento que ainda não tinha uma base doutrinária como possuímos hoje, pois naquele movimento, havia pessoas de credos diferentes e que Jesus não ia aceitar suas ideias religiosas, como realmente não aceitou”.<sup>53</sup> O pastor Antônio, já citado anteriormente, esclarece que Rosa, ainda na tenda, já tinha o poder de decisão entre os pastores, sugerindo modos de organização e a fé nos santos, em Maria (mãe de Jesus) e nos apóstolos:

---

<sup>50</sup> MATA, Op. Cit., 2010, p. 102-103.

<sup>51</sup> MATA, Op. Cit., 2010, p. 104.

<sup>52</sup> MATA, Op. Cit., 2010, p. 104.

<sup>53</sup> “A origem da Igreja Apostólica, o início das suas atividades na Terra e seus fundamentos”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica (data não citada). [citado em 26 out. 2016; 14h:00m]. (Autor não citado, p. 1). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20ORIGEM%20DA%20IGREJA%20APOSTOLICA,%20O%20INICIO%20DAS%20SUAS%20ATIVIDADES%20NA%20TERRA%20.pdf>

Quando percebeu uma confusão de pastores. O Bispo de lado, o pastor Eurico não tava no meio, mas aqueles lá diziam um pra o outro: “eu vou pregar hoje”, outro dizia “não, você pregou ontem”, outro dizia “não você pregou tal dia, a vez é minha”. E a Vó entrou no meio deles e disse: “Na igreja de Deus não pode ter disputa. Vamos entrar em acordo. Cada um dos senhores prega quinze minutos”. E subia um, pregava quinze minutos e descia. Jesus já dominou a situação. Subia um, pregava quinze minutos, descia, subia outro... Aí Jesus mostrou pra ela: “fala ao pastor Eurico que prega a fé a respeito dos Santos. Eu quero que meu povo acredita na minha mãe e nos Santos Apóstolos, porque eles deram a vida por mim”. E ela avisou: “Pastor Eurico...”, chegou a vez do Pastor Eurico, irmãos e irmãs. Ele subiu no púlpito. Quinze minutos. A igreja ficou... olha... com os olhos nele, pasma, admirado a mensagem nova, porque aqueles outros pastores não ensinava crer nos Santos de Deus. E o Bispo findalizou a sua mensagem dizendo: “É necessário que nós cremos na mãe de Jesus, na Virgem Maria, nos Santos Apóstolos porque eles deram a vida por Jesus e sem eles nós não somos nada”. Isso foi o fechamento da mensagem do Bispo. Então o povo percebero... o povo percebeu sinceridade e outra coisa também, quando terminava as reuniões, ficava os pastor – o pessoal mais antigo da igreja se lembra disto, o Pastor Stancey, Trevisan e muitos aí, o irmão Gonçalves, que tem cinquenta e cinco anos no ministério do coro se lembra disso muito bem. Os pastores ficavam em frente aqui ó, do púlpito fazendo a imposição das mãos. O povo fazia fila. Eles dizia: “eu te abençoo em nome de Jesus, tenha saúde e paz”. Então, na hora que o Bispo ia colocar a mão dele, a Santa Vó colocava a dela em cima da mão do Bispo. Era aquela hora que a pessoa recebia o milagre. E quando o Bispo tava aqui na frente pra ver a fila, a fila dele aumentava, dos outros não aumentava, porque uns já falavam pra os outro: “cê tá doente, cê tá com pobema, vai na tenda, passa na fila. Os pastô impunha as mão, mas passa na fila do pastor Eurico, porque aqueles outros impõe as mãos e a pessoa sai no mesmo modo”. Aí já surgiu a conversa “Não é o pastor Eurico não, é aquela mulherzinha baixinha”, porque os irmãos se lembram, a Vó era baixinha, forte, bem forte, “é ela, quando ela põe a mão em cima da mão do pastor Eurico. É ela!” E o povo foram encostando pro lado da Santa Vó Rosa por causa da sua sinceridade também, porque a Vó, quando aqueles pastores que eu falei antes pregaram os quinze minutos que desceram do púlpito, eles ficaram assim em pé. Quando o pastor Eurico desceu, a Vó bateu no ombro do Pastor Eurico, do Bispo, e disse: “essa é a mensagem que a igreja precisa” e apontou pros outros [pastores]: “vocês são igual saco furado quando se põe areia. A mensagem, a palavra de vocês é assim. Não fica nada. Cai tudo por terra”. Entendeu irmãos? E o povo foro vendo a sinceridade dela e foram encostando pro lado dela. Mas não foi fácil, porque ela sempre foi contra o fanatismo. [sic]<sup>54</sup>

---

<sup>54</sup> Mensagem “*Histórias da Santa Vó Rosa*” pregada pelo pastor Antonio Martins de Almeida. A pregação foi publicada no *youtube* em 30 de outubro de 2015. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=cSDCyjsSs\\_E](https://www.youtube.com/watch?v=cSDCyjsSs_E) Acesso em: 23/07/2017 às 14h37m.

Como afirmou Antônio, Rosa, ainda na tenda, tinha o poder de decisão, pois entrou no meio dos pastores e instituiu regras, delimitando o tempo das pregações, que seriam de quinze minutos para cada pregador. Ela também sugeriu a Eurico que pregasse a fé em Maria (mãe de Jesus) e nos santos, sugestão aceita por ele. Como na tenda havia a prática da cura divina através da oração, num dos momentos de oração com a imposição das mãos, ao colocar as suas mãos sobre as mãos de Eurico, Rosa já começava a ser entendida como uma pessoa que fazia milagres. Como já se identificava nela o poder de cura, as pessoas procuravam a fila em que ela estava unida a Eurico. Como se viu na pregação, Rosa não concordava com atos considerados por ela fanáticos e, como Antônio diz, apesar de baixinha, era decidida, pois apontava para os outros e impunha sua crítica ao que considerava exagero. Ela começou, então, a demarcar seu lugar carismático no espaço religioso. Pontuar as práticas fanáticas requer um outro trabalho acadêmico, porque as críticas de Rosa aos “exageros” estão diluídas em toda a doutrina e cabe ao estudioso um desenvolvimento detalhado dessa questão. Lembramos que separamos como objeto de análise apenas o que a doutrina dá ênfase: a crença em Maria, nos santos e anjos; o forte teor escatológico e a disciplina moral.

Na fotografia adiante (figura 3), em que se vê um grupo de mulheres se ajuntando a Rosa para registrar o momento, provavelmente ainda na tenda, devido às estacas fincadas no chão, já é notório as vestes femininas que Rosa viria propor posteriormente como as mais adequadas para a doutrina apostólica. Para a futura doutrina, são vestes sadias que não corrompem o corpo/alma e que representam o aspecto feminino, em contraposição ao que é masculino e, também, a oposição aos novos estilos que surgiram no movimento de contracultura no Brasil, considerados pela doutrina como antimoralistas. Deve-se supor, também, que o tempo em que a foto foi tirada, ainda não configurava o período em que as regras das vestes foram impostas. A igreja já havia se separado da tenda quando as normas das vestes foram as últimas decisões tomadas por Rosa, pouco antes de sua morte. Portanto, creia-se que as roupas femininas longas que cobriam o corpo, já era uma moda da época e que era absorvida pelas mulheres. Pretende-se discutir mais detalhadamente sobre as problemáticas das regras morais, especialmente das vestes, em outro momento.

**Figura 3 - Rosa (com chapéu na mão) em meio aos fiéis ainda na tenda**



Fonte: *Facebook*<sup>55</sup> (Data não encontrada).

Na Igreja Apostólica – cujo nascimento, como vimos, se dá junto ao movimento de tendas e cujos atributos religiosos envolvem também os da segunda onda –, os futuros apostólicos não vão se reconhecer enquanto pentecostais. Assim como Cristo afirmava pregar os ensinamentos vindos do Céu, para a doutrina, trata-se de uma igreja instituída direta dos céus e não de uma criação humana, nem advinda de movimentos. É uma igreja rebelde, porque diz não se encaixar em movimentos, tem uma maior resistência à abertura à cultura de massa e ao consumo, se diferencia das demais e pouco transforma seus princípios moralistas com o passar do tempo.

---

<sup>55</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/igrejaapostolicadasantavorosa/photos/a.891129474265405.1073741829.851340188244334/1302534789791536/?type=3&theater>. Acesso em 11/07/2017 às 00h:05m.

Entretanto, Ricardo Bitun, ao identificar características de “remasterização” do movimento pentecostal, afirma que há rupturas e continuidades, proximidades e distanciamentos entre as práticas dos diversos movimentos e igrejas, especialmente em relação à permanência da cura divina na Igreja Mundial do Poder de Deus, dentre outras. Tomando o exemplo da permanência e ruptura dessa igreja, podemos observar esse jogo de separação e aproximação também na Igreja Apostólica. O pesquisador segue afirmando que entre os neopentecostais, a cura divina foi deixada de lado e substituída pela teologia da prosperidade, contudo na Igreja do Apóstolo Waldemiro, já citada, permaneceu com a prática da cura, que era ênfase das igrejas da segunda onda, mas com pequenas alterações. Bitun ainda afirma que “a cura não é algo novo”, pois no texto bíblico Jesus já manifestava o seu poder de cura a diversas enfermidades. Conforme afirma o autor, “não há rupturas totais nas sociedades humanas, mas continuidades retrabalhadas”.<sup>56</sup> Campos também acredita mais em uma “continuidade do que em ruptura com uma cultura popular carregada de traços pré-colombianos”.<sup>57</sup> Sérgio da Mata afirma que as religiões “universais” (budismo, hinduísmo, cristianismo, judaísmo e islamismo) continuam sendo vitais e os contatos interculturais “produziram-se sobreposições, escamoteamentos, reinterpretações, sínteses, hibridismos”.<sup>58</sup>

Ricardo Mariano assinala que parte dos adeptos e líderes da Igreja Mundial do Poder de Deus provém da Igreja Universal do Reino de Deus. E, mesmo desqualificando sua matriz – considerada por Mariano como uma forma de distinguilos, dar características originais e legitimar sua verdade –, a Mundial reproduziria e transmutaria estratégias evangelísticas da Universal, principalmente o uso do televangelismo e a promessa e oferta de soluções mágicas para resolver os problemas da clientela.<sup>59</sup> A mesma coisa ocorre com a Igreja Apostólica (da santa vó Rosa) quando esta nega seu surgimento através dos movimentos pentecostais, mas, ao mesmo tempo, conserva-se as estratégias anteriores.

A tendência à divisão, impetrada por vários autores, dos movimentos pentecostais em ondas ressalta as ênfases de cada época. Mas, por ela corre-se o risco de se perder de vista a interação entre os movimentos e igrejas. Há nesses uma grande capacidade de apropriação e transformação. Muitas igrejas forjam princípios através de

---

<sup>56</sup> BITUN, Op. Cit., 2009, p. 1.

<sup>57</sup> CAMPOS, Op. Cit., 2011, p. 523.

<sup>58</sup> MATA, Op. Cit., 2010, p. 18.

<sup>59</sup> MARIANO, Op. Cit., 2013, p. 132.

sua própria interpretação bíblica, como é o caso da Igreja Apostólica, mas também se mantem modos de entendimentos de outros grupos religiosos. Assim, para estudar essa igreja, além dos modelos comparativos, também seria interessante pensá-la por si mesma, pontuando suas particularidades, sem classificá-la em determinada tipologia, mas considerando igualmente as apropriações e rupturas desses movimentos ou de cada igreja advinda deles.

Os escritos da igreja informam que os ensinamentos da tenda eram marcados por “costumes protestantes”,<sup>60</sup> mas depois, com a entrada de Rosa e seu juízo quanto àquelas ideias, essas características protestantes passaram a ser interpretadas como repletas de fanatismo e as práticas da tenda foram pouco a pouco sendo retiradas<sup>61</sup>, ou, supõe-se, mescladas para a implantação da doutrina revelada por Jesus a Rosa e dela à igreja. Desse modo, “foi através da Santa Vó Rosa que Ele passou a ensinar Sua doutrina como deveria ser pregada e principalmente, mandou ensinar o povo a fé em Sua Mãe Maria Santíssima e nos Santos e nos Anjos, como pregamos atualmente”.<sup>62</sup>

Junto às mudanças e as novas propostas sugeridas a partir do entendimento de Rosa a Eurico, a Odete e supostamente a outros membros, houve a separação deles da tenda e a migração para outro espaço religioso. As reuniões passaram a ser feitas no salão alugado na Rua Tuiuti, ainda no bairro Tatuapé, em São Paulo. Nesse novo endereço, Rosa então foi ungida como diaconisa,<sup>63</sup> Eurico como bispo e Odete como

---

<sup>60</sup> Nos documentos, há pouca informação sobre o que poderia ser os “costumes protestantes”. Mas acreditamos que esses costumes são as práticas do movimento de tendas. Como Rosa tinha formação católica, ela percebeu esses costumes a partir de seu ponto de vista e julgou ser exagerados, propondo mudanças. Circula na memória dos fiéis que no início da Igreja Apostólica havia o bater de palmas depois das orações e dos hinos. Havia, também, a prática de expulsão de demônios e a prática da *glossolia* (falar em línguas). Depois, essas práticas foram extintas para não imitar as outras igrejas protestantes. É importante lembrar que a Igreja Apostólica não se identifica como igreja protestante e nem por nomeações como seita, evangélica e crente.

<sup>61</sup> “26 de outubro dia do Consolador”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 16h:13m]. (BERTONI, Aldo, p. 4). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

<sup>62</sup> “A origem da Igreja Apostólica, o início das suas atividades na Terra e seus fundamentos”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica (data não citada). [citado em 26 out. 2016; 14h:00m]. (Autor não citado, p. 1). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20ORIGEM%20DA%20IGREJA%20APOSTOLICA,%20O%20INICIO%20DAS%20SUAS%20ATIVIDADES%20NA%20TERRA%20.pdf>

<sup>63</sup> A diaconisa desempenha a função de organização e auxílio nas reuniões: limpeza da igreja, repor materiais faltosos, dar assistência ao pastor encarregado e aos membros, passar a “sacola” para coleta das ofertas (dízimos). Até pouco tempo atrás, as diaconisas, muitas vezes, subiam no púlpito – duas mulheres nas laterais com o pastor no centro – e ouviam os testemunhos de milagres dos fiéis que se enfileiravam diante das diaconisas. No púlpito, elas repassavam os relatos para toda a igreja. As diaconisas reproduziam, através de suas funções, o fazer doméstico de suas casas reservado à mulher, mas ao mesmo

missionária. Conta-se que Rosa não tinha interesse em cargos, mas queria uma igreja justa.<sup>64</sup>

Nas fotografias 4 e 5, a seguir, nota-se um outro espaço religioso nominado de *Tenda Apostólica de Deus – Cura Divina e Salvação*. Trata-se da Igreja Apostólica já em formação. Ainda se mantinha o nome de *Tenda*, mas já direciona o seu nome como *Apostólica*. As fotos 6 e 7 mostram uma placa ao fundo do púlpito inscrita com passagens bíblicas: “Jesus Christo é o mesmo hontem, e hoje, e eternamente” (Hebreus 13:8), “E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João 8:32). As passagens evidenciam a ênfase na pregação do texto bíblico. A igreja ainda não possuía uma doutrina propriamente apostólica (da santa vó Rosa). Foi depois da morte de Rosa que houve a colocação de duas mensagens em placas azuis com planos de fundo em nuvens, assim são: “Glória a Deus Pai, ao Espírito Santo, ao filho Jesus, a Mãe Virgem Maria Santíssima, à Santa Vó Rosa e ao Santo Irmão Aldo” e “Honra e Glória ao nome de Deus, nosso Pai e a Jesus Cristo seu filho amado”.<sup>65</sup> A mudança de enunciados nas placas da igreja, pode sugerir os resultados da inserção, por Rosa, de uma doutrina que glorifica uma santíssima trindade (O pai, o filho e o Espírito Santo), também a forte crença em Maria como santíssima, além da adoração dos santos da Igreja Apostólica.

---

tempo tomavam o lugar da palavra ocupado pelo pastor homem. Contudo, essa palavra é destinada a ouvir e reproduzir os testemunhos e não explicar doutrina. Os diáconos ou obreiros atuam como receptores nas entradas das igrejas, evitando a entrada de pessoas ou animais que causam tumultos.

<sup>64</sup> “A Santa Vó Rosa como Espírito Consolador usando o Irmão Aldo nunca falhou na sua missão”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 16h:20m]. (BERTONI, Aldo, p. 6). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

<sup>65</sup> Circular IA 005 – setembro 2015 (ver. 01). In: *Circular* [on line]. Igreja Apostólica, setembro, 2015. [citado em 09 Mai. 2017; 16h:20m]. (Conselho Deliberativo, p. 4). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/Circular%20005%20-%20Logomarca%20IA.rev01.pdf>



**Figura 4 - Tenda Apostólica de Deus – cura divina e salvação. O bispo Eurico se encontra a direita, junto aos fiéis**



Fonte: *Facebook*<sup>66</sup> (Data não encontrada)

<sup>66</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/igrejaapostolicadasantavorosa/photos/a.891129474265405.1073741829.851340188244334/1302533663124982/?type=3&theater> Acesso em 11/07/2017 às 00h:20m.



**Figura 5 - Tenda Apostólica de Deus – cura divina e salvação**



Fonte: *Blog Avante Povo Apostólico*.<sup>67</sup> (Data não encontrada)

---

<sup>67</sup> Disponível em: <http://avanteapostolico.blogspot.com.br/2015/08/reliquias-apostolicas.html> Acesso em 12/06/2016 às 13h:25m.

**Figura 6 - Bispo Eurico em pregação**



Fonte: *Facebook* <sup>68</sup>(Data não encontrada)

---

<sup>68</sup> Disponível em:  
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10205680237037101&set=pcb.10205680374280532&type=3&theater> Acesso em 22/09/2016 às 15h:35m.

**Figura 7 - Bispo Eurico em pregação**



Fonte: *Facebook* <sup>69</sup> (Data não encontrada)

---

<sup>69</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/igrejaapostolicadasantavorosa/photos/a.891129474265405.1073741829.851340188244334/1302535219791493/?type=3&theater> Acesso em 11/07/2017 às 00h:03m.



**Figura 8 - Bispo Eurico sendo ungido**



Fonte: *Facebook*<sup>70</sup> (Local e data não informados)

---

<sup>70</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/igrejaapostolicadasantavorosa/photos/a.891129474265405.1073741829.851340188244334/1302533626458319/?type=3&theater> Acesso em: 11/07/2017 às 00h:21m.

**Figura 9 - Eurico fazendo pregação**



Fonte: *Facebook*<sup>71</sup> (Local e data não informados)

Como se viu a ênfase na trindade nas placas que compõem os salões e a própria doutrina da igreja, Leonildo Campos afirma que, com a colocação de Rosa – quando foi anunciada como santa – numa posição divina tão importante, passa a haver “uma quaternidade onde havia a trindade”.<sup>72</sup> Entretanto, o trecho a seguir esclarece que o

---

<sup>71</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/igrejaapostolicadasantavorosa/photos/a.891129474265405.1073741829.851340188244334/1302535103124838/?type=3&theater> Acesso: 11/07/2017 às 00h:04m.

<sup>72</sup> CAMPOS, Op. Cit., 2011, p. 529.

Consolador não é o Espírito Santo que compõe a trindade, mas essencialmente suas virtudes, dons, como os ocorreu com os santos e profetas:

Esclarecemos ainda mais que o Consolador não é só o Espírito Santo do Pai isoladamente, o qual integra a Santíssima Trindade; Pai, Filho e Espírito Santo, mas sim suas virtudes, os seus dons e o seu poder manifesto através de um Santo, como esteve no passado com alguns profetas, com Jesus e, no presente, com a Santa Vó Rosa.<sup>73</sup>

As expressões utilizadas para nominar os fundadores da Igreja Apostólica como bispo, missionária e diaconisa ou diácono já eram seculares na tradição católica e foram apropriadas pelas igrejas protestantes, especialmente pelos movimentos pentecostais e neopentecostais. Na igreja Católica, esses cargos eram ocupados apenas por homens e têm suas funções e hierarquias. A Igreja Apostólica também se apropriou dessas terminologias para nominar seus membros que se ocupavam dos cargos. Há o bispo Eurico, a missionária Odete e Rosa como diaconisa. Com o passar do tempo, a igreja abandonou as nomeações de bispo e missionária, que eram dados a seus fundadores, mas permaneceram com o cargo de diaconisa ou diácono. Esses cargos também foram ocupados por mulheres. Na Igreja Apostólica, a única pregadora foi a missionária Odete. Ela fazia inúmeras pregações e era admirada pelos fiéis por sua sabedoria e domínio da oratória. Era, também, odiada por seu rigor, sua autoridade e suas lições de moral. Nas imagens 10 e 11, a missionária Odete está realizando a Santa Comunhão. Na imagem 11, Odete encontra-se em oração no meio dos pastores, todos homens. A imagem 12 mostra como Odete acompanhava seu companheiro, Eurico, em momentos de oração.

---

<sup>73</sup> “O ministério de Maria Santíssima, da Santa Vó Rosa e dos Santos e Anjos (2ª parte)”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 07 de agosto, 2010. [citado em 10 Out. 2017; 14h:49m]. (p. 1). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=36](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=36)

**Figura 10 - Santa Comunhão realizada por Odete**



Fonte: *Facebook*<sup>74</sup> (cerimônia ocorrida em dezembro de 1989)

---

<sup>74</sup> Figura 10: Disponível em:  
<https://www.facebook.com/813617685325904/photos/a.813858161968523.1073741828.813617685325904/908397095847962/?type=3&theater> Acesso em: 12/06/2016 às 14h:07m.



**Figura 11 - Santa Comunhão realizada por Odete**



Fonte: *Facebook*<sup>75</sup> (cerimônia ocorrida em dezembro de 1989)

---

<sup>75</sup> Figura 11: Disponível em:  
<https://www.facebook.com/813617685325904/photos/a.813858161968523.1073741828.813617685325904/908397345847937/?type=3&theater> Acesso em: 12/06/2016 às 15h:31m.



**Figura 12 - A missionária Odete e o bispo Eurico fazendo oração com uso do óleo ungido**



Fonte: *Facebook* <sup>76</sup> (Data não encontrada)

No caso da Igreja Apostólica, não há silêncio ou invisibilidade feminina na sua fundação ou construção doutrinária. Apesar de ser uma doutrina inspirada por ordens masculinas, dito Deus e Jesus, Rosa foi a responsável pela revelação dos princípios doutrinários e a missionária Odete foi uma pregadora de grande influência no meio apostólico. Depois da missionária Odete como pregadora, não houve mais pastoras, entretanto, há um grande número de mulheres regentes. Pode-se dizer que Rosa foi a principal fundadora da Igreja Apostólica, pois a partir dela criou-se uma doutrina.

Para Sérgio da Mata, a onda carismática pentecostal das Américas, a partir da metade do século XX, promove um receio nas instituições cristãs, pois enquanto que as comunidades eclesásticas querem democratizar estruturas sociais de fora para dentro, na corrente carismática pentecostal ocorre o oposto: o intuito é democratizar a experiência religiosa.<sup>77</sup> Observando a pontuação de da Mata sobre a democratização da

<sup>76</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/igrejaapostolicadasantavorosa/photos/a.891129474265405.1073741829.851340188244334/1302533939791621/?type=3&theater> Acesso em 11/07/2017 às 00h:14m.

<sup>77</sup> MATA, Op. Cit., 2010, p. 101.

experiência religiosa, é possível aproximar a participação de mulheres na organização da Igreja Apostólica.

Por um lado, Rosa era tida como uma mulher simples, ativa, vigilante, sábia, que servia a Jesus “com amor e dedicação”, era conselheira e defensora da igreja e de sua direção (Eurico e Odete), diz-se que os livrava de pessoas mal intencionadas (não convertidas) que ameaçavam a formação de “uma Igreja santa e fiel ao Evangelho do Reino dos Céus”.<sup>78</sup> Por outro lado, Rosa foi vista como uma pessoa autoritária, que vigiava a vida alheia e punia os que desobedeciam suas ordens. A tentativa, por ela, de convencimento da nova doutrina<sup>79</sup> também significou, para alguns, uma “atitude mesquinha”. Vê-se na entrevista do ex-adepto da igreja, Anselmo Melo, publicada no Centro Apologético Cristão de Pesquisa. Ele frequentou a instituição por vinte e cinco anos e que faz parte de uma família que presenciou os anos iniciais da igreja:

“Vó Rosa” era muito autoritária, até mais exigente que a missionária Odete e o esposo, Eurico, que era considerado bispo pelos adeptos. Rosa tinha o costume de vigiar a vida alheia e literalmente carregava uma fita métrica para medir as saias das irmãs. Se alguma irmã usasse uma saia com menos de dois dedos abaixo da ‘batata-da-perna’, ela punia. Ela se mostrava desequilibrada e exigia que as pessoas ao redor pensassem como ela. Realmente, sua morte foi um alívio para muita gente, pois muitos não mais suportavam sua atitude mesquinha.<sup>80</sup>

O período da separação espacial e doutrinária da tenda foi decisivo para a institucionalização da Igreja Apostólica propriamente, pois a partir de então, nesse novo espaço houve a primeira revelação de Jesus a Rosa por meio de um sonho. O sonho ocorreu quando a igreja estava no salão alugado na Rua Tuiuti, ainda no bairro Tatuapé.<sup>81</sup> No salão da rua Tuiuti, segundo o pastor Antônio, Rosa manteve-se com sua

---

<sup>78</sup> “Uma história de amor – 1ª parte”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 14 de outubro, 2009. [citado em 25 out. 2016; 18h:44m]. (BERTONI, Aldo, p. 1). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=202](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=202)

<sup>79</sup> A “nova doutrina” refere-se à doutrina apostólica propriamente, revelada por Rosa. A doutrina anterior a essa seria aquela relacionada aos costumes da tenda. O afastamento dos ditos “exageros” das práticas da tenda e a colocação da doutrina apostólica por Rosa – que não é vista pelos apostólicos como exagerada – constitui uma mudança de uma doutrina para outra mais nova, a apostólica.

<sup>80</sup> Entrevista com Anselmo Melo publicada pelo Centro Apologético Cristão de Pesquisa. [on line]. CACP. setembro, 2008. [citado em 23 jul. 2008; 13h:48m]. Disponível em: <http://www.cacp.org.br/a-vo-rosa-seria-o-espirito-consolador/>

<sup>81</sup> “Uma história de amor – 1ª parte”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 14 de outubro, 2009. [citado em 25 out. 2016; 18h:44m]. (BERTONI, Aldo, p. 1). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=202](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=202)

personalidade organizacional e quis formar uma igreja impondo ordens, sugerindo o abandono do que ela julgava ser fanatismo. Impunha ordens para os coristas, para o povo e até para os pastores:

Quer saber de uma coisa irmãos, eu não posso prolongar muito, mas olha, ela ensinou muito mesmo, muito... O primeiro órgão que essa igreja ganhou, o primeiro órgão, Santa Vó Rosa quebrou, lá na rua Tuiuti ó. O órgãozin véio, antigo. Quebrou assim por que? Porque tinha, irmãos e irmãs, que vinha correndo pra tocar o órgão, “você tocou ontem”, “você tocou antes de ontem”, “não, a vez é minha”. A mesma confusão. E a Vó nunca gostou dessas coisas. Então o quê que ela fez. Saiu da casa dela um dia, cedo. Ela não falou nada pra ninguém, porque o pessoal gostava muito dela, via a sinceridade, mas ela saiu cedo da casa dela, abriu a igreja, subiu lá em cima e quebrou o órgão. No outro dia, sempre tinha reunião todo dia. No outro dia subiram depressa pra mexer, “a vez é minha”, “a vez não”... “olha, não funciona” “ah, foi você que quebrou o órgão”, “não, foi você que quebrou”. Irmãos, a Santa Vó Rosa nunca apoiou fanatismo, de jeito nenhum. Por isso que ela sempre impôs as ordens que Jesus mostrava para ela. Não era só com os corista, com o povo... com os pastores também. Ela dizia: “você não cansa o povo, deixa quereno mais”. Era assim, entendeu irmãos. Era desse jeito. [Sic]<sup>82</sup>

Aqui percebe-se uma característica do fanatismo evitado por Rosa, ou seja, ela visualiza a disputa por posições na igreja como um ato de fanatismo e, logo, trata de evitá-la quando quebra o órgão. Até aqui, viu-se como Rosa, impregnada por seu entendimento religioso e no choque de suas ideias com outro movimento, já começava a formar a doutrina apostólica. Ela não atuou sozinha para organizar a nova igreja, mas juntamente com Eurico e Odete. Dando continuidade ao período inicial da Igreja Apostólica, veremos a seguir as revelações de Jesus a Rosa para a formação da doutrina propriamente.

### 1.3. O sonho, a nova doutrina e a separação da tenda

Informa-se que “era plano de Deus o Pai Criador formar daquele grupo o seu povo que precisaria ser dirigido pelos Céus”. Foi nessa situação e “no momento

---

<sup>82</sup> Mensagem “*Histórias da Santa Vó Rosa*” pregada pelo pastor Antônio Martins de Almeida. A pregação foi publicada no *youtube* em 30 de outubro de 2015. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=cSDCyjsSs\\_E](https://www.youtube.com/watch?v=cSDCyjsSs_E) Acesso em: 23/07/2017 às 14h:31m.

determinado pelo Pai, que Jesus apareceu em sonho para a santa vó Rosa”.<sup>83</sup> Aqui, já há um momento de separação dos eleitos, ou seja, aqueles que se adaptarem às novas regras comporão a arca salvífica no Juízo de Deus e desembarcarão no Reino dos Céus, onde gozarão da vida eterna prometida. Lembramos que as escolhas são sempre justificadas como planos de Deus e não humanos. A seguir, vê-se como se deu o sonho e o que se sucedeu a ele, ou seja, a inquietação de Rosa e, a partir dela e dos membros da direção, a institucionalização da igreja em 1954. O sonho foi um divisor de águas, pois teria resguardado uma possível tomada da instituição por outro membro, que não aceitava as determinações de Rosa, além de ter direcionado o futuro da igreja. Divulga-se o sonho dessa maneira:

A Santa Vó Rosa sonhou que estava sendo realizado um batismo numa lagoa que havia do outro lado da Rua Tuiuti, numa área onde não tinha casas e nem a Marginal do Tietê. Em dado momento o povo ali reunido sumiu da vista da nossa Vó Rosa que, muito preocupada, procurava onde poderiam ter ido os irmãos? Nisso lhe apareceu um Varão todo de branco que era Jesus, Nosso Senhor. A nossa Santa Vó Rosa não sabia quem era e indagou se Ele havia visto o nosso povo. Jesus respondeu dizendo: “*O seu povo está em perigo!*”. Seguidamente Nosso Senhor mostrou a Santa Vó Rosa que o perigo vinha de um Missionário americano que fazia parte do trabalho da Tenda. Esta pessoa estava nos Estados Unidos para onde viajara com intenção de arrecadar fundos para aquele trabalho, missão que ele não cumpriu. No entanto, não era plano de Jesus que aquele homem fizesse parte da Igreja que Ele iria iniciar através da Santa Vó Rosa, porque as ideias e entendimento deste homem eram contrários a doutrina e disciplina que seria dada a Igreja que iria surgir através da Santa Vó Rosa. Esta pessoa também não cria na Virgem Maria e nem nos Santos de Deus que são vivos e poderosos e que guardam os filhos de Deus.

Preocupada e inquieta com aquele sonho, a Santa Vó Rosa logo de manhã foi até a casa do Bispo Eurico e contou-lhe o que havia sonhado. O Bispo a acalmou dizendo que se tratava de um simples sonho e que não havia nenhum perigo para o povo. Porém, naquele exato momento, um funcionário do Correio entregou um telegrama no qual o tal missionário, mandava esperá-lo no Aeroporto, pois estava retornando ao Brasil. Assim foi que Jesus avisou, através da Santa Vó Rosa, do perigo que aquele homem representava para a obra Apostólica. Tempos depois este missionário e alguns obreiros e pastores que pensavam como ele, quiseram tomar a nossa Igreja das mãos da Direção que na ocasião era formada pela Santa Vó Rosa, pelo Bispo Eurico e a Missionária Odete, o que não aconteceu porque haviam sido prevenidos anteriormente e contavam com a sabedoria e com a segurança da Santa Vó Rosa para mantê-los unidos.

---

<sup>83</sup> “Uma história de amor – 1ª parte”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 14 de outubro, 2009. [citado em 25 out. 2016; 18h:44m]. (BERTONI, Aldo, p. 1). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=202](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=202)

Depois desse sonho, Jesus apareceu em Espírito a Santa Vó Rosa e a orientou que formasse a Direção da Igreja com os três – Ela, o Bispo e a Missionária – e que Ele iria dirigi-los por meio dEla. Também mandou mudar o nome daquele trabalho para “Igreja Apostólica” em homenagem aos seus Apóstolos.<sup>84</sup>

O sonho de Rosa com um homem de vestes brancas, que foi interpretado por ela como a figura do próprio Jesus, determinou a exclusão dos membros que não concordavam com a ideia dela. No sonho, o varão incógnito mostrou a Rosa que o perigo que cercava o povo da igreja vinha de um missionário norte americano que também compunha a tenda e que, naquele momento, estava nos Estados Unidos arrecadando fundos para a obra daquele trabalho.<sup>85</sup> Mas, os entendimentos do missionário “eram contrários a doutrina e disciplina que seria dada a Igreja”, pois ele “não cria na Virgem Maria e nem nos Santos de Deus”. Toda movimentação de Rosa para uma não tomada da instituição diante do sonho, foi entendido como “Dom de revelação e de profecia”, que foi fundamental para a construção de sua santidade e para a organização da instituição.<sup>86</sup>

A experiência onírica de Rosa é um dos primeiros indícios de aceitação dela enquanto uma profetisa. Ela começou a delinear seu lugar enquanto uma figura profética que revela os mistérios de Deus e prevê o que virá. Isso será mais visível num momento posterior. A revelação pelo sonho foi uma experiência percebida nos escritos bíblicos, pois nesses textos, Deus se revelava aos profetas escolhidos por Ele. As revelações, conforme estão expostas na Bíblia, se davam quando Deus cedia aos homens uma parte do Espírito Santo e eles começavam a profetizar. Como o próprio

---

<sup>84</sup> “Uma história de amor – 1ª parte”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 14 de outubro, 2009. [citado em 25 out. 2016; 18h:44m]. (BERTONI, Aldo, p. 1). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=202](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=202)

<sup>85</sup> “26 de outubro dia do Consolador”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 Out. 2016; 16h:13m]. (BERTONI, Aldo, p. 3-4). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

<sup>86</sup> O nome “Igreja Apostólica” teria sido dado a partir das ordens de Jesus a Rosa e dela à direção da igreja. O nome faz menção a um tempo passado, ao tempo dos apóstolos, onde “havia felicidade” e esta doutrina era pregada por Cristo. O nome é uma homenagem aos Santos Apóstolos. Atualmente, a instituição ainda possui essa denominação e diz-se manter a mesma doutrina através do “outro Consolador”, a santa vó Rosa. Para diferenciar essa igreja de outras instituições religiosas de nomes semelhantes, optou-se em utilizar entre parêntese (da santa vó Rosa). Ver em: “A origem da Igreja Apostólica, o início das suas atividades na Terra e seus fundamentos”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica (data não citada). [citado em 26 out. 2016; 14h:00m]. (Autor não citado, p. 3).

Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20ORIGEM%20DA%20IGREJA%20APOSTOLICA,%20O%20INICIO%20DAS%20SUAS%20ATIVIDADES%20NA%20TERRA%20.pdf>

texto bíblico mostra, as revelações podem acontecer através dos sonhos, em momentos de oração ou sob a forma de arrebatamentos. Alguns profetas têm a permissão de ver Deus face a face. Rosa foi uma profetisa que teve a oportunidade de ver a imagem de Deus e muitas de suas revelações se davam através dos arrebatamentos contínuos ao céu e ao mesmo tempo Jesus em espírito entrava no corpo dela, inconsciente, para conversar com o bispo e a missionária.

Rosa também foi profetiza. A profecia dela está, para nós, próxima do que Max Weber intitulou de profecia *ética e exemplar*. De acordo com Weber, o profeta é aquele “portador de um carisma puramente pessoal, o qual, em virtude de sua missão, anuncia uma doutrina religiosa ou mandado divino”.<sup>87</sup> Seria ele, então, “um portador de ‘revelações’ metafísicas ou ética religiosa”.<sup>88</sup> O profeta, assim como o mago carismático, “atua somente em virtude de seu dom pessoal”.<sup>89</sup> Mas, ele se distingue do mago pela maneira que “anuncia revelações substanciais e que a substância de sua missão não consiste em magia mas em doutrina ou mandamento”.<sup>90</sup> Dentre as várias categorias proféticas, a profecia *ética* seria quando o profeta anuncia um deus e a vontade dele (seja uma ordem concreta ou norma abstrata), além de exigir a obediência como dever ético. Quanto à profecia *exemplar*, o próprio ser se daria como exemplo, assim mostrando o caminho para a salvação.<sup>91</sup> Isso ocorreu na Igreja Apostólica com a profetiza Rosa: ela foi uma pessoa carismática e anunciadora de uma doutrina, revelou regras éticas e afirmou que se tratava de uma vontade divina. Exigia obediência, mas também se deu como exemplo a ser seguido para quem quisesse conquistar a salvação. Weber explica sobre como o profeta orienta a salvação a partir de um sentido homogêneo em meio à heterogeneidade:

Mas, tenha a profecia um caráter mais ético ou mais exemplar, a revelação profética significa sempre – e isto é o que todas têm em comum –, primeiro para o próprio profeta e, em seguida, para seus acólitos: uma visão homogênea da vida, considerando-se esta conscientemente de um ponto de vista que lhe atribui um *sentido homogêneo*. A vida e o mundo, os acontecimentos sociais e os

---

<sup>87</sup> WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2015, p. 303.

<sup>88</sup> WEBER, Op. Cit., 2015, p. 295.

<sup>89</sup> Idem, p. 303.

<sup>90</sup> Idem, ibidem.

<sup>91</sup> WEBER, Op. Cit., 2015, p. 308.

cósmicos, têm para o profeta determinado “sentido”, sistematicamente homogêneo, e o comportamento dos homens, para lhes trazer salvação, tem de se orientar por ele e, sobre esta base, assumir uma forma coerente e plena de significado. A estrutura desse “sentido” pode ser muito diversa e agregar numa unidade motivos que parecem logicamente heterogêneos, pois o que domina toda a concepção não é, em primeiro lugar, a consequência lógica mas as valorações práticas. Significa sempre, só que em graus diversos e com êxito diferente, uma tentativa de sistematização de todas as manifestações da vida, portanto, de coordenação do comportamento prático num *modo de viver*, qualquer que seja a forma que este adote em cada caso concreto. Além disso, traz consigo a importante concepção religiosa do “mundo” como um “cosmos” do qual se exige que constitua um “todo”, de algum modo ordenado segundo um “sentido”, e cujos fenômenos, cada um por si, são medidos e valorados por esse postulado. Todas as tensões mais fortes, tanto no modo de viver intrínseco quanto na relação externa para com o mundo, provém então da colisão deste mundo, como – segundo este postulado – um todo pleno de sentido, com as realidades empíricas.<sup>92</sup>

Para Sérgio da Mata, há a perda da centralidade das teorias da secularização, porque na modernidade ou contemporaneidade não houve um recuo progressivo do religioso. Para da Mata, especialmente a mitificação do poder político faz prolongar o religioso. O sagrado nunca se foi, estamos enredados de religião, seja em formas institucionais, políticas ou invisíveis.<sup>93</sup> O autor chama atenção para a vitalidade da religião na modernidade através do movimento pentecostal:

Das inúmeras evidências da vitalidade da religião na modernidade, o grande despertar evangélico e pentecostal das últimas décadas certamente nos é a mais familiar. Curiosamente, foi relativamente tarde que nossas ciências sociais deram-se conta dele. Os historiadores-teólogos deram mostras de estar atentos. Justamente na época em que o paradigma do “desencantamento do mundo” mais fazia adeptos, Ernst Benz estava a força do movimento pentecostal nos Estados Unidos, América Latina, África e Indonésia. Em 1974, cinco anos antes da revolução islâmica no Irã, escrevia Benz (1977, p. 137-138): “Esta tese [da “secularização”] não é concreta, e estou convicto do contrário não por motivos apologeticos, mas porque a coisa simplesmente não confere”. Quatro anos depois, o historiador Hans-Jürgen Prien dedicava especial atenção ao despertar pentecostal em sua ainda insuperada *História do cristianismo na América Latina* (1978)<sup>94</sup>

---

<sup>92</sup> WEBER, Op. cit., 2015, p. 310.

<sup>93</sup> MATA, Op. cit., 2010, pp 77-99.

<sup>94</sup> MATA, Op. cit., 2010, p. 88.

Quando se observa a doutrina apostólica e as manifestações de Rosa e seu sucessor em plena metade do século XX, além da atração das pessoas por esse discurso, é de se concordar com da Mata quanto ao fracasso das teorias da secularização. Rosa e a doutrina apostólica erigem-se com um discurso homogeneizador. A unidade e exclusividade da igreja em relação às demais no projeto salvífico, as regras e práticas padronizadoras da conduta e a pouca abertura às coisas do mundo terreno, promovem uma ordenação social. A religião é ambivalente, para Sérgio da Mata, porque é um recurso legitimador da ordem social, mas também de contestação social. Às vezes, harmoniza-se com o poder político, aceita a injustiça social atribuindo-a como “ordem natural” colocada por Deus. Mas também a religião tem a atitude de “comunismo de amor”, portanto o cristianismo é, ao mesmo tempo, revolucionário e conservador.<sup>95</sup>

O discurso homogeneizador, de acordo com Mircea Eliade, forneceria um ponto de apoio em meio a uma possível desordem. Conforme afirma o historiador das religiões, é a partir da *hierofania* (quando algo de sagrado nos revela ou se manifesta), da *teofania* (manifestação de Deus) ou mesmo de *sinais* (que põem fim à relatividade e à confusão) que se sacraliza um lugar. O sinal põe fim à tensão da relatividade e à ansiedade da desorientação para oferecer um ponto de apoio absoluto. Eliade esclarece que “a revelação de um espaço sagrado permite que se obtenha um ‘ponto fixo’, possibilitando, portanto, a orientação na homogeneidade caótica, a ‘fundação do mundo’, o viver real”.<sup>96</sup> O eixo – no caso a igreja em estudo – é um território diferente, “aberto para o alto”, dá ordem à desordem, fixa os limites, é um espaço de ligação entre o Céu e a Terra (rotura de nível), orienta ou decide a conduta, a partir dele forma-se um sentido e uma ordem para a vida dos que buscam o mundo santificado.<sup>97</sup> Eliade diz que ante qualquer perigo que ameasse essa ordem, logo se tem em vista o “caos”, a “desordem”, as “trevas”, onde “‘nosso mundo’ se afundará”, e a “reimersão num estado fluido, amorfo, enfim, caótico”.<sup>98</sup> A Igreja Apostólica e a própria Rosa seriam como que esse eixo que fixa a ordem, as condutas e as extremidades; seriam a ligação entre o Céu e a Terra.

---

<sup>95</sup> MATA, Op. Cit., p. 104, 2010.

<sup>96</sup> ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*: a essência das religiões. São Paulo, Martins Fontes. 1992, p. 27.

<sup>97</sup> ELIADE, Op. Cit., 1992.

<sup>98</sup> Idem, p. 48.



Ricardo Mariano assinala que no processo de institucionalização da religião pentecostal no século XX, a rotinização do carisma ocorreu mais na Assembleia de Deus e menos na Cristã do Brasil, pois a última permaneceu “sectária, exclusivista (considera-se única detentora da Verdade) e crítica acerca do que se passa no movimento pentecostal a sua volta”.<sup>99</sup> O carisma na Igreja Apostólica é extremamente discreto ao ponto de seus profetas não se exibirem tanto dentro ou fora do espaço religioso. A imagem dos profetas (Rosa e Aldo) não são expostas, mas suas ordens sim e apenas no espaço da igreja. A Apostólica também segue com as mesmas características, já citadas, da Congregação Cristã do Brasil, mas cada uma com suas regras e entendimentos específicos.

Já em 1954, a Igreja Apostólica começou a delinear seu território: demarcaram-se diferenças, resguardadas por novos entendimentos/ressignificações, e forjaram-se interditos para evitar comportamentos considerados perigosos na ordenação social, justificados pela dita experiência sagrada de Rosa. As práticas protestantes da tenda e o entendimento do missionário norte americano e outros membros, que, como dito anteriormente, são “contrários a doutrina e disciplina que seria dada a Igreja”, são pontos que evidenciam a presença da diferença que não representa o interesse do novo grupo. A diferença é criticada e encarada como anormalidade, uma quebra do modelo sugerido por Rosa. O sujeito com ideias diferentes é tido como uma ameaça à ordem pretendida. A atitude tomada por Rosa, após o sonho revelador, de registrar a igreja em cartório, pode ter sido motivada pela crença sincera no sonho ou uma estratégia estabelecida por ela diante de indícios de rivalidade que, possivelmente, fomentaria uma tomada da instituição por outros. Os discursos da igreja afirmam que não houve brigas quando se separaram da tenda e que essa egressão foi por espontânea vontade e por ordem divina.

A entrada de Rosa na tenda e, por conseguinte, a crítica dela ao movimento, também podem ser analisados ao inverso, uma vez que os membros da tenda, já arraigados por uma tradição protestante definida, tinham recebido a proposta dela com má fé. A doutrina sugerida por Rosa estaria entendida pelos membros que defendiam as práticas protestantes, como algo atrelado a outro tipo de pensamento religioso que até então aquele grupo manifestava de maneira oposta. Portanto, o sujeito anormal mudaria e passaria a ser a pessoa de Rosa. Desse modo, ela passou a ser compreendida como

---

<sup>99</sup> MARIANO, 2014, p. 24.

uma figura polarizadora da inquietação do meio, levando o outro, que pertencia ao meio, a compartilhar do que ela opinara, a partilhar das ideias do que optou a trazer ocasiões desconfortantes àquele primeiro ambiente.

A constante vigília da vida dos fiéis e a exclusão dos que não se adaptavam à doutrina apostólica esteve presente no governo de Rosa e Aldo. Veja-se, de início, como a igreja constrói seu espaço salvífico composto por pessoas consideradas santas, excluindo sem ressalvas os que dizem ser contaminados pelo mal:

Um membro da IA é geralmente policiado, qualquer problema que chegasse aos ouvidos da “Vó Rosa”, ou da missionária Odete, era suficiente para declarar exclusão, antes mesmo de conferir ao membro o direito de resposta. Geralmente diziam que – após a morte de “Vó Rosa” – ela havia aparecido ao primaz e declarado que tal membro deveria ser excluído. Quando os membros têm problemas familiares buscam a ajuda do primaz Aldo.<sup>100</sup>

A atitude de vigiar uns aos outros foi também uma prática conservada pela Igreja Apostólica e que é comum em igrejas advindas da segunda onda pentecostal, dentre outros movimentos. Ricardo Mariano, em análise da disfuncionalidade da austeridade pentecostal, aponta que a vida dos membros das comunidades protestantes é influenciada pelo legalismo<sup>101</sup>, deixando-os um povo separado. A busca pela justiça divina para aqueles que desviam das regras produz, segundo Mariano, uma característica “repressiva” da igreja e também de “auto-repressão” do fiel:

Nas igrejas mais austeras a temporada de “caça às bruxas” está sempre aberta. Com estímulos fornecidos pelo clima repressor e pela própria auto-repressão do fiel, que por isso mesmo anseia ressentidamente por justiça, os desviantes, muitas vezes delatados por seus irmãos, são vítimas de admoestações, punições e até de exclusões. Segundo dissidentes da Deus é Amor (eles próprios vítimas ressentidas), tais práticas são usuais nessa denominação. Além das delações, são igualmente frequentes os comentários maldosos, pouco fraternais, que invariavelmente chegam aos ouvidos do pastor, de que certo fiel, na surdina, teria burlado determinado preceito, cometido algum pecado, feito coisas impróprias.<sup>102</sup>

---

<sup>100</sup> Entrevista com Anselmo Melo publicada pelo Centro Apologético Cristão de Pesquisa. [on line]. CACP. Setembro, 2008. [citado em 23 jul. 2008; 13h:48m]. Disponível em: <http://www.cacp.org.br/a-vo-rosa-seria-o-espirito-consolador/>

<sup>101</sup> Segundo Mariano, os “‘usos e costumes’ é a expressão utilizada pelos pentecostais para referir ao rigorismo legalista, às restrições ao vestuário, uso de bijuterias, produtos de beleza, corte de cabelo e a diversos tabus comportamentais existentes em seu meio religioso”. MARIANO, Op. Cit., 2014, p. 187.

<sup>102</sup> Idem, p. 199.

Adiante, em análise detalhada do conceito de poder em Michel Foucault, perceberemos que ao contrário de um poder repressivo verificado por Mariano, na verdade trata-se de um poder organizado em conjunto e não de cima para baixo como num ato repressivo apenas. A repressão existe, mas localiza-se no estado terminal da organização do poder. No trecho anterior, Mariano ressalta as práticas das delações que fazem com que o poder seja sustentado tanto de cima quanto de baixo, e até mostra a resistência quando o fiel burla a regra. Entretanto, o autor não analisa especificamente a questão do poder nessas instituições, como faremos nessa pesquisa. Acreditamos ser importante lançar o olhar do historiador para avançarmos nas questões religiosas. Outra questão importante é que a ideia de disfuncionalidade da austeridade pentecostal é problemática, uma vez que os pentecostais foram vistos com preconceito e foram julgados como fanáticos. Portanto se há uma busca pelos fieis por tais princípios legalistas e severos, significa que seja uma escolha a ser seguida e vivida. Entretanto, não descartamos o clima repressor, principalmente entre os jovens, muitas vezes obrigados a seguir as rigorosas leis pelos pais e familiares.

O vigiar, além de compor o ser de Deus, é uma estratégia de se manter incorruptível diante das tentações mundanas. No século XX, a vigília permanece no meio religioso e, conforme explica Mariano, a constante vigília também pode gerar conflitos intrarreligiosos e intrafamiliares, podendo levar a “neuroses e patologias diversas”. A Igreja Apostólica sempre manteve o discurso da união entre seus membros. O constante pedido de união pode sugerir a forte tendência a uma desunião, ou seja, a presença de inúmeras brigas internas, de rancores individuais, disputas e resistências. A missionária Odete em suas rigorosas mensagens pedia sempre para que os irmãos parassem de zombar uns aos outros, pois era pecado. Até um certo tempo, a igreja manteve o recurso chamado de *Comunicados*, em que os fiéis vigiavam uns aos outros e, se descobrissem algo fora da doutrina/disciplina, podiam enviar uma carta à sede dando informação sobre o desvio do membro para a avaliação da direção. Caso os profetas encontrassem algum desvio em sua consulta divina, logo a punição ou exclusão era certa. Trata-se esse de um sistema de delações, muito semelhante àquelas identificadas por Ricardo Mariano na Igreja Deus é Amor. Na Igreja Apostólica, muitos membros foram expulsos devido à entrega de outros, o que ocasionava o eterno rancor pelo outro ou pela igreja.

No governo de Aldo, para que o fiel pudesse fazer parte do coral da igreja, era preciso o envio de cartas à sede com o pedido. A solicitação era avaliada pelo profeta Aldo, que sabia de tudo, e retornado à igreja filial com a resposta. Ele averiguava em suas meditações a índole do fiel, caso o membro tenha uma vida que não estava de acordo com a doutrina e disciplina – como ter televisão, beber bebidas alcóolicas, usar vestes fora das normas, ter comportamento considerado mundano, frequentar ambientes pecaminosos, etc –, logo a resposta seria não. Ao saber da resposta do santo profeta, o membro, então, passava por constrangimentos e muitos entendiam que havia algo de errado sendo praticado por ele. Os familiares sondavam o desviante para detectar o motivo da rejeição do profeta. Os irmãos perdoados e os excluídos eram anunciados através dos Boletins Internos Oficiais durante as reuniões, agravando assim o constrangimento. No Boletim nº 2.123 de 10 de junho de 1999, mostra como era anunciado a exclusão e inclusão dos que desviavam da doutrina/disciplina da igreja:

EXCLUÍDOS: ITUIUTABA, Denilson das Graças Moreira; TAQUARA, Hildo Bortolotti.

PERDOADOS: BELA VISTA, Adilson de Souza Santos e Izalena Siqueira dos Santos; CAMPO GRANDE, Roque Dias da Costa e Mariuza de Assis Silva da Costa; CHAPECÓ, Rosimar Camargo e Rosilene Pereira Camargo; PONTA GROSSA, Rosângela Moraes; SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, Ademilson Aparecido Ferreira e Maria Praxedes Alves Ferreira; XANXERE, Jacir Damarat e Luci Nunes Damarat.

PROIBIDA A ENTRADA: DA SEDE, Rodrigo Souza Garcia Alves.<sup>103</sup>

No Boletim nº 2.756 de 27 de outubro de 2011, vê-se como o rigor era direcionado ao trajo dos noivos, sob a ameaça de não realização dos casamentos: “Caso o noivo ou a noiva se apresente para a cerimônia em desacordo com a disciplina apostólica, o casamento religioso não será realizado, nem mesmo sob qualquer justificativa ou insistência dos noivos ou de seus pais”.<sup>104</sup>

No ano 2000, uma noiva foi barrada na porta da igreja matriz, em São Paulo; foi impedida de se casar, porque não estava adequada à disciplina da igreja. O acontecimento foi relatado em jornais e mídia televisiva:

---

<sup>103</sup> Boletim Interno Oficial nº 2.123. 10 de junho de 1999.

<sup>104</sup> Boletim Interno Oficial nº 2.756. 27 de outubro de 2011.

A noiva está maquiada demais! Este foi o argumento utilizado pelo pastor Carlos Alberto Trevisan para não realizar o casamento de Adriano Nesetale Leal de Azevedo, de 26 anos, com Simara dos Santos Soares Azevedo, 22, na igreja localizada à rua Baguari, 58, Tatuapé, zona leste de São Paulo.

Porém, em decisão inédita, a Justiça brasileira condenou tanto o pastor como a Igreja Apostólica a pagar indenização de 300 salários mínimos (R\$ 60 mil) por danos morais ao casal. Segundo o juiz Guilherme Santini Teodoro, da 4ª Vara Cível, a atitude de Trevisan impôs aos noivos “dor moral, angústia e constrangimento”, além de ter sido “injusta a recusa de realização da cerimônia do casamento religioso”.

O fato foi registrado na tarde de 24 de junho de 2000. Mais de 300 convidados lotavam a igreja para acompanhar o casamento, quando Simara chegou maquiada e foi recepcionada por Trevisan, que determinou à noiva que retirasse o batom e “limpasse” o rosto.

Sem discutir, Simara obedeceu a determinação, mas, ainda assim, o pastor falou que não realizaria a cerimônia e, se ela quisesse casar, que se dirigisse até a Igreja Católica localizada na rua de trás. “Você não vai entrar e eu não vou fazer seu casamento”. Para Adriano, que aguardava a noiva no altar, Trevisan pediu para que, disfarçadamente, deixasse o local, pois havia mandado Simara embora. “Se não quiser passar vergonha, sai de lado. Vou dispensar os convidados”.

O pastor também classificou o vestido da noiva como “decotado demais”. Procurando concretizar o sonho de se casar no religioso, Simara, que foi criada na Igreja, implorava para haver a celebração, dizendo que tiraria toda a maquiagem, bem como entraria com um xale para esconder o vestido. Determinado, porém, Trevisan expulsou convidados e noivos, fechando a porta da Igreja.

“Simara humilhou-se para que não houvesse um constrangimento maior. Ela se prontificou a remover a maquiagem, colocar um xale, mas este pastor teve um comportamento extraordinariamente estúpido”, contou o advogado dos noivos, Walter Wolmes Biondo. “Foi um abuso em cima do sentimento de uma pessoa”, acrescentou.

O pastor se recusou ao comentar o assunto. “Sei que está rolando um processo, mas não tenho conhecimento da condenação. (...) Prefiro não falar nada”, disse Trevisan ao Último Segundo. Para o juiz, defendeu-se, afirmando que os próprios noivos causaram o incidente e que, além disso, Simara teria atrasado mais de 15 minutos, o que permitiria a suspensão do casamento.

Teodoro concluiu, porém, que “noivas costumam atrasar”, não sendo esse um bom motivo para a cerimônia ser suspensa e que Simara estava decentemente trajada, como provam as fotos incluídas no processo. Biondo pediu ainda indenização por danos materiais, mas o juiz entendeu que, como a festa de casamento foi feita, as “despesas reverteram em benefício do próprio casal”.

Adriano e Simara, até hoje, são casados apenas no civil. A Igreja e o pastor podem ainda entrar com recurso junto ao Tribunal de Justiça.

105

---

<sup>105</sup> O site católico *Veritatis Splendor*: Memória e Ortodoxia Cristãs, buscou essa informação no Jornal Virtual IG/Último Segundo – 29/10/2002 – 21h10m – por Camila Nascimento. Disponível em: <http://www.veritatis.com.br/leitor-pergunta-sobre-a-igreja-apostolica-da-santa-vo-rosa/>. Acesso em: 23/07/2017 às 14h:00m.

Nota-se, por esse caso, como a Igreja delimitou seu espaço salvífico, separando os disciplinados para o seu meio e excluindo os indisciplinados. Seu rigor legalista expresso em sistemas de inclusão e exclusão é muito semelhante à sociabilidade bíblica (com leis divinas) e que os pentecostais absorveram com muita força esse modo de viver. Como optamos, posteriormente, em analisar as questões das estratégias de poder, é importante dizer que a vigília, os efeitos das respostas das cartas ao profeta, os comunicados, a exposição dos desviantes nos boletins e a punição diante do desvio, já se constituem estratégias de organização do poder tal qual Michel Foucault sugere, ou seja, numa relação recíproca entre membros e líderes.

#### 1.4. Os arrebatamentos da santa vó Rosa

Após o sonho, Rosa passou a ser, frequentemente, arrebatada em espírito até o Reino dos Céus. Essa ocasião é reconhecida como o tempo do preparo de Rosa para realizar sua futura missão de santa e espírito consolador. O preparo dela durou cerca de dezesseis anos, de 1954 a 1970. Durante todo esse tempo, ela via Jesus e ele a conduzia até a presença de toda corte celestial, onde Rosa conversava com divindades importantes. No Céu, “ela recebia a benção de Deus e ficava com Maria Santíssima, com os apóstolos, que admiravam Sua sabedoria e as respostas que lhes dava, quanto às Suas perguntas sobre a Sua pessoa e a Igreja na Terra”.<sup>106</sup> Foram-lhe apresentados, também, os mistérios de Deus, especialmente quando seu espírito foi levado às profundezas dos oceanos e em muitas regiões celestiais. Os escritos afirmam que Rosa guardou a sua missão de santa em segredo, e mesmo já sendo identificada por alguns como santa, foi só depois de sua morte que anunciaram sua santidade. Sobre suas experiências de arrebatamento fala-se:

Entretanto, naquele período de 16 anos do Seu governo diante da Igreja, Jesus a fim de prepará-la e dar-lhe todo o poder, para exercer no futuro Sua missão de Santa poderosa. Passou a arrebatá-la Seu espírito aos céus toda a semana, onde Ela ouvia e via coisas maravilhosas e belíssimas que não é permitido a criatura humana ver

---

<sup>106</sup> “A Santa Vó Rosa como Espírito Consolador usando o Irmão Aldo nunca falhou na sua missão”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 16h:20m]. (BERTONI, Aldo, p. 7).

Disponível em:  
<http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

ou ouvir, sem que tenha uma missão muito especial a cumprir na obra de Deus aqui na Terra.

Sempre que era levada aos Céus por Jesus, Ele a conduzia diante de Deus o Pai, para receber a Sua bênção e depois ficava na companhia de Maria Santíssima; outras vezes na companhia dos Santos Apóstolos, onde São Pedro lhe contava fatos importantes, no tempo em que Jesus esteve nas terras da Judéia, aonde o Santo Apóstolo foi testemunha de muitos fatos importantes que ele participou e presenciou ao lado do Divino Mestre e lhes serviu de lição e preparo para o seu ministério de Apóstolo de Nosso Senhor.

Ela conheceu muitas regiões celestiais de beleza sem par, ouviu uma vez que Jesus ordenou a São Pedro, que a levasse em Espírito ao fundo dos Oceanos, aonde nenhuma criatura humana foi e nunca irá. Viu coisas lindas e belas, viu como uma floresta que seria uma reserva para alimento dos peixes. Foi assim que Jesus Nosso Senhor revelou toda a vontade soberana de Deus Nosso Pai à Santa Vó Rosa de forma original, exatamente como profetizou o Senhor, quando se referiu ao outro Consolador, ao dizer assim: “Ele (o Consolador) não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido de mim e de meu Pai, e vos guiará em toda a verdade”.

Entretanto, Deus o Pai, permitiu que Jesus lhe mostrasse todos os mistérios que eram precisos revelar-lhe, para o Seu conhecimento e aperfeiçoamento da missão que Ela iria realizar no futuro. Foi lhe mostrado a grandeza do Seu Reino e muitos mistérios desconhecidos dos homens no Universo e nas profundezas dos Oceanos, mas a ninguém contou. Ela era muito humilde e não havia em Seu Espírito nenhum sentimento de orgulho, vaidade e grandeza, mas de nobreza e simplicidade. Nunca se orgulhou do que viu e ouviu e sempre foi sigilosa e muito fiel a Jesus, jamais o negou, mas sempre lhe foi submissa e dedicada e nunca se vangloriou de nada neste mundo, por isso foi digna de ser o que Ela é no Concerto Angelical ao lado de Jesus e de Maria Santíssima.<sup>107</sup>

Quando Rosa era arrebatada, toda semana, ao Céu, São Pedro era o que mais gostava de lhe fazer perguntas. Por ordem de Jesus, ele foi o responsável por levá-la ao fundo dos oceanos:

São Pedro lhe contava muitos fatos interessantes, no tempo em que Jesus esteve aqui na Terra; que não estão registrados no Evangelho que serviram de lição ao Santo Apóstolo, para o futuro da obra do Divino Mestre e a formação da Igreja dos Santos Apóstolos.

---

<sup>107</sup> “A origem da Igreja Apostólica, o início das suas atividades na Terra e seus fundamentos”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica (data não citada). [citado em 26 out. 2016; 14h:00m]. (Autor não citado, p. 5-6). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20ORIGEM%20DA%20IGREJA%20APOSTOLICA,%20O%20INICIO%20DAS%20SUAS%20ATIVIDADES%20NA%20TERRA%20.pdf>

E numa certa vez, por ordem de Jesus, ele a levou em espírito, ao fundo do Oceano, aonde nenhum homem nunca foi; e Ela viu belezas e riquezas incalculáveis, nunca vista por um ser humano.<sup>108</sup>

Os frequentes arrebatamentos de Rosa eram ocorridos em momentos de meditação e escritos em cooperação com os membros da direção, Eurico e Odete. Ela era arrebatada em espírito toda semana para aprender a doutrina que diz ser instituída dos Céus e se preparar para ser santa. Diz-se que no Céu, a corte celestial admirava sua vivacidade, suas virtudes e sabedoria, por isso, escolheram ela para ocupar o posto de santidade. A experiência sagrada de Rosa, ou seja, o período do seu preparo para ser o outro espírito consolador, é entendida como um sinal do fim dos tempos. É nesse instante que começa a configurar os discursos doutrinários e dentro deles elabora-se sua concepção escatológica.

A ideia de fim dos tempos encontra-se no centro de toda a composição doutrinária da Igreja Apostólica (da santa vó Rosa), sendo a formação da igreja, as regras morais e os sacramentos sempre voltados para essa ideia de um fim último, ou seja, a salvação durante ou não do juízo final. Lembra-se que o motivo do preparo de Rosa é exatamente para dar a oportunidade de salvação nos tempos de decadência da humanidade, seria o momento em que Deus daria a oportunidade de regeneração para uma não total condenação. Jacques Le Goff afirma que “a maior parte das religiões deu origem a escrituras ou a oráculos e profecias orais, a quem a divindade revela os seus próprios segredos”,<sup>109</sup> o que nesse caso seria a santa vó Rosa.

Somente a partir de 1970, com a morte de Rosa, seus discursos se concretizaram ao anunciá-la como santa e espírito consolador por Aldo. A partir de então, Rosa passou a ser a principal figura escatológica da Igreja Apostólica e seus ensinamentos são direcionados ao pensamento de um fim que está sempre próximo. Veja-se como a constante afirmação de um apocalipse era divulgado pelos membros da direção:

A missionária Odete, que ainda está viva, e tem mais de 80 anos, tem afirmado com autoridade profética que não morrerá, mas será arrebatada com a igreja. Em diversas reuniões ela tem declarado que

---

<sup>108</sup> “Como se deu início, a formação moral, espiritual e intelectual da Santa Vó Rosa”. In: *Doutrina* [online]. Igreja Apostólica, 26 de outubro, 2005. [citado em 15 maio 2017; 04h:42m]. (BERTONI, Aldo, p. 3). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=53](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=53)

<sup>109</sup> LE GOFF, Op. Cit., 2013, p. 317.



verá o Arrebatamento. Isso tem causado muita expectativa nos membros.<sup>110</sup>

O arrebatamento mencionado, nessa citação, significa a elevação definitiva da Igreja Apostólica (os fiéis e os bons de coração) ao Céu, durante a consumação dos tempos. Veja-se como se enraizou os discursos sobre o fim dos tempos nessa denominação religiosa. A ideia de um apocalipse entranha na vida dos que creem na doutrina, obtendo um imaginário calcado num fim próximo, onde o mundo dá pistas sobre o seu aniquilamento, especialmente com o surgimento de doenças, o desenrolar de guerras, os desastres naturais, dentre outros eventos que simbolizam a queda, a decadência da humanidade. É informado que a escolha de Rosa para ser o outro Consolador seria, justamente, para consolar as dores no momento que os sinais do fim aumentassem. Por isso que a constante divulgação de um fim do mundo, que está sempre próximo, como diz o entrevistado Anselmo, produz expectativa aos membros.

A expectativa gerada pela espera do fim é interessante, pois o tempo da espera pode despertar a angústia e o medo, junto à esperança de um futuro magnífico. Todo esse conjunto de emoções e percepções sugerem a oscilação do corpo, da alma e da socialização. Por isso, Le Goff chama a atenção para o estudo da espera na escatologia. Conforme o historiador francês, “a escatologia foi-se aperfeiçoando através de escritos de natureza profética que descreviam um *apokalypsis*, ‘revelação’, dos acontecimentos do fim dos tempos”.<sup>111</sup> Ela refere-se “por um lado, ao destino último do indivíduo e, por outro, ao da coletividade – humanidade, universo”.<sup>112</sup> O historiador francês acrescenta que se trata não apenas de um fim, mas de “fins últimos” coletivos e o fim individual depende do destino universal. A escatologia individual tem importância quando se tem a ideia de salvação, pois trata-se “de um julgamento depois da morte, da ressurreição e da vida eterna, da imortalidade”.<sup>113</sup>

Le Goff apresenta algumas das diversas escatologias, especialmente a que nos interessa, a cristã, composta pela oposição entre paraíso e inferno:

---

<sup>110</sup> Entrevista com Anselmo Melo publicada pelo Centro Apologético Cristão de Pesquisa. [on line]. CACP. Setembro, 2008. [citado em 23 Jul. 2008; 13h:48m]. Disponível em: <http://www.cacp.org.br/a-vo-rosa-seria-o-espirito-consolador/>

<sup>111</sup> LE GOFF, Op. Cit., 2013, p. 302.

<sup>112</sup> Idem, p. 301.

<sup>113</sup> Idem, ibidem.

Na religião do Egito antigo e na religião cristã, a tônica é posta no julgamento; o hinduísmo e o catarismo acreditam na migração das almas, a metempsicose, enquanto a maior parte das religiões professa a crença numa sobrevivência individual única, envolvendo o corpo e a alma (mas, no cristianismo, a alma é imortal, enquanto o corpo só se reencontrará na Ressurreição). A sobrevivência no Além pode ser concebida de uma maneira semelhante à da vida terrestre (Islã), mas, na maior parte das vezes, o Além, em função do julgamento, tem um caráter de alegria ou de dor. A Antiguidade greco-romana fez da morada das sombras um lugar de trevas e tristeza – o Hades –, apesar de prometer aos heróis os Campos Elísios, que eram mais serenos. Na Suméria, o Além apresenta-se sob a forma de um “país sem retorno”, tão sombrio como terrífico. Em contrapartida, o outro mundo celta é um mundo de prazer para o corpo e a alma, tal como Walhalla germânico, reservado, no entanto, aos deuses e aos heróis. O cristianismo, ligando estritamente a vida terrena e a vida eterna, distinguiu um lugar de castigo, o Inferno, de um lugar de recompensa, o Paraíso, inventando depois um além temporário intermediário, o Purgatório (geralmente recusado pelos cristãos gregos, depois por muitos heréticos medievais e, finalmente, pelos protestantes). O budismo prevê, no termo de uma longa ascese, um paraíso de total distanciamento, o *nirvãna*.<sup>114</sup>

Le Goff afirma que com a formação de várias doutrinas, como é o caso desta em estudo, tornou-se muito complexo formular um conceito para escatologia, pois é preciso fazer precisões e distinções. Contudo, para o autor, “são em grande parte conceitos e ideias nascidos no quadro da escatologia judaico-cristã”.<sup>115</sup> A escatologia da Igreja Apostólica não se desviou dessa tradição. O próprio preparo de Rosa, quando era arrebatada, pode sugerir uma escatologia ligada aos milenarismos e messianismos da tradição judaico-cristã, onde um personagem sagrado ajuda na preparação para a consumação dos séculos. Assim afirma Le Goff sobre essas tendências:

As concepções escatológicas colocam, muitas vezes, entre o Aquém atual e o Além do fim dos tempos, um longo período aqui em baixo, que é uma espécie de prefiguração terrestre desse Além. Esta nova era, esta instalação do Céu na Terra (*heavens on Earth*) deve, segundo o Apocalipse (20, 1-5), durar “mil anos”, número simbólico que indica uma longa duração subtraída ao desenrolar normal do tempo. Este Milênio deu nome a toda uma série de crenças, de teorias, de movimentos orientados para o desejo, a espera, a ativação dessa era: são os *milenarismos* (ou, segundo o grego, *chiliasmos*). Muitas vezes, o aparecimento desta era está ligado à vinda de um salvador, de um guia sagrado que ajuda a preparação para o fim dos tempos, deus ou homem, ou homem-deus, chamado Messias na tradição judaico-cristã,

---

<sup>114</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>115</sup> Idem, p. 302.

derivando daí o nome de *messianismos* dado aos milenarismos, ou movimentos similares, centrados em uma personagem.<sup>116</sup>

A doutrina apostólica apresenta similaridades a essa tradição, pois tem sua figura que prepara para salvação antes do fim, a santa vó Rosa. Ela instala uma parte do Céu na Terra, que é a Igreja Apostólica, e virá no momento do fim junto ao filho de Deus. Mas, Le Goff lembra que “o milenarismo se centra sobre a parte do ‘fim dos tempos’ que precede o fim propriamente dito; o seu programa é quase fatalmente político e religioso e, muitas vezes, confunde estes dois níveis”.<sup>117</sup> Na Igreja Apostólica, é difícil separar sua doutrina/disciplina do que é programa político humano ou sagrado, porque as regras moralizadoras próprias da época fundem-se com os princípios doutrinários advindos do Céu. Há, portanto, um imaginário apocalíptico complexo, ligado às características da época e ao sagrado.

Mircea Eliade destaca que o sentido escatológico não é próprio apenas da esfera religiosa, mas esteve presente em outras movimentações. No comunismo, a sociedade sem classes de Marx e o fim das tensões históricas tem precedente no mito da Idade do Ouro, que caracteriza o começo e o fim da História. Portanto, aqui estaria uma ideologia messiânica judaico-cristã, pelo profetismo que atribuiu ao proletariado e pela luta final entre o Bem e o Mal (Cristo e anticristo). Para Eliade, até mesmo nos movimentos antirreligiosos há comportamentos religiosos camuflados. No nudismo ou movimentos a favor da liberdade sexual, ideologias onde há a nostalgia do Paraíso, o desejo de restabelecer-se no estado anterior à queda.<sup>118</sup>

## 1.5. O crescimento da Igreja Apostólica

Ainda sobre a formação da Igreja Apostólica, no início esta tinha no máximo cento e cinquenta pessoas e ainda era pouco conhecida. Com o passar do tempo, aos poucos, a igreja foi crescendo e, fala-se, “aperfeiçoando” seu trabalho.<sup>119</sup> O “aperfeiçoar” significa uma doutrina cada vez mais próxima da doutrina apostólica

---

<sup>116</sup> Idem, p. 302-303.

<sup>117</sup> Idem, p. 303.

<sup>118</sup> ELIADE, Op. Cit., p. 168-169, 1992.

<sup>119</sup> Santa Vó Rosa Rainha dos Céus e Divino Consolador. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 05 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 17h27m]. (BERTONI, Aldo, p. 8-9). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

revelada por Rosa e cada vez mais afastada daquele movimento anterior e de outras práticas não aceitas. Fala-se que, no início, houve um sacrifício muito grande para manter a igreja, pois, como mostra a citação a seguir, era preciso dinheiro, que se dizia ter sido escasso, para o aluguel do imóvel da rua Tuiuti. Rosa e seus membros “fizeram sacrifício” para conseguir manter as reuniões. Com o passar do tempo, a igreja passou a ter um programa de meia hora por semana na Rádio Clube, em Santo André – São Paulo. Conforme já foi dito, a Igreja Apostólica apropriou-se do rádio para divulgar sua doutrina. Ricardo Mariano afirma que o rádio, “por sectarismo ou considerá-lo mundano e diabólico”, não foi utilizado pelas igrejas que marcaram a primeira onda pentecostal (Assembleia de Deus e Congregação Cristã).<sup>120</sup> Foi a partir da década de 1950 que o rádio começou a ser utilizado como meio de evangelização, especialmente, no caso da Igreja Apostólica, com o objetivo de penetrar sua doutrina em regiões ainda não alcançadas, para assim adquirir fiéis e diz-se salvar almas. As reuniões presenciais da Igreja Apostólica eram feitas todas as noites e duas vezes por semana, à tarde. O número de fiéis foi crescendo e, ao mesmo tempo, deu-se início às perseguições a Rosa, devido ao seu dom de revelar:

O primeiro salão alugado foi o da Rua Tuiuti, entretanto, o proprietário só alugava, se pagasse dois meses adiantados. Porém, a maioria sem recursos e juntos com a Santa Vó fizeram sacrifício para juntar o dinheiro dos dois meses de aluguel como foi exigido. Passamos a ter um programa de meia hora, uma vez por semana na Rádio Clube de Santo André e foi assim, prezados irmãos, que iniciou a nossa Igreja.

As reuniões eram realizadas todas às noites e duas vezes por semana a tarde. Começou a vir muita gente, mas uma grande parte do povo, só vinha querendo orações, pois na época, eram feitas orações com imposição das mãos. Como o nosso trabalho foi crescendo e Jesus já tinha tomado conta da Santa Vó Rosa, mandando pregar sobre o poder da Virgem Maria e dos Santos e Anjos, foi despertando a fé nos visitantes e nos ouvintes. A inveja tomou conta daqueles que tentavam imitar o nosso trabalho, porém não conseguiam. Daí começou a luta contra a nossa Igreja e contra a Santa Vó Rosa. A Inveja maior deles era o dom que Ela possuía de revelação.<sup>121</sup>

---

<sup>120</sup> MARIANO, Op. Cit., 2014, p. 30.

<sup>121</sup> A Santa Vó Rosa como Espírito Consolador usando o Irmão Aldo nunca falhou na sua missão. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 16h:20m]. (BERTONI, Aldo, p. 7). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

A igreja cresceu em número de adeptos e, conforme afirma-se, despertou cobiça aos membros de outras denominações religiosas. Também se nota que Rosa já era reconhecida pelo seu “dom de discernir” o que era benéfico e maléfico e diziam que ela fazia tudo com “perfeição”, por isso fala-se que ela foi invejada e desprezada. Houve um grupo que a perseguiu com a finalidade de prejudicá-la e tirá-la da igreja.<sup>122</sup>

Rosa sofreu uma tentativa de rapto, mas no ato do rapto informa-se que Rosa foi salva pela intervenção divina. Foi quando dois homens tentaram agarrá-la e Jesus endureceu o braço de um deles, deixando-o com sequelas incuráveis. Divulga-se, também, que algumas pessoas mandavam espiões para causar desconforto nas reuniões, mas afirma-se que Rosa era “sábua” e resolvia os problemas:

Certa vez tentaram raptá-la, quando ela se dirigia à casa do Bispo na Rua Jacirendi. Dois homens tentaram agarrá-la. Ela conseguiu escapar, porém um deles Jesus lhe endureceu o braço e ficou muito tempo assim. Seus companheiros oravam e jejuavam, para curá-lo, mas não conseguiram. Como não deu certo o que queriam, começaram a mandar espiões, para criar confusão e escândalo na hora da reunião, mas Jesus avisava a Santa Vó Rosa, lhe mostrando as pessoas, e Ela ia direto nelas, e com sabedoria, anulava seus planos e mandava-os embora. Esta luta durou alguns anos, até que desanimados e vencidos, mudaram-se para outro Bairro.<sup>123</sup>

É verificável, nesse período, o embate religioso. Muitas igrejas ou membros, na falta de um ideal de tolerância, entravam em conflito uns com os outros. Criavam-se rivalidades e travavam-se lutas em nome de suas verdades. Infiltravam-se espiões, observavam e copiavam ideias, absorviam outras doutrinas para criticá-las e provocavam desconforto. A formação inicial da Igreja Apostólica foi conflituosa, assim como o movimento de tendas, pois este, para Ricardo Mariano, causou “escândalo e reações adversas por toda parte” e chamou “a atenção da imprensa, que os ridicularizava e os acusava de charlatanismo e curandeirismo”.<sup>124</sup>

---

<sup>122</sup> A Santa Vó Rosa como Espírito Consolador usando o Irmão Aldo nunca falhou na sua missão. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 16h:20m]. (BERTONI, Aldo, p. 6-7). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

<sup>123</sup> A Santa Vó Rosa como Espírito Consolador usando o Irmão Aldo nunca falhou na sua missão. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 16h:20m]. (BERTONI, Aldo, p. 7). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

<sup>124</sup> MARIANO, Op. Cit., 2014, p. 30.

Os imóveis da Igreja Apostólica foram crescendo. Rosa mandou instalar um escritório da igreja na casa de Eurico e colocou funcionários para mantê-lo. Também construiu um estúdio para gravação do programa de rádio Hora Milagrosa, que passou a ter duas transmissões na Rádio Tupi. Compraram o terreno onde futuramente seria construída a Sede da instituição.<sup>125</sup>

**Figura 13 - Crescimento da igreja**



Fonte: *Facebook* <sup>126</sup>

<sup>125</sup> A Santa Vó Rosa como Espírito Consolador usando o Irmão Aldo nunca falhou na sua missão. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 16h:20m]. (BERTONI, Aldo, p. 7). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

<sup>126</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/igrejaapostolicadasantavorosa/photos/a.891129474265405.1073741829.851340188244334/1302534573124891/?type=3&theater> Acesso em 11/07/2017 às 00h:06m.

**Figura 14 - Coro da Igreja Apostólica**



Fonte: Facebook <sup>127</sup>

Diante de toda movimentação promovida por Rosa e sua direção, justificada pelas experiências dela com Jesus, seja através das revelações dele, em sonho ou pessoalmente, percebe-se uma “luta” para inserir as novas orientações de Jesus por meio de Rosa. A nova doutrina seria “crer em Maria Santíssima como Santa poderosa e que pregassem a fé nos Santos e nos Anjos”. Houve, assim, a difícil retirada de “todos os costumes errados daquele povo” – costumes protestantes considerados errôneos –; entretanto, as crenças e práticas daquele movimento persistiam, porque alguns pregadores mantinham “o fanatismo e o exagero” no ato de pregar, além da direção ver com maus olhos aqueles pastores que ainda se faziam de profetas. Desse modo, “a Igreja passou a compreender que o verdadeiro filho de Deus deve ser santo como Santo é o nosso Deus e Pai, não só num determinado dia, mas em todos os dias de seu

---

<sup>127</sup>Disponível em:

<https://www.facebook.com/igrejaapostolicadasantavorosa/photos/a.891129474265405.1073741829.851340188244334/1302534543124894/?type=3&theater> Acesso em 11/07/2017 às 00h08m.

viver”<sup>128</sup> Divulga-se que a ideia de adoração às figuras santas, como Maria e outros, e a indução a santificação do corpo e alma, foram ensinamentos trazidos por Jesus através de Rosa. A liturgia também foi alvo de transformações. Todo esse período de mudanças durou cerca de dezesseis anos (1954-1970), quando Jesus esteve preparando Rosa:

As primeiras medidas que Jesus e seu Pai tomaram em relação ao ensino da Sua doutrina, foi sobre a fé em Maria Santíssima e qual realmente a Sua função nos Céus como Rainha e protetora dos filhos de Deus e nos Santos e Anjos. Deveriam ensinar a Igreja, sobre o poder que eles receberam para ajudar Seu povo na Terra, como legítimos protetores e auxiliares; e, que exerceriam este ministério com todo o poder e virtude do Espírito Santo de Deus o Pai.

Da mesma forma ensinassem sobre a Santificação da alma, e do amor ao próximo. Outra medida importante de Jesus foi sobre a liturgia ou o modo de realizar os trabalhos da Igreja; proibiu todos os excessos, exageros e todo o fanatismo, oriundo dos costumes que surgiram nos meios religiosos e que alguns que frequentavam a nossa Igreja no princípio, possuíam e queriam implantar em nosso meio.

A nossa Igreja, teve uma transformação extraordinária, graças à Santa Vó Rosa e as medidas perfeitas e justas que Ela tomou para aperfeiçoar a Igreja, de acordo com a vontade de Jesus Nosso Senhor. Este período, desde as revelações até a sua glorificação como o Espírito Consolador, durou 16 anos. Durante este período, toda a base dos fundamentos doutrinários do Novo testamento, recebeu uma revelação perfeita, atualizada e original que foram revelados por Jesus à Sua Serva, tirando todas as dúvidas de diversas partes da doutrina.

Além disso, tirando todas as dúvidas que dividia o Cristianismo e a fé legítima e verdadeira no Poder de Deus e de Sua Santa Vontade. Isto porque, nos Céus, não existe divisão e nem várias doutrinas, mas uma só, pois Deus é imutável e Sua lei é eterna, justa e verdadeira.<sup>129</sup>

Nota-se no contexto ainda da tenda, também no sonho e nos arrebatamentos, que Maria, mãe de Jesus, é entendida como uma mulher adornada de grande santidade e poder de intervenção e intercessão entre o plano terreno e sagrado. Há, também, a inserção da crença nos santos, que mais tarde será fundamental para se formular o entendimento de Rosa enquanto santa e o espírito consolador da promessa de Jesus e, ainda, embasar os ideais de santidade para os fiéis. Com a influência de Rosa e as possíveis orientações de Jesus a ela, foi possível a inserção de novas práticas como a

---

<sup>128</sup> Uma história de amor – 3ª parte. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 14 de outubro, 2009. [citado em 25 Out. 2016; 18h:58m]. (BERTONI, Aldo, p. 1). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=204](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=204)

<sup>129</sup> “A origem da Igreja Apostólica, o início das suas atividades na Terra e seus fundamentos”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica (data não citada). [citado em 26 out. 2016; 14h:00m]. (Autor não citado, p. 3). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20ORIGEM%20DA%20IGREJA%20APOSTOLICA,%20O%20INICIO%20DAS%20SUAS%20ATIVIDADES%20NA%20TERRA%20.pdf>



santa comunhão, a transubstanciação dos elementos, o modo como deve ser feito o atismo, a consagração de crianças, o casamento, a unção de ubreiros, ofício fúnebre, o batismo com o espírito santo (que segundo Rosa, era ensinado pelas outras igrejas de maneira fanática), a santificação e a purificação do espírito, dentre outros.<sup>130</sup> Criava-se, assim, uma igreja a partir do entendimento de Rosa.

**Figura 15 - Dia de batismo**



Fonte: *Facebook* <sup>131</sup> (Data e local não encontrados)

<sup>130</sup> “Uma história de amor – 2ª parte”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 14 de outubro, 2009. [citado em 25 out. 2016; 18h:53m]. (BERTONI, Aldo, p. 1). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=203](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=203)

<sup>131</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/igrejaapostolicadasantavorosa/photos/a.891129474265405.1073741829.851340188244334/1302533769791638/?type=3&theater> Acesso em: 11/07/2017 às 00h:19m.

**Figura 16 - Dia de batismo**



Fonte: *Facebook* <sup>132</sup>

---

<sup>132</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/igrejaapostolicadasantavorosa/photos/a.891129474265405.1073741829.851340188244334/1302535059791509/?type=3&theater> Acesso em: 11/07/2017 às 00h:02m.



**Figura 17 - Dia de batismo**



Fonte: *Facebook* <sup>133</sup>

---

<sup>133</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/igrejaapostolicadasantavorosa/photos/a.891129474265405.1073741829.851340188244334/1302533896458292/?type=3&theater> Acesso em: 11/07/2017 às 00h:16m.

**Figura 18 - Dia de batismo**



Fonte: *Facebook* <sup>134</sup>

---

<sup>134</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/igrejaapostolicadasantavorosa/photos/a.891129474265405.1073741829.851340188244334/1302534489791566/?type=3&theater> Acesso em: 11/07/2017 às 00h:09m.



**Figura 19 - Dia de batismo**



Fonte: *Facebook* <sup>135</sup>

---

<sup>135</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/igrejaapostolicadasantavorosa/photos/a.891129474265405.1073741829.851340188244334/1302534246458257/?type=3&theater> Acesso em: 11/07/2017 às 00h:11m.

**Figura 20 - Dia de batismo**



Fonte: *Facebook* <sup>136</sup>

---

<sup>136</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/igrejaapostolicadasantavorosa/photos/a.891129474265405.1073741829.851340188244334/1302534173124931/?type=3&theater> Acesso em: 11/07/2017 às 00h:12m.

**Figura 21 - Dia de batismo**



Fonte: Blog <sup>137</sup>

### 1.6. A missão da Igreja Apostólica e de seus santos: anunciar o fim dos tempos

Os escritos da Igreja Apostólica (da santa vó Rosa) afirmam que sua origem é divina e seus ensinamentos são vindos diretos do Céu.<sup>138</sup> Como já foi dito, todas as escolhas da instituição são justificadas como ordem divina e não humana. Até a fundação da igreja é divulgada como uma ordem divina para dar oportunidade de salvação. Divulga-se que a doutrina apostólica é pregada desde o tempo em que Jesus estava na Terra, o tempo dos apóstolos, e sua restauração no tempo presente, em São Paulo, seria para anunciar o fim dos tempos e dar oportunidade de salvação.

A justificação dada pela igreja quanto ao seu ressurgimento no século XX perfaz um discurso mítico do retorno às origens. Mircea Eliade afirma que “o mito conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do

---

<sup>137</sup> Disponível em: <http://avanteapostolico.blogspot.com.br/2015/08/reliquias-apostolicas.html>  
Acesso em 12/06/2016 às 13h:35m.

<sup>138</sup> As glórias do Consolador: a origem divina da igreja, a segunda vinda de Jesus e o Ministério do Irmão Aldo. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 16h25m]. (BERTONI, Aldo, p. 9). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>



tempo, *ab initio*”.<sup>139</sup> O autor afirma que essa história sagrada equivale à revelação de um mistério, pois os personagens dos mitos são deuses ou heróis civilizadores e não seres humanos. Proclamar ou revelar um mito torna-o uma verdade absoluta e expõe uma realidade. As iniciativas humanas fora do modelo mítico são consideradas profanas, vãs, aberrantes, irreais.<sup>140</sup> Sabendo da importância divina da santa vó Rosa na Igreja Apostólica, entendemos que ela é uma figura que reatualiza o momento de origem (quando Jesus pregava essa doutrina no seu tempo). As atitudes de Cristo, dos apóstolos e do povo de Deus nesse tempo deve ser imitada pelos apostólicos na igreja em estudo, pois foi um tempo de ouro, muito feliz. A restauração da igreja, então, reatualiza o começo da doutrina apostólica.

Em analogia a um ideal apostólico pregado dentro da Igreja Católica, no século XII, a Igreja Apostólica (da santa vó Rosa) apostou nessa empreitada de uma volta à igreja primitiva perfeita, adotando todos princípios já utilizados pela outra igreja. Assim como muitos monges se colocavam como sucessores dos apóstolos e os encarnavam, a santa vó Rosa seria a anunciadora do fim, desempenhando a continuação da obra de Jesus na Terra, pois ela revelou à humanidade a “doutrina perfeita”, para dar a oportunidade de salvação em tempos de decadência da humanidade. Assim fala o pastor Trevisan sobre o surgimento sagrado da igreja e da santa:

Eu me lembro uma vez, estava na casa dela, e eu fiz uma pergunta. Eu disse: “Vó, como é que a senhora conseguiu formar esta igreja tão santa nesta época onde há tanta corrupção e tanta confusão no mundo”. Então ela me deu uma explicação tão linda, irmãos, que pra mim foi uma verdadeira aula e eu nunca mais esqueci. E ela me disse: “olha meu filho, eu nasci pra isso, eu já nasci dotada dessas virtudes. Não só com o dom de discernir, mas de muitas virtudes. E Deus também me concedeu um físico muito forte e um cérebro perfeito. Então eu te digo, não fui eu que consegui formar a igreja porque a nossa igreja é de Deus. Esta igreja não nasceu por vontade minha, por vontade de homem, por vontade de ninguém. Também não surgiu por divisão de outras. E não surgiu por brigas, mas surgiu por vontade exclusiva de Deus e quando ele quis, porque eu já nasci predestinada, com virtudes próprias, mas acontece que a minha vida sempre foi um ministério, porque na primeira parte da minha vida eu precisei dar provas a Jesus, que ele poderia confiar em mim e que eu estava

---

<sup>139</sup> ELIADE, Op. Cit.,1992, p. 84.

<sup>140</sup> Idem, 1992.



aguardando as virtudes que Deus me deu no fundo da minha alma, com muito respeito e com muita fé.<sup>141</sup>

A missão da igreja, então, é anunciar o fim dos tempos, ou seja, pregar sobre a vinda de Jesus, que virá unido ao outro consolador, para aplicar o juízo de Deus. A volta de Cristo acompanhado da santa vó Rosa seria o momento de dar ao povo eleito e separado as benesses prometidas, no Reino dos Céus. Todos aqueles que obedeceram a doutrina e a disciplina, como também aqueles que, mesmo estando fora da igreja, foram bons de coração, experimentarão o galardão celestial.

A ideia dos eleitos é difundida pela doutrina. Segundo Aldo Bertoni, tanto a escolha de Rosa quanto a dele como profetas, e mesmo o momento de restauração da Igreja, não foram por coincidência, mas foi uma decisão de Deus. Os escolhidos não escolhem a sua função, mas são chamados. No caso de Aldo, ele não pertencia à igreja, mas foi chamado por Rosa numa aparição a ele para dirigi-la.<sup>142</sup> Tanto a formação da igreja quanto a escolha dos profetas são decisões divinas, com suas devidas missões. Max Weber lembra que “é específico nos profetas que assumam não por serem encarregados pelos homens, mas por usurpação”, isto é, “em virtude de revelação divina e preponderantemente para fins religiosos”.<sup>143</sup>

No momento da colocação da doutrina apostólica, houve a necessidade de apresentar algumas provas de que sua “origem” é divina. As evidências estão relacionadas à vida da santa vó Rosa e a forma como Jesus se manifestou a ela para a formação da Igreja. Segundo Weber, Jesus exerceu o poder do carisma profético e mágico. Na época apostólica e pós-apostólica, o profeta ambulante “profissional” era um fenômeno regular. Nisso, exigia-se dele a prova da existência dos dons do espírito e de capacidades mágicas ou extáticas; assim também era com vários profetas do Antigo Testamento.<sup>144</sup>

Na Igreja Apostólica, as provas perpassam o momento em que Rosa, depois de sua morte, teria aparecido em espírito a Aldo Bertoni para informar sua santidade e o

---

<sup>141</sup> Mensagem do Pastor Trevisan, “Histórias da Igreja Apostólica – parte II – O Ministério da Santa Vó Rosa”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o8pkCic0UxQ> Acesso em: 26/05/2017 às 15h:30m.

<sup>142</sup> “Santa Vó Rosa Rainha dos Céus e Divino Consolador”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 05 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 17h:27m]. (BERTONI, Aldo, p. 9). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

<sup>143</sup> WEBER, Op. Cit., 2015, p. 306.

<sup>144</sup> Idem, p. 304.

futuro governo da igreja. Vários escritos mostram como, naqueles tempos de restauração, era preciso provar que Rosa tinha uma missão especial; e “Ele Jesus deu várias provas à Igreja, uma delas é a unção que lhe concedeu com o Óleo Santo do Divino Espírito do Pai, vindo do Céu e diante de muitas testemunhas”.<sup>145</sup> As provas foram realizadas com o “Óleo Santo”, que, segundo esses escritos, num primeiro momento era expelido pelas mãos de Rosa, durante momentos de oração junto com outros membros. Diz-se que a primeira vez em que ela foi ungida foi por Jesus, com o perfumado “Óleo Santo”, durante uma noite de vigília na casa dela, em 1957. Tudo aconteceu diante de algumas testemunhas. Depois de alguns anos, os momentos de unção ocorreram nas reuniões diante de obreiros, pastores e diaconisas. Assim narra-se esse momento:

A primeira vez foi diante de um grupo pequeno, de umas oito pessoas mais ou menos, no ano de 1957. Ela convidou alguns obreiros para virem em sua casa numa noite, para orarem fazendo vigília, inclusive Ela convidou o pastor Solyom que na época era diácono e hoje é a única testemunha presente entre nós deste fato que vou lhes narrar. De joelhos eles oravam, era de madrugada, quando a Santa Vó Rosa, foi ungida por Jesus e Ela chamou a atenção daquele grupo, mostrando que das suas mãos vertia com abundância o Óleo Santo vindo do Céu, e lhes disse o seguinte: “Este óleo é a unção e a virtude do Espírito Santo”. Quatro anos depois, diante da reunião do ministério que era realizada mensalmente, quando Ela estava ao lado do púlpito e o Bispo orava, novamente Jesus a ungiu diante dos obreiros. Em outra ocasião, após ter preparado a Santa Comunhão para a reunião da noite, Ela pediu que aquele grupo de obreiros, pastores e diaconisas marchassem diante dEla, cantando o Hino Sempre Unidos. A certa altura, começou verter de suas mãos o óleo da unção Divina de Jesus. Foi um momento muito precioso para vários obreiros que a amavam e criam no seu grande poder e procuravam pôr nos seus lenços um pouco daquele óleo que exalava um perfume suave, que tomou conta daquele lugar.<sup>146</sup>

---

<sup>145</sup> “As glórias do Consolador: a origem divina da igreja, a segunda vinda de Jesus e o Ministério do Irmão Aldo”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 16h:25m]. (BERTONI, Aldo, p. 10). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

<sup>146</sup> “As glórias do Consolador: a origem divina da igreja, a segunda vinda de Jesus e o Ministério do Irmão Aldo”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 16h:25m]. (BERTONI, Aldo, p. 10-11). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

A unção com óleo santo também ocorria entre os jovens da Igreja, em momentos separados das reuniões. O pastor Trevisan recorda de quando ainda era jovem e presenciava os momentos de unção de Rosa. Muitos jovens, quando percebiam a presença do óleo, logo corriam com seus lenços até Rosa para encharcá-los de óleo santo. O pastor lembra que Rosa ficava com uma varinha, dita simbólica, nas mãos e pedia aos jovens para marcharem na Igreja cantando o hino “Sempre unidos”. Nesse momento, os jovens perceberam também os momentos de interdição divina sobre o corpo de Rosa, especialmente quando observavam o crescimento e a mudança de cor dos olhos dela durante a marcha; depois, informou-se que se tratava de uma cura de catarata de que ela sofria realizada por Jesus. Vemos na pregação do pastor Trevisan sobre como Rosa tinha a capacidade de percepção do modo de ser do outro, além da vida comunitária desejada por ela e sua capacidade mágica. Ainda o apego pelas substâncias sagradas, a presença dos *Comunicados* (sistema de delações entre fieis) e como Jesus usava o corpo de Rosa para falar com o bispo Eurico e a missionária Odete.<sup>147</sup>

Na fala de Trevisan, exposta no anexo I, percebe-se como se davam os arrebatamentos de Rosa, isto é, um espírito (diziam ser Jesus) a levava para o Céu e ele entrava no corpo dela para falar com a direção, Eurico e Odete.<sup>148</sup> E, também, sobre como há nessa igreja, assim como Weber define, uma “magia racionalizada simbolicamente”,<sup>149</sup> pois esses discursos forjam momentos em que a santa vó Rosa, ainda em vida, atuava com seus suprapoderes – a mudança física dos olhos, o odor santo, os milagres e especialmente a unção pelo óleo santo – e utilizava de símbolos, que já significam algo, para melhor convencer os fiéis. Sendo assim, no ato mágico, racionaliza-se a composição simbólica já existente, como é o caso da unção pelo óleo. Portanto, a crença num deus universal não elimina as ideias mágicas. Sobre essa questão, afirma Weber:

---

<sup>147</sup> Mensagem pregada pelo pastor Trevisan na “Reunião de oração” em 13/07/2017, na Sede da Igreja em São Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I4etpfmVFz8&feature=share> Acesso em: 14/07/2017 às 15h:57m.

<sup>148</sup> A informação sobre como Jesus usava o corpo de Rosa é muito difícil de ser vista nos discursos. Além dessa citação será exposta apenas mais outra fonte sobre tal experiência sagrada.

<sup>149</sup> A magia seria para Weber uma “coação mágica, daquelas formas de relações com os poderes supra-sensíveis que se manifestam como ‘religião’ e ‘culto’ em súplicas, sacrifícios e veneração” (WEBER, Op. Cit., 2015, p. 293).

De fato, a segurança da magia, uma vez comprovada, é muito maior do que o efeito da veneração de um deus não mais influenciável por meios mágicos por ser demasiadamente poderoso. A concepção dos poderes “supra-sensíveis” divinos, mesmo como um deus universal, não elimina, assim, por si, as antigas ideias mágicas (nem no cristianismo).<sup>150</sup>

Um outro momento de unção pelo óleo divino, para provar a escolha e a missão de Rosa na Terra, foi na ocasião em que se velava o corpo dela na matriz da igreja, em 1970: “E quando a Igreja velava Seu corpo Santo na Matriz da Rua Tuiuti, no terceiro dia, os que estavam próximos ao corpo da Santa Vó Rosa, sentiram um perfume maravilhoso e viram que da Sua frente vertia o Óleo da unção do Divino Espírito”.<sup>151</sup> Rosa foi ungida várias vezes para provar que sua divindade” é a “semelhança de Jesus”, e “Ela também recebeu do Pai, todo o poder do Seu Espírito, para ungir e batizar com o Espírito Santo”.<sup>152</sup> Ela teria o poder de curar, libertar, proteger e guiar ao Reino de Deus.

Os novos grupos religiosos assimilaram e manipularam outras simbologias de outros, especialmente o óleo, água, pão, etc. Como já falamos anteriormente, assim como há rupturas nas expressões religiosas, há também continuidades em relação a um tempo bem remoto. André Vauchez afirma que entre o século VIII e IX, a Igreja Católica se esforçou para criar uma sacralidade difusa na religiosidade popular. Dessa maneira, ao lado da liturgia eucarística, havia as paraliturgias, onde as mais importantes eram as bênçãos e os exorcismos. Vauchez acrescenta que “pronunciavam-se fórmulas especiais sobre a água, o pão, o vinho, o óleo e os frutos, os barcos, as redes de pesca etc. Outras garantiam proteção contra as calamidades naturais, os animais ferozes, os perigos das viagens”.<sup>153</sup> Para o autor, através dos ritos, impregnava-se de religião o

---

<sup>150</sup> WEBER, Op. Cit., 2015, p. 292.

<sup>151</sup> “As glórias do Consolador: a origem divina da igreja, a segunda vinda de Jesus e o Ministério do Irmão Aldo”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 16h:25m]. (BERTONI, Aldo, p. 11). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

<sup>152</sup> “As glórias do Consolador: a origem divina da igreja, a segunda vinda de Jesus e o Ministério do Irmão Aldo”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 16h:25m]. (BERTONI, Aldo, p. 11).

Disponível em:

<http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

<sup>153</sup> VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média ocidental: séculos VIII a XIII*. Rio de Janeiro, Editora Jorge Zahar. 1995, p. 26.

cotidiano dos fiéis e dava poder mágico aos ritos, dando-lhes maior importância.<sup>154</sup> A Igreja Apostólica também possui seus componentes litúrgicos muito próximos dessa tradição, especialmente a unção com óleo e água ungidos, dentre outros. Esses elementos, além de pertencerem ao cotidiano apostólico, ganham a característica mágica com as experiências de Rosa já citadas. Quando se volta à Idade Média para relacionar a igreja daquela época com a instituição em estudo, pode-se cair no anacronismo. Entretanto, acreditamos na importância deste risco ao estudar as religiões, uma vez que os discursos religiosos de longa data são constantemente reatualizados para a organização de religiões novas.

O perfume suave que tomou conta da igreja no momento do velório de Rosa, também, é uma ocorrência semelhante na abertura da sepultura de São Tomás de Aquino, na passagem do século XIII para o XIV. Igor Salomão Teixeira afirma que quando transportaram o corpo do mestre e santo católico para outro espaço, depois de sete meses de sua morte, a exalação de fragrância intensa e suave (odor da santidade) foi sentido por todos os monges do mosteiro de Fossanova. O cheiro prevaleceu por vários dias, se repetia de sete em sete anos, e foi divulgado como “um armário cheio de aromas”. As roupas do santo estavam intactas, o corpo se encontrava forte, grande e gordo. Não se apresentava em decomposição como de um morto comum, mas emanava um odor suave agradável, que logo foi entendido como manifestação de pureza e incorrupção do santo, logo um milagre.<sup>155</sup> O odor santo também é verificado no velório de Rosa e foi entendido, assim como na abertura da sepultura de Tomás de Aquino, como uma prova de sua santidade. É importante dizer, também, que na memória de alguns fiéis, há a ideia de que o corpo de Rosa está como foi enterrado, assim como o de Tomás de Aquino no imaginário que lhe compete. Jean Delumeau aponta que os relatos e literaturas eclesiásticas sobre perfumes com suavidade perfeita eram comuns. Dentre várias citações sobre as experiências com os aromas que envolvem idas ao além e nos sonhos, o historiador francês destaca as “visões de santos místicos”.<sup>156</sup>

Houve outras divulgações de profecias que “não deixam nenhuma dúvida” sobre a missão da santa vó Rosa. Teria sido quando ela se sacrificou ao entregar-se a Jesus. Depois foi quando ela falou e preparou seu sobrinho, Aldo, para ser seu sucessor:

---

<sup>154</sup> Idem. Ibidem.

<sup>155</sup> TEIXEIRA, Igor Salomão. *Como se Constrói um Santo: a Canonização de Tomás de Aquino*. Curitiba, Editora Prismas, 2014.

<sup>156</sup> DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do paraíso?* São Paulo: Companhia das Letras, 2003c, p. 164.

Muitos fatos importantes deram-se quando Ela ainda exercia o Seu ministério no Seu corpo, provando que Jesus estava com Ela e a dirigia. Mas outro fato que não deixa nenhuma dúvida sobre o Seu poder e a Sua missão na Terra é como se cumpriu o final do Seu ministério. A forma como Ela se entregou inteiramente nas mãos de Jesus e do Seu Pai, para consumir a Sua obra na Terra com o Seu sacrifício e também a maneira como Ela falou comigo (Irmão Aldo) e preparou o meu espírito dois dias antes Da Santa Vó Rosa subir aos Céus. Também os três dias e meio que Seu corpo foi velado pela Igreja, cumpria-se a profecia, “que as duas testemunhas ficariam expostas três dias e meio, diante do povo, na grande cidade, sem serem sepultadas”. Outra prova que não deixa dúvidas é a minha pessoa (Irmão Aldo), como Ela me apareceu, como me orientou sobre o momento difícil que a Igreja atravessava naqueles três dias, sobre o seu sepultamento e a maneira que Ela vem dirigindo a Igreja através do meu ministério. O aperfeiçoamento da Igreja, da doutrina, o crescimento que nós alcançamos tanto na parte material, na sua administração, na santificação e no preparo do seu povo.<sup>157</sup>

No depoimento do Abade de Fossanoa, Nicola, em 1319, afirma-se que a abertura da sepultura de Tomás de Aquino foi motivada pelo aparecimento do santo a um abade, em sonho, exigindo que seu corpo fosse colocado no lugar original. Ao abrir a sepultura ter-se-ia observado um milagre.<sup>158</sup> No século XX, o aparecimento de Rosa em espírito a Aldo, já citado, também foi uma prova de sua santidade.

A eleição e dedicação de Rosa para a obra de Deus é assemelhada à escolha de outros personagens bíblicos que também serviram a Deus quando estavam na Terra. Os discursos da igreja afirmam que Rosa foi santa, assim como Abraão, Samuel, Davi, Elias, Eliseu, Daniel, Isaías, Jeremias, João Batista, Maria, os doze apóstolos, dentre outros. Para a doutrina apostólica, todas essas pessoas tiveram uma missão na obra de difundir o “bem” na Terra. A profetiza Rosa também é tida como uma anunciadora da “boa nova”. Ela profetizou e deu continuidade à obra de Cristo no tempo presente.<sup>159</sup>

---

<sup>157</sup> “As glórias do Consolador: a origem divina da igreja, a segunda vinda de Jesus e o Ministério do Irmão Aldo”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 16h:25m]. (BERTONI, Aldo, p. 11).

Disponível em:

<http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

<sup>158</sup> TEIXEIRA, Op. Cit., 2014.

<sup>159</sup> “As glórias do Consolador: a origem divina da igreja, a segunda vinda de Jesus e o Ministério do Irmão Aldo”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 16h:25m]. (BERTONI, Aldo, p. 9-10). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

A missão de Rosa como santa tem funções maiores do que os santos católicos, pois além de ter sido virtuosa, ser um exemplo de vida a ser imitado e fazer milagres, ela define a salvação junto do filho de Deus. Portanto, o posto de espírito consolador dado a ela dobra o peso de sua missão em relação aos santos católicos e a coloca na frente de todos os outros profetas. Ela, às vezes, é colocada como rainha dos Céus, sobrepondo-se ao posto de Maria e sua missão é ainda maior do que a de Cristo, embora ela ainda esteja subordinada a Cristo. Trata-se de uma importante figura na igreja.

No caso da Igreja Apostólica, não houve dessacralização diante de um momento transitório do avanço urbano. Muito pelo contrário, ela se fortalece utilizando ideias de religiões densamente sacrais como a Católica. Tem-se, assim, uma igreja anunciadora do fim dos tempos, onde os eleitos por Deus, motivados por sua missão, organizarão o espaço para a salvação num tempo antes do fim, dando oportunidade de salvar-se. A igreja atua como uma arca salvífica, selecionando pessoas também eleitas, para herdarem o reino de Deus. Para isso, a igreja elaborou uma doutrina fundamentada na promessa de Jesus de enviar o outro Consolador, dando seu próprio entendimento ao texto bíblico.

Vejamos agora, no segundo capítulo, a organização do poder na Igreja Apostólica. É através da disciplina moral, foco de nossa pesquisa, e suas estratégias de funcionamento, que analisaremos tal poder.

## 2. UMA SANTA DISCIPLINADORA: A SANTA VÓ ROSA

Neste capítulo, analisaremos o discurso disciplinar da Igreja Apostólica. A disciplina moral, nessa igreja, tem a intensão de orientar os fiéis no tempo antes do fim e constitui um tipo de guia para a salvação. As regras foram aplicadas no momento em que a humanidade estava supostamente mais propensa ao pecado e às dores. Sua aplicação desempenharia um efeito contrário à degeneração que percorre o “mundo” e, por isso, se apresenta como uma opção de regeneração na época do preparo. As regras morais ajudam, então, a reforçar o poder exercido entre o grupo e demonstram um sinal de marcação do tempo. Elas também podem oferecer uma subjetividade específica e permitem uma relação diferenciada com o “mundo”, ou seja, induzem à separação dos que não se enquadram na doutrina.

As medidas ditas estabelecidas pelo plano sagrado são regras de conduta reveladas pela santa vó Rosa. Como a doutrina, a disciplina também é afirmada como já praticada no tempo dos apóstolos, embora atualizada para a época em que foi instaurada na igreja, a partir da metade do século XX.

Para dar fundamentação à análise desses discursos, daremos, aqui, atenção ao pensamento foucaultiano, sobretudo a partir do que o autor entende por poder, discurso, disciplina e moral. Tendo em vista a maleabilidade dos conceitos organizados por Michel Foucault e suas temáticas, muitas vezes direcionadas às instituições religiosas, seu pensamento será imprescindível para estabelecer relações com a história.

Como durante as análises foram identificados contatos com o sagrado e experiências extrassensíveis, acreditamos ser possível, sejam esses discursos sagrados ou não, caracterizar estratégias de poder através de um conjunto de códigos que indicam medidas necessárias a uma boa conduta. As estratégias trabalhadas em conjunto dariam forma ao poder da instituição. O governo dito sagrado, nessa igreja, daria indícios da personificação do governo humano, pois seus mecanismos apresentam similitudes e até se confundem. É um poder instaurado por uma ética própria e produtor de saber.

Os trechos que se referem à disciplina, presentes no *corpus* primordial desta pesquisa, são curtos e práticos, podendo ser entendidos facilmente; têm por finalidade ajudar a orientar a conduta cotidiana. A disciplina da Igreja Apostólica encontra-se mais especificamente no livro *O Evangelho do Reino dos Céus*, mas também é constantemente divulgada em pequenos textos, como boletins ou documentos que disponibilizam resumos da doutrina/disciplina. A disciplina moral estudada aqui foi



aquela organizada pela santa vó Rosa através das revelações de Jesus, mas também pode-se recorrer àquelas regras expostas nos boletins pelo santo irmão Aldo, também organizadas sob a orientação da santa. Esses textos, seja em suas mutações, contradições ou divergências, permitem a interrogação da construção dos discursos de poder e dão brechas até para seu desarme.

A escolha do outro consolador, no caso Rosa, seria para a doutrina apostólica um indício de que o fim dos tempos está prestes a ocorrer, portanto Deus a teria enviado para dar continuidade à obra inconclusa de Jesus, qual seja a de consolar os oprimidos num mundo degenerado. Rosa, assim como é próprio na santidade católica, possuía virtudes ideais para ocupar essa posição. A vida dela, os milagres, as virtudes, os momentos de unção com óleo santo, o convite dela de adorar os santos (como Maria) e anjos, seus aparecimentos em espírito após a morte são características que demonstram proximidade com a tradição católica-apostólica.

Depois da morte de Rosa, em 1970, quando ela foi anunciada como santa por seu sucessor e colocada como espírito consolador da promessa de Jesus, a Igreja Apostólica obteve um crescimento material devido aos milagres anunciados pela igreja. Houve, também, o refinamento doutrinário conforme as propostas sugeridas por Rosa a Aldo antes e após a sua morte.

Além da análise da disciplina moral, daremos atenção à doutrina apostólica, especialmente as questões relacionadas à santidade. Pontuaremos, também, as proximidades das características da construção da santidade da tradição católica. Por fim, veremos como se configurou a história de vida de Rosa, organizada pela igreja.

## 2.1. A santidade

Verifica-se, nessa igreja, uma espécie de continuidade com a tradição católica, daí a necessidade de voltarmos num tempo mais remoto para tal análise. Para Jean Delumeau, existem pontos comuns às pastorais católicas e protestantes. As ideias religiosas de diferentes tempos podem ajustar-se, demonstrando continuidades. Desta maneira afirma o historiador:

E de medo seria errado imaginar a Reforma como um corte completo com o passado religioso dos séculos que a precederam, e também acreditar que os países protestantes não se inspiraram nas obras de espiritualidade publicadas no mundo romano no século 16. Os

historiadores suecos constataam uma continuidade entre a piedade católica medieval e aquela que predomina em seu país pelo menos até os anos 1700.<sup>160</sup>

Vejamos, então, as proximidades entre a tradição católica e a igreja em estudo. Na Igreja Apostólica, os santos, assim como os anjos, são espíritos cooperadores, guardadores e ministradores na obra de regeneração e no juízo. Foram pessoas que viveram uma vida santa na Terra e que se tornaram espíritos servidores daqueles que herdarão o reino de Deus. Assim, são o Santo Elias, Zacarias, Moisés, Maria, etc.; e, no caso dos santos específicos dessa igreja, temos primeiramente a santíssima Maria, depois a santa vó Rosa e o santo irmão Aldo.<sup>161</sup> Tanto as duas santas quanto seu santo foram pessoas consideradas exemplares em vida e suas virtudes devem ser imitadas pelos fiéis. Tais aspectos apresentam similitudes com o que se verifica na Igreja Católica, em que, segundo Vauchez, a partir do século VIII, os santos e anjos ocupam um lugar de intermediário:

Encontram-se as mesmas interferências entre a espiritualidade popular e a dos homens de Igreja no domínio do culto dos anjos e dos santos. Diante de um Deus-Juiz, simultaneamente longínquo e onipresente, os fiéis se sentiam desamparados. Assim, eles tiveram a necessidade de recorrer a intermediários. Esse papel foi representado inicialmente pelos anjos, que ocupavam um lugar importante na vida religiosa da época. Viam-se neles, antes de tudo, seres celestes destinados a tarefas precisas, das quais a principal era a proteção dos homens. Os arcanjos, únicos individualizados, eram os gênios tutelares das comunidades humanas e dos detentores do poder. Os três mais conhecidos, Miguel, Gabriel e Rafael, eram honrados com um culto especial e podiam ser representados nas igrejas, em virtude de uma decisão tomada pelo Concílio romano de 745. Os dois primeiros se encontram frequentemente, na iconografia da época carolíngia, associados à figura central do Cristo: Deus está sempre cercado e adorado por um cortejo de seres espirituais. Estes eram, entretanto, demasiado imateriais para atrair a atenção dos fiéis. Só são Miguel, como guardião do paraíso e intercessor pelos homens no momento do Julgamento Final, gozava de uma real popularidade, atestada pelo grande número de santuários que lhe foram dedicados nessa época. Nos séculos IX e X, ele até tomou o lugar de Cristo nas igrejas-pórticos, anteriormente reservadas ao culto do Salvador.<sup>162</sup>

---

<sup>160</sup> DELUMEAU, Jean. *O pecado e o medo: a culpabilização no ocidente (séculos 13-18)* (Volume II). Tradução de Álvaro Lorencini. Bauru, SP: EDUSC, 2003b, p. 335.

<sup>161</sup> “O ministério dos santos e a regeneração (3ª parte)”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 05 de agosto, 2010. [citado em 10 Out. 2017; 13h:49m]. (p. 1). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=33](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=33)

<sup>162</sup> VAUCHEZ, Op. Cit., p. 24-25.

Para a doutrina apostólica, Deus não está em todos os lugares, porque ele não habita em lugares estabelecidos como dominados pelo pecado: no centro de macumba, nas outras igrejas, nos prazeres mundanos, na casa do ímpio, no templo cheio de idolatria, nos rebeldes que combatem os santos, nas folias, nos lugares áridos. Nem os santos e anjos habitam esses lugares.<sup>163</sup> Contudo, Deus colocaria, entre os não pecaminosos, entidades intermediárias, que são os santos e anjos, e lhes daria determinadas tarefas para a proteção dessas pessoas.

Como os ensinamentos da igreja afirmam que “Deus criou o homem à sua imagem e semelhança”, logo o corpo humano também compartilha de sua espiritualidade e santidade. A alma é imortal e virtuosa por ser nascida de Deus; ela habita o corpo, por isso deve-se mantê-lo santificado. Sendo assim, “o homem ou mulher que se santifica pela obediência às Leis Divinas, torna-se ‘santo, é consequentemente à imagem de Deus’. É, pois, a representação dele na Terra. Sua maneira honrada e exemplar de viver”.<sup>164</sup> E, para se manter santificado, é preciso praticar a doutrina apostólica, imitando, obedecendo e adorando essas divindades.

Quanto à adoração aos santos, o poder de intercessão de Maria, dos Santos e Anjos é reconhecido por Rosa e seus membros. Essas figuras divinas são adoradas com muito fervor, especialmente Maria, pois, para os fiéis, ela gerou o filho de Deus e deve ser reconhecida como santa. Contudo, não há a representação e nem o culto de imagens como ocorre na tradição católica. Não há a manifestação da teofania (presença do sagrado) ou o caráter litúrgico e pedagógico em torno do ícone. Há, somente, a divulgação de fotos de Rosa e Aldo, onde os fiéis a expõem em suas casas, possivelmente, apenas com o intuito de rememorar, pois não há a presença do sagrado e nem o sentimento de adoração. Não sabemos ao certo ou temos controle dos efeitos do uso da fotografia no cotidiano, porque cada fiel possui sua individualidade, portanto preferimos deixar em aberto tal questão.

Na Igreja Apostólica, o sagrado se manifesta na água e no óleo ungidos. É importante ressaltar que a imagem de Maria divulgada pela tradição católica em pinturas, fotografias de esculturas ou impressões são hoje muito utilizadas pela doutrina apostólica. Em muitos vídeos, divulgados em redes sociais, a igreja se apropria da

---

<sup>163</sup> COUTINHO, Eurico Mattos; COUTINHO, Odete Corrêa. *O Evangelho do Reino dos Céus*. São Paulo, Impresso em oficina da própria Igreja Apostólica. 1978a.

<sup>164</sup> “O ministério de Maria Santíssima, da Santa Vó Rosa e dos Santos e Anjos”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 07 de agosto, 2010. [citado em 10 out. 2017; 14h:30m]. (p. 1). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=37](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=37)

composição imagética de Maria própria ao catolicismo, talvez por uma falta de recursos materiais para criar artisticamente seu entendimento religioso ou mesmo por partilhar as concepções da fé católica. Aqui, se apresentam aproximações e separações quanto a outra doutrina (católica), ou seja, crê-se na intercessão de suas entidades, mas não cultuam imagens e esculturas que os representam. Temos, na citação a seguir, retirada do Estatuto Organizacional da Igreja Apostólica, melhores esclarecimentos sobre o distanciamento desta em relação à Igreja Católica, no que se refere à utilização de esculturas de santos, de anjos:

A Igreja Apostólica não faz uso, em seus templos, tanto na Sede como em suas Congregações, de imagens ou esculturas, ou ainda qualquer outro instrumento de liturgia, estranhos ao Boletim Interno Oficial e aos Livros próprios de Doutrina, que são os meios oficiais dos trabalhos de pregação e de comunicação da Igreja Apostólica.<sup>165</sup>

A citação anterior não fala propriamente de Maria, mas demonstra a crítica à tradição católica do uso de imagens, onde Maria está inserida no conjunto de esculturas dos santos e das santas. Veja-se, na citação a seguir, como Maria e Rosa são santas de grande importância para a doutrina apostólica e elas estão sentadas ao lado de Jesus:

Existem nos céus muitas Santas de grande poder, que tiveram uma missão importante aqui na Terra; e exercem este poder em favor dos filhos de Deus, que lutam na Terra para vencerem e cumprirem sua missão. Entretanto, Maria Santíssima e atualmente a Santa Vó Rosa, são as Santas mais poderosas e são consideradas "Rainhas dos Céus", pela missão que exerceram aqui na Terra. Elas estão sentadas no seu Trono ao lado de Jesus e cooperam com Ele para a salvação, remissão e santificação de almas.

Nelas se concentraram todas as virtudes existentes em Deus e no seu Espírito. Almas virtuosíssimas, Nelas se manifestaram todo o Amor Divino; lutaram e sofreram por uma causa nobre e justa, não mediram sacrifício para cumprirem a vontade Divina. Porém, foram vitoriosas no cumprimento do seu dever.

Graças à Virgem Maria e a Santa Vó Rosa, Jesus pode cumprir a sua missão aqui na Terra. Primeiro: quando esteve aqui na Terra naquele corpo santíssimo, nascido de Maria Santíssima, e nos tempos atuais, através da Santa Vó Rosa, pode cumprir a sua promessa aos seus discípulos, quando lhes disse que Ele formaria e enviaria o outro Consolador, que teria a missão de completar a sua obra redentora na Terra, e que seria o Espírito da Verdade, que convenceria dos pecados,

---

<sup>165</sup> Estatuto organizacional da Igreja Apostólica. In: *Estatuto* [on-line]. Igreja Apostólica, 02 de Setembro, 2016. São Paulo. [citado em 18 abr. 2017; 15h:45m]. (p. 2). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/boletins/mostra\\_boletim\\_membro.asp](http://www.apostolica.com.br/sistema/boletins/mostra_boletim_membro.asp)

aplicaria o juízo de Deus para salvar, santificar, corrigir e condenar o impenitente.

(...)

Um dos princípios que levou a Virgem Maria e a Santa Vó Rosa a serem em tudo vitoriosas, foi a virtude da humildade, da coragem, da fé, do temor e da obediência a Deus e a sua santa vontade.

(...)

Estas duas Santas foram em tudo tementes e obedientes ao Criador. Amaram as virtudes divinas e nunca negaram o Senhor por nada deste mundo. O amor que Elas possuíam em seus corações, foi superior a tudo nesta Terra; foi superior às riquezas e às glórias deste mundo.

Sempre que Deus o Pai precisou da Virgem Maria, Ela estava pronta para executar suas ordens. Recebeu sua missão com a maior simplicidade e humildade. E em seu coração, nunca passou nenhuma sombra de dúvida e nem de maus sentimentos.

A Virgem Maria e a Santa Vó Rosa, nunca souberam o que era ter em seus corações a maldade ou maus sentimentos. Foram puras e imaculadas, não amaram este mundo e nem os seus prazeres impuros, mas souberam conservar a pureza de seus corações com todo o amor e temor. Isto porque, souberam crer em Deus e em Jesus Nosso Senhor e a Eles se entregaram de toda a sua alma.

Por isso é que Elas são Rainhas dos Céus, muito amadas e veneradas por Deus, por Jesus, pelo Divino Espírito, pelos Santos e Anjos e por todos os filhos de Deus, porque na Terra, souberam ser verdadeiras mães e foram santas em todo o seu viver.<sup>166</sup>

Assim como, na Igreja Católica, Maria ocupa um lugar escatológico, milagroso e salvífico, na Igreja Apostólica há a santa vó Rosa também nesse lugar. No caso da Igreja Católica, Maria é um ícone escatológico que representa a esperança e a consolação:

Assim como no céu, onde já está glorificada em corpo e alma, a Mãe de Deus representa e inaugura a Igreja em sua consumação no século futuro, da mesma forma nesta Terra, enquanto aguardamos a vinda do Dia do Senhor, ela brilha como sinal de esperança segura e consolação para o Povo de Deus em peregrinação.<sup>167</sup>

Sobre o lugar de autoridade julgadora no momento do fim, vê-se como a santa vó Rosa e Maria são colocadas nesse mesmo lugar pela doutrina apostólica:

Quando afirmamos que a Santa Vó Rosa como Espírito Consolador exerce o poder de julgar e que realiza o juízo do nosso Pai especialmente sobre a Igreja Apostólica, para perdoar, para absolver

---

<sup>166</sup> “O poder e a glória de Maria Santíssima e da Santa Vó Rosa e sua missão aqui na Terra”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 18 de agosto, 2005. [citado em 10 out. 2017; 17h:17m]. (p. 1). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=50](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=50)

<sup>167</sup> Catecismo da Igreja Católica. Op. Cit., p. 273-274.

ou para condenar, está Ela executando aquilo que o Pai lhe deu, uma autoridade recebida do próprio Pai e de Jesus e nisto se cumpre também esta profecia de São João. Diz ele que viu santos assentados em tronos e sentar-se no trono quer dizer ter autoridade. É exatamente isto que ensinamos em primeiro lugar a respeito da Santa Vó Rosa como Espírito Consolador, bem como a respeito de Maria Santíssima, e a respeito dos demais Santos que compõem o poder de Deus, como os Santos Apóstolos, os Santos Profetas, naturalmente tendo à frente deles todos, Jesus como filho amado do nosso Pai.<sup>168</sup>

Então, as duas santas são evocadas na doutrina apostólica como mães celestiais de grande poder. São consideradas exemplos de feminilidade a ser imitado. Sobre a proximidade entre as duas igrejas, no que concerne especialmente à veneração à mãe de Jesus, o catecismo católico explica sua adoração a Maria, especialmente da ideia de maternidade, que é próxima da Igreja em estudo:

Esta maternidade de Maria na economia da graça perdura ininterruptamente, a partir do consentimento que ela fielmente prestou na anunciação, que sob a cruz resolutamente manteve até a perpétua consumação de todos os eleitos. Assunta aos céus, não abandonou este múnus salvífico, mas, por sua múltipla intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna. (...) Por isso, a bem-aventurada Virgem Maria é invocada na Igreja sob os títulos de advogada, auxiliadora, protetora, medianeira.<sup>169</sup>

As características que aproximam as duas santas perpassam pelo ideal de maternidade, de pureza, de virtude, ambas são intercessoras, protetoras, milagrosas e exemplos de vida. Essas são as “rainhas celestiais” que ajudarão no juízo de Deus na Igreja Apostólica.

Para Leonildo Campos, há uma matriz religiosa (católica) onde especialmente o protestantismo e o pentecostalismo podem desmontar ou reformatar seus símbolos preexistentes – que são modificados, descartados ou enriquecidos, resultando em algo tido como novo – e reproduzir novas sínteses e novas expressões religiosas apropriadas para si. As culturas, portanto, não estão petrificadas, mas num constante processo de interação. Assim, “o trânsito religioso de pessoas seria então facilitado por essa matriz comum que oferece lugares simbólicos onde as pessoas podem pendurar suas

---

<sup>168</sup> BERTONI, Aldo; COUTINHO, Odete Corrêa. *O Consolador nos Tempos do Fim*. São Paulo. Impresso em oficina da própria Igreja Apostólica. 1989, p. 201.

<sup>169</sup> Catecismo da Igreja Católica, Op. Cit., p. 273-274.

concepções e práticas individuais em uma teodiceia ou cosmovisão mais amplas”.<sup>170</sup> Leonildo Campos foi um dos primeiros pesquisadores a pensar a Igreja Apostólica como fruto dessa metamorfose teológica. Seu trabalho ainda é tímido e o autor não pontua exatamente o que aproxima e separa as duas doutrinas. Contudo, esses seus estudos são de grande importância para dar entendimento a essa e outras pesquisas.

A assimilação dos preexistentes símbolos do imaginário católico na Igreja Apostólica foi forte, especialmente a ressignificação da doutrina católica-apostólica, o gosto por nomeações, a santificação, a crença em Maria como santa, os milagres, a ideia de restauração, os aspectos litúrgicos, os transe, as experiências sagradas, dentre várias outras simbologias. Portanto, visualiza-se continuidades.

A Igreja Católica compôs seu conjunto de pessoas santas conforme as virtudes, as enfermidades e as intelectualidades delas. Os santos da Igreja Apostólica (da santa vó Rosa) também são dotados por virtudes, sabedorias e histórias de vida de muito sofrimento. Em alguns momentos da tradição católica, os santos foram e são exemplos de vida para que os fiéis os tenham como referência de santidade. Os santos da Igreja Apostólica também são exemplos a serem seguidos. O interessante da santidade da Igreja Apostólica é que seus santos, Rosa e Aldo, foram reconhecidos por eles mesmos após a segunda metade do século XX e início do XXI, e fora do meio católico. Muitos fiéis tiveram a oportunidade de conhecer seus santos e conviver com eles. Rosa, discretamente, já era vista como santa, mas só foi informada como santa para toda a igreja depois de sua morte. Aldo, seu sucessor, já viveu reconhecido como santo. Eles foram legitimados como santos em tempos mais recentes, em meio a um espaço urbano brasileiro em crescimento, São Paulo.

É importante dizer que a construção do santo se dá essencialmente no espaço urbano, assim vê-se na transição da Idade Média para a modernidade. André Vauchez afirma que na transição de uma sociedade rural tradicional para a expansão econômica no século XII, aumentou a distância entre ricos e pobres. A precariedade das condições de vida aumentou. A pobreza (que era considerada um estado de fraqueza) tornou-se um sinal de decadência social. Assim, na antiga sociedade rural estavam os laços de solidariedade que o uso generalizado do dinheiro fez afrouxar, constituindo-se um meio urbano cada vez mais anônimo. A miséria nas cidades era mais visível do que no campo. Todo esse contexto fez surgir uma nova consciência no mundo cristão. A igreja,

---

<sup>170</sup> CAMPOS, Op. Cit., 2012, p. 147.

então, buscou a perfeição no tempo passado, no tempo dos apóstolos e dos mártires. Seria o desejo de reatar a vida perfeita apostólica da igreja primitiva: viver em comunidade e ir até os outros, valorização da pobreza de Cristo e do Novo Testamento, o desenvolvimento de virtudes e carismas, ter caridade etc. Muitos monges que se diziam ser os sucessores e imitadores se apoderavam dos exemplos dos apóstolos, outros renunciavam seus bens para servir ao senhor. Muitos eremitas abandonavam as comunidades monásticas para atuarem numa vida próxima aos Padres do deserto. Portanto, seria a vontade de voltar à pureza cristã original.<sup>171</sup> É nesse momento de transição que muitas pessoas renunciavam a suas nobres famílias para se dedicar a servir a Deus e, dependendo dos seus atos, antes e pós-morte, tornavam-se santos ou santas.

A fim de fazer um paralelo, evoca-se Igor Salomão Teixeira, que, ao estudar a santidade de Tomás de Aquino, na Igreja Católica, caracteriza-a como algo que não está dado, mas construído. Para o pesquisador, a santidade “é construída coletivamente por meio de um encadeamento de elementos que fazem sentido tanto para sustentar a crença dos fiéis quanto para o enquadramento do santo num conjunto de virtudes que só os santos têm”.<sup>172</sup> A santidade de Tomás de Aquino está relacionada aos milagres, como o odor suavíssimo de santidade na abertura do túmulo pela primeira vez, na previsão de sua morte por ele mesmo, a cura da enfermidade dele mesmo e a cura de pessoas.

Desde a Idade Média, há o processo de canonização na Igreja Católica e, aos poucos, foi sendo um procedimento sistematizado pelo papado. No processo de canonização de Tomás de Aquino, a Igreja Católica utilizou o recurso jurídico, interrogatórios, o procedimento inquisitorial (para identificar heresias), análises dos relatos hagiográficos (construção narrativa da santidade) e bulas. Também, a canonização expõe o exercício dos poderes e interesses dos papas, além de levantar debates sobre a produção intelectual do candidato a santo. Trata-se de um processo complexo e minucioso que perdura por décadas, no caso da construção da santidade de Tomás de Aquino, durou cerca de quarenta e nove anos (1274-1323), período que foi chamado de tempo de santidade. Em todo processo de canonização foi preciso identificar além dos milagres, uma vida exemplar do santo.<sup>173</sup>

---

<sup>171</sup> VAUCHEZ, Op. Cit., 1995.

<sup>172</sup> TEIXEIRA, Op. Cit., 2014, p. 26.

<sup>173</sup> TEIXEIRA, Op. Cit., 2014.



Através de André Vauchez, Teixeira afirma que os santos são seres extraordinários, pois são virtuosos num mundo pecaminoso. A hagiografia trata dos escritos de persuasão para convencer o outro a viver conforme o santo, isto é, que colocam os santos como exemplos. Ao verificar Weinstein e Bell, Igor Teixeira acrescenta outros atributos para a escolha divina de um santo, como a graça sobrenatural, ascetismo, boas obras, poder da palavra, atividade evangélica. Esses atributos se manifestariam desde a infância.<sup>174</sup>

Rosa manifestaria princípios que caracterizam a formação de uma pessoa santa. Ela ensinou os princípios que levaram à santidade, preparando um ambiente ideal para a aceitação de sua anunciação como santa e, também, a de seu sucessor. Os componentes levantados por ela para ser santa são muito próximos das exigências de canonização da Igreja Católica. Contudo, na Igreja Apostólica, não há o mesmo rigor estabelecido na Católica, que desde a Idade Média criou processos sistemáticos para delinear seu campo de santos e santas, conforme o interesse da instituição e dos outros. A própria Rosa se colocava como santa, pois teria nascido assim.

Muito próximo da história de Tomás de Aquino, que previu a própria morte, Rosa sabia, através de Jesus, que sua morte corpórea estava prestes a ocorrer e seu ministério só poderia continuar em espírito, pois “Ela achou melhor deixar o corpo, porque em espírito ninguém podia fazer nada... ninguém podia fazer nada”.<sup>175</sup> Mas ela não sabia o momento exato de sua morte. Deus e Jesus ordenaram que ela preparasse um sucessor para governar, juntamente com Eurico e Odete. O sucessor de Rosa, como já foi dito, deveria ter todas as virtudes dela para ser o outro profeta. Portanto, o sobrinho de Rosa, Aldo, foi o escolhido por ela, pois quando nasceu, ela foi a primeira a recebê-lo nos braços, transmitindo-lhe todas as suas virtudes e dons necessários:

Aproximando-se o tempo que Seu ministério teria que ser exercido somente em Espírito, Deus o Pai e Jesus, lhe ordenou que Ela, preparasse o Seu Sucessor no governo da Igreja, para exercer junto com os outros dois da Direção. Portanto, alguém que tivesse os mesmos dons, as mesmas virtudes e as mesmas qualidades para dirigir a Igreja e com a mesma segurança, firmeza, energia e prudência. Teria que ter a mesma personalidade e muito humilde para receber Suas revelações. Portanto, predestinado para a missão de Profeta.

---

<sup>174</sup> Idem.

<sup>175</sup> Mensagem “*Histórias da Santa Vó Rosa*” pregada pelo pastor Antônio Martins de Almeida. A pregação foi publicada no *youtube* em 30 de outubro de 2015. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=cSDCyjsSs\\_E](https://www.youtube.com/watch?v=cSDCyjsSs_E) Acesso em: 23/08/2017 às 02h:22m.

Foi quando Jesus lhe mostrou que a única pessoa que tinha todas as qualidades para tal obra, era Seu sobrinho Aldo; que pela providência Divina, havia nascido na casa da Santa Vó Rosa, sendo Ela a primeira pessoa a tomá-lo em Seus braços e abençoando-o, transmitiu-lhes Suas virtudes e Seus dons preciosos que Ela já possuía. Portanto, Ele era desde Seu nascimento o escolhido para ser o Seu Sucessor e o Pastor para unificar no futuro seu rebanho conforme prometeu Jesus na Sua promessa, sobre a Sua Igreja, que “Haverá um só rebanho e um só pastor”. Cujo mistério, só seria revelado no tempo oportuno.<sup>176</sup>

Aldo não pertencia à Igreja Apostólica, mas era apenas motorista. Mesmo assim, ele foi o escolhido por Rosa, em detrimento de todos os obreiros, pastores e dos dois membros da direção. A preferência a ele não teria sido uma escolha humana, mas divina. Assim se deu todo o processo de transição dos poderes na igreja:

Em nossa Igreja nada se deu por acaso, ou por coincidência, nem por preferência humana, pois o Seu sobrinho Aldo que no futuro seria conhecido por “Irmão Aldo” nem pertencia ao Ministério da Igreja e não tinha nenhum cargo na mesma. Sendo que tínhamos na época, obreiros, pastores e os dois membros da Direção, o Bispo e a Missionária Odete, mas a escolha recaiu sobre Ele.

Estes fatos, não foram montados ou criados por ideias humanas ou de intelectuais, mas por determinação e vontade do Nosso Deus e Pai, o Senhor do Universo.

Dois dias antes de consumir o Seu sacrifício, conforme a vontade soberana de Deus, e sabendo de tudo o que iria acontecer, chamou o Irmão Aldo e sem lhe dizer o que se daria com Ela, contou-lhes alguns problemas que a nossa Igreja vinha atravessando e disse-lhe que ia precisar muito do Seu trabalho.

Porém, não lhe disse qual seria a Sua função. Pediu-lhe que promettesse ajudá-la na missão que lhe seria confiada. Como Ele muito a amava, aceitou em servir-lhe no que fosse preciso. Jesus Nosso Senhor havia falado certa vez ao Bispo Eurico e a Missionária Odete numa de Suas revelações através da Santa Vó Rosa o seguinte: “Quando meu Pai precisar desta minha serva nos Céus, meus servos ouvirão a Sua voz, como me ouvem agora”. E certa vez Ela falou aos dois da Direção e para alguns pastores o seguinte: “Quando eu terminar a vida do meu corpo, aquela pessoa a quem eu aparecer, será meu sucessor”.

Como tudo já estava providenciado, a Santa Vó Rosa consumou a Sua obra na Terra, através do Seu sacrifício, dando Sua vida e Seu sangue por amor a Jesus e a Sua Igreja. Quando a Santa Vó Rosa deixou o Seu corpo Santo e subiu aos Céus gloriosamente para receber o Seu galardão de “Espírito Consolador”, o povo apostólico que não esperava aquele desenlace e não fazia idéia da missão da “querida Vó

---

<sup>176</sup> “A origem da Igreja Apostólica, o início das suas atividades na Terra e seus fundamentos”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica (data não citada). [citado em 26 out. 2016; 14h:00m]. (Autor não citado, p. 6). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20ORIGEM%20DA%20IGREJA%20APOSTOLICA,%20O%20INICIO%20DAS%20SUAS%20ATIVIDADES%20NA%20TERRA%20.pdf>

Rosa” no Concerto Angelical, sabiam, que sem Ela e o seu Dom precioso de revelação, Jesus não poderia continuar nos dirigindo, e a Igreja não poderia cumprir sua missão, como Igreja do Reino dos Céus.

Seu corpo foi velado na Matriz antiga na Rua Tuiuti, durante três dias e meio, a espera dos pastores que residiam em outros Estados, devido às estradas na ocasião, serem péssimas. No Entanto, sem que a própria Direção da Igreja soubesse, se cumpria à profecia do livro do Apocalipse, sobre as duas Testemunhas, e do Profeta Zacarias a respeito das duas Oliveiras, ou os dois Ungidos do Senhor, que num tempo determinado, exerceriam na Terra todo o poder de Deus. Portanto, as duas Testemunhas do Apocalipse e as duas Oliveiras, seriam os dois Consoladores: Jesus Nosso Senhor e a Santa Vó Rosa.

Ao Terceiro dia em que o corpo da Santa Vó Rosa era velado, Ela juntamente com a Virgem Maria Santíssima apareceram ao Seu sobrinho o nosso Irmão Aldo, dando-lhe as primeiras ordens e determinando como tudo deveria ser feito, e orientações, em relação ao sepultamento do Seu próprio corpo, como ele deveria proceder. E a Boa Nova que a Santa Vó Rosa, voltou e apareceu a uma determinada pessoa, soou ao Seu povo, como algo extraordinário; e a alegria foi geral, todos creram e se alegraram pela boa nova, pois a morte não teve domínio sobre a Vó Rosa, não calou a Sua voz e nem derrotou a Sua querida Igreja, pela qual Ela deu a Sua própria vida e por muitos anos a Sua existência na Terra.

Portanto, o Irmão Aldo, recebia a primeira revelação de uma nova Santa; agora já glorificada como Rainha dos Céus e com o direito de assentar-se ao lado de Jesus Nosso Senhor e de Sua Santa Mãe a Virgem Maria. A grande vencedora, a Segunda fiel e poderosa Testemunha de Deus para os “Tempos da Regeneração” E assim dava-se início a uma nova era na História Religiosa da Humanidade a “Era do Consolador”.<sup>177</sup>

Vauche relata que nos escritos hagiográficos do século VIII e IX, a santidade era uma virtude adquirida por hereditariedade ou predestinação divina. Na época carolíngia, a maioria dos santos eram provenientes das famílias aristocráticas e muitos fiéis os admiravam, mas não podiam imitá-los. Para Vauche, nessa época, os santos são mais “meteoros espirituais do que modelos”.<sup>178</sup> Como se verá adiante, Rosa era filha de um produtor de alimentos na capital paulista e em sua casa havia muita fartura; além disso, ela estudou em colégio católico. Rosa também foi predestinada, já nasceu com dons especiais. Sendo assim, tinha uma vida provavelmente estável até ser provada por Deus na pobreza. Afirma-se que a Igreja cresceu com a capacidade administrativa de

---

<sup>177</sup> “A origem da Igreja Apostólica, o início das suas atividades na Terra e seus fundamentos”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica (data não citada). [citado em 26 out. 2016; 14h:00m]. (Autor não citado, p. 8). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20ORIGEM%20DA%20IGREJA%20APOSTOLICA,%20O%20INICIO%20DAS%20SUAS%20ATIVIDADES%20NA%20TERRA%20.pdf>

<sup>178</sup> VAUCHEZ, Op. Cit., 1995, p. 28-29.

Aldo. O próprio nome da família, os Bertoni, demonstra que se trata de uma tradicional família italiana paulista imigrante.

Pouco antes de sua morte, no momento da escolha de seu sucessor, Rosa “sondou muitos obreiros” e “procurou até despertar a vocação necessária em alguns”. Porém, o escolhido deveria “possuir um espírito próprio e privilegiado, igual ao dEla e também um cérebro com uma capacidade elevada e forte”. Precisava, ainda, ser fiel, humilde e resistente “aos apelos materiais e morais que a vida iria lhe oferecer”. Desta maneira, “Ela teria meios para provar que continuava viva e que na verdade foi coroada como Espírito Consolador” sem que houvesse uma traição ou oposição. Assim, Rosa afirmou para a direção da igreja que Aldo teria o espírito muito semelhante ao dela e poderia ser usado como seu sucessor e, ainda, avisou que “a quem eu aparecer quando for para o Céu, esse será meu sucessor”. Dois dias antes de deixar o seu corpo, Rosa teve um diálogo com Aldo, no qual (ela) esclareceu a situação da igreja e “Ela pediu que Ele Irmão Aldo promettesse servi-la, embora não falou para Ele o que iria acontecer, pois um sinal, um parecer, Ela apresentou, dizendo ‘A quem eu aparecer, esse é o meu Sucessor’”.<sup>179</sup>

Até então, Aldo não era membro da instituição. Em 26 de outubro, Rosa “terminou a vida do corpo” e, no terceiro dia “na madrugada do dia 28 de outubro de 1970, quando seu corpo ainda estava exposto na Sede desta Igreja Apostólica, apareceu Ela, em Espírito, para o Irmão Aldo, e deu as primeiras ordens, inclusive como deveria ser o sepultamento de seu corpo.”<sup>180</sup> O corpo estava sendo velado na matriz da rua Tuiuti.<sup>181</sup> A aparição de Rosa para orientar como deve ser organizado seu sepultamento, também pode ser visto no processo de canonização de Tomás de Aquino. Mesmo depois de sete meses de sua morte, este apareceu em sonho ao irmão Lacobo (Prior do mosteiro de Santo Estevão) e pediu para levar seu próprio corpo ao local original. Tomás também

---

<sup>179</sup> “Curso de aperfeiçoamento de pastores e pregadores”. Título: *O Sucessor do Consolador* – Um Ministério de Glória nós recebemos do Irmão Aldo e da Santa Vó Rosa, porém veio de Jesus. (Data não citada). Avulso. Disponível em: <http://www.acordapovoapostolico.com/CartilhaAB.PDF> Acesso em: 17/03/2017 às 00h:05m.

<sup>180</sup> “Curso de aperfeiçoamento de pastores e pregadores”. Título: *O Sucessor do Consolador* – Um Ministério de Glória nós recebemos do Irmão Aldo e da Santa Vó Rosa, porém veio de Jesus. Data não citada. Avulso. Disponível em: <http://www.acordapovoapostolico.com/CartilhaAB.PDF> Acesso em: 17/03/2017 às 00h:05m.

<sup>181</sup> “As provas que a Santa Vó Rosa é o Consolador são as Suas obras e o Seu Governo através do Irmão Aldo”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 20 de outubro, 2005. [citado em 15 Mai. 2017; 04h:25m]. (BERTONI, Aldo, p. 1). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=51](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=51)

pediu uma cerimônia solene com os monges do mosteiro. Foi nesse momento da abertura da sepultura de Tomás, motivada pelo aparecimento dele em sonho, que exalou uma fragrância intensa e suave pelo mosteiro, considerada como milagre.<sup>182</sup>

Como Aldo não era membro da instituição, apropriou-se do discurso de que, mesmo tendo pouca fé, como Aldo (por estar fora), é possível que ela seja aumentada através da meditação. Esse pensamento foi justificado por uma parábola de Jesus: “Ele disse: se alguém tiver fé do tamanho de uma semente de mostarda é o suficiente para a Salvação da Alma”<sup>183</sup>. A parábola do grão de mostarda (evangelho de Marcos) é evocada para justificar a entrada de Aldo. E assim se deu a sucessão do poder de Rosa.

**Figura 22 - No centro, a missionária Odete e o santo irmão Aldo junto aos fiéis**



Fonte: Facebook <sup>184</sup>

---

<sup>182</sup> TEIXEIRA, Op. Cit., 2014, p. 49-50.

<sup>183</sup> “Curso de aperfeiçoamento de pastores e pregadores”. Título: *O Sucessor do Consolador* – Um Ministério de Glória nós recebemos do Irmão Aldo e da Santa Vó Rosa, porém veio de Jesus. Data não citada. (p. 5). Avulso. Disponível em: <http://www.acordapovoapostolico.com/CartilhaAB.PDF> Acesso em: 17/03/2017 às 00h:05m.

<sup>184</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/igrejaapostolicadasantavorosa/photos/a.891129474265405.1073741829.851340188244334/1302533929791622/?type=3&theater> Acesso em 11/07/2017 às 00h:14m.

Foi só depois que Rosa “subiu aos Céus”, isto é, após a sua “morte corporal”, em 26 de outubro de 1970, que a igreja passou a “pregar o seu nome como Santa poderosa” e que ela era o espírito consolador. O 26 de outubro é uma data comemorativa para a igreja, pois representa o dia em que Rosa foi coroada como santa e espírito consolador, ou seja, ela morreu em corpo, mas continua seu ministério em espírito no Céu.<sup>185</sup> Sobre o motivo da morte de Rosa, que não é muito divulgada pela doutrina, Anselmo diz que ela foi vítima de um acidente de trânsito, em São Paulo, e seu corpo ficou exposto na sede da igreja por alguns dias:

“Vó Rosa” morreu num acidente de trânsito na cidade de Poá, São Paulo, em 26 de outubro de 1970, quando tinha 76 anos de idade. Já na década de 60 ela havia recebido uma ‘revelação’, onde dizia que Jesus lhe havia constituído para abrir uma igreja, a Igreja Apostólica, esta igreja seria a restauração do Evangelho.

(...)

Seu corpo foi embalsamado e ficou exposto na igreja, sendo velado durante uma semana. Com certeza, isso foi de grande impacto para os membros, e houve clamor para que seu corpo ressuscitasse. A IA ensina que a alma somente deixa o corpo no sepultamento. Evidentemente, ela não ressuscitou, daí os líderes da IA interpretaram sua morte como um arrebatamento. Então, começou a formar-se uma idolatria ao redor de sua pessoa.<sup>186</sup>

Rosa viveu até os 76 anos de idade e esteve à frente da igreja por dezesseis anos. Sobre o embalsamento do corpo dela e o clamor para sua ressurreição, sabe-se que seu corpo foi realmente embalsamado, conforme será exposto adiante. As pregações da missionária Odete afirmam que, no velório de Rosa, houve a espera pelos membros que vinham de todo o Brasil, mas não se fala do clamor. Preferiu-se acreditar que esses discursos, como os da ressurreição de Rosa (citado por Anselmo), o arrebatamento da Igreja com a morte de Aldo e que a missionária veria o arrebatamento, se trata de uma ideia que circulava no imaginário. Ainda circula na memória dos fiéis que o corpo de Rosa se encontra até hoje intacto, incorruptível, assim como foi enterrado. Ela ficou marcada na memória da instituição por múltiplas características consideradas boas, especialmente por sua forte personalidade, vivacidade, caridade, sua “bondade, carinho,

---

<sup>185</sup> A Santa Vó Rosa foi a herdeira de todos os dons, virtudes e poder de Jesus nosso Senhor para trazer a nova revelação. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 16 de julho, 2010. [citado em 25 out. 2016; 18h:10m]. (BERTONI, Aldo, p. 14). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=223](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=223)

<sup>186</sup> Entrevista com Anselmo Melo publicada pelo Centro Apologético Cristão de Pesquisa. [on line]. CACP. Setembro, 2008. [citado em 23 Jul. 2008; 13h:48m]. Disponível em: <http://www.cacp.org.br/a-vo-rosa-seria-o-espírito-consolador/>

mansidão, justiça e energia”; ela era “portadora de um cérebro perfeito”, tinha “raciocínio rápido”, além de ser “conselheira, corajosa, prudente e sábia”.<sup>187</sup>

A partir da morte de Rosa, deu-se início a uma nova fase da instituição, onde se percebeu seu “notório crescimento material e espiritual”, principalmente quando “houve conversão em massa” frente aos milagres que eram transmitidos nos púlpitos e expostos através do programa de rádio *Hora Milagrosa*. Os milagres da santa vó Rosa foram considerados, entre os que acreditavam em sua santificação, uma prova de que ela era uma santa de grande poder e que a igreja “era e é dirigida por Deus, o Pai”.<sup>188</sup> A igreja foi construindo filiais em muitas cidades pelo Brasil e avançando seu território evangelístico.<sup>189</sup>

Como os escritos dizem, a Igreja Apostólica foi restaurada através da santa vó Rosa conforme a vontade de Deus de realizar seu plano de salvação antes do seu juízo. Para isso, foi preciso santificar um povo através do preparo do outro Consolador, a santa vó Rosa, pois “Jesus prometeu que voltaria para formar o Espírito Consolador, que seria o Espírito da Verdade”<sup>190</sup>. O espírito consolador, nesse caso a santa vó Rosa, estaria encarregado de preparar o povo de Deus, santificando-o através da “perfeita Doutrina e de regras de um bom viver e de boa conduta”.<sup>191</sup>

---

<sup>187</sup> “A origem da Igreja Apostólica, o início das suas atividades na Terra e seus fundamentos”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica (data não citada). [citado em 26 out. 2016; 14h:00m]. (Autor não citado, p. 4). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20ORIGEM%20DA%20IGREJA%20APOSTOLICA,%20O%20INICIO%20DAS%20SUAS%20ATIVIDADES%20NA%20TERRA%20.pdf>

<sup>188</sup> “Uma história de amor – 1ª parte”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 14 de outubro, 2009. [citado em 25 out. 2016; 18h:44m]. (BERTONI, Aldo, p. 2). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=202](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=202)

<sup>189</sup> “Uma história de amor – 2ª parte”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 14 de outubro, 2009. [citado em 25 Out. 2016; 18h:53m]. (BERTONI, Aldo, p. 1). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=203](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=203)

<sup>190</sup> “Qual foi o objetivo de Jesus ao restaurar a sua igreja na Terra?” In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, (data não citada). [citado em 27 out. 2016; 23h:46m]. (BERTONI, Aldo, p. 1). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/QUAL%20FOI%20O%20OBJETIVO%20DE%20JESUS%20AO%20RESTAURAR%20A%20SUA%20IGREJA%20NA%20TERRA%20%20.pdf>

<sup>191</sup> “Qual foi o objetivo de Jesus ao restaurar a sua igreja na Terra?” In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, (data não citada). [citado em 27 out. 2016; 23h:46m]. (BERTONI, Aldo, p. 1). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/QUAL%20FOI%20O%20OBJETIVO%20DE%20JESUS%20AO%20RESTAURAR%20A%20SUA%20IGREJA%20NA%20TERRA%20%20.pdf>

## 2.2. O outro consolador

Para fundamentar a indicação de Rosa como a escolhida por Deus para a missão de revelar seus mistérios e restaurar sua igreja, a Igreja Apostólica ensina através de seus escritos que, para que Deus possa revelar seus mistérios através de uma pessoa, é preciso que ela seja predestinada, escolhida e preparada por ele. E para que haja a escolha, primeiro seria preciso que o eleito tivesse virtudes, dons e qualidades especiais concebidos por Deus, assim como os santos católicos. O representante de Deus na Terra, o escolhido ou a escolhida, deve deter “valores preciosos”, como ter fê, sabedoria, humildade, fazer a vontade de Deus, agradá-lo, acreditar nos valores da vida para as boas obras. Esses princípios, dentre outros, são considerados imprescindíveis pela doutrina para se chegar à santificação. São elementos que compõem o ser de Deus e devem compor o proceder dos fiéis. Ser santo, conforme os ideais de santidade da doutrina é um requisito indispensável para os que querem usufruir do benevolente Reino de Deus. Também, ser santo é valoroso para os que ocupam os altos cargos de santidade, como Rosa e seu sucessor, mediante o amplo trabalho de julgar/salvar/condenar, que precisa ser feito num pequeno espaço de tempo, pois Deus, em função dos justos, promoveu a abreviação dos tempos, do seu juízo.<sup>192</sup>

O escolhido ou a escolhida por Deus, nessa igreja, não estariam desamparados na obra de salvação, mas receberiam o suporte dos poderes da “corte celestial” para a realização do trabalho salvífico. A corte celestial é composta por toda a hierarquia divina, desde o poder supremo de Deus até os santos e anjos.<sup>193</sup>

Tem-se, então, a predestinação de Rosa e, posteriormente, também a de seu sucessor e sobrinho, Aldo Bertoni, sendo ele o “corpo da cabeça” do ministério apostólico e representante terreno após a coroação de sua tia como espírito consolador. Antes de falecer, ela já havia dado conhecimento dos trabalhos da igreja a Aldo. Mas, foi com alguns dias, ainda durante seu velório, que ela se manifestou a Aldo em espírito juntamente com Maria e, a partir dali, o orientou sobre o ministério dele. A sucessão

---

<sup>192</sup> “Curso de aperfeiçoamento de pastores e pregadores”. Título: *O Sucessor do Consolador* – Um Ministério de Glória nós recebemos do Irmão Aldo e da Santa Vó Rosa, porém veio de Jesus. Data não citada. Avulso. Disponível em: <http://www.acordapovoapostolico.com/CartilhaAB.PDF> Acesso em: 17/03/2017 às 00h:05m.

<sup>193</sup> “26 de outubro dia do Consolador”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 16h:13m]. (BERTONI, Aldo, p. 2). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>



profética encerra-se em Aldo, pois ele é tido como o último profeta, o profeta dos tempos do fim. As mediações dele entre o plano terreno e divino se deram, apenas, através dela, da santa vó Rosa.<sup>194</sup> Aldo possuiria, então, virtudes necessárias para ser o sucessor de sua tia. Ele também era levado aos céus pela santa vó Rosa e era colocado diante de Deus para receber orientações para seu ministério.<sup>195</sup>

Na fotografia a seguir (figura 23), vê-se Aldo conversando com Rosa (em espírito). Segundo a memória dos fieis da igreja, a foto foi tirada no sítio da instituição. Aldo olhava para o céu quando um fotógrafo captou o momento em que a imagem de um rosto em nuvens entrou em contato com ele. Foi informado que aquele rosto era da santa vó Rosa. Não temos muita informação sobre a fotografia, por isso preferimos deixar a análise em aberto.

---

<sup>194</sup> “Uma história de amor – 2ª parte”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 14 de outubro, 2009. [citado em 25 out. 2016; 18h:53m]. (BERTONI, Aldo, p. 1). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=203](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=203)

<sup>195</sup> “Santo Irmão Aldo’ Profeta do Senhor, sucessor do Consolador e Primaz apostólico”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, (data não citada). [citado em 28 out. 2016; 00h:11m]. (Autor não citado, p. 2). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/SANTO%20IRMAO%20ALDO%20PROFETA%20DO%20SENHOR,%20SUCESSOR%20DO%20CONSOLADOR%20E%20PRIMAZ%20APOSTOLICO.pdf>

**Figura 23 - O contato de Rosa (em espírito) e Aldo no sítio da Igreja Apostólica**



Fonte: Avante, povo apostólico. A voz da igreja Apostólica<sup>196</sup>

Na Igreja Apostólica, Rosa é a coluna principal da obra de salvação de Deus e foi depois de sua elevação ao céu que ela ficou conhecida como espírito consolador. Desde sua gestação, ainda no final do século XIX, ela já teria recebido os dons necessários para realizar sua missão como espírito consolador no tempo da regeneração.<sup>197</sup>

Como as análises deste trabalho têm como ponto de partida as experiências de Rosa, vê-se a seguir os motivos pelos quais ela foi a escolhida para ser o outro consolador. Divulga-se que ela nasceu predestinada, foi virtuosa, conheceu a riqueza e a pobreza, passou por inúmeras dificuldades ao longo de sua vida e tinha muita fé:

---

<sup>196</sup> Site: Avante, povo apostólico. A voz da igreja Apostólica. Disponível em [http://avanteapostolico.blogspot.com.br/2012\\_07\\_01\\_archive.html](http://avanteapostolico.blogspot.com.br/2012_07_01_archive.html). Acesso em: 12/06/2016 às 15h:14m.

<sup>197</sup> “A origem da Igreja Apostólica, o início das suas atividades na Terra e seus fundamentos”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica (data não citada). [citado em 26 out. 2016; 14h:00m]. (Autor não citado, p. 1). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20ORIGEM%20DA%20IGREJA%20APOSTOLICA,%20O%20INICIO%20DAS%20SUAS%20ATIVIDADES%20NA%20TERRA%20.pdf>

A Santa Vó Rosa foi escolhida e predestinada por Deus, desde o ventre de Sua mãe e ungida pelo Espírito Santo, recebendo todos os Seus dons e virtudes. Protegida e amparada pela Virgem Maria, ao nascer recebeu o nome de Rosa pela vontade soberana de Deus. Nasceu com a missão de revelar ao mundo a vontade e os planos de Deus e de ser o vaso precioso de Jesus, para formar a Sua Igreja, organizar Seu povo, preparar o Pastor que iria tomar conta do Seu rebanho e ser a grande vencedora, o “Espírito Consolador”, da preciosa promessa de Jesus.

Desde menina, foi notória a Sua sabedoria, Seus dotes, Suas virtudes, Sua bondade e Seu amor pelos sofredores. Ela passou por tudo nesta vida, conheceu o que era riqueza, e o que era pobreza. Enfrentou muitas dificuldades desde a Sua infância, na Sua juventude e maturidade, porém, soube conservar a Sua personalidade de mulher virtuosa e Santa.

Ela possuía uma coragem e uma fé inabalável, até o dia em que Jesus se manifestou em pessoa a Ela, e daí em diante passou a prepará-la e a desenvolver os dons espirituais que herdou de Deus ao nascer, para que pudesse exercer a nobre missão de Consolador com toda a sabedoria e virtudes divinas.<sup>198</sup>

Segundo o entendimento da doutrina apostólica, “quando Jesus se refere ao outro Consolador, significava que Ele era o primeiro Consolador”, pois foi um aliviador das dores no momento em que estava na Terra.<sup>199</sup> O significado do espírito consolador é entendido como aquele que alivia as dores dos oprimidos em tempos de sofrimento. Rosa, o outro Consolador é, como Jesus, uma aliviadora das dores e protetora de seu povo ante todo mal, incluindo esse país onde o seu povo habita:

A Santa Vó Rosa tem livrado o nosso País de doenças terríveis, que vem assolando diversas nações, não somente o ser humano, mas também as criações, como avicultura, o gado bovino, suíno e outras fontes de riquezas deste País e com isto afastando o perigo do desemprego e da falta de alimentos para o nosso povo e para muitas outras nações que dependem do que nós exportamos.

Outro fato importante é a proteção que concede ao nosso País, de catástrofes e fenômenos da natureza, como terremotos, maremotos, tornados e tufões, que têm trazido tantas desgraças em várias nações.

---

<sup>198</sup> “26 de outubro dia do Consolador”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 Out. 2016; 16h:13m]. (BERTONI, Aldo, p. 2). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

<sup>199</sup> “26 de outubro dia do Consolador”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 16h:13m]. (BERTONI, Aldo, p. 1). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

Tudo isto que Ela tem feito, é por amor aos fiéis, aos humildes e bondosos de coração, que merecem a sua proteção.<sup>200</sup>

Mesmo em vida, ela já fazia milagres. Rosa estabeleceu a vista de uma moça, salvou uma criança recém-nascida. Mas, as pessoas não sabiam dos milagres, pois não eram revelados por ela:

Mesmo no seu corpo, realizou milagres importantes, quando ainda exercia o seu ministério de diaconisa; restabeleceu a vista de uma mocinha que não enxergava, ao lhe impor suas mãos virtuosas.

Salvou a vida de uma criança recém-nascida que estava desenganada com broncopneumonia. Salvou a vida de um moço que havia sido operado da garganta e nariz e teve uma hemorragia, que não havia nada que parasse o sangue. Curou um diácono de nossa Igreja, que havia sido operado do esôfago e estava desenganado pelos médicos, prolongando sua vida. Salvou a muitos de doenças gravíssimas sem esperança de cura.

Muitos milagres e curas importantes Ela realizou junto com Jesus, quando ainda estava no seu corpo; porém, nunca foram revelados, porque sempre foi humilde e não falava para ninguém, não se vangloriava dos seus feitos e não se engrandecia. Sempre foi muito humilde e simples de coração.<sup>201</sup>

Rosa também curou pessoas com problemas de saúde:

Há uma família em Colorado no Paraná, que recebeu um grande milagre em favor do menino Murilo da Silva, que nasceu de sete meses e surgiu uma doença raríssima, chamada “Síndrome de Fanconi Cistinose”. É uma doença genética e sistêmica (generalizada), podendo causar dano a qualquer célula em que haja acúmulo de cistina e formação de cristais. Trata-se de patologia muito grave e progressiva, exigindo tratamento constante e especializado e que impedia o menino de se desenvolver, atingindo gravemente os rins e o coração, sendo obrigado a tomar 18 comprimidos por dia e que vinham dos Estados Unidos, sendo atendido em São Paulo, por vários médicos especialistas. Toda a família sofria com o sofrimento do menino.

Sua avó, a Sra Leonilda Carraro de Marchi, conversando com seu vizinho que é apostólico, lhe falou dos grandes milagres da Santa Vó Rosa e pediu o nome do seu neto para colocar na caixa de oração em

---

<sup>200</sup> “A história gloriosa do Ministério da Santa Vó Rosa para ser formada por Jesus Nosso Senhor como Espírito Consolador”. In: *Doutrina* [on-line]. (BERTONI, Aldo, p. 1). Igreja Apostólica, 06 de outubro, 2005. [citado em 15 maio 2017; 03h:03m]  
Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=49](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=49)

<sup>201</sup> “Como se deu início, a formação moral, espiritual e intelectual da Santa Vó Rosa”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 26 de Outubro, 2005. [citado em 15 Mai. 2017; 04h:42m]. (BERTONI, Aldo, p. 2). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=53](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=53)

nossa Igreja. Esta senhora, dona Leonilda, confiou na Santa Vó Rosa e no Irmão Aldo, e seu pedido foi atendido.

Feito todos os exames, os médicos disseram que os rins e o coração estavam funcionando normalmente e já estava se desenvolvendo, no crescimento como criança normal; eles ficaram admirados e constataram que o menino recebeu um grande milagre.

Hoje ele tem quatro anos, leva uma vida normal, está crescendo, é alegre como as outras crianças.<sup>202</sup>

Segundo Bitun, na Igreja Católica foi dado “o poder de cura divina aos santos canonizados pela Igreja”; já o “protestantismo histórico assumiu que esse poder caracterizou um tempo determinado por Deus para a manifestação de sinais e maravilhas e que hoje somente em casos esporádicos ela se manifesta”.<sup>203</sup> O movimento pentecostal da primeira onda, que compõe a Assembleia de Deus e Congregação Cristã do Brasil, caracterizou-se pela “ênfase na santificação, na glossolalia e exercício dos dons carismáticos”. Na segunda onda pentecostal, com as tendas, “a cura divina foi introduzida”, permanecendo em algumas igrejas neopentecostais.<sup>204</sup> No caso da Igreja Apostólica, houve a permanência da cura divina através de seus santos, a santa vó Rosa e o santo irmão Aldo, como na tradição Católica. A cura na Igreja Apostólica (da santa vó Rosa) pode ser conquistada a partir do toque das mãos, do uso da água/óleo ungidos ou intervenção indireta dos seus santos.

Depois da morte de Rosa, os milagres teriam sido muitos. Os clamores por proteção e amparo foram feitos diretamente a santa vó Rosa ou por intermédio do santo irmão Aldo. Também há clamores somente para o profeta Aldo e agradecimentos de cura pela intercessão de toda corte celestial, inclusive da intervenção de Maria e dos anjos. Os milagres são direcionados a curas de enfermidades, solução de problemas materiais e psicológicos, livramento de acidentes, domínio divino sobre a natureza, conversão, dentre vários outros tipos. O milagre é conquistado conforme o mérito do fiel e poderia ser recebido através do envio das cartas e telefonemas direcionados a Aldo. Nos anos de 2007, 2008, 2009, 2013, 2014, 2015 e 2016 foram expostos, na janela de testemunhos, disponibilizados do site da igreja, mais de 400 relatos de

---

<sup>202</sup> “Como se deu início, a formação moral, espiritual e intelectual da Santa Vó Rosa”. In: *Doutrina* [online]. Igreja Apostólica, 26 de Outubro, 2005. [citado em 15 Mai. 2017; 04h:42m]. (BERTONI, Aldo, p. 3). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=53](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=53)

<sup>203</sup> BITUN, Op. Cit., 2009, p. 21.

<sup>204</sup> Idem, ibidem.

milagres realizados pelos santos da Igreja Apostólica, sem contar aqueles que eram anunciados no programa de rádio *Hora Milagrosa* e nos Boletins Internos Oficiais.

Em vida, discretamente, Rosa já operava milagres, mas não divulgou a sua função de espírito consolador. Sobre sua santidade, ela deixou incógnito quando disse a Eurico, Odete e alguns pastores sobre sua missão: “Ninguém aqui sabe quem sou eu, nem o Bispo Eurico, nem a missionária Odete e nenhum pastor”.<sup>205</sup>

Para a doutrina, Jesus anunciou o outro consolador para dar prosseguimento a sua obra, ainda inconclusa, na Terra. O outro consolador faria obras ainda maiores do que ele próprio fez para a humanidade e anunciaria a doutrina de Cristo.<sup>206</sup> A promessa de Jesus de enviar o outro consolador e de restaurar seus ensinamentos através desse espírito que consola as dores da humanidade no período que precede o fim dos tempos pode ser verificada no Evangelho de João (14.12-26; 15.26-27; 16.7-13). Citamos este excerto do texto bíblico, que bem ilustra os sentidos evocados:

12. Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas; porque eu vou para meu Pai.

13. E tudo quando pedirdes em meu nome, eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho.

14. Se pedirdes alguma *coisa* em meu nome, eu o farei.

15. Se me amardes, guardareis os meus mandamentos.

16. *E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre.*

17. O Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco e estará em vós.

18. Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós.

19. Ainda um pouco, e o mundo não me verá mais, mas vós me vereis; porque eu vivo, e vós vivereis.

20. Naquele dia, conhecereis que *estou* em meu Pai, e vós, em mim, e eu, em vós.

21. Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei e me manifestarei a ele.

22. Disse-lhe Judas (não o Iscariotes): Senhor, de onde vem que te hás de manifestar a nós, e não ao mundo?

---

<sup>205</sup> “As provas que a Santa Vó Rosa é o Consolador são as Suas obras e o Seu Governo através do Irmão Aldo”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 20 de outubro, 2005. [citado em 15 maio 2017; 04h:25m]. (BERTONI, Aldo, p. 1). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=51](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=51)

<sup>206</sup> “26 de outubro dia do Consolador”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 16h:13m]. (BERTONI, Aldo, p. 1). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

23. Jesus respondeu, e disse-lhe: Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada.

24. Quem não me ama, não guarda as minhas palavras; ora, a palavra que ouvistes não é minha, mas do Pai, que me enviou.

25. Tenho-vos dito isto, estando convosco.

26. *Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito.*

(...)

26. *Mas, quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito da verdade, que procede do Pai, ele testificará de mim.*

27. E vós também testificareis, pois estivestes comigo desde o princípio.

(...)

7. *Todavia, digo-vos a verdade, que vos convém que eu vá; porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vos-lo-ei.*

8. *E, quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça, e do juízo:*

9. Do pecado, porque não crêem em mim;

10. Da justiça, porque vou para meu Pai, e não me vereis mais;

11. E do juízo, porque já o príncipe deste mundo está julgado.

12. Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora.

13. Mas, quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará o que há de vir. [grifos nossos]<sup>207</sup>

Nesse fragmento, Jesus divulga suas últimas instruções aos seus discípulos, “explica” a razão de sua saída do mundo terreno e anuncia a promessa do consolador, o espírito da verdade que virá convencer “o mundo do pecado, e da justiça, e do juízo”. Porém, ele deixa incógnito quem seria esse consolador, brecha que será, então, explorada pela doutrina apostólica na formação de seu imaginário religioso, colocando, como dissemos, a santa vó Rosa nesse lugar. Basta ver pelo fragmento abaixo, como até uma gênese de todo processo dessa figura da santa se dá, com a indicação, inclusive, do seu sucessor no processo de salvação que ela orienta:

No final do século 19, nasceu uma menina que foi escolhida e predestinada por Deus desde o ventre de Sua mãe; ungida pelo Espírito Santo e recebeu todos os seus dons. Abençoada por Jesus e pela Virgem Maria, esta menina recebeu o nome de “Rosa”, e pelos desígnios e vontade soberana de Deus, nascia com a missão de revelar ao mundo a vontade e os planos de Deus para o “Tempo da

---

<sup>207</sup> JO, 1997, 14. 12-26; 15. 26-27; 16. 7-13. *A Bíblia Sagrada*. Rio de Janeiro, FECOMEX. Grifos nossos.

Regeneração”. Também com a missão de revelar Jesus, formar a sua Igreja, organizar seu povo, preparar o Pastor que iria tomar conta do seu rebanho e ser a grande vencedora, o “Espírito Consolador”, da preciosa promessa de Jesus o Salvador.<sup>208</sup>

É notório nos discursos religiosos, como afirma Michel Foucault, o desnivelamento entre os discursos a partir do comentário: “muitos textos maiores se confundem e desaparecem, e, por vezes, comentários vêm tomar o primeiro lugar”.<sup>209</sup> É visível na colocação de Rosa como consolador o desnivelamento do discurso, uma vez que há a apropriação de passagens bíblicas para desenvolver interesses próprios dos fundadores, por exemplo, a justificação da vinda do espírito consolador (a santa vó Rosa): “cumpriu-se perfeitamente o que disse Jesus, o Consolador irá realizar obras maiores do que estas (as que ele realizou), pois eu vou para o meu pai, mas enviar-vou-lo-ei”.<sup>210</sup> Desse modo, utiliza-se de entendimentos bíblicos subjetivos para acrescentar o que não está dito no primeiro texto, mas um acréscimo que está de acordo com o que é de seu interesse.

O espírito consolador, prometido nesta doutrina, é referido como um espírito vencedor e sua escolha, cercada de grandes promessas divinas, é justificada pela passagem de Jesus no livro do Apocalipse: “ao vencedor fá-lo-ei sentar-se comigo no meu trono, do mesmo modo que eu venci e me sentei com meu Pai no seu trono”.<sup>211</sup> E, ainda seguindo a revelação a João, o outro consolador seria para a igreja “uma mulher adornada com dotes maravilhosos”, “de grande poder”, e sua chegada seria marcada por um “grande e maravilhoso sinal no Céu”. Esta mulher, “além de representar o ministério de Maria Santíssima”, “exerceria na Terra e também no Céu um precioso ministério”.<sup>212</sup>

---

<sup>208</sup> “A origem da Igreja Apostólica, o início das suas atividades na Terra e seus fundamentos”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica (data não citada). [citado em 26 out. 2016; 14h:00m]. (Autor não citado, p.1). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20ORIGEM%20DA%20IGREJA%20APOSTOLICA,%20O%20INICIO%20DAS%20SUAS%20ATIVIDADES%20NA%20TERRA%20.pdf>

<sup>209</sup> FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo, Edições Loyola. 2013, p. 22.

<sup>210</sup> “Curso de aperfeiçoamento de pastores e pregadores”. Título: *O Sucessor do Consolador* – Um Ministério de Glória nós recebemos do Irmão Aldo e da Santa Vó Rosa, porém veio de Jesus. Data não citada. Avulso. Disponível em: <http://www.acordapovoapostolico.com/CartilhaAB.PDF> Acesso em: 17/03/2017 às 00h:05m.

<sup>211</sup> “26 de outubro dia do Consolador”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 16h:13m]. (BERTONI, Aldo, p. 1). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>



Outra manifestação da promessa de dois santos, segundo a doutrina, também foi revelada ao profeta Zacarias e ratificada numa revelação de Jesus a São João:<sup>213</sup>

Jesus Nosso Senhor prometeu aos seus discípulos, a formação do outro Santo dizendo-lhes: “Ainda tenho muito que vos ensinar, mas ainda não é a hora. Porém, eu vou para o meu Pai, vosso Pai e Deus, mas não vos deixarei órfãos, voltarei para vós e também rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Consolador, que não falará de si mesmo, mas lhes ensinará tudo o que tiver ouvido de mim”.<sup>214</sup>

Rosa foi preparada, não só para que aprendesse a “doutrina perfeita” e a aplicasse na Terra, mas, também para o aperfeiçoamento dos seus dons, do seu espírito e seu ministério. Sendo assim, no momento de seu arrebatamento – ocorrido em 26 de outubro de 1970 – Rosa estaria preparada para ser o espírito consolador.<sup>215</sup> Quando ela foi coroada no céu como espírito consolador, foi recebida no reino de Deus com muita festa. Esse dia era esperado pelos profetas e os apóstolos e quando se deu, ela foi recebida pelos “coros angelicais”:

Quando a Santa Vó Rosa ainda cumpria o Seu ministério na Terra no Seu corpo, no Reino de Nosso Deus já tinham certa a Sua vitória como o Espírito Vencedor e Rainha dos Céus. Isto porque, os Santos Profetas e os Santos Apóstolos, esperavam com grande alegria e convicção o dia do arrebatamento da Santa Vó Rosa. Sabiam que Ela era o Consolador. Esperavam com ansiedade o grande dia da Sua vitória e a de Jesus e o início de um novo período de salvação na Terra, a Era do Consolador e o surgimento de Sua Igreja, quando eles, Profetas e Apóstolos, iriam fazer parte junto com a Santa Vó Rosa desta grande obra de Deus na Terra.

No dia em que a Santa Vó Rosa foi arrebatada, houve uma grande festa, com a chegada dEla nos Céus. Coros Angelicais entoavam hinos lindos e maravilhosos, jamais ouvidos na Terra, a Santa Vó Rosa

---

<sup>212</sup> “26 de outubro dia do Consolador”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 16h:13m]. (BERTONI, Aldo, p. 1-2). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

<sup>213</sup> “26 de outubro dia do Consolador”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 16h:13m]. (BERTONI, Aldo, p. 2). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

<sup>214</sup> “26 de outubro dia do Consolador”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 16h:13m]. (BERTONI, Aldo, p. 2). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

<sup>215</sup> “Uma história de amor – 2ª parte”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 14 de outubro, 2009. [citado em 25 out. 2016; 18h:53m]. (BERTONI, Aldo, p. 1). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=203](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=203)

recebeu todo o louvor e glória de uma multidão incontável de Santos e Anjos.<sup>216</sup>

A ideia de Rosa como santa era algo novo, especialmente em se tratando de uma santa fora do catolicismo. Os escritos da Igreja Apostólica reportam as diversas explicações sobre a nomeação “vó”. Uma delas é de que o nome foi permitido por Jesus para diferenciá-la da santa Rosa (católica) e, assim, prevenir uma confusão entre elas.<sup>217</sup> A nomeação “vó”, além de ter sido uma forma carinhosa dos fiéis a identificarem, também teria o sentido de mãe duas vezes.<sup>218</sup>

A proposta doutrinária de reflexão e imitação da vida e atos da santa vó Rosa pelos seus fiéis demonstram uma necessidade de consolo diante dos problemas da vida. As regras organizadas por Rosa oferecem um eixo aos fiéis. Ela se fez querida pelo seu meio e, ao mesmo tempo, odiada. Sua vida, sua fidelidade a Cristo e o significado de seu seguimento dão entendimento a esta doutrina apostólica. Segundo os discursos, ela está no nosso meio, nos livrando de todo o mal; ela marca os sinais do fim, modula o tempo e norteia a vida das pessoas nessa igreja, ela é, então, o espírito consolador da promessa de Jesus nessa igreja.

### 2.3. Uma vida santa

Assim como os personagens sagrados, a santidade da santa vó Rosa é composta por uma literatura que rememora a sua história de vida antes de sua conversão. Trata-se de mensagens sobre a vida de Rosa, divulgadas pela igreja para que os fiéis tenham a vida dela como referência e a visualizem como uma pessoa que já nasceu com a disposição de ser santa. Na história de vida de Rosa organizada pela igreja, é notável

---

<sup>216</sup> “A Santa Vó Rosa como Espírito Consolador usando o Irmão Aldo nunca falhou na sua missão”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 16h:20m]. (BERTONI, Aldo, p. 5-6).

Disponível em:

<http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

<sup>217</sup> “Uma história de amor – 2ª parte”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 14 de outubro, 2009. [citado em 25 out. 2016; 18h:53m]. (BERTONI, Aldo, p. 1). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=203](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=203)

<sup>218</sup> “A origem da Igreja Apostólica, o início das suas atividades na Terra e seus fundamentos”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica (data não citada). [citado em 26 out. 2016; 14h:00m]. (Autor não citado, p. 4-5). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20ORIGEM%20DA%20IGREJA%20APOSTOLICA,%20O%20INICIO%20DAS%20SUAS%20ATIVIDADES%20NA%20TERRA%20.pdf>

algumas apropriações das histórias de vidas bíblicas. O que ocorre é uma montagem discursiva a partir de outras histórias já conhecidas, mas nessa igreja são reajustadas à vida de Rosa. Já na trajetória dela, antes mesmo de converter-se, percebe-se um estímulo aos seus dons carismáticos pelo meio em que ela construiu sua experiência.

A ação comunitária religiosa ou magicamente motivada é, para Max Weber, alcançada a partir das vivências, representações e fins subjetivos, em busca de sentido. Conforme o sociólogo alemão, não é qualquer pessoa que em êxtase produz efeitos de natureza divinatória. A pessoa deve possuir um germe em suas capacidades carismáticas, e se o carisma não for estimulado (exemplo: ascese), permanece oculto. O carisma pode ser um dom, não adquirido, mas vinculado à pessoa ou objeto por natureza que pode ser desenvolvido de modo artificial e meios extra-cotidianos. Weber afirma que é a partir da experiência, mas não exclusivamente dela, que se organizam a magia e o carisma. Sendo assim, a atuação religiosa e mágica é, primordialmente, uma ação racional e irracional, embora ainda que não orientada por meios e fins, orienta-se, pelo menos, pelas regras da experiência e, em sua grande maioria, por uma natureza econômica.<sup>219</sup> Vejamos, então, as experiências da santa vó Rosa.

Rosa nasceu em 10 de junho de 1894 e acredita-se que ela já “nasceu santa e assim se conservou até o último dia da sua vida na Terra, por isso mereceu e recebeu o grande galardão de ser a nossa Rainha e o nosso Consolador”.<sup>220</sup> Segundo a igreja, ela sempre viveu no bairro Tatuapé, em São Paulo. Seu nascimento é exposto como um acontecimento semelhante ao nascimento de Jesus, pois Deus quando percebeu que já era o tempo do fim, escolheu um casal de enorme bondade para ter uma menina virtuosa, dando-lhes o nome de uma flor, Rosa:

Havia se passado um mil e novecentos anos desta promessa; e Deus o Pai, vendo que já era o tempo próprio para consumir a obra e a promessa de seu Filho, sobre o outro Consolador, escolheu um casal muito bom, honrado e justo, sendo que a esposa era uma senhora de um coração nobre e moral elevada, deu-lhe a felicidade de ser mãe de uma menina virtuosa, cujo Espírito era privilegiado, com virtudes e poder, para ser no futuro, o vaso precioso do seu Filho Jesus e que teria a missão de ser o outro Consolador.

---

<sup>219</sup> WEBER, Op. Cit., 2015, p. 279-280.

<sup>220</sup> “A vida preciosa da Santa Vó Rosa”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2009. [citado em 15 maio 2017; 02h:07m]. (BERTONI, Aldo, p. 1). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=207](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=207)

Aquela menina, pela vontade de Deus e de seu Filho, inspirou os pais a dar-lhe o nome de uma flor, que é o símbolo do amor e é também a Rainha das Flores: "Rosa".<sup>221</sup>

Desde pequena, Rosa já era reconhecida pelas suas virtudes e sua caridade. O pai dela era proprietário de uma chácara no Bairro Tatuapé, onde hoje é o chamado Largo do Maranhão. Na chácara, ele produzia verduras para vender. Já nesse tempo, Rosa demonstrava ser caridosa, quando cedia as verduras produzidas pelo seu pai às vizinhas pobres:

A menina Rosa cresceu, recebendo toda a educação e todo o carinho de sua mãe. Aprendeu a exercer a virtude do amor, da bondade, da honestidade, da justiça e da honradez. Foi uma filha exemplar, e desde pequena aprendeu a dar valor ao trabalho e a respeitar o direito do seu semelhante. Era muito bondosa, educada, atenciosa e misericordiosa. Poucas pessoas a compreenderam, mas sua mãe soube reconhecer em sua filha, uma alma nobre, corajosa e fiel.

Ainda menina, já fazia caridade. Seu pai possuía uma chácara muito grande no Bairro do Tatuapé em São Paulo-Capital, onde hoje é o Largo do Maranhão, próximo ao Rio Tietê. Nesta chácara, eram plantadas muitas verduras para serem comercializadas; e, ao lado da mesma, morava uma senhora muito pobre, viúva e doente, que tinha uma filha, e ambas lutavam muito para sobreviver e muitas vezes passavam necessidades, pois na época, São Paulo não possuía indústria e era difícil conseguir emprego. A menina Rosa, dava àquelas pobres mulheres, verduras da horta de seu pai, sem que ele soubesse, pois quando descobria lhe castigava, por não conhecer a nobreza e a bondade de sua filha.

(...)

Era conselheira e amiga de todos os que a procuravam, sempre foi assim, era muito conhecida no Bairro do Tatuapé, onde residia desde criança, pela sua bondade e coragem. Quando precisava tomar medidas para salvar alguém de um perigo, ou de uma família, mostrando-lhes a verdade e o caminho a ser seguido, Ela o fazia com muita justiça e amor, e os que aceitavam seus conselhos e orientações, eram bem sucedidos.<sup>222</sup>

Ela também ajudava uma moça a confeccionar trabalhos manuais para sobreviver. Tudo era feito escondido do pai, durante a madrugada:

---

<sup>221</sup> “Como se deu início, a formação moral, espiritual e intelectual da Santa Vó Rosa”. In: *Doutrina* [online]. Igreja Apostólica, 26 de outubro, 2005. [citado em 15 maio 2017; 04h:42m]. (BERTONI, Aldo, p. 1). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=53](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=53)

<sup>222</sup> “Como se deu início, a formação moral, espiritual e intelectual da Santa Vó Rosa”. In: *Doutrina* [online]. Igreja Apostólica, 26 de outubro, 2005. [citado em 15 maio 2017; 04h:42m]. (BERTONI, Aldo, p. 2). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=53](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=53)

A Menina Rosa fazia uma outra obra de caridade para aquelas pobres mulheres, ajudando a moça a confeccionar encomendas para uma loja de produtos feitos à mão, tarefa que ela precisava entregar todos os dias e que não era nada fácil por se tratar de uma atividade artesanal, feitos um a um. A menina Rosa sabendo da dificuldade da moça decidiu ajudá-la. Todavia, para que seu pai não a visse fazendo um trabalho diferente, Ela o realizava durante a noite, à luz de um lampião. Na manhã seguinte, a Menina Rosa entregava o trabalho pronto para aquela moça que lhe agradecia de todo o seu coração, reconhecida pela bondade daquela menina, sua vizinha.<sup>223</sup>

A caridade foi reconhecida pela corte celestial, especialmente quando Rosa cedeu dinheiro para a compra de uma cadeira de rodas para o marido enfermo de uma vizinha:

Certa vez, a Santa Vó Rosa fez uma obra de caridade muito grande para uma senhora sua vizinha que não era da Igreja. O esposo dessa senhora ficara paralisado por ter sofrido um derrame e precisava de uma cadeira de rodas para não ficar apenas numa cama. A esposa pretendia sair um pouco com ele levando-o na cadeira de rodas para passear um pouco, a fim de aliviar seu sofrimento e para que ele se distraísse.

Esta senhora havia procurado ajuda de seus familiares e nenhum deles se prontificou a ajudá-la, tampouco deram atenção à situação daquele senhor. A Santa Vó Rosa se apiedou daquele casal e vendo a bondade daquela senhora pelo seu esposo, deu-lhes uma boa parte do dinheiro que precisavam para adquirir a cadeira de rodas, valor este que a Santa Vó Rosa tirou do total que havia recebido naquele dia como pagamento destinado ao seu sustento.

Esse gesto tão belo de caridade realizado pela Santa Vó Rosa foi contemplado por Deus o Pai, que disse para Jesus: “Meu Filho, eu adoro esta minha serva por toda a bondade que existe em seu coração e por esse ato de misericórdia em favor daquele lar”.

Deus o Pai, Jesus e Maria Santíssima já amavam profundamente a Santa Vó Rosa pela sua bondade, pela sua misericórdia, pela sua humildade, pela sua simplicidade. Durante seu ministério terreno Eles manifestaram n’Ela todo o seu poder e com muito amor Jesus a ungiu por diversas vezes com o ÓLEO Santo que é poderosa Unção do Santíssimo Espírito e que vertia de suas mãos.<sup>224</sup>

Numa pregação, o pastor Trevisan, ao se colocar na própria fala de Rosa, diz que Deus quis provar ela na riqueza, por isso deixou Rosa nascer rica, porque ela nunca foi

---

<sup>223</sup> “A vida preciosa da Santa Vó Rosa”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2009. [citado em 15 maio 2017; 02h:07m]. (BERTONI, Aldo, p. 1-2). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=207](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=207)

<sup>224</sup> “Uma história de amor – 5ª parte”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2009. [citado em 25 Out. 2016; 18h:38m]. (BERTONI, Aldo, p. 1). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=207](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=207)

orgulhosa, soberba e não se prendia às coisas do mundo. Segundo o pastor, conforme ouviu dela pessoalmente, o pai dela tinha muitas terras, era uma família privilegiada. O que Rosa mais gostava era de ajudar os pobres, porque ela não gostava de ver o outro no sofrimento, necessitando de ajuda. Contudo quando Rosa cedia as coisas de sua família aos necessitados, o pai lhe batia muito. Trevisan afirma que ela achava que, como em sua casa tinha muita fartura e ela era a primeira filha herdeira, as coisas não eram só do seu pai, mas dela também. Daí, tinha o sentimento de que não estaria roubando os bens de seu pai para dar aos necessitados, mas dando as coisas que pertenciam a ela também. Mesmo sabendo que ia sofrer a violência do pai, ela ajudava os que precisavam. Apanhava com um chicote chamado de azorrague e, depois, o pai a colocava para dormir sem alimentar-se, de castigo e muito machucada. Trevisan termina sua pregação afirmando que a vida de Rosa desde a infância já foi um ministério santo.<sup>225</sup> Assim como Jesus, Rosa tinha uma grande disposição para dar suporte aos pobres e também foi castigada pelo chicote azorrague, utilizado pelos romanos para castigar Cristo. Há aqui a proximidade com a história de Jesus.

Rosa estudou num colégio de freiras e aprendeu o que era o ideal de feminilidade em sua época, ou seja, os trabalhos manuais para casa. Mas, ela também teve uma formação intelectual:

Quando a Santa Vó Rosa, ficou mocinha, foi estudar num Colégio de Freiras, sendo uma ótima aluna, aplicada, obediente e muito zelosa. Aprendeu tudo o que uma mulher precisa saber sobre prendas domésticas: a bordar, costurar, fazer tricô, crochê e além de conhecimentos, básicos e intelectual.<sup>226</sup>

No trecho acima, são notáveis os dados sobre a formação católica de Rosa. Seu entendimento católico pode ter marcado a aproximação doutrinária da igreja em estudo com a crença católica. Além disso, pode-se verificar na formação de Rosa o ideal de feminilidade que pode ser visto na própria disciplina moral da igreja.

Diz-se que a primeira alma que Rosa conquistou, graças a seus conselhos, foi de uma jovem colega dela, pois eram muito amigas. Quando Rosa era arrebatada em

---

<sup>225</sup> “Mensagem do Pastor Trevisan, “Histórias da Igreja Apostólica – parte II – O Ministério da Santa Vó Rosa”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o8pkCic0UxQ> Acesso em: 26/05/2017 às 13h:20m.

<sup>226</sup> “Como se deu início, a formação moral, espiritual e intelectual da Santa Vó Rosa”. In: *Doutrina* [online]. Igreja Apostólica, 26 de outubro, 2005. [citado em 15 Mai. 2017; 04h:42m]. (BERTONI, Aldo, p. 2). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=53](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=53)

espírito, ela teve a oportunidade de rever a colega e foi informada por Jesus que a menina foi para o céu devido à boa influência dela:

Seu exemplo de bondade, de boas maneiras e educação, foi um exemplo para suas colegas. Houve uma delas, que se apegou muito a nossa Santa Vó Rosa, e que veio a falecer ainda jovem, mas ganhou a coroa da Vida Eterna, entrando direto nos Céus, sem precisar de nenhum preparo, pois já estava bem preparada, graças aos conselhos e aos exemplos da vida honrada e virtuosa da Santa Vó Rosa.

Quando Jesus começou a preparar a Santa Vó Rosa, e numa das ocasiões em que a levou em espírito aos Céus, fato que fazia constantemente. Levou-a a uma das regiões da glória celestial; mostrando-lhe aquela jovem que foi sua colega de escola, dizendo-lhe Jesus, que a mesma ganhou os Céus, graças aos conselhos que Ela lhe dava e o exemplo de sua vida honrada e santificada, quando ainda estudava naquele colégio.<sup>227</sup>

Trevisan afirma que Rosa era muito bonita e logo casou-se com um “moço rico da alta sociedade” e que frequentava lugares elitizados. Tratava-se de um comandante da Marinha Brasileira. Trevisan diz que mesmo sendo bonita e frequentando a alta sociedade, Rosa nunca seguiu modas, não usava pintura e nem joias desnecessárias e sua roupa era muito honrada. O pastor acrescenta que o companheiro de Rosa, ao levá-la junto a si nos círculos da alta sociedade, nunca se envergonhou da apresentação dela, de modo que ninguém podia criticá-la. Ela dizia para o pastor: “a moda é para todas, mas nem todas são para a moda”.<sup>228</sup> Aqui, é visível os gostos de Rosa quando era jovem e que serão lançados na disciplina moral da Igreja Apostólica. Percebe-se, também, a própria resistência dela quanto a alguns estilos.

---

<sup>227</sup> “Como se deu início, a formação moral, espiritual e intelectual da Santa Vó Rosa”. In: *Doutrina* [online]. Igreja Apostólica, 26 de outubro, 2005. [citado em 15 maio 2017; 04h:42m]. (BERTONI, Aldo, p. 2). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=53](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=53)

<sup>228</sup> “Mensagem do Pastor Trevisan, “Histórias da Igreja Apostólica – parte II – O Ministério da Santa Vó Rosa”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o8pkCic0UxQ> Acesso em: 26/05/2017 às 13h:20m.

**Figura 24 - Rosa com, provavelmente, vinte e um anos de idade.**<sup>229</sup>



Fonte: *Blog Avante Povo Apostólico*.<sup>230</sup>

Entretanto, de acordo com Trevisan, Rosa disse para ele que o poder das trevas declarava: “ah, ela é santa, mas também sempre rica, nasceu rica, casou com moço rico, nunca faltou nada, teve muita fartura. Eu queria ver se ela ficasse pobre, passasse fome, tivesse que trabalhar pra comer, se ela continuaria santa”. Então, afirma-se que Deus a provou trazendo consequências à sua vida, lhe trouxe a pobreza.<sup>231</sup> Logo, ficou viúva,

---

<sup>229</sup> Mensagem do Pastor Trevisan, “‘Histórias da Igreja Apostólica’ – parte II – O Ministério da Santa Vó Rosa”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o8pkCic0UxQ> Acesso em: 26/05/2017 às 13h:05m.

<sup>230</sup> Disponível em: [http://avanteapostolico.blogspot.com.br/2012\\_07\\_01\\_archive.html](http://avanteapostolico.blogspot.com.br/2012_07_01_archive.html) Acesso em: 12/06/2016 às 15h14m.

<sup>231</sup> Mensagem do Pastor Trevisan, “‘Histórias da Igreja Apostólica’ – parte II – O Ministério da Santa Vó Rosa”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o8pkCic0UxQ> Acesso em: 26/05/2017 às 13h:05m.



pois o companheiro foi morto numa batalha naval durante a Primeira Grande Guerra. Ela já tinha uma filha. Pouco tempo depois, seus pais morreram, deixando cinco filhos, seus irmãos, sob os cuidados de Rosa.

Para Sérgio da Mata, “as respostas que o pensamento religioso elabora para dar conta do problema do infortúnio é o que se convencionou chamar de teodiceia”.<sup>232</sup> E vê-se aqui, na história de infortúnios de Rosa, uma teodiceia do sofrimento muito próxima da história de provação e tribulação de Jó. De acordo com o texto bíblico, Jó era um homem muito rico, íntegro e temente a Deus. Tinha sete filhos e duas filhas. Havia muita fartura entre eles. No dia que os filhos de Deus se apresentavam a ele, Satã estava junto a eles, daí instigou a Deus, do mesmo modo que fez com Rosa, e argumentou que a virtude de Jó só ocorreria em função de sua boa vida e o corpo sadio dele, caso tivesse uma má vida Jó lançaria maldições no próprio Deus. Deus então ordena que Satã retire tudo que Jó tem (riquezas e filhos) e tome seu corpo com enfermidade. Em péssimas condições devido às tribulações, Jó toma a palavra e amaldiçoa Deus.<sup>233</sup> Assim como Jó, Rosa foi provada e passou por várias tribulações: perdeu os pais e o companheiro ainda jovem, trabalhou e sustentou sozinha os que ficaram sob sua responsabilidade, sendo, além disso tudo, muito enferma. Mesmo assim, diz-se que Rosa não abandonou seu aspecto íntegro.

Ela renunciou à riqueza da família do companheiro, que se dispôs a ajudá-la e à filha, e não aos irmãos. Rosa negou a ajuda e seguiu em frente com os cinco irmãos e uma filha:

Quando jovem, Ela foi muito bela. Um moço íntegro e respeitável, comandante da Marinha Brasileira, vendo a beleza do coração da Jovem Rosa, casou-se com Ela e muito a ajudou e lhe aconselhou e a orientou sobre o coração humano. Durante a Primeira Guerra Mundial, o navio que ele comandava foi afundado pelo inimigo e ele não sobreviveu. Foi então que a grande luta da Santa Vó Rosa começou. Ainda jovem, com uma filha para criar, Ela perdeu a mãe e poucos meses depois faleceu o seu pai, deixando cinco filhos órfãos. Mais uma vez, a Santa Vó Rosa demonstrou a Sua coragem e o Seu amor, renunciando a riqueza da família de seu esposo, que impôs a condição de que só cuidaria d’Ela e da filhinha, desde que não assumisse a responsabilidade de cuidar de seus irmãos.

---

<sup>232</sup> MATA, Op. Cit., 2010, p. 134.

<sup>233</sup> A Bíblia Sagrada, Op. Cit., 1997.

A Santa Vó Rosa não aceitou essa condição e preferiu ficar com seus irmãos que ainda eram muito jovens e não tinha quem cuidasse deles. Um desses jovens era meu pai, irmão da Santa Vó Rosa.<sup>234</sup>

Trevisan diz que Rosa ficou viúva aos vinte anos de idade e que, diferentemente do que vimos na citação acima, tratar-se-ia de seis irmãos, sete com ela, o menor tinha dois anos de idade, e mais duas filhas de Rosa. A família do marido dela disse que ajudaria ela a criar as filhas se internasse os irmãos num orfanato gratuito. Mas Rosa não aceitou, pois prometeu a sua mãe que iria criar os irmãos e as filhas.<sup>235</sup> Ela trabalhava dia e noite, mesmo estando enferma:

Então ela trabalhava dia e noite, mesmo doente, com problema de saúde. Teve uma vez que ela perdeu até um pulmão. Secaram o pulmão com pneumotórax, porque estava condenado. E ela tinha o coração inchado, que mal cabia na caixa torácica, coração grande. E mesmo com um pulmão só, o coração pressionava o pulmão, ela trabalhou dia e noite e criou a família toda.<sup>236</sup>

Informa-se que a cidade de São Paulo vivia um momento conflituoso (a Revolução de 1924) e Rosa foi trabalhar numa pensão, corria riscos ao atravessar trincheiras do conflito para ir trabalhar:

Foi uma época muito difícil para a Santa Vó Rosa. São Paulo era uma cidade pequena e não havia empregos, também porque estava ocorrendo a Revolução de 1924, revolta que dominou a cidade por vinte e três dias. Nesse período a Santa Vó Rosa foi trabalhar numa pensão só para alimentar seus irmãos e para levar o alimento para casa. No trajeto para o trabalho, Ela precisava passar pelo meio da trincheira onde ficavam os soldados paulistas para se defenderem do inimigo. Apesar do alerta dos soldados, corajosamente, Ela ali passava para ir trabalhar e não deixar seus irmãos passarem fome.<sup>237</sup>

---

<sup>234</sup> “A vida preciosa da Santa Vó Rosa”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2009. [citado em 15 maio 2017; 02h:07m]. (BERTONI, Aldo, p. 1). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=207](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=207)

<sup>235</sup> Mensagem do Pastor Trevisan, “Histórias da Igreja Apostólica – parte II – O Ministério da Santa Vó Rosa”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o8pkCic0UxQ> Acesso em: 26/05/2017 às 13h:20m.

<sup>236</sup> Mensagem do Pastor Trevisan, “Histórias da Igreja Apostólica – parte II – O Ministério da Santa Vó Rosa”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o8pkCic0UxQ> Acesso em: 26/05/2017 às 13h:20m.

<sup>237</sup> “A vida preciosa da Santa Vó Rosa”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de Outubro, 2009. [citado em 15 Mai. 2017; 02h:07m]. (BERTONI, Aldo, p. 1). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=207](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=207)

Aldo Bertoni relata o quanto sua tia sofreu para manter a família:

A minha tia, ainda jovem, muito bela, cheia de vida e esperança, teve que lutar para manter sua família. Ficou viúva muito moça, meses depois, faleceram seus pais, deixando cinco irmãos menores aos cuidados d'Ela e um deles era o meu pai e uma filha ainda muito pequena. Lutou para criá-los e foi após a primeira guerra mundial e na revolução de 1924 em nosso Estado, trazendo fome e miséria. Foi muito grande a luta d'Ela ainda jovem, sem recursos, ter que criar, educar, dar de comer e vestir a seis menores. Ela passou tudo isso, entretanto, venceu, criou todos e deu-lhes toda a assistência necessária, até se casarem.<sup>238</sup>

Quando os irmãos de Rosa cresceram, entendeu-se que ela foi provada tanto na riqueza quanto na pobreza, pois não perdeu a graça divina e continuou honrada e fiel à corte celestial. Foi vencedora.<sup>239</sup> Divulga-se assim: “nós sabemos muito bem que a Santa Vó Rosa, ela teve tempos de abundância na sua vida, de fartura, mas ela teve também tempos de pobreza, necessidade que precisava enfrentar mesmo para ganhar o pão para o sustento da casa”.<sup>240</sup> Tanto a sua caridade quanto à renúncia pela riqueza teriam sido análogas à vida de Jesus, pois foi-lhe oferecido as glórias do mundo, mas estas foram por ela negadas.<sup>241</sup>

A missionária Odete, em uma de suas mensagens, explica sobre o estado de saúde de Rosa quando esta tinha cinquenta anos de idade. Segundo Odete, ela era muito enferma do coração, teve três infartos, sofria com desmaios, ataques, ao ponto de sangrar pela boca. Ela “quase morria e vivia”. Antes de Rosa morrer, Odete lembra que ela pegou uma broncopneumonia, que a deixou muito debilitada. A missionária e o bispo foram até a casa dela para uma visita. Quando estavam no quarto a sós com ela,

---

<sup>238</sup> “A Santa Vó Rosa como Espírito Consolador usando o Irmão Aldo nunca falhou na sua missão”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 16h:20m]. (BERTONI, Aldo, p. 6). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

<sup>239</sup> Mensagem do Pastor Trevisan, “Histórias da Igreja Apostólica – parte II – O Ministério da Santa Vó Rosa”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o8pkCic0UxQ> Acesso em: 26/05/2017 às 13h:20m.

<sup>240</sup> Mensagem “*Histórias da Santa Vó Rosa*” pregada pelo pastor Antonio Martins de Almeida. A pregação foi publicada no *youtube* em 30 de outubro de 2015. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=cSDCyjsSs\\_E](https://www.youtube.com/watch?v=cSDCyjsSs_E) Acesso em 26/09/2017 às 02h:22m.

<sup>241</sup> “A história gloriosa do Ministério da Santa Vó Rosa para ser formada por Jesus Nosso Senhor como Espírito Consolador”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 06 de outubro, 2005. [citado em 15 maio 2017; 03h:07m]. (BERTONI, Aldo, p. 2). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=49](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=49)

mesmo muito mal de saúde, Eurico e Odete presenciaram uma meditação, onde Jesus disse que ainda precisava do corpo daquela mulher para fazer obras. Essa passagem é interessante, pois raramente informam sobre como realmente ocorriam as experiências sagradas. Nesse caso, Rosa ficou inconsciente e outro espírito dirigiu o seu corpo, dito ser Jesus. O espírito conversava apenas com o casal, dava ordens. Daí, ao retornar em seu estado normal, Rosa toma conhecimento sobre tal experiência. Quando Rosa faleceu em 1970, num momento em que foi preciso aplicar formol em suas veias para que seu corpo ficasse exposto por três dias, até que os fiéis pudessem viajar de todo o Brasil para seu velório, o médico informou que o processo durou de duas a três horas, pois Rosa tinha as veias inteiramente entupidas. Assim lembra a missionária:

Com a Santa Vó Rosa aconteceu isto. Ela era para ter vivido no corpo, ela viveu no corpo, digo melhor, ela viveu no corpo muito mais do que era para viver, porque quando ela estava na volta de cinquenta anos de idade, ela já sofria terrivelmente do coração ao ponto ter desmaios, ataques mesmo e pôr muito sangue pela boca, com cinquenta anos. Depois disto é que a igreja surgiu e a vida dela, ela sofreu três enfartes na vida física e resistiu aqueles três enfartes por um milagre muito grande. E a vida do corpo foi preservada até que duas coisas fossem alcançadas. A primeira delas, a garantia de que ela continuaria a exercer em continuação, imediatamente, o seu ministério e que estava em condições de ser verdadeiramente o Espírito Consolador. E em segundo lugar, que ela pudesse preparar o seu sucessor. Enquanto foi preciso alcançar estes dois objetivos, não houve morte que tivesse domínio sobre o corpo dela. Ela quase morria e vivia... quase morria e vivia. Eu me lembro, foi alguns meses antes de acontecer o que aconteceu. Ela pegou uma pneumonia, uma broncopneumonia dupla nos dois pulmões e ficou muito mal... mas muito mal mesmo. E nós fomos à casa dela, numa reunião depois de quinta-feira... numa reunião de quinta-feira como esta. Depois passamos na casa dela e num instantinho, num minuto enquanto deixaram eu e o Bispo a sós com ela e os outros desceram, foram cuidar de outras coisas lá na casa. Então naqueles minutos, Jesus ainda conseguiu usar o corpo dela. E ele disse: “Meus servos, esta minha serva já é do Céu e não é da Terra e por isto ela está cansada e ela não quer mais continuar no corpo. Mas eu preciso... eu ainda preciso do corpo dela, então aconselhem ela agora e eu farei o que for preciso”. E aí, nisto vinha alguns irmãos lá subindo, porque era sobrado a casa e nós, então, enquanto era tempo, damos o recado para ela e pedimos... aí pedimos para ela: “Oh Santa Vó, a senhora tem direito... nós sabemos que a senhora tem direito, mas por amor a igreja, por amor a nós, como um pedido nosso, concorde, deixe Jesus curar e a senhora viver pelo menos até que tudo esteja solucionado”. Pois foi questão de horas. Dalí nós fizemos o que ele havia mandado e começamos a pôr compressas quentes nas costas e no peito dela. E enfim, foi as providências que mandou que tomamos. Isto foi na quinta-feira. No domingo ela estava na igreja lá na rua Tuiuti. Porque Jesus sempre teve inteiro domínio e autoridade sobre a vida dela e o corpo dela.

Mas porque ela concordava com a vontade dele. Então, enquanto foi preciso... enquanto foi preciso, ela viveu. Agora no dia em que ela teve a certeza que o Irmão Aldo ia cumprir seu Ministério e que se entregou a ela de todo coração para fazer o que ela quisesse, porque ela pediu para ele: “eu preciso de você”. E ele então disse: “pra servir a senhora eu digo que fico”. Ele não sabia nem direito o que estava falando, não sabia o quê que ela iria exigir, né. Depois é que ele soube. Aí então tudo aconteceu. Mas depois de tudo acontecido, como sabem, o corpo dela foi preparado para poder ficar três dias ainda, até que chegassem todos os pastores. E este preparo é feito injetando formol nas veias. Este preparo levou mais de duas ou três horas, já não estou bem lembrada porque já fazem vinte anos, né. E o médico que fez aquilo disse para nós: “eu não sei porque que vocês estão tão desesperados com o falecimento desta senhora, porque ela, eu não sei explicar como que vivia... não sei explicar como esta pessoa vivia, porque as veias dela eram inteiramente entupidas. E para aplicar o formol de tantos e tantos centímetros, precisou fazer um novo corte na veia”. Então veja, quer dizer que era um corpo que servia, andava, dava ordens e orava e tinha revelações. E cuidava do povo, fazia tudo, mas um corpo que era empurrado... um corpo que era empurrado, porque não tinha condição. Com as veias inteiramente entupidas, como é que aquele coração batia? Mas batia e bateu enquanto foi a vontade divina. E morte física não escravizou ela não, senhores, porque aquilo foi um segundo de tempo... um segundo de tempo. Acabou-se. Isto deve ser um exemplo para esta igreja.<sup>242</sup>

Weber afirma que a pessoa carismática e qualificada para isso recebe a representação de seres que se ocultam “por trás” e que determinam a atuação na crença dos espíritos. O espírito indefinido, invisível, carrega uma espécie de vontade (leis próprias), pela qual o ser concreto realiza sua força de ação para desenvolver condições econômicas para tal crença. Quanto a esse aspecto, basta nos lembrarmos do sonho revelador de Rosa, apresentado na primeira parte desta pesquisa, e até da incorporação do corpo dela, citada do trecho anterior.

Tudo isso dá ensejo à compreensão de que Rosa não foi uma pessoa leiga comum, mas *qualificada*, no sentido que emprega Weber para se referir ao mago profissional. O acesso do leigo ao êxtase dá-se como fenômeno ocasional, eventual, de acordo com as exigências do cotidiano e uso de substâncias (bebidas alcoólicas, música, tabaco e narcóticos) para fins orgiásticos, ou seja, numa relação comunitária religiosa. A magia racional é ocasional e o mago está em contínuo exercício e direção. Seguindo na perspectiva weberiana, Rosa buscou para si características que representam e

---

<sup>242</sup> Mensagem da missionária Odete sobre a morte. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gf8DZIzdCfc> Acesso em: 15/05/2017 às 04h:51m.

transmitem o carisma e o êxtase como um empreendimento. Por trás dela há um espírito que dita leis, mas as leis se confundem com os aspectos culturais da santa.

**Figura 25 - Rosa**



Fonte: *Facebook* <sup>243</sup>

Todo esse discurso fornece indícios de que Rosa era uma mulher enferma. A história de vida dela é utilizada para dar o exemplo de vida ideal, ou seja, uma vida que

---

<sup>243</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/813617685325904/photos/a.813858161968523.1073741828.813617685325904/908371829183822/?type=3&theater> Acesso em 12/06/2016 às 16h:15m.

se entregou de corpo e alma a obra de Deus, se sacrificou. É interessante, na citação anterior, como se utiliza do laudo médico para comprovar sua santidade.

A construção da história de vida dela pela igreja assemelha-se à construção da vida de renúncia e enfermidade dos santos e santas católicos. Conforme afirma Igor Salomão Teixeira, Tomás de Aquino renunciou à sua nobre família para viver em função da obra de Deus. No caso de Rosa, ela foi provada por Deus, por isso lhe veio a pobreza. Os santos católicos, desde a infância, já demonstravam características de santidade, assim como Rosa. Trata-se de vidas anunciadas como de muito sofrimento forjadas nos discursos das instituições, conforme o que lhe é de interesse. Todo o sofrimento vivido por Rosa fez, então, que ela adentrasse na formação religiosa em tendas na década de 1950, em São Paulo, e formasse a Igreja Apostólica.

## 2.4. A disciplina moral

A colocação de uma ordem moral, através de códigos, para chegar à salvação foi comum entre os pentecostais. A observância de tabus referentes ao vício (uso de bebida alcoólica, cigarro), a televisão, cinema, jogos, dentre outros era uma forma de separar o fiel do “mundo”, deixando-o santificado. As proibições são visíveis na Assembleia de Deus e na Congregação Cristã no Brasil. Os usos e costumes começaram a ser alterados nos anos 50, especialmente com a Quadrangular, pois ela mostrava-se menos rígida. A igreja Deus é Amor preservava o seu rigor legalista e pode superar a Assembleia e a Cristã. No decorrer dos anos, algumas igrejas avançaram e outras diminuíram quanto às exigências dos usos e costumes que mantêm a santidade. Nos anos 80, houve transformações nos hábitos pentecostais, pois os neopentecostais romperam com o forte contra-culturalismo pentecostal e inovaram nos costumes.<sup>244</sup>

Sabe-se que tradicionalmente os pentecostais repudiam o que denominam convencionalmente de “mundo” ou “mundanismo”.<sup>245</sup> No caso do pentecostalismo, Ricardo Mariano destaca seu surgimento:

O pentecostalismo herda a postura de rejeição e afastamento do mundo diretamente do metodismo e do movimento *Holiness*, dos quais se originou. Provém daí as raízes puritana e pietista do movimento pentecostal. Tal como no puritanismo, para o crente

---

<sup>244</sup> MARIANO, Op. Cit., 2014.

<sup>245</sup> Idem, p. 189.

pentecostal mostra-se santificado, ele precisa exteriorizar sinais, por meio de comportamentos ensinados e exigidos pela comunidade religiosa, que os diferenciem da sociedade inclusiva. Assim, procedendo, ele denota sua condição de salvo em Cristo. A fim de atingir a perfeição cristã, para onde caminha espiritualmente aquele que renasce em Cristo, é fundamental que o crente, como vaso e templo do Espírito Santo, afaste-se dos prazeres, interesses e paixões do mundo.<sup>246</sup>

Ricardo Mariano ainda acrescenta que o pentecostalismo brasileiro “desde a primeira década do século se expressou em radical anticatolicismo nas esferas moral, cultural e religiosa”.<sup>247</sup> Entretanto, o ascetismo de rejeição ao mundo é antigo. Jean Delumeau aponta que o exame de consciência, a severidade na relação entre o ser e o mundo é antiga. O desprezo do mundo e a desvalorização do ser foram propostos por ascetas cristãos inspirados pela palavra bíblica, mas também pelos greco-romanos. Há uma vasta literatura antiga que perfaz o afastamento do mundo. Na Idade Média, embora os padres fossem inspirados pela bíblia, não escaparam do esquema neoplatônico.<sup>248</sup> Para Delumeau, esses temas “provêm do platonismo e de sua posterioridade. Mesclados com o Cristianismo, eles levaram à duradoura nostalgia de um primitivo homem-anjo sem sexualidade, ‘espiritualizado’, dedicado à pura contemplação”.<sup>249</sup> Para os monges da Idade Média, “o pecado original tinha feito a alma cair na matéria. A alma devia, então, reabilitar-se ‘angelizando-se’. A expressão ‘vida angélica’, frequente na linguagem cotidiana dos mosteiros, era igualmente familiar aos Cátaros”.<sup>250</sup>

No século IV, Santo Agostinho, mesmo sendo menos pessimista, já demonstrava o desprezo pelo mundo. Agostinho já estava atento às desordens, aflições e temores que não deixam a triste vida humana. O pensador cristão questionava o apego às coisas vãs e nocivas do mundo.<sup>251</sup> Delumeau identifica nos trechos bíblicos o desprezo ao mundo:

Para São Paulo, notadamente, o pecado e a morte, no começo da história, deram entrada no mundo e este tem agora um compromisso

---

<sup>246</sup> Idem, p. 190.

<sup>247</sup> Idem, ibidem.

<sup>248</sup> DELUMEAU, Jean. *O pecado e o medo: a culpabilização no ocidente (séculos 13-18)* (Volume I). Tradução de Álvaro Lorencini. Bauru, SP: EDUSC, 2003a.

<sup>249</sup> DELUMEAU, Op. Cit., 2003a, p. 20.

<sup>250</sup> Idem, p. 25.

<sup>251</sup> Idem, ibidem.



com o mistério do mal (Rm 5, 12). Satã tornou-se o “príncipe” e até mesmo o “deus” deste século (Jo 12, 31; 14, 30; 16, 11; 2Cor 4,4), porque Adão abandonou para ele o domínio que Deus lhe havia confiado. Doravante o homem está rodeado e até penetrado por um mundo enganador que se opõe ao Espírito de Deus e cuja sabedoria não passa de loucura (1Cor 1, 20). Sua paz nada mais é que simulacro (Jo 14, 27). Sua aparência passa (1Cor 7, 31) e também suas cobiças (1Jo 2, 16). Seu efeito último é uma tristeza que produz a morte (2Cor 7, 10). Jesus declara que não é deste mundo (Jo 8, 23; 17, 14), assim como seu reino (Jo 18, 36), e que o mundo o odeia (Jo 15, 18). Os cristãos fiéis à mensagem das Beatitudes não devem, portanto, esperar um tratamento melhor que o que foi reservado ao seu Mestre. O mundo se erguerá contra eles (Jo 15, 18). Eles serão odiados, incompreendidos e perseguidos (1Jo 3, 13; Mt 10, 14; Jo, 15, 18). Enquanto durar a história, substituirá essa tensão entre o mundo e os discípulos de Jesus.<sup>252</sup>

De acordo com Delumeau, o texto bíblico é ambivalente porque, da mesma forma que apresenta pessimismo em relação ao mundo, prega, também, o momento de regeneração, de redenção de felicidade:

Apesar do pecado, o universo nascido das mãos divinas, continua a manifestar a bondade e a grandeza do Criador (Pd 8, 22-31; Jó 28, 25; Sb13,3), e o homem jamais cessará de admirá-lo (Sl 8; 19, 1-7; 104). Todavia, ele é imperfeito e caberá aos filhos de Adão aperfeiçoá-lo com seu labor (Gn 1, 28). Por outro lado, se é verdade que ele foi atingido pelo pecado, ele será plenamente regenerado no último dia ao mesmo tempo que a humanidade (Ap 21, 4), pois os destinos de um e outro estão ligados para sempre. Sua regeneração comum por sinal começou desde o Filho de Deus veio à Terra. Ele “tirou o pecado do mundo” (Jo 1, 29), deu sua vida pela vida do mundo (Jo 6, 51), reconciliou com ele todos os seres, refez a unidade do universo dividido (Cl 1, 20). Certamente a humanidade nova resgatada pelo sacrifício de Jesus só atingirá sua plena estatura no final dos tempos. Por ora, ela ainda pena por um caminho difícil, à espera de um parto doloroso (Rm 8, 19; Ef 4, 13). Mas, ao termo da longa provação, explodirá a alegria sobre a Terra que não conhecerá mais ódio nem as lágrimas. Quanto aos discípulos de Jesus – hoje como ontem –, eles não são deste mundo (Jo 15, 16; 17, 16). Entretanto, eles estão no mundo (Jo 17, 11), O Salvador não roga ao Pai que os retire, mas apenas que os guarde do Maligno (Jo 17, 15). Porque eles têm a missão de anunciar a Boa Nova ao mundo inteiro e de brilhar como luzieiros (Fl 2, 15). Se eles devem renunciar às cobiças e não amar aquilo que os desviaria de Deus, esse desprendimento não exclui nem o dever de construir um mundo melhor nem o justo uso dos bens do mundo atual segundo as exigências da caridade fraterna (1Jo 3, 17).<sup>253</sup>

---

<sup>252</sup> DELUMEAU, Op. Cit., 2003a, p. 23.

<sup>253</sup> Idem, p. 24.

Não apenas a rejeição às coisas terrenas, mas as leis sagradas são constantes no texto bíblico. Os pensadores cristãos se apropriaram também desse discurso ambivalente de sofrimento e felicidade.

Sobre essa ambivalência discursiva, podemos aproximá-la de discussão do sociólogo Lalive d'Epinay, conforme abordagem de Ricardo Mariano, sobre o pentecostalismo no Chile. O autor enfatiza as continuidades e descontinuidades da tradição cultural chilena no movimento pentecostal a partir de conceitos antitéticos:

Em *O refúgio das massas*, o sociólogo suíço Lalive d'Epinay afirma que “o pentecostalismo se apresenta como resposta religiosa comunitária ao abandono de grandes camadas da população, abandono provocado pelo caráter anômico de uma sociedade em transição” da economia agrária, baseada na monocultura de exportação, para uma sociedade urbana e industrial. A religião pentecostal, a seu ver, reconstrói a sociedade senhorial para as camadas pobres que vivem em estado de anomia e em condição marginal nas cidades, mantendo continuidades e descontinuidades com a tradição cultural chilena. Enfatiza, contudo, a continuidade cultural, ao afirmar que o pentecostalismo reproduz “o modelo paternalista de família ampliada”, baseado, “como o da hacienda, sobre os conceitos antitéticos: opressão e proteção, arbitrariedade e graça. Em suma: tirania e paternalismo”. Esse movimento religioso “inspira-se na sociedade tradicional”, configura-se como “esforço de restauração” e “elemento de resistência à mudança”, “apresenta-se como reconstituição especializada (se bem que puramente religiosa) de uma sociedade moribunda” e é “o herdeiro das estruturas do passado mais do que o precursor da sociedade emergente”.<sup>254</sup>

É notável, na Igreja Apostólica, essa relação antitética de uma espécie de “opressão e proteção”, de “tirania e paternalismo”. Ao mesmo tempo em que a instituição é resistente a uma aproximação do sagrado às mudanças econômicas, assim ela também se coloca no que diz respeito às mudanças na vida social, se mantendo contra as novas modas e ideias da época.

Muito semelhante aos discursos remotos destacados por Jean Delumeau e ao rigor legalista pentecostal, a Igreja Apostólica também possui suas leis para a santificação diante da decadência do mundo. As leis apresentam-se como uma espécie de regeneração. Apesar de a igreja ter seu evangelho escrito sob a inspiração de Rosa, os livros são assinados por Eurico, Odete e Aldo Bertoni. Sempre há um terceiro que se coloca no lugar da fala de Rosa. Além de divulgar uma doutrina, Rosa profetizava

---

<sup>254</sup> MARIANO, Op. Cit., 2011, p. 14.

regras moralizadoras que eram sempre informadas como princípios advindos de ordens divinas.

Trata-se de leis que perpassam o poder carismático de uma tabuização racionalizada e sistematizada que caracterizam uma organização ética. A ética religiosa, como formula Max Weber, sugere “a separação entre exigências divinas ao homem e a uma ‘natureza’ muitas vezes insuficiente”.<sup>255</sup> Dessa maneira, além da influência dos poderes mágicos, há aqui as leis religiosas para satisfazer um deus. A quebra da legalidade sugerida soaria como um pecado contra o sagrado. Weber fala sobre a racionalização do tabu:

A racionalização do tabu leva eventualmente a um sistema de normas segundo as quais, de uma vez por todas, certas ações são verdadeiros sacrilégios que reclamam alguma expiação – em certas circunstâncias, a morte daquele que os cometeu – para que o malefício não atinja o povo todo, e assim nasce um sistema de ética garantida na base do tabu: a proibição de determinados alimentos, do trabalho em “dias aziagos”, designados pelo tabu (tal como era, originalmente, o sabá), ou do matrimônio dentro de determinados círculos de pessoas, especialmente entre parentes. Claro que isto ocorre sempre de tal maneira que o que uma vez se tornou habitual, por motivos racionais ou irracionais concretos – experiências sobre doenças e outros malefícios –, assume o caráter de sagrado.<sup>256</sup>

E como a disciplina moral é organizada a partir de um discurso mítico de retorno à moral sugerida pelo filho Deus no tempo em que estava na Terra, Rosa então restaura e atualiza essas leis, junto a ele, para organizar o espaço sagrado.

Mircea Eliade afirma que a função do mito é “fixar” modelos exemplares nos ritos e atividades humanas. A partir do mito, pode-se interferir na alimentação, na educação, na sexualidade, no trabalho, entre outros. Eliade diz que o comportamento humano responsável seria a imitação ou repetição dos gestos exemplares dos deuses, seja na função fisiológica (alimentação) ou social, cultural, econômica. A repetição dos modelos divinos traria à humanidade a sensação de estar no sagrado. E a reatualização dos gestos divinos exemplares satisfaria o desejo e nostalgia por santidade. O ser religioso não está dado, mas faz-se conforme os modelos divinos. O modelo é mantido pelo mito, é nele que estão os princípios e a conduta. Sendo assim, o ser religioso é sujeito da História como o ser profano, mas o que lhe interessa é a História sagrada (dos

---

<sup>255</sup> WEBER, Op. Cit., 2015, p. 298.

<sup>256</sup> WEBER, Op. Cit., 2015, p. 299.

mitos), ao contrário do ser profano que se constitui de História humana.<sup>257</sup> Acreditamos que, quando averiguamos a Igreja Apostólica, verifica-se que seus discursos induzem a um modo de vida inspirado na História sagrada, mas pode ocorrer, também, a relação com mundo profano, pois há a apropriação de inúmeras coisas terrenas.

Segundo Eliade, o momento religioso sugere um “momento cosmogônico”, pois “o sagrado revela a realidade absoluta e, ao mesmo tempo, torna possível a orientação – portanto, *funda o mundo*, no sentido de que fixa os limites e, assim, estabelece a ordem cósmica”.<sup>258</sup> Criam-se regras e todos os que estão sob tais leis se tornam parte do sagrado. Muitos encaram essas normas como “autoritárias”, inclusive porque, como diz o ex-membro da igreja, Anselmo Melo, quando ele frequentava a igreja não havia permissão para conhecer outras denominações. As regras morais orientavam a vida dos membros com muito rigor, ao ponto de os jovens se sentirem “sufocados”. Anselmo comenta:

Minha família se envolveu com esse movimento logo no seu início. Cresci acompanhando meus pais aos cultos. Para mim, parecia uma igreja evangélica, mas eu não tinha permissão de visitar outras igrejas. O sistema em que vivia era muito autoritário. Também notava que minha mãe se sentia desconfortável e sempre dizia que havia muito autoritarismo nas reuniões. Minha mãe ficou algum tempo na seita, depois voltou ao Evangelho, hoje ela frequenta uma congregação da Igreja Assembléia de Deus, aqui em São Paulo. Contudo, meu pai continua sendo um fiel adepto da Igreja Apostólica Santa Vó Rosa.

(...)

Existe um longo regulamento interno que orienta a vida do membro. Esperava-se que estivesse sempre nos cultos e uma ausência prolongada já poderia significar exclusão. Principalmente os jovens se sentem ‘sufocados’ com tantos ditames, sobre o que fazer e o que não fazer. Mesmo entre os jovens de uma congregação não pode haver recreação, nenhum entretenimento. Embora a IA tenha um sítio que foi doado para a igreja, não é permitida nenhuma recreação ali.<sup>259</sup>

Como Anselmo afirmou, no período inicial da igreja não havia momentos de recreação ou entretenimento, mas depois que a igreja se organizou em um Conselho Deliberativo, elaborou-se espaços recreativos para os fiéis, mantendo sempre a

---

<sup>257</sup> ELIADE, Op. Cit., 1992, p. 87-88.

<sup>258</sup> Idem, p. 33.

<sup>259</sup> Entrevista com Anselmo Melo publicada pelo Centro Apologético Cristão de Pesquisa. [on line]. CACP. Setembro, 2008. [citado em 23 jul. 2008; 13h:48m]. Disponível em: <http://www.cacp.org.br/a-vo-rosa-seria-o-espírito-consolador/>

disciplina moral, pois não é qualquer espaço que deve ser frequentado. Os fiéis, então, praticam brincadeiras, mas mantêm-se com seus trajes e princípios organizados por Rosa, especialmente no sítio da instituição.

## 2.5. O poder

O poder exercido na Igreja Apostólica parece ser sustentado por discursos hierarquizados, ditos revelados à santa vó Rosa por Cristo, transmitidos por ela ao corpo dirigente da igreja e, depois, ordenados e distribuídos aos fiéis, constituindo, desse modo, a base doutrinária e disciplinar apostólica. Entretanto, pensando a partir de Foucault, podemos dizer que essa “ordem do discurso”, sistematizada de cima para baixo, sustenta, antes de tudo, formas finais do exercício do poder. Foucault não entende o poder como um sistema em que um determinado grupo, instituições, aparelhos garantem a sujeição de outros ou que os efeitos desse poder perpassem o corpo social por inteiro. A soberania, a lei ou a unidade global da dominação apresenta-se, segundo o pensador francês, em suas formas terminais. O poder é, assim, sobretudo, efeito de conjunto, de reciprocidade.

Conforme as palavras do próprio teórico:

Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que através de lutas e afrontamentos incessantes, as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de forças encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas, ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. A condição de possibilidade do poder, em todo caso, o ponto de vista que permite tornar seu exercício inteligível até em seus efeitos mais “periféricos” e, também, enseja empregar seus mecanismos como chave de inteligibilidade do campo social não deve ser procurada na existência primeira de um ponto central, num foco único de soberania de onde partiriam formas derivadas e descendentes; é o suporte móvel das correlações de forças que, devido a sua desigualdade, induzem continuamente estados de poder: não porque tenha o privilégio de agrupar tudo sob sua invencível unidade, mas porque se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e outro. O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E “o” poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de autorreprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades,

encadeamento que se apoia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las. Sem dúvida, devemos ser nominalistas: o poder não é uma instituição nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada.<sup>260</sup>

Temos que, para Foucault, o poder se exerce em vários pontos das correlações de forças desiguais, móveis e se apoiam umas nas outras. As forças partilham de outras relações de poder; elas se interagem, atuam nas famílias, nos grupos específicos, nos aparelhos de produção ou nas instituições. Estas, por seu lado, não são uma superestrutura que impõe uma proibição ou recondução, antes têm um papel produtor. A força pode atravessar os afrontamentos e os ligar entre si, oferecendo redistribuições, homogeneizações e alinhamentos. O poder está essencialmente em suas estratégias e deve ser entendido como a multiplicidade de correlações de forças em constante relação. Elas se transformam, se reforçam, se invertem, se apoiam formando sistemas, leis e carregam inteligibilidade.<sup>261</sup>

A Igreja Apostólica, assim como as demais igrejas, são fortemente marcadas pelo exercício do poder, primeiro porque sua doutrina parte da colocação de uma verdade. E, como disse Foucault, “onde há poder, onde é preciso que haja poder, onde se quer mostrar efetivamente que é lá que reside o poder, é preciso haver o verdadeiro”.<sup>262</sup> Como viemos salientando, nas análises anteriores, na Igreja Apostólica “o discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade”,<sup>263</sup> uma verdade que se erige junto com todo um imaginário do fim dos tempos. Para Foucault, a verdade seria “o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder”.<sup>264</sup> A colocação da doutrina/disciplina apostólica, por seus discursos, como a única verdadeira, faz dela uma instituição de poder. Entre suas estratégias de funcionamento está a afirmação recorrente de que a aceitação dessa verdade será o principal meio de condução para a salvação. A confirmação de que essa crença e o cumprimento da disciplina conduzirão à salvação no

---

<sup>260</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. São Paulo, Paz e Terra. 2015a, p. 100-101.

<sup>261</sup> Idem.

<sup>262</sup> FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos: curso no Collège de France (1979-1980)*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2014a, p. 10.

<sup>263</sup> FOUCAULT, Op. Cit., 2013, p. 46.

<sup>264</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 2015b, p. 53.

dia do Juízo pode ser observada nesta citação: “Para os que ainda vivem no seu próprio corpo, a salvação inicia-se com a aceitação da verdade, isto é, de Cristo e do Consolador, e desta doutrina”.<sup>265</sup>

O conceito de poder, tal como Foucault explora, pode ser visualizado na Igreja Apostólica. Os discursos da igreja são o próprio poder materializado, pois são suas estratégias de ação e sobrevivência. Eles não se impõem apenas como num ato repressivo, mas são efeitos de conjunto, de reciprocidade, uma vez que há o compartilhamento desses princípios religiosos entre os fiéis e o corpo diretório; ambos os lados organizam e sustentam os discursos. Basta observar suas estratégias de exclusão e inclusão para perceber como todo o corpo da igreja participa da vigília de sua reserva religiosa. Para não manchar o nome da igreja, todos participam da observação de si e dos outros e, caso encontrem algum desvio da regra que organiza ou dá alinhamento ao poder, logo há interdições dos próprios fiéis entre si ou até de si para si mesmo, seja através das delações, ou auto-exclusão, ou por diversos mecanismos de punição. A punição pela infração do delatado é deferida pela direção, mas ela se prolonga pelo meio religioso e se estende à família do desviante, quando esta possui membros na igreja. Aqui todos punem o infrator; a punição é conjunta.

Há jogos de interesses semelhantes entre fiéis e corpo diretório e as técnicas de gerência dessa economia garantem a não dispersão do grupo, embora haja resistências que permitem afrontamentos à sua difusão. Não esperemos que essas relações atuem de cima para baixo, com sujeitos, grupos, aparelhos gerenciando os que estão sob seu domínio; sua racionalização se esboça por dispositivos de conjunto.<sup>266</sup>

O poder também é produtor de prazer, saber e discurso. A igreja não oferece apenas um espaço de repressão, de negatividade, porque, como Foucault afirma, se o poder apenas reprimisse, talvez não houvesse a obediência.<sup>267</sup> A instituição organiza espaços de sociabilidade, de irmandade, de solidariedade. E mesmo na proibição mais severa estaria o prazer, porque muitos exigem a disciplina mais rigorosa. Na coerção também estaria a felicidade. Muitas vezes, a conversão é motivada por situações de vidas precárias, por terem os fiéis seus corpos doentes, por buscarem um mecanismo de controle para grandes famílias desestruturadas; e a igreja oferece esperança, consolo,

---

<sup>265</sup> COUTINHO; COUTINHO. Op. Cit., 1978a, p. 49.

<sup>266</sup> FOUCAULT, Op. Cit., 2015a, p. 103.

<sup>267</sup> FOUCAULT, Op. Cit., 2015b, p. 44.

alinhamento ou escapatória para suportar os problemas da vida. E se querem uma aparência, que dentro de seus limites, estabeleçam a beleza e a perfeição, sejam superficiais ou não, os fiéis conseguem chegar próximo, pela prática da obediência. Se procuram ser virtuosos, ter corpos sadios, os discursos podem ajudá-los a ser e a ter. Por mais que a instituição produza um saber que pode convergir com outros saberes, ele dá sentido à vida dessas pessoas, ele dá fundamento ao que é buscado, oferece sustentação até para as hipocrisias e contradições.

Para Eliade, “a religião é a solução exemplar de toda crise existencial, não apenas porque é indefinidamente repetível, mas também porque é considerada de origem transcendental e, portanto valorizada como revelação recebida de um *outro* mundo, trans humano”.<sup>268</sup> Mas para o autor, a religião não somente resolve a crise, como também “torna a existência “aberta” a valores que já não são contingentes nem particulares, permitindo, assim, ao homem ultrapassar as situações pessoais e, no fim das contas alcançar o mundo do espírito”.<sup>269</sup> Apesar de haver nos discursos religiosos o lado violento, há de se concordar com Mircea Eliade quanto ao apoio religioso às vivências.

Apesar dos discursos serem considerados imutáveis, na verdade, sua produção está em constante transformação e adaptação. Na movimentação discursiva, formulam-se novos entendimentos através dos exemplos ideais de vida. Das brechas organizam-se novas regras para desarmar as vigentes e da exigência do grupo forjam-se novos discursos. A transformação discursiva sempre é justificada como indicações da santa Vó Rosa, na Igreja Apostólica. Assim fala Aldo Bertoni em nome dela: “Conforme tenho avisado, a hora em que a Santa Vó Rosa determinar vou começar a excluir as desobedientes”.<sup>270</sup>

Nos discursos da igreja, a vontade de verdade (ainda seguindo a terminologia foucaultiana) também se exerce como numa maquinaria de exclusão, pois exclui aqueles que tentam contornar essa verdade para se colocarem contra ela.<sup>271</sup> Nesse sentido, aqueles que, numa mudança de consciência, optam por romper com a instituição, ou mesmo aqueles que estão fora e que questionam a verdade apostólica, estão fadados a

---

<sup>268</sup> ELIADE, Op. Cit., 1992, p. 170.

<sup>269</sup> Idem, ibidem.

<sup>270</sup> Boletim Interno Oficial de 29 de outubro de 1992. Disponível em: <https://www.facebook.com/1551521578415759/photos/pcb.2030627290505183/2030627247171854/?type=3&theater> Acesso em: 26/11/2017 às 15h:44m.

<sup>271</sup> FOUCAULT, Op. Cit., 2013.



serem excluídos. Viu-se, no primeiro capítulo, uma passagem sobre como os excluídos eram expostos nos boletins e divulgados em todas as filiais. Ou seja, exclui uns em detrimento de outros, demarca o espaço dos obedientes e os desobedientes, dos puros e dos não puros. A diferença para essa igreja seria uma ameaça; logo, a pessoa que o encarna seria convidada a se redimir (estar de acordo com as regras do grupo) ou massacrada pela hegemonia do grupo.

Apesar desse sistema de exclusões, não se deve, aqui, pensar o poder de forma tradicional, como cerceador e repressor apenas, mas sim, como nos sugere Foucault, como produtor de saber e positivities também; além do que, no próprio poder em operação, estaria visível já a resistência.<sup>272</sup> “Lá onde há poder há resistência”<sup>273</sup>, adverte-nos o pensador francês. E, não uma única resistência, mas resistências em multiplicidade (individuais ou coletivas); elas estão por toda rede de poder e organizam a oposição à dominação; são irregulares, provocam e inflamam a organização do poder; são móveis e transitórias. Às vezes, essas resistências produzem rupturas radicais, mas, às vezes não. E por mais que haja conflitos, frutos das resistências múltiplas, a força as atravessa e pode oferecer o ligamento entre si, dando novos direcionamentos ao poder.<sup>274</sup>

Quando falamos de resistências, nos referimos aos movimentos de oposição à doutrina/disciplina apostólica. As resistências podem ser necessárias devido ao isolamento, sufocamento, ao abuso de poder provocado pelas regras. Podem ser radicais e irreconciliáveis, quando provocam o afastamento do indivíduo. Este, ao mesmo tempo, trava lutas incessantes contra a instituição religiosa. Podem ser planejadas, uma vez que muitos recorrem a instâncias jurídicas para reclamarem algo, ou organizam-se em conjunto para rebelar-se, assim como ocorreu quando Aldo Bertoni foi acusado de abuso sexual por várias fiéis. São individuais e solitárias, quando os membros experimentam sair das regras às escondidas. São coletivas, quando grupos se reúnem com cartazes e gritos de protesto na porta da igreja matriz. Elas são também espontâneas, quando há manifestação considerada exagerada no comportamento, no pensar, no gesticular, no dizer. Enfim, as resistências são múltiplas e os próprios discursos da igreja nos mostram a existência delas quando professam a exigência da

---

<sup>272</sup> FOUCAULT, Op. Cit., 2015a.

<sup>273</sup> Idem, p. 103.

<sup>274</sup> Idem, ibidem.

obediência, ordem, respeito, o controle de si. E se há esse pedido é porque existe a tendência à desobediência, à desordem, ao desrespeito e ao não controle de si, assim ameaçando a sustentação do poder.

Para melhor perceber a resistência à disciplina na Igreja Apostólica, veja-se este trecho de um Boletim assinado por Aldo Bertoni:

Muitas das nossas irmãs estão usando suas saias curtas, isto é, fora da ordem de nossa disciplina, e ainda teimam em usar sapatos de salto muito alto.

Explicito a essas irmãs que essa desobediência prova que não possuem amor em sua alma, e portanto não se preocupam em desonrar o nome da Igreja e o da Santa Vó Rosa.

Apelo às nossas irmãs no sentido de que obedeçam as leis da Igreja, se quiserem permanecer em nosso meio.

Conforme tenho avisado, a hora em que a Santa Vó Rosa determinar vou começar a excluir as desobedientes.<sup>275</sup>

Como esse estudo tem como principal metodologia de trabalho a análise dos discursos doutrinários da Igreja Apostólica, seguimos o conceito de discurso, tal como desenvolvido por Foucault, a partir da relação que ele mantém com a rede de poderes que regem as práticas sociais. Foucault afirma que, na sociedade:

a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.<sup>276</sup>

Se o discurso é poder, para Foucault, sua produção é intencional e não subjetiva. Se ele carrega inteligibilidade é porque não é efeito de causalidade, mas porque é atravessado por um cálculo.<sup>277</sup> Quanto às suas estratégias de funcionamento nessa igreja, veremos melhor adiante.

Foucault direciona seus estudos sobre disciplinamento dos corpos à organização da prisão, aos colégios, às escolas primárias, ao espaço hospitalar e, também, às instituições religiosas. Assim como nessas instituições, também na Igreja Apostólica o

---

<sup>275</sup> Boletim Interno Oficial de 29 de outubro de 1992. Disponível em: <https://www.facebook.com/1551521578415759/photos/pcb.2030627290505183/2030627247171854/?type=3&theater> Acesso: 26/11/2017 às 15h:44m.

<sup>276</sup> FOUCAULT, Op. Cit., 2013, p. 8-9.

<sup>277</sup> FOUCAULT, Op. Cit., 2015a.

poder organiza-se em atitudes, gestos, comportamentos, sexualidade. O controle das vestes, por exemplo, se origina da retórica corporal da honra, que é evocada com muita frequência, e propõe fazer o ser apostólico diferente do “mundo” exterior, ou seja, reconhecível de longe por seus trajes. Essa separação dos eleitos para fazê-los tal qual os discursos propõem é uma estratégia do poder disciplinar, porque fabrica indivíduos específicos para apropriá-los.

Foucault tece esclarecimentos sobre o poder disciplinar enquanto adestrador e fabricante de indivíduos. Conforme observamos, esse aspecto aparece nas regras que a Igreja Apostólica estabelece como parâmetros para os fiéis, porque a disciplina da igreja busca diferenciar o modo de ser dos membros em relação aos que estão fora; ela procura moldá-los, adestrá-los para fabricar sujeitos diferentes dos outros, mas a seu modo. Os corpos devem demonstrar, ao máximo, pureza e santidade para diferenciá-los. A criação de uma hierarquia, assim como de normas específicas, ambos combinados ao exame daqueles que compartilharam das regras, são instrumentos indicadores do poder disciplinar. A esse respeito, Foucault afirma:

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. Em vez de dobrar uniformemente e por massa tudo o que lhe está submetido, separa, analisa, diferencia, leva seus processos de decomposição até as singularidades necessárias e suficientes. “Adestra” as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais – pequenas cédulas separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios. A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode-se fiar em seu superpoderio; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente. Humildes modalidades, procedimentos menores, se os compararmos aos rituais majestosos da soberania ou aos grandes aparelhos do Estado. E são eles justamente que vão pouco a pouco invadir essas formas maiores, modificar-lhes os mecanismos e impor-lhes seus processos. O aparelho judiciário não escapará a essa invasão, malsecreta. O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame.<sup>278</sup>

---

<sup>278</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Rio de Janeiro, Vozes, 2014b, p. 167.

Como foi dito, o poder disciplinar tem a característica específica de moldar para se apropriar. É um poder que, assim como Foucault explica, examina o indivíduo em sua singularidade, o decompõe até as partes mais interiores para adestrar e apropriar. A colocação da hierarquia e da norma em combinação com o exame seriam seu instrumento de funcionamento. Por isso, a disciplina também é efeito de conjunto, pois “é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício”. Ou seja, como já foi dito, os fiéis seriam objetos e instrumentos do poder. No poder disciplinar, também se define infrações para que sejam controladas, codificadas e punidas.<sup>279</sup>

A Igreja Apostólica também exerce o poder disciplinar e o corpo é seu principal alvo, porque é visto como instrumento do pecado e pode corromper o espírito/alma, sendo, então, necessário santificá-lo. Para alcançar o Reino dos Céus, pede-se para resguardar o corpo ao máximo, através da disciplina que sugere o controle das vestimentas, dos gestos, dos comportamentos, do que é dito, dos estilos, da sexualidade, dos desejos, dos excessos, dos vícios, do prazer. Todas essas categorias são atribuídas ao perigo e ao mal, por isso colocam-se obrigações, proibições e limitações. O oposto do que a disciplina sugere seria o exercício da liberdade: “a liberdade ampla e ilimitada do mundo pode parecer boa aos olhos de muitos, mas fere o moral da santa doutrina”.<sup>280</sup> Através desse discurso, percebe-se como nessa igreja não há uma crise dos ideais ascéticos, pois nela há a defesa de uma moral e da renúncia do mundo. A relação com a sexualidade é bastante problemática.

Na instituição, o corpo é submetido a essa maquinaria calculada de discursos disciplinares voltados para seu exame e, se necessário, sua correção/controle, para que não corrompa a alma. Pretende-se um jogo político de enunciados articulados para promover uma fisionomia corpórea santificada/virtuosa. O corpo é examinado, torna-se objeto de uma anatomia política, é alvo de poder, é manipulado, corrigido, responde a múltiplas ações/efeitos dentro e fora do espaço religioso. É trabalhado detalhadamente. É utilizável, inteligível, analisável, esquadrinhado, podendo ser transformado e aperfeiçoado; mostra-se potencialmente dócil, porque “a disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’”.<sup>281</sup>

---

<sup>279</sup> FOUCAULT, Op. Cit., 2014b.

<sup>280</sup> COUTINHO; COUTINHO, Op. Cit., 1978a, p. 162.

<sup>281</sup> FOUCAULT, Op. Cit., 2014b, p. 135.

Quanto à punição no poder disciplinar apostólico, temos que ela é generalizada; todos punem o desviante. E há a sentença da direção para os que desobedecem às leis divinas:

Todos os suspensos terão que cumprir pena de no mínimo dois meses. Os excluídos terão que cumprir a pena de no mínimo seis meses. Antes desses prazos, não serão atendidos nem por carta, telefone ou pessoalmente. Depois desse prazo serão atendidos somente por carta. Essa medida é por ordem da Santa Vó Rosa, não adiantará insistir, pois não haverá exceção para ninguém. O meio de evitar qualquer penalidade é ser obediente e não pecar. Do contrário, só serão perdoados nos prazos acima: isso se a Sta. Vó Rosa resolver perdoo-los. Portanto, vigiem.<sup>282</sup>

Ainda para melhor exemplificar o poder disciplinar, vejamos como a disciplina da igreja modela o indivíduo para apropriá-lo. Primeiro, falemos da definição dos trajes e da aparência dos membros. As regras, quanto a esse aspecto, foram deliberadas nos anos que sucederam à organização da Igreja Apostólica (1954 a 1970), ou seja, os dezesseis anos em que a santa vó Rosa estava sendo preparada para ser o outro consolador. Foi por volta dessa época que se organizou o movimento da contracultura no Brasil. A doutrina apostólica encarou esse movimento como prejuízo moral, pois entendia que ele feria os princípios da família, especialmente com a criação da minissaia. O movimento sugeriu um estilo de vida visto pela Igreja Apostólica como perigoso, por não estar de acordo com o que a doutrina considerava normal. Antes de surgir a minissaia, Rosa já previra o aparecimento da moda das saias curtas e, imediatamente, impôs regras sobre as vestes para os homens e mulheres. Esta foi, aliás, a última medida de Rosa, pouco antes da sua morte, ocorrida em 26 de outubro de 1970:

Foi na década de 1960, que o mundo descambou para a imoralidade e costumes que trouxeram grande prejuízo moral e que atingiu principalmente a família. Foi neste período que surgiu a mini-saia, os cabelos longos e roupas extravagantes para os homens e que a maioria dos povos aceitaram, mas a nossa Igreja foi a única que não se dobrou diante destas modas e da mini-saia até hoje.

Entretanto, meses antes que surgisse a mini-saia, Jesus avisou a Santa Vó Rosa e mandou que o Bispo avisasse numa Santa Comunhão o seguinte: “de hoje em diante, as meninas até os nove anos, deverão usar os vestidos cobrindo os joelhos e as mulheres seus vestidos e saias deverão ter o comprimento, passando dois dedos do meio da

---

<sup>282</sup> Boletim Interno Oficial Nº 1299 – São Paulo, 18 de agosto de 1983. Disponível em: <https://www.facebook.com/1551521578415759/photos/a.1606026829631900.1073741829.1551521578415759/2016643558570223/?type=3&theater> Acesso em: 26/11/2017 às 16h:30m.

barriga das pernas”. E meses depois foi lançada no mundo a mini-saia. Foi uma época desastrosa para o mundo, que levou milhões de almas a se afastarem de Deus e de Jesus, e que cooperou para a queda da fé, do respeito, do amor ao bem e a justiça.

Mas o pulso firme e forte da Santa Vó Rosa, Sua autoridade e poder, impediu que nossa Igreja fosse vencida pelo pecado. Para as visitantes, tempos depois, devido o abuso de mulheres que vinham na Igreja, pelas primeiras vezes, Ela deu a ordem que quem viesse pela primeira vez, cobrissem os joelhos. Porém, como começou haver problemas em relação aos visitantes, que não estavam querendo obedecer, e a infiltração de pessoas que queriam criar problemas nas reuniões, Ela por ordem de Jesus deu uma nova ordem em relação aos visitantes: só poderiam entrar e participar das reuniões os que viessem em ordem de acordo com a nossa disciplina.

Esta ordem era também para os homens. Foi a última medida da Santa Vó Rosa. Entretanto, foi dada no domingo dia 25 de outubro de 1970 e na segunda-feira dia 26 de outubro, Ela dava-se em sacrifício para salvar a Igreja da corrupção e do grande perigo de idéias erradas e más que dominavam alguns corações e que poderiam levar a Igreja ao esfacelamento e a divisão.<sup>283</sup>

Vê-se, no trecho anterior, sobre como a igreja compartilhava do lado tradicionalista no período ditatorial no Brasil. Mesmo com o advento de novas culturas, a instituição manteve-se dentro dos ideais de família das décadas anteriores, o que leva a entender o quanto suas sanções refletem o tempo e os interesses de sua idealizadora. Pode-se, assim, também dizer que se trata de uma doutrina humana e não apenas sagrada como a doutrina diz ser. A disciplina moral ultrapassava a vigilância da igreja e adentrava cada vez mais na vida particular, podava as extremidades e definia o que era considerado bom. O traje foi o principal foco da disciplina moral, que tinha como referência a década de 1930 até 1950:

Entretanto, além da revelação da doutrina de Jesus, como deveria ser ensinada e pregada, Ela também deu a regra do bom viver, da moral, do respeito e da honra. Foi muito exigente em relação ao proceder do nosso povo na Igreja, no lar e na vida particular de cada um. Evitou o exagero e o fanatismo dos pregadores que havia naquela época, combateu a imoralidade e a indecência. Quanto ao traje do nosso povo deu uma disciplina justa e moralizadora que se usava na década de 1930 até 1950 mais ou menos.

Ela nunca exagerou ao aplicar estas regras morais e a disciplina do bom proceder e da maneira de se apresentar. Pois Ela sabia, quem

---

<sup>283</sup> “A Santa Vó Rosa foi a herdeira de todos os dons, virtudes e poder de Jesus nosso Senhor para trazer a nova revelação”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 16 de Julho, 2010. [citado em 25 Out. 2016; 18h:10m]. (BERTONI, Aldo, p. 13-14). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=223](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=223)

pusesse em prática na sua vida e no seu lar estas regras, seriam bem sucedidos no seu viver e no seu lar.<sup>284</sup>

Sempre é informado que todas as regras morais propostas pela doutrina são ordens divinas, não há criação humana. Entretanto, no trecho anterior, vê-se claramente como as exigências de Rosa quanto ao traje foi apropriada da moda de 1930 até 1950. A moda sugerida e informada como divina e atualizada para aqueles tempos está atrelada ao gosto do tempo de Rosa. Alguns apostólicos afirmam que a profetiza não exagerou quanto às regras morais, já outros demonstram uma certa resistência quanto à disciplina. As regras não são apenas entendidas como uma imposição repressiva, mas há relações de interesses pelos que se apropriam da disciplina, uma relação de reciprocidade.

Um princípio que merece ser mencionado aqui é o de rarefação do discurso, ou seja, a questão do autor, “o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência”.<sup>285</sup> É atribuído ao autor, segundo Foucault, discursos que circulam na literatura, na filosofia, na ciência, também, por “conversas cotidianas, logo apagadas; decretos ou contratos que precisam de signatários mas não de autor, receitas técnicas transmitidas no anonimato”.<sup>286</sup> O autor pode, assim, dar aos seus discursos uma linguagem ficcional, uma coerência, uma colocação no real, pode modificá-lo de acordo com sua época.<sup>287</sup> A doutrina construída por Rosa e a direção da igreja é fortemente demarcada pela maneira de se viver de sua época, muito próxima dos manuais de conduta – com ensinamentos de como se vestir, como se portar diante da sociedade, entre outros –, difundidos, principalmente na década de 1950, ou décadas anteriores.

A colocação de uma disciplina oposta aos novos princípios da época foi organizada pela santa vó Rosa e justificada como uma disciplina revelada por Jesus a ela. São afirmadas leis de Deus, imutáveis, intocáveis, pois tem origem divina.<sup>288</sup> Elas

---

<sup>284</sup> “A Santa Vó Rosa foi a herdeira de todos os dons, virtudes e poder de Jesus nosso Senhor para trazer a nova revelação”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 16 de julho, 2010. [citado em 25 out. 2016; 18h:10m]. (BERTONI, Aldo, p. 13). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=223](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=223)

<sup>285</sup> FOUCAULT, Op. Cit., 2013, p. 25.

<sup>286</sup> Idem, ibidem.

<sup>287</sup> Idem.

<sup>288</sup> Orientações sobre a Disciplina Apostólica. Conselho Deliberativo – Circular IA – 016 – abril/2016. Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/Circular%20016%20-%20Orienta%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%B5es%20sobre%20a%20Disciplina%20Apost%C3%83%C2%B3lica.pdf> Acesso em 14/11/2017 às 14h:22m.

oferecem uma opção de regeneração no tempo em que os sinais do fim despontassem. Diante de um mundo considerado desordenado, dominado pelo mal e que está prestes a destruir certos valores destacados pela doutrina, as leis oferecem um eixo para a não dispersão do grupo no caos estabelecido. Os códigos oferecem ordem (no lar ou fora dele), progresso, disciplina e até a recompensa no paraíso. Como foi afirmado anteriormente, acredita-se que esses discursos não são efeito de causalidade, mas são atravessados por um cálculo inteligível. A propósito, veja-se, na citação a seguir, como a própria igreja demonstra conhecimento sobre o funcionamento do poder disciplinar:

Disciplina são regras, ordens e leis que regem a vida de uma nação, de um povo ou de qualquer organização, seja religiosa ou não. Sem ordem e disciplina, não pode haver progresso em nenhum setor da vida humana. Ela é a base fundamental de um lar e de uma Igreja que queira pertencer ao Reino dos Céus e pregar o Evangelho de Jesus. Foi por isso que Jesus exigiu, através da Santa Vó Rosa, que a nossa Igreja tivesse uma perfeita disciplina e que seria o complemento de sua doutrina. Portanto, a nossa disciplina são as ordens e costumes dados à Igreja por Jesus e que nos convém e nos é útil, para termos um perfeito funcionamento da Igreja, como organização religiosa, que em tudo deve representar o Reino de Nosso Deus e de sua Justiça.<sup>289</sup>

O pedido por obediência nos discursos da igreja seria uma estratégia de funcionamento do poder disciplinar. Os discursos solicitam obediência, sugerem membros dóceis para a aceitação da doutrina/disciplina, para, depois, usufruir dos obedientes para a melhor sustentação do poder. Na igreja, forja-se um jogo discursivo em torno da obediência como promotora da honra e do mérito; seria ela que garantiria as forças das trevas longe dos que herdarão o Reino dos Céus e os tornaria um povo feliz:

Esta obediência, lhe trás honra e mérito diante de Deus e dos seus Santos; e também lhe serve como uma armadura para a sua defesa contra todos os ataques do mal.

Sejam fiéis e obedientes à nossa disciplina. Pratiquem-na em seu viver se querem ser felizes, bem aventurados e bem sucedidos em toda a jornada de sua vida aqui na Terra e terem o direito à Eternidade como filhos de Deus.<sup>290</sup> [sic]

---

<sup>289</sup> Orientações sobre a Disciplina Apostólica. Conselho Deliberativo – Circular IA – 016 – abril/2016. (p. 1) Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/Circular%20016%20-%20Orienta%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%B5es%20sobre%20a%20Disciplina%20Apost%C3%83%C2%B3lica.pdf> Acesso em 14/11/2017 às 14h:22m.

<sup>290</sup> Orientações sobre a Disciplina Apostólica. Conselho Deliberativo – Circular IA – 016 – abril/2016. (p. 3). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/Circular%20016%20-%20Orienta%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%B5es%20sobre%20a%20Disciplina%20Apost%C3%83%C2%B3lica.pdf>



O livro *O Evangelho do Reino dos Céus* estabelece regras para diversos comportamentos e situações. O não cumprimento dessas regras corromperia o corpo e a alma, prejudicando a salvação. Vê-se, nesse conjunto de regras fundamentadas na ameaça de condenação no dia do fim dos tempos, uma tentativa de organizar a vida individual e coletiva dos fiéis. Os sentimentos de medo, de angústia e de culpa imporiam um senso de dever perante essas regras. Segundo os escritos, o mal tem uma aparência que pode ser evitada através da disciplina apostólica, pois esta sugere uma fisionomia do bem.

Para Weber, a criação do pecado ético pesa sobre a consciência. O mal sobre o indivíduo significa desgraças advindas do plano sagrado para o pecador que busca a salvação:

Esta ideia, divulgada em todas as variações imagináveis por toda parte onde a concepção do deus assume traços universalistas, transforma as prescrições mágicas que operam somente com a ideia do malefício numa “ética religiosa”: a contravenção da vontade do deus é agora um “pecado” ético que pesa sobre a consciência, independentemente das consequências imediatas”. Males que atingem o indivíduo são calamidades que o deus mandou e consequências do pecado, das quais o indivíduo espera poder livrar-se, encontrando “salvação”. E a ética religiosa compartilha com a mágica, a princípio, também a outra peculiaridade: de que o complexo de mandamentos e proibições cuja infração constitui o “pecado” é muitas vezes extremamente heterogêneo, derivado de motivos e ocasiões muito diferentes, e não distingue, segundo nosso parecer, entre coisas “importantes” e “insignificantes”. Pode ocorrer agora uma sistematização dessas concepções éticas que abrange tanto o desejo racional de assegurar para si, mediante um comportamento agradável ao deus, vantagens pessoais externas, quanto a concepção do pecado como um poder único de disposição santa e de ações homogêneas que dela resultam e, por fim, da esperança de salvação como um desejo irracional de poder ser “bom” simplesmente, ou pelo menos, primariamente, por ter a gratificante consciência de sê-lo. Uma série gradual e ininterrupta das concepções mais diversas, sempre entrecruzadas com ideias puramente mágicas, conduz a estas sublimações da piedade, raramente alcançadas em plena pureza e na religiosidade cotidiana, somente de forma intermitente, sendo a piedade o fundamento que atua continuamente, como motivo constante, de *uma condução da vida específica*.<sup>291</sup>

---

%20Orienta%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%B5es%20sobre%20a%20Disciplina%20Apost%C3%83%C2%B3lica.pdf Acesso em 14/11/2017 às 14h:22m.

<sup>291</sup> WEBER, Op. Cit., 2015, p. 302.

Num rápido mapeamento desses textos, percebe-se como o corpo é manuseado. Por exemplo, assim deveriam se vestir as mulheres e os homens da Igreja Apostólica:

Em relação ao porte das mulheres, por exemplo, seus vestidos devem ser de comprimento tal que passe dois dedos para baixo do meio da barriga das pernas; e as meninas, menores de dez anos, devem usar os vestidos ou saias cobrindo os joelhos.

Igualmente não devem ser decotados, cavados e nem muito justos, pois não convém às filhas de Deus expor seu corpo à cobiça.

Também não devem usar cabelos extravagantes, nem joias desnecessárias, e, nem pinturas no rosto.

Os homens, semelhantemente, devem trajar-se de maneira modesta, evitando os trajes extravagantes, bem como as modas afeminadas e os cabelos e costeletas compridos.<sup>292</sup>

No trecho acima, define-se milimetricamente o cumprimento das vestes e cabelos. O corpo, especialmente o feminino, deve ser coberto para que tenha uma fisionomia santificada e não sexualizada; portanto, evitam-se roupas decotadas, cavadas e justas. A demonstração da sexualidade é uma ameaça. A fisionomia corpórea é modificada e padronizada. Calculam-se as medidas para não chegar às extremidades. Os padrões de feminilidade e masculinidade são também determinados, o traje masculino deve ser oposto ao que é considerado feminino, pois é preciso evitar as “modas afeminadas”. Caso haja aparências não enquadradas nessas regras, podem ser entendidas como uma imagem do mal, devendo, logo, ser excluídas. O desrespeito da vontade de Deus atrapalharia então a salvação.

Ainda sobre os trajes, é reforçada a sugestão dita sagrada do perfil feminino e masculino, isso sempre em confronto com os novos estilos da época. Vê-se também a busca da decência e do pudor, a oposição aos estilos surgidos na década de 1960 e 1970, a classificação e afastamento da imagem do efeminado:

**A respeito de nossa disciplina dizemos, em resumo, que a mesma estabelece a maneira decente e agradável a Deus sobre o traje, a fim de que** os fiéis se habituem a viver dignamente, e sua alma sintasse alegre e feliz ao observar em sua vida a decência e o pudor.

**Nesta Igreja Apostólica os homens usam** cabelo aparado, costeletas curtas e barba feita; calças simples, de modo que, em baixo, não cubram as pontas dos sapatos, devem ser de cores discretas e não vivas ou berrantes; e as camisas não podem ser de fazendas de cores vivas e estampadas próprias para blusas ou vestidos de mulher.

---

<sup>292</sup> COUTINHO; COUTINHO, Op. Cit., 1978a, p. 161-162.

A simplicidade do coração reflete-se no porte da pessoa. Enfim, não devem usar roupas imitando as mulheres.

Até os menininhos, do sexo masculino, de um ano de idade para cima, já devem ter o cabelo aparado simples. Desde pequeninos devem ter calças compridas ou que sejam, no máximo, pelos joelhos, pois que é proibido o uso de calçãozinho sem pernas de calça. Aliás, os meninos de até 9 anos, sendo de corpo miúdo, podem usar calças pelos joelhos. Em princípio, devemos evitar a luxúria e a vaidade. Não usamos anéis por vaidade, por isso que, de conformidade como a nossa doutrina, só é lícito o uso da aliança como símbolo do casamento ou do compromisso de noivado, e do anel de formatura, para aqueles que tenham o direito de usá-lo.<sup>293</sup>

O traje feminino é realçado novamente com os mesmos critérios indicados aos homens, mas, nesse caso, afastando-se da imagem masculina. As mulheres não devem se dar ao luxo e à vaidade, portanto não é permitido usar joias ou bijuterias. O tamanho do cabelo é milimetricamente calculado: “três dedos abaixo dos ombros”. Ainda se acrescenta em tom de ordem: “mais curto do que isso não”. As mulheres não devem usar calça, pois isso é pecado:

**Sobre o traje feminino**, em resumo, lembramos o seguinte: O luxo e a vaidade combatem contra a alma dos filhos de Deus e são impedimento a que recebam a graça dEle, de Jesus e do Consolador. Estes sentimentos prejudicam a santificação. Por esse motivo, as mulheres que seguem este santo caminho, porque deixaram de ser do mundo pecador, não podem mais ser dadas ao luxo nem à vaidade.<sup>294</sup>

Dizemos às irmãs apostólicas, quer frequentem as nossas reuniões, quer não as possam frequentar, que o seu cabelo seja comprido ou conservado no seguinte tamanho: Quase três dedos abaixo dos ombros. Mais curto do que isso não. Todavia, as convertidas agora, podem começar a frequentar com seu cabelo como estiver.

**Os seus vestidos devem ser todos de comprimento tal que passe dois dedos abaixo do meio da barriga das pernas**, mesmo que sejam os de usar em casa. E os vestidos das menores, de até 9 anos, devem cobrir bem os joelhos. Não devem vestir calças compridas. É pecado o uso de calças compridas para criaturas do sexo feminino. Também não podem usar brincos.

Lembramos dessa parte da disciplina de nossa Igreja, em resumo, no encerramento deste livro, porque quem quiser participar de nossas reuniões precisa apresentar-se em ordem.

Finalmente, esclarecemos a quem quiser participar de nossa Igreja e das nossas reuniões que, para entrar, deve apresentar-se em ordem. Entretanto, dizemos isto para os que estão aceitando Jesus e a Santa Vó Rosa em seu coração, e pretendem ficar só em nossa Igreja. Para estes, a entrada é franca.<sup>295</sup>

---

<sup>293</sup> COUTINHO; COUTINHO, Op. Cit., 1978a, p. 208-209. (grifos nossos)

<sup>294</sup> COUTINHO; COUTINHO, Op. Cit., 1978a, p. 209.

<sup>295</sup> Idem, p. 208-209.

Veja-se, neste outro trecho, como o cabelo feminino curto é associado ao mal:

Por exemplo: O cabelo feminino cortado bem curto, se não escandalizasse ninguém e não contrariasse a santa doutrina, não faria mal. Todavia, como escandaliza e mancha sua alma, marcando-a como filha das trevas, não convém.

Por caridade aos outros e amor à sua própria vida e ao reino de Deus, deixe a mulher crescer o cabelo, e se quiser o conserve do seguinte comprimento: Dois dedos para baixo do pescoço ou dos ombros.

O mesmo acontece com a cava sem manga e o decote do vestido. Por caridade, use pelo menos uma manguinha pelo meio do ante-braço. Para as mais idosas é decente usar meia manga ou manga comprida.<sup>296</sup>

A fisionomia humana que se apresenta oposta ao que é delimitado pela disciplina é vista como a expressão do mal. Supõe-se que o corte de cabelo curto é entendido como uma apropriação da imagem masculina, portanto pode escandalizar a doutrina e manchar a alma. A mulher que corta o cabelo curto pode se tornar uma “filha das trevas”.

As regras vão sendo conservadas e acrescentadas no governo de Aldo. Notam-se as transformações das normas nos boletins de 1983 e 1991. Em 1991, no boletim nº 1697, Aldo Bertoni afirmava que as leis não eram impostas por ele, mas foi dada por Jesus e pela santa vó Rosa, embora caiba a ele também disciplinar:<sup>297</sup>

CABELEIREIROS: As irmãs que quiserem cuidar de seus cabelos em casa, pode. Porém ir ao cabeleireiro não.

RUGE: É proibido ruge no rosto.

CREME E PÓ DE ARROZ: Pode usar base, creme e pó de arroz desde que seja da cor da pele. De cor diferente não pode.<sup>298</sup>

(...)

ROUPA FEMININA: a saia das irmãs deve passar 2 dedos para baixo da barriga das pernas; esta ordem deve ser obedecida pelas meninas maiores de 9 anos.

É proibido o uso de calças compridas para qualquer fim, nem mesmo para uniforme de escola ou trabalho. Esta lei deve ser obedecida pelas meninas desde recém-nascidas.

As roupas femininas não podem ser justas e coladas ao corpo.

As saias femininas não devem ser abertas atrás ou dos lados, não devem ser justas, nem transparentes. As blusas não podem ser míni-

---

<sup>296</sup> COUTINHO; COUTINHO, 1978a, p. 163-164

<sup>297</sup> Boletim Interno Oficial Nº 1697 – São Paulo, 04 de abril de 1991.

<sup>298</sup> Boletim Interno Oficial Nº 1299 – São Paulo, 18 de agosto de 1983. Disponível em: <https://www.facebook.com/1551521578415759/photos/a.1606026829631900.1073741829.1551521578415759/2016643558570223/?type=3&theater> Acesso em: 26/11/2017 às 16h:30m.

blusas, não podem ser transparente; a roupa não pode ser decotada em excesso e devem ter mangas de tamanho regular.

É proibido o uso de shorts. As camisetas não podem conter desenhos exagerados e que insinue o pecado.

ROUPA MASCULINA: As calças dos irmãos homens devem ser de modelo normal, não podem ser coladas ao corpo, e os meninos até mais ou menos 9 anos devem usar calças de comprimento até beirando os joelhos; não poderá usar shorts, nem calção. As camisas não podem ser de cor e estampas exageradas e devem ser usadas abotoadas e colocadas dentro das calças.

As camisetas não podem ter desenhos que lembrem jogos e vícios e devem ser de cor normal, sem exagero.

SAPATOS FEMININOS: o salto dos mesmos não pode exceder de 4 centímetros.

OS SAPATOS DOS HOMENS: devem ser de modelos normais.

CABELO: o cabelo das meninas e irmãs mulheres não devem ser cortados, a não ser um pouco quando necessário; não podem cortar franjinhas, não podem repicar os cabelos e nem usar penteados extravagantes.

CABELO DOS HOMENS: devem ser cortados de maneira normal e não devem ser muito crescidos, nem muito cheios. Os meninos tão logo seja necessário, os pais devem providenciar o seu corte, isto para os pequeninos.

UNHAS, JÓIAS E PINTURAS: Só é permitido o uso de esmalte incolor nas unhas, não podendo ser usado nem mesmo a cor de rosa; as unhas não devem ser compridas demais, tanto para mulheres como homens; só é permitido o uso da aliança, do anel de formatura, e para as mulheres, broches pequenos e presilhas para o cabelo que não sejam exageradas. É proibido o uso de pinturas de qualquer tipo, isto no rosto.

SOBRANCELHAS e BRONZEADOR – não é permitido que as irmãs arranquem as sobrancelhas e igualmente não é permitido o uso de bronzeadores.

NOTA IMPORTANTE: Todas estas ordens foram determinadas pela Santa Vó Rosa quando ainda estava em seu corpo e nada foi determinado só por mim, muito embora me caiba o direito de disciplinar a Igreja.<sup>299</sup>

Apesar de manter características das regras anteriores, vê-se como o discurso modifica-se com o passar do tempo. Nas leis organizadas por Aldo, ou – diz-se – sob as ordens da santa vó Rosa, veem-se acréscimos das regras em acordo com a irrupção de novas ameaças à organização do poder. Por mais que esses discursos se afirmem como leis divinas e imutáveis, na verdade seu conteúdo é móvel e adaptável. Assim como sugere o sentido do poder disciplinar, como discutido por Michel Foucault, para seu funcionamento coloca-se uma hierarquia (na Igreja Apostólica, a corte celestial, depois a santa vó Rosa e por fim o santo irmão Aldo) e a partir dela organizam-se normas

---

<sup>299</sup> Boletim Interno Oficial Nº 1697 – São Paulo, 04 de abril de 1991.

apoiadas ao exame detalhado daqueles que serão disciplinados. E estes não compõem a base da hierarquia, na verdade são docilizados; depois apropriados, sua vigília e disposição é essencial para a organização da rede de poderes.

A literatura dos apostólicos também é regulada, porque não é qualquer leitura que se deve fazer. Ler qualquer livro significa uma ameaça à verdade instaurada, corre-se o risco do aprendizado de costumes diferentes, considerados inconvenientes. Os contos, romances e novelas, para a doutrina, podem inspirar o mundanismo, despertar a sexualidade, alimentar espíritos maus e induzir modos de comportamentos inadequados, como, por exemplo, o falar em gírias. As palavras e o modo como devem ser ditas são assim orientadas. A boa literatura é direcionada aos três livros da instituição, neles há a certeza de não haver perigo e nada de errado quanto ao aprendizado que prejudique a santificação. Já a má literatura, além de induzir aos aspectos já citados, que corromperiam a santificação, é vista como associada à figura de Satanás e às trevas. Assim delibera-se sobre a literatura ideal para os apostólicos:

A literatura para os apostólicos deve ser boa, útil e dedicada ao bem; portanto, não é qualquer leitura que serve.

As que ensinam o bem, quais possam ser classificadas como úteis para dar sabedoria e entendimento, preparo profissional e cultura geral, desde que não contrariem a verdade e não prejudiquem sua formação moral e espiritual, de acordo com a nossa doutrina, a fim de que sejam sempre honrados e justos, respeitosos e cumpridores dos seus deveres, dizemos que são boas.

Entretanto, quando são perniciosas, por ensinarem sentimentos maus e desvirtuarem o bom caráter de filhos de Deus, de maneira que aprendam costumes inconvenientes, tornam-se ilícitas. Por exemplo: Toda a leitura que ensine o mal, o engano, a mentira, o crime, superstições, vícios, imoralidades, crendices, etc., não convém.

Por isso os apostólicos, que não devem usar nem “gíria”, palavras fadistas e astutas, apelidos maliciosos, termos usados por vadios e pessoas de baixa reputação, devem, por conseguinte, evitar a leitura de tudo o que ensine tais palavras. Também não usamos romances, contos e novelas, pois que inspiram o mundanismo e excitam os sentidos sensuais, de modo que prejudicam a santificação dos fiéis.

Entretanto, a Santa Vó Rosa consente que os meninos colegiais leiam os livros do currículo escolar, que fazem parte do programa oficial de ensino, embora tragam lendas, contos e invenções para prender a atenção dos estudantes e dar-lhes, naturalmente, gosto para a leitura, uma vez que devem aprender a ler e falar desembaraçadamente.

(...)

Quanto à literatura religiosa, recomendamos aos fiéis apostólicos que leiam os nossos livros com fé e devoção, porquanto temos absoluta certeza de que são bem orientados e abençoados com isso; e não há perigo de aprenderem nada errado. “O Evangelho do Reino dos Céus” e “O Espírito Santo de Deus e o Consolador” reeditados sob a

inspiração e direção do Consolador, oferecem a doutrina mais perfeita, em matéria de religião, para orientar os filhos de Deus em sua vida terrena e prepará-los para o Reino do Céu.

É má a literatura religiosa que contraria a verdade, especialmente aquelas que combatem os Santos e o poder do Espírito Santo, pois através dela combatem a Santa Vó Rosa como Consolador e a possibilidade de o homem convertido, humilde e obediente a Deus torna-se santo.

(...)

Portanto, aquele que se deleita com as obras das trevas está em trevas, e não pode ter consigo o Espírito Santo.

(...)

Na verdade é isso que acontece; aquele que passa os seus dias alimentando-se das trevas, quando atacado pelos espíritos maus não pode resistir. É facilmente dominado pela feitiçaria, pela magia e pelas obras de encantamento e superstição; e fica amarrado, desanimado, doente ou perturbado.

(...)

Portanto, não esqueça: A má literatura liga o espírito do homem a Satanás; porém a boa, justa e recomendável dá sabedoria e preparo profissional, quando a isso se destina; e a nossa dá vida e santidade, e saúde, pela união com o Espírito de Deus, se for lida com fé e boa vontade.<sup>300</sup>

Alguns fiéis lembram o efeito da regulação das medidas em torno da literatura. Alguns pais eram incentivados por fiéis ou pastores a retirarem seus filhos e filhas da escola, outros vigiavam a literatura dos mesmos.

A associação de determinados tipos de literatura ao mal e a colocação dos livros doutrinários da igreja como leituras sadias é outro mecanismo de poder, porque elege uma má literatura, associa-a a algum perigo que afeta a alma. Nota-se também que a literatura pode aflorar a sexualidade e o desejo. Dessa maneira, organizaram-se todos esses códigos em torno dela.

Assim como a literatura, os espaços de sociabilidade também são demarcados. Não é qualquer lugar que os apostólicos devem frequentar, pois há lugares áridos onde o espírito do mal habita:

Os espíritos maus, os mais ímpios, gostam de ficar com os homens nos lugares áridos, sendo que muitos deles já vivem juntos com alguém; e gostam desses lugares porque dominam os homens para praticarem suas más obras.

Lugares áridos são os locais ou ambientes onde há rispidez, brutalidade, zombaria, algazarra, muita malícia e baixez moral; onde não há caridade e nenhuma virtude.

Por exemplo: Casa cheia de contendas, bar repleto de ébrios e de criaturas zombeteiras e casuístas; salão de reuniões, ainda que seja de

---

<sup>300</sup> COUTINHO; COUTINHO, 1978a, p. 168-170.

barbearia, se se reunirem neles escarnecedores da vida alheia, teatro e similares, casa de jogos, e casas de prostituição, etc. Até no meio de grupos de pessoas na rua, nas esquinas, nos bares, quando as mesmas maquinam o mal e agem com rispidez. Também onde haja fanatismo, engano e falsidade; onde invocam os espíritos das trevas e dos mortos; e onde fazem feitiçaria também. Nesses ambientes não está o Espírito Santo.

Os espíritos imundos, quando saem da vida de alguém, vão para os lugares áridos procurar repouso.

Porém, se os homens nesses lugares já estiverem tomados, ou dominados por outros espíritos, aqueles voltam para ver se a outra criatura com quem andavam está para eles, incrédula e no pecado. Ora, se a encontrarem assim, tornam a apoderar-se da mesma.

N.S. Jesus ensinara essa verdade, dizendo que o espírito imundo deixa o homem e vai a procura de repouso nos lugares áridos, e não o encontrando, volta para o homem com quem estava e leva consigo mais sete espíritos piores do que ele; e, entrando na casa ou na vida dele, habitam ali. E são os últimos atos desse homem piores do que os primeiros. Assim acontecerá também a esta geração má, concluiu Jesus.

Quando ensinamos que os fiéis a Deus não devem frequentar certas casas, nem lugares inconvenientes aos filhos de Deus, nem em certas companhias, não o fazemos por fanatismo, como julgam alguns.

Assim ensinamos porque temos compreensão das coisas espirituais e porque amamos o nosso Deus vivo e os nossos semelhantes, e o próximo. Em virtude deste amor e por ser de justiça, a disciplina desta Igreja Apostólica proíbe os fiéis de irem a esses lugares.

Muita gente, indo a um desses lugares, ao invés de obter alívio e receber alimento salutar para sua alma e seu corpo, saem ainda mais carregados, pois que os espíritos imundos os perseguem.

Por ignorância da verdade, muitos pensam em passar o tempo e recrearem-se em tais ambientes, todavia sua vida fica transtornada. Aprendem vícios e enchem-se de corrupção. Pegam doenças, ficam nervosos, malcriados e diferentes. E muitos passam a ser mal sucedidos nos seus negócios, vindo a ficar até na miséria, como têm acontecido.<sup>301</sup>

Aqui, definem-se também as características dos lugares do mal, pois em determinados espaços não há virtude. Pelo medo da condenação, muitos evitam esses espaços. Mas, ao mesmo tempo, contrariando a regra, muitos outros os frequentam.

Define-se, também, como deve ser o casamento:

“Daí estabelecer que, no seu reino, ou seja, na sua igreja, o homem só poderia casar-se com mulher da mesma fé; era proibido, sob pena de expulsão ou exclusão, ir buscar mulher no meio de outros povos, quais não lhe obedeciam e nem eram por Ele dirigidos”.<sup>302</sup>

---

<sup>301</sup> COUTINHO; COUTINHO, 1978a, p. 117-119.

<sup>302</sup> COUTINHO; COUTINHO, 1978a, p. 91-92.



Pode-se perceber, nesse trecho, além da regra de que o apostólico só deve se casar com mulher da mesma igreja (e o sentido latente de que a ele é dado o poder da escolha), o modo como devem ser tomadas as relações com “outros povos”. Assim, a igreja estabelece a reserva de seu território doutrinário e as fronteiras que delimitam a exclusão ou inclusão de uns e outros. Interessante, ainda, é como a relação de fidelidade é importante. Ainda em trecho seguinte, vemos o nível de alcance dessa tentativa de controle da vida dos fiéis. Nele se estabelece até o horário máximo no qual os noivos poderiam ficar namorando: “Assim mesmo devem respeitar a casa, e os pais e a família, não podendo exceder-se no horário pois até 21:00 horas está bom”<sup>303</sup>. Percebe-se aqui o controle do tempo, impõem-se até horários considerados sadios para não ferir a moral familiar.

Sobre evitar escândalos, a doutrina da Igreja Apostólica assevera:

Digamos que o apostólico precise tomar café num bar, e seja servido num copo; mas chegue ali alguém que possa escandalizar-se pensando seja bebida forte. Ora, é melhor para si não tomar mais café assim, do que ferir a consciência do outro.

Quem se preza precisa ver com quem anda. O apostólico bem firme na fé, poderia andar com certa pessoa cujo trajo seja diferente, sem se contaminar; mas, se alguém vê-los juntos poderá escandalizar-se. Então não ande.<sup>304</sup>

Nesse trecho, a disciplina propõe que o fiel vigie a si próprio para que não crie mal-entendido em relação ao outro e não se dê margem para que esses se escandalizem, seja em uma mesa de bar ou por ser visto acompanhado de pessoa que esteja fora da “sã doutrina”. O vigiar-se já faz parte de um estado disciplinar interiorizado no comportamento. Nesse caso, com as leis já absorvidas, o sujeito se constituiria enquanto sujeito moral, se autocorrigiria, exerceria o domínio de si de acordo com a disciplina da igreja. Busca-se disciplinar o comportamento e o modo de convivência dos fiéis com o “mundo” exterior. É importante notar, nesse trecho, como o apostólico ocupa um lugar de santidade, que está em constante aperfeiçoamento, ao ponto de não se deixar contaminar com a presença do outro que está fora. Para Weber, o medo da contaminação pelo outro advém da crença de algum espírito sagrado ou impuro que penetra o ser desde o nascimento:

---

<sup>303</sup> COUTINHO; COUTINHO, 1978a, p. 92.

<sup>304</sup> COUTINHO; COUTINHO, 1978a, p. 163.

É que, desenvolvida a crença nos espíritos, todo processo de vida específico, o não cotidiano, em todo caso, é produzido por ter um espírito penetrado no homem: tanto na enfermidade quanto no nascimento, na puberdade e na menstruação. Esse espírito pode ser considerado “sagrado” ou “impuro” – e isso está condicionado de modo diverso e muitas vezes ocasional, porém é quase a mesma coisa em seus efeitos práticos. Pois em todo caso não se deve irritar esse espírito específico e levá-lo assim a entrar no próprio *espírito* perturbador não chamado ou a prejudicar magicamente este ou quem por ele está possuído. Por isso, a pessoa em questão é evitada física e socialmente e tem que evitar o contato com a pessoa ou até, em certas circunstâncias, consigo mesma.<sup>305</sup>

Como outras formas de disciplinar os comportamentos, têm-se o estabelecimento de normas também sobre os jogos: “Os jogos, por exemplo, são terríveis. O espírito das trevas é quem domina, de modo que sugere a um a mentira, a outro a falsidade e o roubo; ele dá a desconfiança e a raiva, e alimenta o desejo de vingança”,<sup>306</sup> as diversões: “As diversões que o mundo oferece proporcionam uma paz que não é paz; são uma ilusão, porque se o homem viver, por exemplo, 80 anos e gozar neste mundo conforme os prazeres da carne, pensando após tórumulo ao tormento do inferno”.<sup>307</sup>

A restrição nessa igreja produz, de certa maneira, o isolamento dos apostólicos, porque os meios de entretenimento apresentam-se como uma ameaça à verdade. A proibição do acesso a TV, música, rádio, cinema, dentre outros, seria a estratégia de não despertar o desejo de pertencimento do mundo exterior:

JOGOS – TV – E MÚSICA: é proibido a participação em jogos de competição, inclusive o futebol; não é permitido assistirem televisão, nem mesmo os programas noticiosos e não podem ouvir músicas profanas, nem participar das mesmas para qualquer fim.

PROGRAMAS DE RÁDIO: programa religioso em emissoras de rádio só pode ser ouvido “Hora Milagrosa”; outros programas só podem ser ouvidos os noticiosos; os programas de música sertaneja, os programas de anedotas e os dramas de crimes não podem ser ouvidos.

PASSEIOS E CINEMA: é permitido o passeio normal em lugares públicos, mas só em horários e dias que não sejam de reunião na Igreja; a mocidade não pode juntar-se em grupos mistos para realizar passeios e divertimentos sem a presença dos pais; só é permitida a

---

<sup>305</sup> WEBER, 2015, p. 299.

<sup>306</sup> COUTINHO; COUTINHO, 1978a, p. 167.

<sup>307</sup> COUTINHO; COUTINHO, 1978a, p. 168.

excursão no sítio em Jquitiba, com ordem da direção da Igreja. É inteiramente proibido que frequentem cinemas, teatros e bailes.

NÃO COMER SANGUE: é proibido o comer sangue, mesmo os churrascos mal assados.

(...)

VÍCIOS: não é permitido o uso de bebidas de álcool, nem mesmo cerveja, e é proibida a prática de todo e qualquer vício, mesmo o do fumo.

FESTAS: das festas de aniversário só podem participar os parentes, a Igreja não pode; nas festas de casamentos podem convidar membros da Igreja, se quiserem, mas as festas devem em tudo respeitar estas ordens de disciplina.

PISCINA – BANHO DE MAR – e em RIOS – é proibido nadarem em piscinas; é proibido o banho de mar em trajés e lugares fora da disciplina permitida, todavia quem residir em lugar que dependa de um rio para tomar banho, podem fazê-lo, porém não em grupos para ficarem brincando e nunca devem ir mulheres misturadas com homens.<sup>308</sup>

Temos, então, um conjunto de códigos disciplinares que orientam a conduta dos fiéis na Igreja Apostólica. As regras elegem o mal e o perigo e em oposição sugere os aspectos do bem para dar vigor à alma. A sexualidade e o desejo estariam associados ao perigo, por isso seria preciso o cuidado do uso de certas coisas para limitar a vida a uma economia, como a definição de trajés e aparência ideal, a literatura e lugares adequados, o controle dos excessos, a busca pela virtude e pela fidelidade, etc.

## 2.6. Códigos de ação

Junto ao poder disciplinar da igreja também há a moral. Para Foucault, os códigos da moral são os valores e regras prescritos por grupos que exercem poder. Por moral também se entende o comportamento diante das regras de conduta propostas. As medidas organizadas pelas regras conduzem a cultura do grupo e podem ser obedecidas ou negligenciadas por quem as recebe.<sup>309</sup> Da seguinte maneira Foucault explica a moral:

Por “moral” entende-se um conjunto de valores e regras de ação proposto aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as Igrejas etc. Acontece de essas regras e valores serem bem explicitamente formulados numa doutrina coerente e num ensinamento explícito. Mas acontece também de elas serem

---

<sup>308</sup> Boletim Interno Oficial Nº 1697 – São Paulo, 04 de abril de 1991.

<sup>309</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. São Paulo, Paz e Terra, 2014c.

transmitidas de maneira difusa e, longe de formarem um conjunto sistemático, constituírem um jogo complexo de elementos que se compensam, se corrigem, se anulam em certos pontos, permitindo, assim, compromissos ou escapatórias. Com essas reservas pode-se chamar “código moral” esse conjunto prescritivo. Porém por “moral” entende-se igualmente o comportamento real dos indivíduos em relação aos valores e regras que lhes são propostos: designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta; pela qual eles obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição; pela qual eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores, o estatuto desse aspecto moral deve determinar de que maneira, e com que margens de variação ou de transgressão, os indivíduos ou os grupos se conduzem em referência a um sistema prescrito que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, e do qual eles têm uma consciência mais ou menos clara. Chamemos a esse nível de fenômenos a “moralidade dos comportamentos”.<sup>310</sup>

O conjunto de regras disciplinares da Igreja Apostólica compõe sua moral. Trata-se de uma moral sistematizada e não dispersa, todas as congregações apresentam-se com a mesma doutrina/disciplina. Quando há a tentativa de distorcê-la, logo surgem discursos para repô-la no lugar de ordem. Frequentemente a moral apostólica é reforçada para corrigir e não permitir escapatórias de quem deseja sair delas. Até hoje, muitos fiéis divulgam a disciplina organizada por seus profetas como sábios conselhos a serem seguidos. Sendo assim, a moral apostólica será entendida como as prescrições disciplinares através do código moral, mas também como o comportamento dos fiéis diante da moral. Procuramos evidenciar também as resistências a essas regras, porque a disciplina pode ser negligenciada.

Para Foucault, a subordinação às regras pode se dar pelo reconhecimento do indivíduo com a regra, ele se sente na obrigação de pô-la em prática. Pode ser pela prática da fidelidade conjugal para que pertença ao grupo que a aceita, a proclama e a conserva. Pode ser também para preservar uma tradição espiritual ou dar à vida as características que conduzem à beleza e à perfeição. Portanto há vários modos de sujeição:

As diferenças podem, assim, dizer respeito ao *modo de sujeição*, isto é, à maneira pela qual o indivíduo estabelece sua relação com essa regra e se reconhece como ligado à obrigação de pô-la em prática. Pode-se, por exemplo, praticar a fidelidade conjugal e se submeter ao preceito que a impõe por reconhecer-se como parte do grupo social que a aceita, e que a proclama abertamente, e que dela conserva o

---

<sup>310</sup> FOUCAULT, Op. Cit., 2014c, p. 32-33.

hábito silencioso; porém, pode-se também, praticá-la por considerar-se herdeiro de uma tradição espiritual a qual se tem a responsabilidade de preservar ou de fazer reviver; como também se pode exercer essa fidelidade respondendo a um apelo, propondo-se como exemplo ou buscando dar à vida pessoal uma forma que corresponda a critérios de esplendor, beleza, nobreza ou perfeição.<sup>311</sup>

Quando se lança um código de ação, haverá várias maneiras de se conduzir moralmente. Pode-se ter o respeito às interdições, pode-se travar uma luta para o domínio do desejo. Pode ser possível a relação recíproca da fidelidade. Pode-se ainda dizer que esses são os benefícios da condução para quem a procura. Isso seria resultado da vigilância e da luta às contradições da alma. Foucault caracteriza essa maneira de conduzir como *determinação da substância ética*.<sup>312</sup>

E todo o trabalho ético sobre a conduta para transformar a si mesmo como sujeito moral se faz através do processo de aprendizagem e memorização dos preceitos, do controle da conduta e decifração detalhada do desejo para evitá-lo. Há, na Igreja Apostólica, o trabalho de repetição incessante da aprendizagem dos códigos, a *elaboração do trabalho ético*.<sup>313</sup>

Há, também, a moral orientada para a relação consigo mesmo; tratar-se-ia do sujeito moral. Foucault afirma que essa técnica de si, juntamente com os códigos morais, foi importante no cristianismo. Nesse exercício, o próprio sujeito se reconhece e se transforma de acordo com a ética estabelecida:

Em compensação, pode-se muito bem conceber morais cujo elemento forte e dinâmico deve ser procurado do lado das formas de subjetivação e das práticas de si. Nesse caso, o sistema dos códigos e das regras de comportamento pode ser bem rudimentar. Sua observação exata pode ser relativamente pouco relevante, pelo menos comparada ao que se exige do indivíduo para que, na relação que tem consigo, em suas diferentes ações, pensamentos ou sentimentos, ele se constitua como sujeito moral; a ênfase é dada, então, às formas das relações consigo, aos procedimentos e às técnicas pelas quais são elaboradas, aos exercícios pelos quais o próprio sujeito se dá como objeto a conhecer, e às práticas que permitam transformar seu próprio modo de ser. Essas morais “orientadas para a ética” (e que não coincidem, forçosamente, com as morais daquilo que se chama renúncia ascética) foram muito importantes no cristianismo ao lado

---

<sup>311</sup> FOUCAULT, Op. Cit., 2014c, p. 34.

<sup>312</sup> Idem, p. 33-34.

<sup>313</sup> Idem, p. 34-35.

das morais “orientadas para o código”: entre elas houve justaposições, por vezes rivalidades e conflitos, e por vezes composição.<sup>314</sup>

Como técnicas de si, na Igreja Apostólica tem-se a vigília, onde os membros além de vigiar uns aos outros, vigiam a si mesmos. A técnica de si seria quando os discursos sugerem que os próprios membros se policiem para não se contaminarem pelo mal. E, se houve a contaminação, eles mesmos podem regenerar-se ou se auto excluir para não manchar a honra do grupo.

Embora haja relação entre o sujeito e o código, existe também uma moral própria de si. Se o fiel se identifica com a lei apostólica e a propaga, pode ser que essa moral já se constituía em seu interior. Como foi observado, anteriormente, essa seria uma relação moral recíproca para a organização do poder em conjunto:

Em suma, para ser dita “moral” uma ação não deve se reduzir a um ato ou a uma série de atos conformes a uma regra, lei ou valor. É verdade que toda ação moral comporta uma relação ao real em que se efetua, e uma relação ao código a que se refere; mas ela implica também uma certa relação a si; essa relação não é simplesmente “consciência de si”, mas constituição de si enquanto “sujeito moral”, na qual o indivíduo circunscreve a parte dele mesmo que constitui o objeto dessa prática moral, define sua posição em relação ao preceito que respeita, estabelece para si um certo modo de ser que valerá como realização moral dele mesmo; e, para tal, age sobre si mesmo, procura conhecer-se, controla-se, põe-se à prova, aperfeiçoa-se, transforma-se. Não existe ação moral particular que não se refira à unidade de uma conduta moral particular que não se refira à unidade de uma conduta moral; nem conduta moral que não implique a constituição de si mesmo como sujeito moral; nem tampouco constituição do sujeito moral sem “modos de subjetivação”, sem uma “ascética” ou sem “práticas de si” que as apoiem. A ação moral é indissociável dessas formas de atividades sobre si, formas essas que não são menos diferentes de uma moral a outra do que os sistemas de valores, de regras e de interdições.<sup>315</sup>

Toda essa organização de códigos religiosos produz uma *teologia* do sujeito moral, um modo de ser específico que caracteriza o distanciamento do mundo, a tranquilidade perfeita, o domínio de si e a purificação para a salvação.<sup>316</sup> A ideia de separação do mundo na Igreja Apostólica é muito forte e a prática de sua moral é a técnica para isso.

---

<sup>314</sup> Idem, p. 38.

<sup>315</sup> Idem, p. 36.

<sup>316</sup> Idem, p. 35.

A definição da moderação através da elaboração de uma moral que estabelece uma estilística da conduta está longe de ser originária de uma determinada sociedade ou tempo específico. A sugestão de medidas reguladoras sugeridas para a formação da moral da Igreja Apostólica só é mais um efeito do jogo sucessório de preocupações e interdições direcionadas ao cuidado ético do grupo.

Quanto à sexualidade, este é um ponto central de incidência da doutrina apostólica, pois há um grande número de interdições direcionadas ao corpo, ao comportamento e as relações sociais que conferem o controle da sexualidade. Jean Delumeau assinala que, no cristianismo da Idade Média, “os autores de sumas e manuais de confissão” já tinham “lançado sobre a sexualidade em geral e o casamento em particular um olhar de extrema suspeição”.<sup>317</sup> O autor segue afirmando que Santo Agostinho já depreciava a sexualidade e evocava como “a imunda feiura de nossa origem”. Outros pensadores cristãos seguiam a mesma perspectiva.<sup>318</sup>

Nessa igreja, o acesso à verdade sugere a renúncia de alguns prazeres. A renúncia daria oportunidade para a experiência espiritual, ou seja, o tornar-se santo, o colocar-se à semelhança de Deus. Podemos intuir que essa é uma constante da religiosidade cristã, em suas mais diversas manifestações. Ao longo da história, o Cristianismo sempre esteve identificado à incidência de uma moral reguladora dos corpos, justificando-a por uma preocupação com a contaminação da alma. Em denominações específicas (como é o caso da Igreja Apostólica), essa moral ganha aspectos ainda mais rígidos. E para ela converge todo um imaginário do Juízo Final, que é a marca maior de seu discurso.

Mas, como Foucault assinala, não se deve atribuir à Cristandade, nem à Antiguidade ou determinada cultura a produção fundante de uma moral reguladora. Para o autor, tanto o perigo e o mal que foram atribuídos à atividade sexual quanto o anseio por uma economia para limitá-la através de medidas ditas necessárias estiveram presentes em sociedades anteriores; deve-se, sim, saber diferenciar os seus modos de interdição.<sup>319</sup>

Dentro dessa orientação, veja-se como a sexualidade já era problema moral desde a Antiguidade:

---

<sup>317</sup> DELUMEAU, Jean. *O pecado e o medo: a culpabilização no ocidente (séculos 13-18)* (Volume II). Tradução de Álvaro Lorencini. Bauru, SP: EDUSC, 2003b., p. 33.

<sup>318</sup> DELUMEAU, Op. Cit., 2003b.

<sup>319</sup> FOUCAULT, Op. Cit., 2014c.

Pode-se muito bem admitir a tese corrente de que os gregos dessa época aceitavam muito mais facilmente que os cristãos da Idade Média, ou que os europeus do período moderno, certos comportamentos sexuais: pode-se muito bem admitir, igualmente, que as faltas e as más condutas nesse campo suscitavam, então, menos escândalo, e expunham a menos retorsão, tanto mais que nenhuma instituição – pastoral ou médica – pretendia determinar o que, nessa ordem de coisas, é permitido ou proibido, normal ou anormal: pode-se também admitir que eles atribuíam a todas essas questões muito menos importante que nós. Entretanto, mesmo que tudo isso seja admitido ou suposto, um ponto permanece irredutível: eles se preocuparam, não obstante, com essas questões. Existiram pensadores, moralistas, filósofos e médicos para estimar que o que as leis da cidade prescreviam ou interditavam, o que o costume geral tolerava ou refutava, não podia ser suficiente para regular devidamente a conduta sexual de um homem cuidadoso de si: eles reconheciam, na maneira de ter essa espécie de prazer, um problema moral.<sup>320</sup>

Para Foucault, há permanências da moral grega na moral da carne, mas a proliferação dos códigos morais se deu mais na instituição religiosa, especialmente com a indicação dos lugares, dos parceiros, e dos gestos permitidos ou proibidos.<sup>321</sup> A partir da metade do século XX, esses códigos continuam sendo organizados e formam a sociabilidade e subjetividade do grupo em estudo, ou seja, a moral ajuda a direcionar a relação para consigo mesmo e para com os outros, delimitando o certo e o errado, o proibido e o permitido, o normal e o anormal.

Michel Foucault, numa tentativa de revisar a oposição entre a moral grega, frequentemente entendida como tolerante à prática sexual, e a moral judaico-cristã, vista como restritiva e triste, nos mostra, pelo contrário, que o comportamento sexual já era domínio da moral grega. Entre os gregos, a moral admissível cujas medidas seriam movimentadas por técnicas de si para o domínio de si e dos outros, conduzia a uma “arte da existência”, com critérios estéticos que encaminhavam para o belo e a perfeição. Diferentemente da moral grega, na moral da carne há a exigência da austeridade. A potência divina aqui estabelece códigos de condutas obrigatórios e leis universais a serem direcionados por uma instituição de poder. Apesar de ambas as morais carregarem suas estratégias próprias de organização, há para Foucault continuidades estreitas entre a cristandade e a filosofia moral antiga, especialmente a

---

<sup>320</sup> FOUCAULT, Op. Cit., 2014c, p. 46-47.

<sup>321</sup> Idem, p. 39-40.



associação da atividade sexual ao mal, a defesa da monogamia procriadora, a não aceitação das relações de mesmo sexo, a exaltação da continência, dentre outros:

(...) numa escala histórica bem mais longa, poder-se-ia acompanhar a permanência de temas, inquietações e exigências, que, sem dúvida, marcaram a ética cristã e a moral das sociedades europeias modernas, mas que já estavam claramente presentes no cerne do pensamento grego ou greco-romano. Eis aqui diversos testemunhos: a expressão de um medo, um modelo de comportamento, a imagem de uma atitude desqualificada, um exemplo de abstinência.<sup>322</sup>

Foucault verifica como a definição do mal, do perigo, através de literaturas médicas, pedagógicas, religiosas eficientes ajudaram a despertar medos em torno do dispêndio sexual (inclusive, a perda do sêmen), onde o prazer era colocado no campo da morte e do mal, como uma ameaça à procriação e à existência da humanidade. Desde a Antiguidade já havia entre os gregos o temor do sexo e, logo, a necessidade de uma economia no uso desses prazeres, com suas medidas estabelecidas para evitar seu uso intempestivo. Portanto, a definição de um medo é antiga e ideal para uma melhor gerência dos prazeres.<sup>323</sup>

Essas exigências marcam as sociedades, atravessam os séculos, se constituem e se transformam e são manuseadas por instituições religiosas específicas, assim como é na composição moral da Igreja Apostólica. A definição de um medo, do mal e do perigo é essencial para que o poder seja eficiente. A ideia de ameaça de condenação ao inferno já seria um mecanismo de controle, à medida que coloca pelo medo regras de conduta: “E CONDENAÇÃO é a reprovação divina, com a determinação do castigo e o sofrimento no inferno”.<sup>324</sup> E a santa vó Rosa é o espírito responsável, juntamente com Jesus, pelo julgamento (a condenação ou a salvação) dos indivíduos.

Quanto à sexualidade, pode-se aproximar a Igreja Apostólica também às denominações pentecostais. Ricardo Mariano afirma que nas instituições mais sectárias há uma luta incessante dos fiéis para afastarem-se dos prazeres da carne e, por conseguinte, há também maior disposição para se separarem do mundo. Ambientes, atividades e comportamentos, gestos, desejo são evitados para não se corromperem e não prejudicarem a salvação. É preciso manter a rigidez monástica para não cair na

---

<sup>322</sup> FOUCAULT, Op. Cit., 2014c, p. 21.

<sup>323</sup> FOUCAULT, Op. Cit., 2014c.

<sup>324</sup> COUTINHO; COUTINHO, Op. Cit., 1978a, p. 49.

tentação do mundo. Há uma constante luta para conquistar a salvação, e a autovigilância é imprescindível.<sup>325</sup> Assim Ricardo Mariano comenta sobre o pudor em torno da sexualidade entre os pentecostais:

Quando o discurso pentecostal enfoca o sexo é para ressaltar sua negatividade, ou ameaça que representa à salvação da alma. Para os pentecostais, submetidos a normas morais e dogmas rígidos, ascéticos e repressivos, a esfera sexual constitui poderoso terreno de tentações, provocações e privações.<sup>326</sup>

Como se viu, na disciplina apostólica há a preocupação com a sexualidade para não afetar o corpo e a salvação. Mas é preciso observar como cada instituição pentecostal encara a sexualidade. Conforme Mariano, na Congregação Cristã no Brasil, a sexualidade seria para a procriação no casamento e os desejos sexuais são meios organizados por Satanás para induzir ao mal. Na Brasil para Cristo, havia a relação entre realização sexual, família e reprodução. Nessa igreja, a culpabilidade pelos desejos sexuais é menos rigorosa do que na Cristã do Brasil. Os neopentecostais são mais permissivos, pois há a vinculação entre sexo e prazer heterossexual na monogamia (Igreja Renascer e Universal). Todas os matizes pentecostais tratam o homossexualismo como doença, sendo necessário uma cura ou terapia para enquadrarem o sujeito na figura do “macho” latino.<sup>327</sup>

Entre os pentecostais, o lazer pode ser entendido como perdição, pois “a esfera do lazer (entretenimento e esporte) se opõe abertamente ao projeto pentecostal de vida santificada, ao reforçar o ócio, o gozo espontâneo da vida, estimular a sensualidade, a luxúria, o materialismo, a volúpia consumista”.<sup>328</sup> A vida comunitária seria o ideal de manutenção dos hábitos sectários e o lazer é colocado nos intramuros, entre os membros, através de brincadeiras, cafés, jogos, etc.<sup>329</sup> Na Igreja Apostólica verifica-se o ideal de vida comunitária das igrejas pentecostais quando se distancia dos modos de obter lazer: jogos, praia, piscina, etc. Nos anos mais recentes, a igreja promove nos intramuros seus divertimentos próprios, como brincadeiras e cafés, especialmente no sítio da instituição em São Paulo.

---

<sup>325</sup> MARIANO, Op. Cit., 2014.

<sup>326</sup> Idem, p. 192.

<sup>327</sup> Idem, p. 193.

<sup>328</sup> Idem, p. 194.

<sup>329</sup> Idem, ibidem.

Assim como na Igreja Apostólica, junto às proibições colocadas entre os pentecostais há as punições pelas faltas. As penalidades variam de acordo com a pessoa, com a constância do ato, levando à suspensão por dias e através da provação (observação), para reintegrar-se. Os comportamentos sexuais de difícil regeneração podem gerar exclusão ou observação de 10 anos, como é o caso da homossexualidade. Os fiéis são interditados quanto ao fumo, ao uso de bebidas alcoólicas, assistir TV, dançar. Assim com atitudes como: conhecer espaços como boates, motéis, praias, piscinas, cinemas, teatros, bares, festas de carnaval ou católicas. São essas proibições éticas legalistas que rejeitam o mundo.

No que se refere ao nível alto de proibições e exigências comportamentais, entre tais denominações, o destaque é, principalmente, para a Deus é Amor, na qual os fiéis enfrentam provações, ascetismo e sacrifícios terrenos para chegar ao paraíso. Essa igreja possui um regulamento interno com a intenção de disciplinar os fiéis.<sup>330</sup> A disciplina da Deus é Amor mostra os pecados:

(...) adultério, briga entre membros, não pagamento de dívidas, fornicação, homossexualismo, masturbação, prostituição de casais, tentativa de adultério, de suicídio e de violação sexual; adverte sobre os “prazeres carnavais” proibidos aos crentes: tomar bebidas alcoólicas, fumar, ir à praia ou piscina pública, entrar em jogos de azar ou sorteios, ouvir rádio (exceto os programas da igreja), assistir à TV, ler livros e revistas imorais, participar de orgias, pronunciar palavras e palavrões mundanos; detalha minuciosamente os atos a serem evitados por impedir a santificação: 1) quanto aos homens, não podem andar seminus (sem camisa ou só de shorts), ter cabelos compridos, deixar costeleta, barba ou bigode, usar joias pecaminosas, óculos vaidosos, roupas mundanas e tatuagens; 2) quanto às mulheres, podem andar de bicicleta, de cavalo ou moto somente “por extrema necessidade”, mas não podem cortar os cabelos, usar peruca ou qualquer penteado vaidoso, nem se lhes permite o uso de calça comprida, sapatos com salto, cintos exagerados, joias pecaminosas, óculos vaidosos, pinturas, roupas indecentes, e nem mesmo depilar o corpo e fazer “tranças escandalosas” nos cabelos. Todos, sem exceção, são exortados a usar trajos modestos.<sup>331</sup>

Essas leis da Deus é Amor são as que mais se aproximam das presentes na disciplina apostólica. Veja-se, no trecho abaixo, como, na *Doutrina Bíblica para os Dias de Hoje*, daquela denominação, são caracterizadas a conduta e a aparência santa.

---

<sup>330</sup> Idem.

<sup>331</sup> Idem, p. 197.

Repare-se, como já indicado por Mariano, no simplismo e literalismo da interpretação bíblica ocasionada pela baixa escolaridade de seus escritores:

É permitido criança brincar de pipa ou papagaio, pois é brincadeira de criança, Mat. 19. 14 e I Cor. 13. 11. Da mesma forma não existe problema a menina brincar com boneca, o que a Bíblia condena é a idolatria e ninguém vai adorar ou prestar culto a uma boneca. Fica proibido entretanto bonecas de artistas de TV, Cinema, Teatro, etc. Brincar de bola é permitido, desde que seja bola de plástico ou borracha e a idade da criança não ultrapasse 7 anos, 1 Cor 13, 11. É permitido beber coca-cola pois é um refrigerante feito de xarope e açúcar, não alcoólico (...) Não é permitido mascar chicletes devido a abusos na Igreja, 1 Cor 14, 40 (...) o fato de escovar os dentes e até mesmo sem querer engolir o creme dental, isso não vai quebrar o jejum (...) É permitido o uso de ombreira para irmãos e irmãs, porque a ombreira é parte complementar do vestuário (...) A saia jeans só é permitida no local de trabalho, desde que não seja escandalosa, 1 Ts 5, 23. Sobre usar roupas vermelhas e pretas, é permitido para a mulher. Ao homem entretanto, ficam proibidas roupas vermelhas, Tg 4,4 (...) Os irmãos usarem gravatas vermelhas ou cores berrantes não é permitido (...) Fica proibido o uso de camisetas com estampas mundanas e dizeres em português ou qualquer outra língua, a não ser dizeres bíblicos ou da IPDA [Igreja Pentecostal Deus é Amor], 1 Cor 14, 40. As saias e os vestidos das irmãs deverão cobrir os joelhos mesmo sentadas. Não é permitido o uso de roupa longa, tipo roupa de gala, pois isso já é exagero, e o uso de tênis para o homem e mulher só é permitido para o trabalho ou em casa. Quanto ao assobiar é permitido, se for para louvar a Deus, Zc 10, 8 e Sl 150, 6 (...) Sobre amigo secreto, brincadeira que se faz normalmente no Natal ou final do ano ou em época de festa, não é permitido pois se trata de algo mundano, 1 Jo 2, 15-17. É permitido ter fotos de parentes vivos ou mortos, desde que nas fotos não existam imagem de escultura (santos), 1 Cor 8, 1-13. Sobre filmadora e projetor de filmes, é permitido desde que não seja reproduzido em videocassete, pois o videocassete não é permitido o seu uso, e quem usar será punido de acordo com o RI (Regulamento Interno, 1 Jo 2, 15-17 (s/d: 6-8)).<sup>332</sup>

A Assembleia de Deus, mesmo acompanhando as transformações da sociedade, ainda resiste às mudanças nos rígidos usos e costumes. Nessa igreja, a doutrina se tornou disfuncional e causa disputas entre as gerações novas e antigas. A igreja luta para preservar as tradições da década de 1930. Através de uma série de entrevistas a membros da Assembleia de Deus, Mariano identificou algumas regras de conduta entre essas mais antigas: a proibição da televisão e a exclusão pela compra dela; a resistência a barba e cabelo comprido dos homens; a mulher deve ter cabelo crescido; algumas proíbem o corte de cabelo das mulheres; a mulher não pode usar batom, salto alto,

---

<sup>332</sup> Idem, p. 197-198.

sapato aberto, calça, meia fina ou raspar as pernas; proíbe a ida ao cinema, os jogos e uso fumo e bebidas alcoólicas; outras igrejas proíbem usar perfume, tomar guaraná, ter rádio; etc.

A Assembleia abdicou de muitas leis, como o uso obrigatório dos chapéus aos homens e meias às mulheres. Muitas irmãs eram barradas na porta da igreja por não estar trajadas com meias. A Brasil para Cristo também começou a rever seus costumes. Nessa igreja, inclusive, já é possível as mulheres usarem brinco e calça comprida. Entretanto, em tempos passados os trajes eram sugeridos.<sup>333</sup>

A eleição de um modelo de comportamento já era apreciada na Antiguidade. Foucault afirma que por uma longa tradição a vida dos elefantes era um espelho natural e um exemplo de disposições honestas, porque sugeria uma virtude conjugal. O elefante possuía senso porque nunca trocava de fêmea, só acasalava em certos tempos e secretamente (o pudor). No dia seguinte ao processo acasalatório, o animal recorria ao rio para lavar o corpo e se purificar. Portanto, não conhecem o adultério. Esse seria, então, um modelo de conduta valorizado pelos gregos e romanos, embora a fidelidade recíproca dos cônjuges não tivesse sido tão bem aceita. Mas, era uma manifestação de virtude para a firmeza da alma e o domínio de si. Na filosofia grega antiga, já se verificava um modelo de conjugabilidade recíproca e fiel. Esse modelo não conferia lei ou costume, mas já era valoroso para os moralistas.<sup>334</sup>

Vê-se como havia a inspiração, no caso anterior, na vida dos elefantes, sobretudo de sua virtude e pudor. A conduta do elefante representava o exemplo de manifestação de virtude para firmar a alma e o domínio de si. Foucault mostra como a busca por um exemplo de comportamento virtuoso já se verificava na Antiguidade e pode ter servido de inspiração para a moral da carne. Na Igreja Apostólica, além da santa vó Rosa ser exemplo de comportamento, especialmente por suas qualidades virtuosas, ela sugere códigos morais para que todos também possam ser como ela.

Quanto à imagem desqualificada, Foucault ressalta que no século XIX, o perfil comportamental/anatômico do homossexual era marcado por descrição desqualificadora. Seus gestos, posturas, expressões seriam uma inversão dos papéis sexuais, ou seja, uma ofensa à natureza. Essa aura repulsiva perpassou séculos e já estava delineada na literatura greco-romana. Aqui já se via a negatividade desse

---

<sup>333</sup> MARIANO, Op. Cit., 2014.

<sup>334</sup> FOUCAULT, Op. Cit., 2014c.

estereótipo, porque já se classificava o homossexual como *effeminatus* (efeminados); estes eram categorizados por características femininas como a voz tênue, o cuidado com os cabelos, a rivalidade com as mulheres; eram enfraquecidos e enervados desde sempre; atacavam o pudor dos outros; são ornados de maquilagens e adereços, são educados, etc. Seria uma renúncia ao papel viril da masculinidade, o que não poderia ser aceito. Embora a prática já tenha sido taxativa, a relação entre os homens foi mais bem aceita na antiguidade grega do que nas sociedades europeias modernas.<sup>335</sup>

Na disciplina apostólica, a imagem do efeminado continua sendo classificada e evitada. Os códigos da igreja sugerem que os homens se afastem da imagem efeminada. Chamados erroneamente pelos discursos da igreja de “afeminados”, a disciplina exige que os homens não absorvam as chamadas modas desse grupo. Nos discursos, delimitam-se cores, estilos e modos de ser que demonstram as características dos efeminados, ou seja, classifica-os com a intenção de evitar ser como eles. Da mesma forma é para as mulheres, elas não podem demonstrar masculinidade. Indica-se a aparência, as vestes (saías apenas) e o comportamento ideal para a demonstração da feminilidade. Há, portanto, a imagem feminina e masculina definida em códigos para todos. Caso surja alguém diferente ao sugerido, este será taxado de anormal e apresentado como uma ameaça aos “normais”:

Muitos irmãos estão deixando seus cabelos crescerem, usando um corte cheio que é fora da disciplina, outros com cortes de cabelos exagerados e feio, que nunca foi permitido. E há aqueles que usam penteados que não estão de acordo com a nossa disciplina e com a boa apresentação, que um homem de nossa Igreja deve ter.<sup>336</sup>

Quanto ao exemplo de abstinência, Foucault afirma que seria a figura do virtuoso aquele que desvia da tentação e do prazer (atividade sexual). Essa renúncia que dá acesso à experiência espiritual é familiar ao Cristianismo. Contudo, para Foucault, a renúncia sexual também é própria da Antiguidade. Na Grécia, os atletas renunciavam ao prazer sexual e se demonstravam senhores de si. A abstenção ligava-se a uma sabedoria que lhes dava acesso ao elemento superior à natureza humana, ou seja, à verdade.

Entretanto, para Michel Foucault, é necessário diferenciar a moral sexual do cristianismo e do paganismo. A Igreja e a pastoral cristã construíram uma moral de

---

<sup>335</sup> FOUCAULT, Op. Cit., 2014c.

<sup>336</sup> Boletim Interno Oficial Nº 2552 – São Paulo, 18 de outubro de 2007.

alcance universal, unificada, autoritária e imposta a todos de igual maneira, enquanto que no pensamento antigo tratava-se de um suplemento, um “luxo” e se apresentavam em “focos dispersos”, se fundamentavam em vários movimentos filosóficos ou religiosos, propunham a moderação em cada fisionomia particular mais do que uma imposição. Houve uma constância, desde a Antiguidade, no cuidado com a austeridade sexual: o cuidado do corpo, do casamento, das relações entre homens:

(...) é fácil ver que cada uma dessas grandes figuras da austeridade sexual se relaciona com um eixo da experiência e com um feixe de relações concretas: relações com o corpo, com a questão da saúde e, por trás dessa questão, todo o jogo da vida e da morte; relação com o outro sexo, com a questão da esposa como parceira privilegiada, no jogo entre a instituição familiar e o vínculo que ela cria; relação com seu próprio sexo, com a questão dos parceiros que nele se pode escolher, e o problema do ajustamento entre papéis sociais e papéis sexuais; finalmente, relação com a verdade, onde se coloca a questão das condições espirituais que permitem ter acesso à sabedoria.<sup>337</sup>

Para Foucault, na direção cristã há um dispositivo que constitui em três elementos ligados e dependentes uns aos outros: o princípio da obediência (ouvir o outro), do exame (olhar para si mesmo) e ao reconhecimento das faltas (falar para o outro de si mesmo). Ao analisar a situação dos monges, Foucault esclarece sobre esse dispositivo:

Se quisermos efetivamente ensinar o monge a obedecer, e a obedecer mais, exaustivamente ao outro, é preciso também, e a título de condição, lhe ensinar a se examinar a si mesmo. Em segundo lugar, segundo elemento importante é que vocês estão vendo que há no interior desse exame, nessa obrigação em que o noviço se vê de se examinar, há um curioso acoplamento, um acoplamento entre a obrigação de velar por si mesmo, de abrir os olhos para o que acontece em si mesmo – obrigação de olhar, portanto – e, correlativamente, imediatamente ligada a esse dever de olhar, a obrigação de falar. Devo enxergar tudo em mim, mas devo dizer tudo do que vejo em mim, e devo dizê-lo à medida que enxergo.<sup>338</sup>

Esse regime seria, conforme Foucault, aplicado ao monge, para evitar o perigo do relaxamento, pois este se “insinua na alma a partir das pequenas complacências que podemos ter para conosco mesmos”.<sup>339</sup> Sendo assim, o monge deve prestar atenção aos

---

<sup>337</sup> FOUCAULT, Op. Cit., 2014c, p. 30-31.

<sup>338</sup> FOUCAULT, Op. Cit., 2014a, p. 262.

<sup>339</sup> Idem, ibidem.

sinais de relaxamento, que o levaria a fraquezas. Ao evitar o relaxamento, evita-se o excesso (de rigor, de ascese) e o excesso pode-se misturar com confiança de si, a vaidade e o orgulho. Foucault lembra que a filosofia antiga e os pensadores cristãos sempre ressaltavam o tema do “nem demais, nem de menos”, nem excesso/fraqueza/rigor demais ou de menos. A esse ideal de medição dá-se o nome de *discretio* (separar o que está misturado, encontrar uma linha reta divisória que permite entre os dois perigos). E *discrimen* seria a atividade julgadora, pondo-se no meio, identificar as extremidades. A noção de *discretio* é, para Foucault, uma técnica cristã de direção, porque diante das selvagens práticas ascéticas que ocorriam no século III e início do IV, essa noção tornou-se eficaz para evitar vagabundagem, floração de façanhas, de visões, de milagres, de ascese extraordinária, etc. No caso do *discretio* da sabedoria antiga, a moderação foi estabelecida pela razão que o sábio tem em si, seu *logos*. Quanto ao asceta cristão, este não encontraria sua medida em si mesmo.<sup>340</sup>

O exame direciona-se aos pensamentos e não aos atos. Seria o perigo apresentado no fluxo das ideias que vêm em mente, o que vem de incerto, de negativo, que possa prejudicar a contemplação a Deus. Ao exame do cristão chama-se *cogitatio* (apreender o fluxo do pensamento para se arranjar dentro dele). O exame deve se dar no exato momento em que do fluxo do pensamento, numa espécie de *discriminatio*, para depois procurar rapidamente e separar o que podemos acolher e repelir na consciência. No exame cristão, verifica-se a incerteza de quem somos e há algo que pode nos enganar. O reconhecimento das faltas permite escapar da incerteza desse exame, pois desengana, porque confiando em outro, ele dará conselhos, indicações, orações necessárias, leituras ideais, a boa conduta, indicará o princípio de moderação, etc. Na direção antiga, as práticas de obediência, exame, confidências ao mestre permitiam que o próprio sujeito fosse juiz de seus atos, pois impõe-se a si mesmo a regra de conduta. Estabelece-se, aí, uma relação de obediência ao outro e a obrigação de dizer a verdade a si mesmo através do reconhecimento das faltas.<sup>341</sup>

Como foi visto, desde o momento em que Rosa converteu-se ao movimento de tendas, ela já começou a criticar os grupos religiosos assim organizados tomando-os como “exagerados”. A busca pela moderação é constante desde sempre na Igreja Apostólica. Na disciplina moral, vê-se claramente o *discretio* como dispositivo, pois

---

<sup>340</sup> FOUCAULT, Op. Cit., 2014a, p. 263.

<sup>341</sup> FOUCAULT, Op. Cit., 2014a.



delimita-se as extremidades para evitá-las. É interessante pensar que é a partir da crítica de Rosa ao ascetismo religioso das tendas que ela cria outro espaço religioso, com práticas que eram para ser moderadas, mas que se mostram igualmente ascéticas. Ou seja, da crítica dos ascetas construiu-se um outro ascetismo (a doutrina/disciplina da Igreja Apostólica). A análise de Foucault sobre a relação entre a obediência, o exame e o reconhecimento das faltas é importante porque na Igreja Apostólica a relação de dependência e obediência é muito forte.

Embora haja inúmeras discussões que podem ser feitas nesse objeto de estudo, reconhecemos que não é possível esgotá-las aqui. Viu-se como a organização de uma moral direcionada especificamente ao corpo compõe o poder da Igreja Apostólica. A criação da disciplina moral marca o tempo do fim no imaginário da igreja, e ao mesmo tempo seria recurso estratégico para uma melhor economia dos membros. Em todo trabalho, verificou-se inúmeras continuidades discursivas e percebemos como a Igreja Apostólica pode ocasionar discussões intermináveis. Espera-se não ter resolvido as questões, mas ter-se lançado sobre nosso objeto luzes que suscitem outras pesquisas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das religiões surgidas na metade do século XX tornou-se um campo muito vasto. As religiões modernas tomaram proporções muito híbridas, tornando-as complexas de se fazer análise e de se adequá-las ao método de desenvolvimento de pesquisa. Percebemos que, mesmo tendo suas particularidades, as igrejas podem permanecer apoiadas a uma hermenêutica própria e também conservam ou rompem com os entendimentos de outros tempos e instituições, ocasionando uma mistura discursiva difícil de ser estudada. Sendo assim, acreditamos que as permanências e rupturas constituem características próprias de cada instituição religiosa, ao ponto de repensarmos esse objeto muitas vezes colocado em conjunto e não em unidade. Foi por esta razão que este estudo se dedicou a averiguar unicamente a Igreja Apostólica (da santa vó Rosa), mas não perdendo de vista as outras movimentações religiosas que influenciaram a composição doutrinária/disciplinar dessa igreja.

A Igreja Apostólica é pequena em quantidade de templos e adeptos, especialmente quando se compara às proporções a que chegaram outras igrejas fundadas na mesma época. Mas, ela demonstra em seus discursos uma vastidão de entendimentos. Interessamo-nos por essa denominação religiosa não por sua dimensão social apenas, mas igualmente por sua riqueza na doutrina/disciplina, que nos permitiu a produção de uma pesquisa voltada a contribuir na ampliação dos estudos no campo da religião e história. Nossa investigação era, desde o início, movida por uma convicção arriscada, pois não havia muitos teóricos que se atreveram a estudar a instituição estritamente. Entretanto, havia muitos curiosos, ex-adeptos magoados, teólogos e pastores (sempre em defesa de sua verdade) dispostos a colocar a igreja apenas como seita; e isso, talvez, por considerarem muito excessivo seu fechamento ao “mundo”. Como foi dito, o nosso propósito não foi calcular medidas ou delimitar a grandeza ou pequenez de tal denominação, em relação a outras igrejas, mas dar luz aos seus discursos.

A dificuldade em aplicabilidade teórica se deu essencialmente pelo desvio que a doutrina apostólica realiza ao que já foi estudado em trabalhos sobre religião. Isso não impediu o desenvolvimento da pesquisa, muito pelo contrário, na verdade a estimulou, na busca de sua originalidade. Neste trabalho, a não colocação da igreja em tipologias pentecostais, a identificação do forte teor católico e pentecostal em sua doutrina/disciplina, a presença dos aspectos mágicos e morais ainda em tempos modernos, a não adesão ao “mundo” capitalista, a reciprocidade entre líder e fiel para

manter seu poder, tudo isso evidencia, muitas vezes, características contrárias ao já estudado. A Igreja Apostólica deixa uma fenda nas teorias teleológicas que achavam que a modernidade desencadearia um “desencantamento do mundo”. Vimos que, muito pelo contrário, nessa igreja o encantamento continua vivo.

A fundação da Igreja Apostólica é semelhante ao surgimento das várias denominações religiosas surgidas a partir das tendas, na metade do século XX. Mas os rumos tomados por essa igreja apresentam-se, em muitos aspectos, diferentes, devido à influência de sua figura carismática, Rosa. A justificativa de uma restauração da igreja primitiva e de que haveria outro consolador responsável por organizar uma doutrina/disciplina pregada no tempo dos apóstolos não é algo novo no cenário religioso. Como foi visto, há outra tradição que também perfazia esses discursos de retorno ao tempo feliz dos apóstolos. Além disso, vários líderes ascetas já encarnavam a figura de sucessores de Cristo, afastando-se do “mundo” para atingir a perfeição. Esses velhos discursos não são muitas vezes identificados por quem os recebe, como acontece na Igreja Apostólica, talvez por haver um grande número de leigos.

A cidade de São Paulo foi o berço de uma multiplicidade de religiões e nela se organizou a Igreja Apostólica (da santa vó Rosa). É justamente nesse ambiente de urbanização, de migração, industrialização e onde, especialmente, é mais visível o conflito de classes que se nota o surgimento de religiões que dão sentido à vida da população pobre. É de se reconhecer que a aceitabilidade por pessoas pobres dessas instituições que negam o “mundo” e sugerem o sofrimento nele para conquistarem a eternidade seria por haver o anseio por igualdade num tempo em que a desigualdade despontava. Entre os inúmeros motivos para uma escolha religiosa estaria, assim, o conflito de classes. A busca por legitimidade, o anseio por igualdade, a compatibilidade doutrinária com os princípios da classe desfavorecida (de defesa da humildade, de rejeição aos prazeres e à materialidade, etc) podem marcar a reivindicação dos pobres, excluídos e explorados. Mas no plano terreno, a classe dominante aproveita desses discursos para usufruir da classe subserviente, pois esta última só terá a recompensa num tempo incerto, pós-morte. Portanto, é no tempo futuro que o religioso trabalhador das fábricas paulistas verá a justiça divina ser feita, quando a classe dominadora for castigada e a recompensa da vida eterna for dada àquele que se afastou das coisas mundanas. A própria pessoa da Vó Rosa já seria um caso de alguém que, já tendo usufruído dos prazeres de uma classe dominante, passou por um exame de consciência e desta para uma resistência manifestada através da sua caridade aos pobres.

Como se viu, é justamente com o surgimento das cidades e a formação da burguesia que se formam os santos e santas na tradição católica; muitos deles deixam suas nobres famílias para se dedicar aos pobres. No caso da santa vó Rosa, sua caridade é encarada como grande virtude. Ela é, desde sempre, uma figura resistente à dominação de sua classe. É, assim, a ela atribuída a posição de santa.

A doutrina fundada por ela é complexa. Apresenta-se em continuidades e rupturas com outras religiões. A ênfase na crença em Maria, nos santos e anjos, dentre outros elementos a difere da tradição pentecostal e a aproxima da tradição católica. A prática da ascese, na Igreja Apostólica, a aproxima de ambas as tradições, mas também a deixa mais próxima do rigor legalista das igrejas pentecostais por levá-la, tal como estas, a possuir uma disciplina moral própria. Na doutrina apostólica, há uma infinidade de aproximações e afastamentos de outras tradições religiosas. Quanto mais o tempo passa, mais as doutrinas vão se metamorfoseando. Seria preciso um estudo minucioso para apontar com mais precisão as rupturas e continuidades das religiões mais novas.

A figura da santa vó Rosa é importantíssima, ocupando uma variedade de posições e atividades sagradas. Ela é santa, profetiza, o outro consolador; ela vê Deus face a face, faz visitas ao Céu e em locais terrenos jamais visitados, conversa com a hierarquia celestial; Jesus manifesta-se através de seu corpo e ela deu continuidade ao trabalho dele de modo até maior; ela atingiu a perfeição, é virtuosíssima, é mais importante do que os outros profetas e santos; ela ajuda na vigília terrena, na cura, faz milagres, salva, condena; está sentada junto a Cristo, e ajudará no juízo final.

Visto tudo isso, viu-se como a personagem de Rosa não é comum em outras instituições religiosas. Deram a ela ou ela mesma se deu poderes que a colocam numa posição muito superior na hierarquia celestial. Ela é quase uma deusa. A história de vida da santa vó Rosa é comovente, serve de exemplo especialmente para muitas mulheres, pois mesmo sendo marcada por acontecimentos trágicos em sua trajetória, ainda jovem, Rosa conseguiu driblar os problemas que a cercaram na primeira metade do século XX, tempo muito complicado para mulheres que se arriscavam em trabalhar para o próprio sustento. A fundação da Igreja Apostólica talvez tenha sido uma válvula de escape para essa mulher. Rosa não era uma pessoa comum, pois já adentrara na tenda com uma capacidade de entendimentos religiosos já verificados em outras tradições. Vinda de uma família estabilizada da capital paulista e educada num colégio de freiras, ela teve influência católica em sua composição intelectual.

Mesmo restaurando a felicidade do tempo primitivo no século XX, não podemos perder de vista a violência que esses discursos também colocam ao sugerir um modo de vida específico aos membros. As regras morais direcionam os comportamentos e apresentam-se com ambiguidade. Por um lado, promovem um alinhamento a essas vidas para não se corromper ao pecado, mas por outro oferecem um poder que também oprime. Michel Foucault examina essa duplicidade discursiva das positivities e negatividades na organização do poder. Sua perspectiva foi bastante profícua na produção desta pesquisa. A flexibilidade de seu pensamento, a organização do poder e da moral, tal qual o autor sugere, dentre outras discussões, foram muito eficazes para a análise da disciplina moral da Igreja Apostólica.

Não nos coube encaixar a igreja em determinadas tipologias pentecostais, porque problematizando-a, em sua singularidade e multiplicidade, mostrou-se difícil dizer o que ela é, ou o que ela não é, de fato. Numa defesa da quebra de tipologias, insistimos que observamos a instituição religiosa em sua unicidade e seus problemas devem ser recortados, porque a busca pela totalidade nos coloca em inúmeras empreitadas. Não devemos também perder o objeto no todo, mas aproximá-lo.

Temos ciência de que a doutrina apostólica não foi analisada por completo. Demos ênfase ao que consideramos o ponto central de seu dogma: a crença em Maria, nos santos e nos anjos, além da disciplina moral própria. Como, no início do trabalho, a escatologia da igreja estava em primeiro plano e, depois, optou-se por analisar a disciplina moral, ficou em aberto a discussão sobre o tempo e a concepção escatológica, que também nos interessa enquanto campo de investigação. Assim, ficamos com caminhos abertos para outras possíveis pesquisas. A aproximação da doutrina apostólica tanto à tradição católica, quanto ao movimento pentecostal, foi visualizada através da ênfase que a igreja dá aos aspectos dessas expressões religiosas. Não nos cercamos de outras características que poderiam ser visualizadas, por exemplo, na doutrina espírita ou mesmo na Umbanda, dentre outras. Como a doutrina apostólica apresenta-se como um leque indefinido de questões, não conseguimos dar conta de abarcá-las por completo.

Durante todo o trabalho, houve a preocupação em aproximar as problematizações ao conhecimento histórico, mais precisamente às questões de permanência e ruptura, os efeitos da religião na sociedade, no grupo e nos comportamentos, a criação de um imaginário sagrado e a relação com a modernidade, a organização do poder apostólico, dentre outros. Mas é de se observar com mais atenção

a disciplina moral da igreja e, junto a ela, as técnicas discursivas que organizam seu poder. Ampliando o olhar especialmente sobre a disciplina moral apostólica, percebemos que ela é um mecanismo para melhor funcionamento da igreja. E isso não se faz apenas pelos discursos, mas pela atuação cotidiana de fiéis e líderes: um poder conjunto.

Muitas das informações levantadas nesta pesquisa deveram-se da observação presencial de um ex fiel da igreja. Como foi dito na introdução deste trabalho, não se trata de um olhar somente de fora para dentro, mas também de dentro para fora: uma espécie de “observação participante”. Foram observadas de perto as reuniões, parte da doutrina, a disciplina, as ênfases, os comportamentos e a relação dos seguidores com o “mundo” exterior. Tudo isso bem de perto, de dentro de casa. A intenção não foi produzir ao leitor apostólico um choque entre sua verdade e ao que foi exposto aqui, embora não tenhamos controle dos efeitos produzidos por tal pesquisa, mas foi antes problematizar a igreja sem ofender a instituição e seus membros, embora saibamos que, só por utilizarmos a análise histórica-crítica, corremos o risco de já estarmos causando certo incômodo.

Esperamos que outros estudiosos mais corajosos se entreguem ao estudo da Igreja Apostólica (da santa vó Rosa). Mesmo com o levantamento de discordâncias e concordâncias aos apontamentos desta pesquisa, outros trabalhos serão muito construtivos para melhor ampliação do conhecimento dessa denominação religiosa.

## ANEXOS

### Anexo I

Irmãos, só comentando um pouquinho, antes do coro cantar o outro hino sobre esta dedicatória aos jovens. Eu estava lendo e ao mesmo tempo me lembrando quando eu era bem jovem, no início do meu ministério como diácono lá na igreja da rua Tuiuti. E eu me lembrei quanto a Santa Vó Rosa se preocupava com nós, os jovens. Ela não só ajudava, aconselhava, exortava, ensinava com uma paciência muito grande, mas uma coisa que ela sempre dizia que agora eu me lembrei. Porque naquela época os coristas não eram muito unidos como os obreiros, mas não era por culpa deles. Eram as circunstâncias da época. Nós não tínhamos um templo próprio pra unir aqui ensaio, coro, obreiro tudo junto, não tinha. A igreja era alugada no salão muito simples da rua Tuiuti e o coro era num lugar improvisado, que era feito os ensaios. Lá na rua Jacirendi, nos fundos dos terrenos onde hoje há aquele prédio da rua Heitor Bariani, que era sempre usado para hospedagem nas festas. Ali era um salão bem simples, parecia uma garagem e ali a igreja guardava mesmo caminhão, o carro do Bispo e nos dias de ensaio, então, o coro ensaiava ali. Era longe da Tuiuti. E nos dias de reunião, quinta, sábado e domingo, os coristas chegavam em cima da hora da reunião porque no sábado e no domingo eles ensaiavam o dia inteiro. E de noite eles tomavam lanche e iam lá na Tuiuti pra participar da reunião e apresentar os hinos. Então eles chegavam na igreja quase na hora de começar, subiam na galeria do coro e ali ficavam. Quando acabavam a reunião, iam embora. Eu nunca via um pastor conversar com eles. Eu mesmo não sabia o nome quase de nenhum corista porque não tinha aquela integração, aquela amizade, aquela união. E a Santa Vó implicava com isso. E ela dizia: “mas os coristas não tem união com a igreja e com o povo, isso não é bom”. Os jovens precisam dessa integração com todo povo da igreja, porque eles também são obreiros. Irmãos, sabe o que ela fazia – eu não sei quantos coristas aqui são daquela época, eles devem se lembrar –, muitas vezes ela fez isso. E na reunião de domingo lá na Tuiuti, ela... antes de começar a reunião, ela ia em baixo e falava com os coristas que estavam na galeria, era do lado que ficava o coro. Então, ela ia em baixo e falava com eles. E ela dizia: “eu vim convidar vocês, os que puderem venham aqui terça feira, a noite, que eu preciso de vocês aqui”. Então, ela convidava os coristas. Isso no domingo, convidavam eles para vir na terça feira porque não tinha reunião na terça feira. E quando acabava a reunião de domingo, ela dizia pra nós, os obreiros: “Vocês fecham todos os bancos [porque era banco de fechar] e empilham todos lá em volta da escada, eu quero o salão limpo pra terça feira, eu quero o salão sem banco nenhum”. Então, já tinha acabado a reunião de domingo, antes de ir embora a gente empilhava todos os bancos, deixava o salão livre. E quando era na terça feira, ela já tinha chamado todos os obreiros que podiam ir e ali chegavam um grande número de coristas e sabe o que ela fazia? Com a varinha na mão, porque ela gostava sempre de tá com aquela varinha na mão, ela não judiava de ninguém viu irmãos. Tem gente que pensava que ela ficava surrando. Era mais como um símbolo aquela varinha. Ela brincava, dava uma varadinha num, noutro, como brincadeira, mas ela nunca judiou de ninguém. Mas ela gostava de ter a varinha na mão. E o que acontecia, chegava uns obreiros e os coristas, o salão vazio, ela falava [tom de ordem]: “agora vocês vão marchar, cantando ‘Sempre unidos’”. Ela gostava muito desse hino e adorava quando a gente cantava e marchava cantando “Sempre unidos”. O rosto dela parece que brilhava de alegria. Então, a gente marchava, ia e fazia aquela fila assim que entrava assim e voltava pra lá [o pastor direciona como era a marcha com as mãos] e ela com a varinha toda contente olhando [o pastor imita com gestos sobre como Rosa ficava observando a marcha com as mãos sobrepostas abaixo do queixo, escorada na varinha], alegre, vendo a gente marchar e cantar “Sempre unidos”. E depois ela dizia [tom de ordem]: “Agora vocês vão brincar, porque vocês são bem jovem e eu quero juventude alegre, animada, não quero ver ninguém triste”. E a gente improvisava, a gente brincava de roda. Éramos jovens, tudo mocinho. Brincavam de roda, de lenço atrás, de pega pega, dentro da igreja, no salão. E ela ficava muito feliz, mas tem uma coisa irmãos, ela também gostava de ver a gente brincar pra sondar o coração de cada um. Na hora da brincadeira, a pessoa extravasa, e ela então observava como uma mãe muito carinhosa. E ela via quem extrapolava, ela via quem não tinha, assim,

muito contentamento de estar ali, quem era um pouquinho orgulhoso, não queria se misturar muito. Ela observava e depois ela aconselhava cada um, porque ela sabia o defeito, a falha, a necessidade de cada jovem. E ela lutava pra salvar a todos. E era aquela alegria. E depois de brincar, ela mandava a gente cantar. E cantávamos courinhos, hinos do couro – porque tinha bastante corista – e era uma festa. Isso de terça feira, diversas vezes ela fez isso. Infelizmente, nem todos os coristas podiam ir porque estudavam a noite. Nem todos os obreiros podiam participar, porque as vezes trabalhavam a noite, mas ela fazia de tudo, irmãos pra unir os coristas aos obreiros, porque ela queria sempre um povo unido. E era sempre alegre. E dava ânimo pra nós. Eu me lembro até num dia de Santa Comunhão que nós, na igreja velha, íamos cedo no domingo de Santa Comunhão pra tirar os bancos e pra ajudar as diaconisas a preparar a mesa da santa ceia. E a Vó também ajudava, ela pegava o pão, enchia os cálices e nós arrumávamos a mesa. Quando a mesa estava pronta, era cedo pra abrir a igreja, então a gente lanchava. Cada um levava um lanche, nós fazíamos uma mesa comprida e um comia o lanche do outro naquela alegria, porque ela gostava de união como se fosse de família mesmo. Ela sempre gostou de ver o povo como uma família. E depois que a gente comia, a gente limpava onde tinha sujado, arrumava. Ela dizia: “ainda é cedo pra abrir, vocês vão marchar [apontando o dedo] cantando “Sempre unidos”. Então, a gente marchava antes de abrir, no dia de Santa Comunhão, a mesa pronta e antes de abrir a igreja, a gente marchava dentro da igreja, cantando sempre unidos. E eu me lembro irmãos, numa daquelas vezes, aquele dia eu percebi que a Vó tava um pouco preocupada. Eu não sabia porquê, mas eu tinha tanta intimidade com ela, vivia sempre com ela na casa dela, eu percebia. Eu falei: “hoje a Vó parece que tá um pouco preocupada”... não falei pra ninguém. Então nós arrumamos a mesa da ceia, lanchamos... tudo... ela falou [tom de ordem]: “agora vocês vão marchar”. E ficou encostada na mesa com a varinha assim [o pastor faz o gesto, já citado anteriormente, sobre a posição de Rosa com a varinha] e nós “Sempre unidos marchamos com fervor” [cantando]. E marchava e ela toda alegre de ver nós marchar. Irmãos, nós fizemos uma volta assim [indicando com as mãos as laterais da igreja], entramos de novo pelo meio, viemos marchando. Quando nós chegamos os primeiros da fila perto da Vó, nós vimos uma coisa diferente, que nós notamos. Os olhos dela naquela hora, além de dilatar, ficaram verde. E ela, os olhos dela era castanho claro, mas nós notamos... estávamos na frente marchando, que ficou verde. E na mesma hora começou brotar óleo ungido da cabeça dela e das mãos. Ela tava até segurando a varinha e escorregou a mão assim [imitando os gestos das mãos de Rosa juntas segurando a varinha e escorregando] por causa do óleo. Então, nós corremos, cada um pegou seu lenço pra ela ungir nosso lenço. Todos os obreiros, diaconisas. Tinha evangelista, missionária, presbítero, todos tavam. A gente ajudava arrumar a ceia. E nós corremos perto dela. E eu me lembro que quando eu chegava perto alguém me empurrava e eu ia parar lá em baixo. E eu voltava correndo com o lenço. Quando chegava ali, me davam um outro empurrão e voltava e voltava de novo. E ela percebeu que tava me empurrando, porque tinha muito obreiro e todos queriam ungir o lenço. Então, quando eu cheguei perto dela, ela pegou meu lenço com a mão esquerda, cheia de óleo, e ungiu o meu lenço. Tenho até hoje guardado dentro de um plástico. E aquele óleo parece que encheu o lenço. Ficou aquela mancha de óleo no lenço inteirinho. E aí tudo bem, nós ficamos alegre, ungimos nossos lenços e tudo. E vimos que Jesus ungiu ela, porque volta e meia isso acontecia. Eu mesmo vi umas três, quatro vezes ela ser ungida de olho na igreja. Era Jesus que a ungia para mostrar pra nós o valor que ela tinha. E aquele dia, depois, nós abrimos a igreja, teve a Santa Comunhão. E na segunda feira eu ia sempre na casa dela. Eu cheguei lá, tinha um pastor e uma diaconisa. Eles nem foram trabalhar porque queriam falar isso pra ela... foram na casa dela. E eu cheguei, esse pastor e essa diaconisa estava lá, e eles tavam dizendo: “Vó, ontem na hora que a senhora foi ungida, os seus olhos ficou grande e verde”. Ela falou: “mas os meus olhos são castanho claro”. E nós falamos... eu também falei: “Vó, eu também vi, a senhora ficou com o olho grande e verde”. E ela não falou nada pra nós, mas quando foi na quinta feira, a direção foi orar. Eles oravam na quinta feira a tarde, os três da direção: ela, o Bispo e a Irmã Odete, se reuniam numa sala reservada na casa dela e oravam pra Jesus resolver os *Comunicados*, os problemas da igreja, pra Jesus orientá-los. E Jesus usava o corpo da Vó pra falar com o Bispo e com a Irmã Odete. Quando eles se ajoelhavam pra orar, Jesus vinha do Céu, levava o Espírito da Santa Vó Rosa lá para o Céu e ele voltava e usava o corpo dela pra falar com a direção. E ali o



Bispo perguntou pra Jesus, e disse: “Mestre, no domingo de ceia, alguns obreiros viram os olhos desta minha serva dilatar e ficar verde e, depois, perceberam que o senhor a ungiu com o óleo na cabeça e nas mãos”. Então Jesus explicou o fenômeno. E ele disse: “realmente aconteceu, porque a minha serva estava um pouco preocupada, porque ela tava com o início de catarata e aquele dia ela estava rouca. E era dia de Santa Comunhão, dia que vinha muita gente e ela tinha que falar alto pra receber todo o povo, aconselhar todo o povo, abençoar todo o povo”, porque ela fazia assim na reunião, sem microfone. Ela falava, conversava com a igreja inteira, porque a voz dela era alta, mas aquele dia ela tava preocupada por causa da rouquidão e estava preocupada porque ela tinha o início de catarata, ela tinha percebido e não falou pra ninguém, não se queixou, ninguém percebeu, toda alegre ela fez nós marchar e depois foi ungida. Então, Jesus disse: “Naquela hora que eles viram os olhos dela ficar grande e verde foi o momento em que eu curei a catarata, eu abençoei, curei a catarata nos olhos que dilataram, mas eu curei. E depois eu curei a rouquidão e ungi ela com óleo pra mostrar ao povo o valor que ela tem. E no mesmo instante eu ungi a Santa Comunhão, porque ela estava encostada na mesa da Santa Comunhão”. Então vejam irmãos como era bom a Santa Vó Rosa, como ela era alegre. Ela estava preocupada, mas ninguém tinha percebido e ela tinha alegrado todos nós e merecia sempre os milagres de Jesus. Toda vez que ela tinha algum problema, Jesus a curava, porque ela tinha todos os méritos. [sic]<sup>342</sup>

---

<sup>342</sup> Mensagem pregada pelo pastor Trevisan na “Reunião de oração” em 13/07/2017, na Sede da Igreja em São Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I4etpfVFz8&feature=share> Acesso em: 14/07/2017 às 15h:57m.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes

#### Fontes impressas

BERTONI, Aldo; COUTINHO, Odete Corrêa. *O consolador nos Tempos do Fim*. São Paulo. Impresso em oficina da própria Igreja Apostólica. 1989.

COUTINHO, Eurico Mattos; COUTINHO, Odete Corrêa. *O evangelho do Reino dos Céus*. São Paulo. Impresso em oficina da própria Igreja Apostólica. 1978a.

COUTINHO, Eurico Mattos; COUTINHO, Odete Corrêa. *O Espírito Santo de Deus e o consolador*. São Paulo. Impresso em oficina da própria Igreja Apostólica. 1978b.

Boletim Interno Oficial N° 2552 – São Paulo, 18 de outubro de 2007.

Boletim Interno Oficial N° 1697 – São Paulo, 04 de abril de 1991.

#### Fontes digitais

“A fé e a confiança no Santo Irmão Aldo e na Santa Vó Rosa”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica (data não citada). [citado em 26 out. 2016; 13h:22m]. (Autor não citado). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20F%C3%89%20E%20A%20COMFIAN%C3%87A%20NO%20SANTO%20IRM%C3%83O%20ALDO%20E%20NA%20SANTA%20V%C3%93%20ROSA.pdf>

“A história gloriosa do Ministério da Santa Vó Rosa para ser formada por Jesus Nosso Senhor como Espírito Consolador”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 06 de outubro, 2005. [citado em 15 mai. 2017; 03h:03m]. BERTONI, Aldo. Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=49](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=49)

“A missão da Santa Vó Rosa e de sua igreja na Terra”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica (data não citada). [citado em 26 Out. 2016; 13h:51m]. (Autor não citado). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20MISS%C3%83%C6%92O%20DA%20SANTA%20V%C3%83%E2%80%99C%20ROSA%20E%20DE%20SUA%20IGREJA%20NA%20TERRA.pdf>

“A origem da Igreja Apostólica, o início das suas atividades na Terra e seus fundamentos”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica (data não citada). [citado em 26 Out. 2016; 14h:00m]. (Autor não citado). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20ORIGEM%20DA%20IGREJA%](http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20ORIGEM%20DA%20IGREJA%20)

20APOSTOLICA,%20O%20INICIO%20DAS%20SUAS%20ATIVIDADES%20NA%20TERRA%20.pdf

“As glórias do Consolador: a origem divina da igreja, a segunda vinda de Jesus e o Ministério do Irmão Aldo”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 Out. 2016; 16h:25m]. BERTONI, Aldo. Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

“As provas que a Santa Vó Rosa é o Consolador são as Suas obras e o Seu Governo através do Irmão Aldo”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 20 de outubro, 2005. [citado em 15 mai. 2017; 04h:25m]. BERTONI, Aldo. Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=51](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=51)

“A Santa Vó Rosa como Espírito Consolador usando o Irmão Aldo nunca falhou na sua missão”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 16h:20m]. BERTONI, Aldo. Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

“A Santa Vó Rosa foi a herdeira de todos os dons, virtudes e poder de Jesus nosso Senhor para trazer a nova revelação”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 16 de julho, 2010. [citado em 25 out. 2016; 18h:10m]. BERTONI, Aldo. Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=223](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=223)

“A Santa Vó Rosa Rainha dos Céus e Divino Consolador”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 05 de outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 17h:27m]. BERTONI, Aldo. Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

Ata da Assembleia Geral da Igreja Apostólica realizada em 29 de agosto de 2014, para apresentação e aprovação do novo estatuto e apresentação e aprovação do Conselho deliberativo da Igreja Apostólica. Disponível em: <http://www.acordapovoapostolico.com/Ata-Assembleia.pdf> Acesso em: 07/05/2017 às 00h:55m.

“A vida preciosa da Santa Vó Rosa”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2009. [citado em 15 mai. 2017; 02h:07m]. BERTONI, Aldo. Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=207](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=207)

Boletim Interno Oficial de 29 de outubro de 1992. Disponível em: <https://www.facebook.com/1551521578415759/photos/pcb.2030627290505183/2030627247171854/?type=3&theater> Acesso em: 26/11/2017 às 15h:44m.

Boletim Interno Oficial Nº 1299 – São Paulo, 18 de agosto de 1983. Disponível em: <https://www.facebook.com/1551521578415759/photos/a.1606026829631900.1073741829.1551521578415759/2016643558570223/?type=3&theater> Acesso em: 26/11/2017 às 16h:30m.

“Comemoração do dia do Consolador”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 23 de outubro, 2014. [citado em 25 out. 2016; 19h:45m]. BERTONI, Aldo. Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20COMEMORA%C3%87%C3%83O%20DO%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

“Como se deu início, a formação moral, espiritual e intelectual da Santa Vó Rosa”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 26 de outubro, 2005. [citado em 15 mai. 2017; 04h:42m]. BERTONI, Aldo. Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=53](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=53)

“Curso de aperfeiçoamento de pastores e pregadores”. Título: *O Sucessor do Consolador* – Um Ministério de Glória nós recebemos do Irmão Aldo e da Santa Vó Rosa, porém veio de Jesus. (Data não citada). Avulso. Disponível em: <http://www.acordapovoapostolico.com/CartilhaAB.PDF> Acesso em: 17/03/2017 às 00h:05m.

“Endereço das congregações atualizado em 17/03/2017”. In: *Circulares* [on line]. Igreja Apostólica, 17 de Março, 2017. [citado em 18 abr. 2017; 16h:41m]. Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/sistema/pdf/CADERNO%20DE%20ENDERE%C3%83%E2%80%A1O%20ATUALIZADO%20EM%2017-03-2017.pdf>

“Estatuto organizacional da Igreja Apostólica”. In: *Estatuto* [on-line]. Igreja Apostólica, 02 de setembro, 2016. São Paulo. [citado em 18 abr. 2017; 15h:45m]. Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/boletins/mostra\\_boletim\\_membro.asp](http://www.apostolica.com.br/sistema/boletins/mostra_boletim_membro.asp)

“O ministério de Maria Santíssima, da Santa Vó Rosa e dos Santos e Anjos”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 07 de agosto, 2010. [citado em 10 Out. 2017; 14h:30m]. (Autor não citado). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=37](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=37)

“O ministério dos santos e a regeneração (3ª parte)”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 05 de agosto, 2010. [citado em 10 out. 2017; 13h:49m]. (Autor não citado). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=33](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=33)

“O poder e a glória de Maria Santíssima e da Santa Vó Rosa e sua missão aqui na Terra”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 18 de agosto, 2005. [citado em 10 Out. 2017; 17h:17m]. (Autor não citado). Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=50](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=50)

Orientações sobre a Disciplina Apostólica. Conselho Deliberativo – Circular IA – 016 – abril/2016. Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/Circular%20016%20-%20Orienta%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%B5es%20sobre%20a%20Disciplina%20Apost%C3%83%C2%B3lica.pdf> Acesso em 14/11/2017 às 14h:22m.

“Qual foi o objetivo de Jesus ao restaurar a sua igreja na Terra?” In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, (data não citada). [citado em 27 out. 2016; 23h:46m]. BERTONI, Aldo. Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/QUAL%20FOI%20O%20OBJETIVO>

%20DE%20JESUS%20AO%20RESTAURAR%20A%20SUA%20IGREJA%20NA%20TERRA%20%20.pdf

“Santo Irmão Aldo’, Profeta do Senhor, sucessor do Consolador e Primaz apostólico”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, (data não citada). [citado em 28 out. 2016; 00h:11m]. (Autor não citado). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/SANTO%20IRMAO%20ALDO%20PROFETA%20DO%20SENHOR,%20SUCESSOR%20DO%20CONSOLADOR%20E%20PRIMAZ%20APOSTOLICO.pdf>

“Uma história de amor – 1ª parte”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 14 de outubro, 2009. [citado em 25 out. 2016; 18h:44m]. BERTONI, Aldo. Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=202](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=202)

“Uma história de amor – 2ª parte”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 14 de outubro, 2009. [citado em 25 out. 2016; 18h:53m]. BERTONI, Aldo. Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=203](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=203)

“Uma história de amor – 3ª parte”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 14 de outubro, 2009. [citado em 25 out. 2016; 18h:58m]. BERTONI, Aldo. Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=204](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=204)

“Uma história de amor – 5ª parte”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de outubro, 2009. [citado em 25 out. 2016; 18h:38m]. BERTONI, Aldo. Disponível em: [http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao\\_view.asp?ID=207](http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=207)

“26 de outubro dia do Consolador”. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 21 de Outubro, 2006. [citado em 25 out. 2016; 16h:13m]. BERTONI, Aldo. Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/26%20DE%20OUTUBRO%20O%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

## Videos

Mensagem da Missionária Odete sobre a morte. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gf8DZIzdCfc> Acesso em: 15/05/2017 às 04h:51m.

Mensagem “*Histórias da Santa Vó Rosa*” pregada pelo pastor Antonio Martins de Almeida. A pregação foi publicada no *youtube* em 30 de outubro de 2015. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=cSDCyjsSs\\_E](https://www.youtube.com/watch?v=cSDCyjsSs_E) Acesso em: 14/05/2017 às 02h:22m.

Mensagem do Pastor Trevisan, “Histórias da Igreja Apostólica – parte II – O Ministério da Santa Vó Rosa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o8pkCic0UxQ> Acesso em: 26/05/2017 às 15h:22m.

Programa Hora Milagrosa. Endereço eletrônico: [www.horamilagrosa.org](http://www.horamilagrosa.org)

## Bibliografia

BITUN, Ricardo. A “remasterização” do movimento pentecostal Igreja Mundial do Poder de Deus. In: *Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura – Ano III*, SP. n. 23. 2009. (p. 19-31)

CAMPOS, Leonildo. *Pentecostalismo e Protestantismo “Histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças*. Horizonte, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, jul./set. 2011. (p. 504-533)

CAMPOS, Leonildo Silveira. *A inserção do protestantismo de missão no Brasil na perspectiva das teorias do imaginário e da matriz religiosa*. In: *Estudos teológicos*. São Leopoldo, v. 52, n. 1. Jan./Jun. 2012. (p. 142-157).

CASTORIADIS, Cornelius. A instituição e o imaginário: primeira abordagem (III). In: *A instituição imaginária da sociedade*. Tradução de Guy Reynaud; revisão técnica de Luiz Roberto Salinas. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982. (p. 139-192).

DELUMEAU, Jean. *O pecado e o medo: a culpabilização no ocidente (séculos 13-18)* (Volume I). Tradução de Álvaro Lorencini. Bauru, SP: EDUSC, 2003a.

DELUMEAU, Jean. *O pecado e o medo: a culpabilização no ocidente (séculos 13-18)* (Volume II). Tradução de Álvaro Lorencini. Bauru, SP: EDUSC, 2003b.

DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do paraíso?* Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2003c.

DIAS, Agemir de Carvalho Dias; BANDT, Daniel Langemann. A implantação da Igreja do Evangelho Quadrangular em Curitiba: a evangelização através de tendas. In: SANCHES, M. A. (Org). *Anais eletrônicos do Congresso de Teologia da PUCPR*. 9. 2009. (p. 80-90)

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. [tradução Rogério Fernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução de Laura Fraga. 23. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos: curso no Collège de France (1979-1980)*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014a.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. 42. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014b.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 3ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 2015a.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. São Paulo, Paz e Terra, 2014c.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015b.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. – 7. ed. Revista – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

MARIANO, Ricardo. *Sociologia do crescimento pentecostal no Brasil: um balanço*. Perspectiva Teológica. Belo Horizonte, Ano 43, Número 119, p. 11-36, Jan/abr 2011 (p. 11-36)

MARIANO, Ricardo. *Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010*. Debates do NER, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013. (p. 119-137)

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MATA, Sérgio da. *História & Religião*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SANTOS, João Augusto Gonçalves dos. Rebeldia, dissidência e cura nos relatos femininos de fundação de igrejas pentecostais em Montes Claros. In: *História das mulheres e do gênero em Minas Gerais*. Org: MAIA, Cláudia; PUGA, Vera Lúcia. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2015. (p. 345-368)

TEIXEIRA, Igor Salomão. *Como se Constrói um Santo: a Canonização de Tomás de Aquino*. Curitiba: Editora Prismas, 2014.

VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média ocidental: séculos VIII a XIII*. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1995.

WEBER, Max. Sociologia da religião (tipos de relações comunitárias religiosas) – Capítulo V. In: *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. [tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; rev. téc. de Gabriel Cohn], 4ª reimpressão – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015.

## Obras de referência

*A Bíblia sagrada*: traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: FECOMEX, 1997.

*Catecismo da Igreja Católica*. Edições Loyola, São Paulo, 2000.